



ERIN PALMISANO

Basta juntar
uma pitada de
magia...



OS SEGREDOS
DA PEQUENA



TAVERNA
GREGA

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ERIN PALMISANO

Basta juntar
uma pitada de
magia...



OS SEGREDOS
DA PEQUENA



TAVERNA
GREGA



W MARCADOR



**OS SEGREDOS
DA PEQUENA**

**TAVERNA
GREGA**

ERIN PALMISANO



OS SEGREDOs
DA PEQUENA
TAVERNA
GREGA



Tradução de Fátima Andrade

 MARCADOR

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Erin Palmisano 2024

Os direitos morais da autora estão certificados.

Edição original publicada na Nova Zelândia e na Austrália em 2024 por Moa Press (uma chancela da Hachette Aotearoa New Zealand Limited).

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Os Segredos da Pequena Taverna Grega*

Título original: *The Secrets of the Little Greek Taverna*

Autora: Erin Palmisano

Tradução: Fátima Andrade

Revisão: Ana Guerreiro/Editorial Presença

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: Vera Espinha/Editorial Presença

Imagens da capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, junho, 2024

Para ti, mãe.

Tu és a minha inspiração e a minha melhor amiga — este livro é para ti e por tua causa.

Prólogo

Num planeta com cento e noventa e cinco países e uma população de oito mil milhões de pessoas, há muitos sítios para ver e muitas histórias para contar. Para muitos desses milhares de milhões, o sol nasce e põe-se, as rotinas sucedem-se, e o mundo existe para cada pessoa de uma maneira agradavelmente expectável. Mas também há momentos inesperados, alegrias e tristezas, planos iniciados, erros cometidos, e a vida torna-se uma história dentro de uma história dentro de uma história. Assim é a vida, e assim é a nossa existência: cada um de nós vive a sua própria bela história continuamente, a cada momento de cada dia.

Às vezes, as histórias colidem, como um belo acidente que ninguém previu. Não curam o cancro nem mudam o mundo. O efeito borboleta da amizade não altera os caminhos da maioria das pessoas. Mas, ocasionalmente, essa colisão pode alterar os caminhos de alguns e abalar uma pequena aldeia.

Esta história específica da pequena taverna grega começa numa aldeia minúscula da ilha de Naxos, na Grécia. Chama-se Potamia, e os seus trezentos habitantes vivem a sua história sem perturbações há muito tempo, desde o dia em que um grupo de mulheres da aldeia estava a lavar roupa no rio local e encontrou uma nascente próxima, da qual todas beberam quando tiveram sede. A partir daí, começaram a acontecer coisas estranhas em Potamia, coisas que agora são tão comuns que os aldeãos nem reparam nelas. Embora para nós possa parecer um pouco como magia.

Se começarmos na extremidade leste da pequena aldeia caiada de branco, a nove quilómetros da cidade de Chora Naxos, vemos muitas histórias à espera de serem contadas. Numa vinha junto ao rio, Arie engarrafa o seu vinho, mas só põe um rótulo numa única garrafa. Esse rótulo é uma fotografia que ele tirou de uma mulher muito especial a entrar num jardim secreto, embora ele

ainda não saiba por que motivo está a fazer isso. Mais adiante, Nico e Nefeli estão no meio de uma das suas famosas discussões apaixonadas, criando pequenas faíscas que acendem inadvertidamente lareiras e fornos por toda a aldeia, para consternação dos moradores. Ao longo da praça principal, o presidente da Câmara, Andreas, mexe constantemente no seu relógio de bolso, mas o certo é que nunca se adianta e nunca se atrasa, embora o relógio tenha parado de funcionar há anos. Andreas murmura «olá» a Georgios, o homem mais velho da aldeia. Georgios sai todos os dias à mesma hora, vestido com um fato de três peças, um panamá na cabeça e uma bengala na mão, embora não esteja a ir nem a vir de lado nenhum, apenas a caminhar, como sempre fez e sempre fará.

Na extremidade oeste da cidade, Mago bebe o seu *Kitron* olhando com desconfiança para a lua cheia que nasce, enquanto prega lentejoulas num antigo vestido de franjas ao estilo da década de 1920, que sabe que terá de usar em breve, embora ainda não saiba onde. Mas sabe que tem algo que ver com o seu vizinho, que está prestes a ter uma noite muito má. Na sua propriedade, há um jardim com três socalcos, uma pousada caiada de branco e uma taverna que nunca abriu, porque o proprietário, Leo Thermopolis, morreu precocemente aos vinte e sete anos, e a sua mulher, Cressida, não soube como prosseguir depois disso.

No momento em que esta história começa, num fim de tarde de segunda-feira, às seis horas e três minutos, Cressida Thermopolis estava a ler uma carta muito inesperada.

Sra. Thermopolis,

Nós, do Resurgence Hotel Group, gostaríamos de ter a oportunidade de nos encontrarmos consigo o mais brevemente possível, para falar sobre a sua encantadora propriedade. Acreditamos que o seu estabelecimento pode ser uma grande mais-valia para o nosso grupo...

Cressida terminou de ler a carta e soltou um suspiro tão alto que as ondas sonoras o transportaram à volta do mundo, até ao sítio onde estava destinado a parar. Esse lugar ficava a cerca de dezanove mil quilómetros da aldeia, em

Los Angeles, Califórnia, onde uma jovem fazia uma caminhada matinal.

Marjory St. James não sabia de onde viera tal sensação, mas nesse preciso momento sentiu o ímpeto que sempre sentia quando estava na hora de partir. Jory nunca sabia para onde isso a levaria, mas sabia que era tempo. Tempo de ir. Saiu da praia e caminhou com inquietação pelo centro da cidade de Santa Mónica, até passar por uma agência de viagens. Na porta, via-se uma fotografia de um bonito iate nas ilhas gregas. Era quase como se a imagem tivesse sido posta ali expressamente para ela.

E assim começa a nossa história. Uma história em que os perdidos têm, por vezes, de ser encontrados e os encontrados têm, por vezes, de se perder um pouco. A história da Pequena Taverna Grega.

Um

— Comprei um bilhete para Atenas esta manhã. — Marjory St. James esperou que as suas duas melhores amigas dissessem alguma coisa.

Era mais um belo domingo em Los Angeles, e elas estavam sentadas no seu café favorito, onde se encontravam para um *brunch* todos os domingos, desde há uns anos. Kate e Liz olharam uma para a outra, imobilizando os seus copos de *prosecco* a meio de um gole.

— Só voltaste há oito meses, Jory. O que aconteceu entre ontem ao jantar e agora, para inspirar tal coisa? — perguntou Liz.

A maioria dos amigos de Jory pensava que havia algo de que ela estava a fugir, ou alguma coisa que ela tinha uma necessidade incontornável de procurar. Mas, anos antes, a sua mãe limitava-se a assentir pragmaticamente sempre que Jory lhe dizia que sentia um apelo para ir a algum lugar. «És uma St. James», dizia-lhe a mãe. «E uma St. James sabe quando está na hora de partir. Um instinto, um impulso de ir para um sítio sem saber porquê. Talvez vás simplesmente explorar. Ou talvez dêes por ti num lugar que precisa de que lhe emprestes um pouco do teu dom. O dom do lar que existe dentro de ti. Por isso nunca te sentes perdida, mas sempre exatamente no sítio onde deves estar.

— Passaram oito meses, sim, Liz, muito obrigada. E tu sabes que eu não sei *porque* está na hora de partir, mas apenas que assim é. Quanto à inspiração... — Jory sorriu e puxou do folheto que o agente de viagens lhe tinha dado, com o iate e as casas caiadas de branco da ilha grega na capa.

Kate sorriu a Jory. Era mais compreensiva para com o estilo de vida de Jory do que Liz, que tinha uma personalidade completamente prática.

Jory e Kate tinham ido juntas para a universidade e conhecido Liz um ano depois de se terem mudado para Los Angeles. Uma vez, Liz contara-lhes que

tivera dificuldade em fazer amigos quando chegara à cidade. Não que fosse tímida, porque não era. E não que não fosse sociável, porque era, de facto. Acontecia simplesmente que era muito ciosa do tempo e da energia que dedicava às pessoas. Não era alguém que quisesse gastar-se (ou desperdiçar-se, como dizia a si própria) com pessoas que não viessem a ser uma parte central da sua vida. Liz era pragmática, concisa e queria coisas sólidas e robustas. O seu trabalho como estilista de moda era uma coisa sólida e robusta, e a sua família era uma coisa sólida e robusta. Portanto, no que dizia respeito a amizades, ela achava simplesmente que era melhor esperar por algo que fosse sólido e robusto também.

Nessa época, Jory e Kate trabalhavam num pequeno bistrô francês chamado The French Café. Jory sabia que havia algo especial em Liz e tratara de, como Kate dizia provocadoramente, «fazer uma perseguição de amizade» a Liz até esta não ter tido alternativa senão tornar-se sua amiga também.

— Olá, sou a Jory — dissera ela finalmente, uma noite, estendendo a mão, que Liz aceitou de sobrolho franzido. — Esta é a Kate. Decidimos que queremos que sejas a nossa terceira comparsa. Então, o que vamos fazer juntas amanhã?

As três eram amigas sólidas, firmes e inseparáveis desde então, tirando o constante desejo de viajar de Jory.

As raparigas bebericaram o seu *prosecco* enquanto evocavam recordações, mas Liz agarrou de novo no folheto e atirou-se aos seus ovos à florentina, que tinham acabado de chegar.

— Bem, eu adoro-te, e tu sabes que te apoio. E Deus sabe que eu seria capaz de matar para ir nesse barco. — Apontou para a fotografia com o garfo. — Mas, miúda, não há maneira de teres dinheiro para viajar num superiate e, embora até tenhas sangue Vanderbilt, já prescindiste dele há muito.

— E mantive a minha alma intacta — gracejou Jory. Dinheiro nunca fora algo que ela tivesse em grande quantidade, embora tivesse podido tê-lo. Essa fora uma opção inabalável que fizera havia anos. — Sabes como me sinto em relação ao dinheiro do meu pai. E embora eu saiba que tu não consideras o meu trabalho de empregada de mesa no The French Café como um verdadeiro emprego, Liz, a verdade é que consegui poupar imenso nos

últimos oito meses, aceitando turnos extras. Contanto que possa comer tudo o que me apetece e beber todo o vinho que me dá na gana, estou disponível para cortar noutras coisas. Como esta. Vê os *ferries* grandes que levam as pessoas para as ilhas, na página cinco. São mesmo muito baratos.

Liz abriu o folheto na página cinco.

— Muito razoável. Suponho que sempre pensei que a Grécia seria muito cara.

Jory deu finalmente uma dentada na sua omeleta.

— Eu sei. Mal posso esperar para comer todas as minhas comidas favoritas: queijo feta, azeitonas, delicioso tomate amadurecido ao sol. Não vou levar o meu telemóvel, nem o computador, nem sequer um guia. Vou improvisar completamente.

— Jory... não achas que isso é um bocadinho complicado hoje em dia? — indagou Liz.

— Quando comecei a viajar, nem sequer tinha telemóvel, e não só me orientei perfeitamente como essas foram das minhas melhores viagens — replicou Jory. — Não te lembras daquela vez no comboio?

— Oh, espera! — interrompeu Kate. — Adoro essa história. É aquela em te meteste num comboio local no Egito, para evitares pagar os preços exorbitantes das excursões turísticas, e te escondeste na casa de banho apenas o tempo suficiente para que, quando a polícia te encontrou, já não pudesse expulsar-te e tivesse de te acompanhar no percurso de regresso ao Cairo durante catorze horas...

— Rodeando-te de mulheres e crianças de que tiveste de tomar conta? — concluiu Liz. — Essa foi boa.

— Ou é aquela em que te roubaram o dinheiro todo da mala no caminho de Nice para Barcelona e só quando tentaste comprar o bilhete para o trajeto seguinte é que deste pela falta dele? Mas, pensando bem, não imagino que essa seja uma das tuas melhores histórias.

Jory fez uma careta:

— Não, foi aquela...

— Oh! Aquela na Índia, onde o vendedor te levou para o tal hotel que era muito agradável, mas acabou a roubar o vinho que tu tinhas contrabandeado

na loja *duty-free*? Essa foi verdadeiramente cruel — comentou Kate, e Liz acenou enfaticamente.

Estavam todas a rir quando o empregado de mesa se aproximou e abriu outra garrafa de *prosecco*. O olhar dele fixou-se em Jory durante demasiado tempo. Kate e Liz arquearam as sobrancelhas e deram um pontapé na amiga por baixo da mesa.

— Au, para que foi isso? — protestou ela, fazendo o empregado corar antes de se afastar. As duas amigas reviraram os olhos.

— Francamente, Jory, o rapaz estava completamente caído por ti. Era mesmo querido — disse Liz.

— Não tenho absolutamente vontade nenhuma de me meter numa relação, obrigada. Sabem muito bem disso!

— Ainda não percebi porque és tão inflexível a esse respeito — retorquiu Kate. — Quer dizer, sei que adoras a tua vida, e tens de facto um estilo de vida incrível, mas será que não podes ter ambas as coisas? — perguntou, pela centésima vez.

— Se o fizesse, continuaria a poder partir a qualquer momento, sempre que o meu instinto me diz para o fazer? Poderia viajar sozinha meses a fio, em total liberdade e permitindo-me explorar e experimentar o mundo à minha maneira? Sem pensar em mais ninguém e sem me conter de todo? — replicou Jory com intensa paixão.

— Bem... não, de facto — disse Kate com sinceridade. Depois iluminou-se: — Mas e se encontrasses, digamos, o grande? E se encontrasses... Como é que a tua mãe lhe chama, Jory?

Foi Liz quem respondeu, com um sorriso:

— O incendiador!

Kate riu.

— Isso mesmo! Aquele que, mal o encontras e a sua pele toca na tua... irrompes em chamas. E se encontrares *esse* tipo?

— Vou garantidamente fugir a correr na direção oposta e arranjar um bilhete para outro sítio qualquer. Esse seria a própria encarnação do perigo! — declarou Jory num tom dramático.

Kate simulou um beicinho:

— Mas a tua mãe diz sempre isso com um entusiasmo imenso, como se fosse uma coisa boa.

Jory revirou os olhos.

— Estão a falar da Cindy St. James, minhas senhoras. Não é preciso muito para a fazer irromper em chamas quando conhece um homem, mas também não demora muito para que essas chamas se transformem em cinzas. As mulheres da família St. James têm péssima sorte no amor. Agora, Kate, só porque *tu* encontraste o teu incendiador no Mark...

Kate corou, mas Liz pôs-lhe a mão no ombro.

— Só nos metemos contigo porque estamos muito felizes por ti, querida.

— Isso é totalmente verdade — corroborou Jory, pousando também a mão no outro ombro de Kate. — Mas voltemos ao que interessa, sim? Por acaso, estava a falar da minha viagem de comboio em Inglaterra, quando me meti na carruagem e lá fiquei até a linha acabar e dei por mim num dos meus lugares favoritos do mundo: uma terra de contos de fadas com um castelo, onde passei o mais incrível dos verões. Estou a dizer-vos, tenho um pressentimento sobre isto.

Kate suspirou.

— Tens sempre um pressentimento. Mas não estás propriamente a ir para um lugar inseguro. Quer dizer, são as ilhas gregas.

Até Liz teve de concordar, embora com mais reservas:

— Continuo a achar que deves levar pelo menos um guia, se não queres levar um telemóvel. Quando é que partes?

— Na próxima quarta-feira. Vinte e oito de maio.

— Mas é o teu dia de anos! — bradou Kate.

— Sim, eu sei. Portanto, qualquer festa-surpresa que tenham planeado para mim, por favor, mudem-na para dia vinte e sete. Lamento, mas o bilhete tinha um desconto especial apenas para um dia, e acontece que era o dia vinte e oito, que corresponde ao meu vigésimo oitavo aniversário, e eu achei que era algo como...

— O destino — disseram Kate e Liz em coro.

— Sabem que eu não acredito no destino — declarou Jory.

— Jory! — Liz suspirou e revirou os olhos. — Tu acreditas nos teus dons

de St. James, naquela coisa do dom do lar, naquilo do «instinto de partir». Tudo isso é destino.

— Não, há uma diferença. O destino é algo inevitável, sobre o qual não se tem qualquer controlo. Como se não se tivesse qualquer opção sobre o assunto. As outras coisas, como os dons, são inatas, mas não deixamos de poder escolher o que fazemos com elas. Faz sentido? — inquiriu Jory, inclinando-se para a frente.

— *Não!* — responderam Liz e Kate em uníssono.

— Ao destino! — brindou Liz, e todas riram mais uma vez, porque, ao fim de duas garrafas de *prosecco* numa manhã de domingo antes do meio-dia, tudo tinha graça.

*

Pronto, Liz, tinhas razão. Não que eu vá dizer-te.

Jory estava sentada no convés superior do maior *ferry* em que alguma vez estivera, numa cabina muito desconfortável, e concluía que devia ter comprado um guia ou, no mínimo, ter reservado alojamento. O *ferry* partira de Atenas às três da tarde para o que deveria ser uma viagem de quatro horas até Naxos, uma ilha nas Cíclades gregas. Contudo, só a meio da noite é que entrou finalmente no porto.

Muito bem, Marjory, qual é a pior coisa que pode acontecer? Dormes num banco, num sítio qualquer. Estás na Grécia, o tempo estará quente e agradável.

Mas não estava nem quente nem agradável. Na verdade, à uma da manhã, apesar de ser princípio de junho, estava excepcionalmente ventoso e frio. No entanto, quando desembarcou do *ferry*, Jory ficou satisfeita ao ver que o porto não estava completamente vazio, pois havia alguns residentes locais a carregar e a descarregar mercadorias.

Não era possível distinguir a cidade, uma vez que não havia luar suficiente. Estava tudo muito escuro e silencioso. Preocupou-se um pouco ao ver as pessoas afastar-se uma a uma, levando as caixas ou pacotes que lhes haviam sido enviados de Atenas. Uma mulher jovem foi das últimas a revolver a pilha, e, embora Jory não falasse uma palavra de grego, tinha a

certeza de que ela estava a praguejar.

— Ah! — exclamou a mulher, por fim, pegando numa caixa exageradamente grande.

Jory dirigiu-se a ela.

— Desculpe, lamento incomodá-la.

A mulher virou-se, com os olhos escuros de pálpebras pesadas, a boca carnuda, os longos cabelos pretos apanhados numa trança que lhe caía pelas costas.

— Sim?

— Ah, ótimo — suspirou Jory —, fala inglês. Precisa de ajuda? Essa caixa é muito grande.

— Obrigada, mas não é pesada. Sementes e bolbos para o meu jardim. A senhora é turista? — perguntou a mulher.

— Sou. Desculpe, mas queria saber se conhece algum sítio da cidade onde eu possa hospedar-me e que ainda esteja aberto. Uma pousada ou algo do género?

— Não reservou alojamento?

— Não — confessou Jory num tom resignado —, não percebi que íamos chegar tão tarde. Houve uma tempestade. — Sentia-se incrivelmente envergonhada e, apesar disso, cada vez mais cheia de frio e em desespero.

— Com tempestade ou sem tempestade, o *ferry* chega sempre atrasado. — A mulher olhou para Jory durante um longo momento, mordendo o lábio inferior, como se estivesse a debater qualquer coisa consigo mesma. Por fim, soltou um suspiro profundo e lastimoso, um som que parecia de certo modo familiar, como se Jory já o tivesse ouvido antes. — Tenho uma pousada, pode vir comigo — declarou, inclinando a cabeça num aceno.

— A sério, tem uma pousada? Que sorte ter vindo falar consigo!

— Sorte — murmurou a mulher, mais para si própria do que para Jory.

— Onde fica a sua pousada? É muito longe?

— Potamia. Lá em cima. — A mulher apontou para o negrume distante.

— A minha aldeia.

— Ah. — Jory não esperara sair da cidade. — E, hum... quanto?

— Isso importa? Ou sou eu, ou é um banco de jardim, não é? — O seu

tom era divertido, embora ela não sorrisse.

— Como é que?...

— Um banco de jardim? Ninguém nesta ilha deixaria uma mulher dormir num banco de jardim, sua palerma. Estou a brincar consigo.

Aquele era um dos encontros mais estranhos que Jory tivera desde a sua partida, mas não podia dizer que fosse desagradável. Sorriu.

— Nesse caso, obrigada. Chamo-me Marjory St. James. Mas toda a gente me trata por Jory. — Estendeu a mão.

— Cressida Thermopolis. Prazer em conhecê-la — disse a mulher, apertando a mão de Jory. — Muito bem, vamos, então?

— Oh, certo, está bem. — Jory pôs a mochila aos ombros e seguiu Cressida até ao parque de estacionamento, onde uma carrinha empoeirada as esperava. Atirou a mochila para o banco de trás e saltou para o lado de Cressida.

Começaram a subir a estrada principal até saírem da cidade, depois continuaram pelo que parecia ser o início de uma montanha. Cressida não falava, e Jory começava a perguntar-se se aquilo teria sido um erro. Subiram ainda mais. Jory olhou pelo retrovisor e ficou a ver o grande *ferry* embrenhar-se de novo na escuridão do mar. Daquela perspetiva, a água parecia calma, mas ela lembrava-se bem das ondas a rebentarem sobre o que era essencialmente um prédio de quatro andares. Estremeceu.

— Aqui faz mais frio do que lá em baixo — disse Cressida —, mas, quando estivermos em Potamia, não há muito vento. Você será a única turista na aldeia, neste momento — acrescentou.

Pelo menos, agora a mulher estava a falar com ela.

— Fica muito longe da cidade de Naxos?

— Apenas a nove quilómetros.

A nove quilómetros da cidade? Jory não sabia se Cressida compreendia verdadeiramente o significado de «pousada». Podia estar a referir-se ao seu sofá. O que, naquele ponto, até seria bom apenas por uma noite, tão cansada Jory começava a sentir-se. Cressida não parecia uma pessoa habituada a ter hóspedes. Mal dissera uma palavra desde que se tinham conhecido e parecia pouco à vontade. Jory lançou-lhe um olhar disfarçado. Ela também parecia

cansada. Talvez fosse isso. Afinal, estavam a meio da noite.

— Viveu sempre em Potamia? — inquiriu Jory.

— Sou de cá e vivi aqui a maior parte da minha vida, sim — respondeu Cressida. — Ah, cá estamos.

Entraram numa pequena localidade caiada de branco. Não havia luzes, mas a lua tinha saído de trás das nuvens e iluminava suficientemente a aldeia para Jory ver que era muito bonita. Viraram para uma rua empedrada, e Cressida parou à frente de uma placa que dizia «Pousada». Era uma casa grande e bonita, branca, com buganvílias roxas a trepar pelas paredes laterais. Era evidente que tinham chegado pelas traseiras, mas o edifício erguia-se precariamente numa colina, e Jory perguntou-se como seria a vista dos melhores quartos, de manhã.

— Há seis quartos. Acho que o dois será o mais adequado para si, visto que está sozinha. Fica no piso térreo, mas é muito agradável. Ficará confortável. Trinta euros por noite.

Jory seguiu-a ao longo de um pequeno caminho sinuoso até um jardim. Trinta euros? Era um preço ótimo, ainda que ficasse a quilómetros da cidade e mesmo que fosse terrível. Cressida abriu a porta do quarto dois. Não era terrível, de maneira nenhuma. Os tetos eram baixos, abobadados e rebocados de branco, com as sancas pintadas de um bonito tom azul-turquesa. O pavimento era de mosaicos com padrões intrincados, e uma cama de casal, de aspeto confortável, ocupava o meio do compartimento. Não havia televisão nem telefone, e o quarto era pequeno, mas tinha uma adorável casa de banho, com um chuveiro enorme, e uma porta de correr que dava para a sua própria área de jardim privativa, com uma espreguiçadeira, uma mesa pequena e uma cadeira. Havia ainda um pequeno frigorífico dentro do quarto. Era lindo. E era *dela*. Um sentimento de familiaridade inundou Jory ao entrar na divisão. Sentia-se em casa.

— Gosta do quarto? — perguntou Cressida, com uma nota na voz que Jory não conseguia identificar. Quase... esperançosa.

— É lindo, e adoro. Obrigada, Cressida. Isto é estupendo.

A mulher assentiu e exalou.

— Tenha cuidado com a porta da casa de banho. Não a feche com

demasiada força, senão ela encrava. Trago-lhe o pequeno-almoço amanhã de manhã. Boa noite.

E saiu. Jory pensou em desfazer a mala, mas acabou por se meter entre os lençóis brancos e frescos da cama gloriosamente fofa e só acordou de manhã.

Dois

Cressida acordou na manhã seguinte com um impulso incontrolável de fazer um bolo.

Sabia que esse sentimento era perigoso quando tinha aquela intensidade, quando nada além de usar as mãos para moldar um bolo ou amassar pão conseguia aliviar aquele desejo profundo dentro de si, mas já passara tanto tempo desde que se sentira assim que não podia resistir.

Pôs um avental sobre o seu vestido azul e saiu para o jardim com alguns tabuleiros grandes e a tesoura de poda na mão. As azeitonas constituíam uma tarefa diária, no pequeno olival que existia naquele terreno havia centenas de anos. Passou pela sua horta, que estava exuberante devido à chuva que caíra em maio. Agora os dias eram longos e soalheiros, e os seus vegetais tinham ficado subitamente maduros e vibrantes. O tomate, que estava a crescer havia um mês, tinha-se tornado redondo e vermelho, e o chão estava coberto de tomate *cherry*. Os pepinos estavam duas vezes maiores do que uma semana antes, e a beringela estaria no ponto daí a uma ou duas semanas.

Mas, nesse dia, os seus figos estavam finalmente maduros. Algumas semanas antes, ela tinha coberto os cachos com redes, para evitar que os pássaros sugassem os sucos da sua fruta favorita. Transformava os figos em compotas, pastas, xaropes, secava-os e torrava-os, mas, acima de tudo, adorava comê-los frescos. Encheu o tabuleiro com aquelas delícias roxas, cantarolando, e levou-o para a cozinha.

Já tinha deixado o pequeno-almoço de Jory no alpendre, sem esperar que ela acordasse. Precisava de fazer um bolo e, agora que os seus figos estavam prontos, só conseguia pensar numa única coisa para fazer: o seu clássico bolo de mel. Era uma sobremesa simples, mas continuava a ser uma das suas preferidas, talvez por ter sido a favorita de Leo. Pegou numa tigela grande e

adicionou ovos e açúcar; bateu-os até ficarem cremosos e espessos. Olhou para a batedeira elétrica americana, de alta qualidade, que Leo havia comprado especialmente para ela e não pôde deixar de sorrir. Ele adorava as suas engenhocas. E amava-a.

Ao ouvir uma porta a abrir-se, Cressida espreitou pela janela e viu Marjory a sair para o jardim, para tomar o pequeno-almoço. O seu peito vibrou com um pequeno arrepio. A sua primeira hóspede. Tinha a sua primeira hóspede. Leo ficaria tão contente! E também ficaria grato, porque, embora não soubesse porquê, Cressida mantivera os quartos em perfeitas condições durante todo aquele tempo. O que faria ele naquele momento, se estivesse vivo?

Certamente não se esconderia, nem seria um pouco rude para com ela.

Não, com toda a certeza, ele não faria nenhuma dessas coisas. Leo era um sedutor. Levaria Jory a todos os pontos turísticos da ilha, faria chá para ela à tarde, apresentá-la-ia pela aldeia fora. Namoriscaria com ela, pensou Cressida, com um pequeno sorriso. Leonidas tinha um talento inato para namoriscar. Quando a tia dela, que vivia do outro lado da ilha, o conhecera, corara como uma rapariguinha e estalara a língua em sinal de desaprovação, ao mesmo tempo que exibia um rubor irreprimível nas faces.

— Nenhuma mulher devia casar com um rapaz que namorisca como tu, Leonidas. Vai acabar com o coração destroçado — admoestara-o a tia.

— Ah, mas, tia, eu nasci para namoriscar! Até um bebé gosta de namoriscar comigo — replicara ele, sorrindo e arqueando as suas grossas sobrancelhas pretas.

A recordação fez Cressida rir. Era verdade. Ninguém que conhecesse Leo estava a salvo do seu charme. Ele era tão alegre e agradável que todos o adoravam. Não, ele não iria evitar a sua primeira hóspede.

Primeira ou única?

Juntou então a farinha e, depois de a incorporar, começou a adicionar o resto dos ingredientes, um de cada vez, misturando agora à mão, com uma colher grande que herdara da sua mãe — que também era uma padeira talentosa, antes de falecer, quando Cressida tinha apenas doze anos. Agora mal se lembrava dela, mas, quando usava a colher, era como se alguma

memória mágica a levasse de novo à sua mãe, a um sítio dentro de si que não era seu, mas existia em simultâneo fora e dentro de si.

Mexeu o mel da exploração apícola de Tomas em Filoti, uma aldeia não muito longe de Potamia. E embora a maioria das receitas incluísse limão, Cressida preferia usar as raspas e o sumo de uma laranja da sua própria laranjeira. Por fim, acrescentou o seu queijo *mizithra*, suave e delicado, e mexeu à mão até a mistura ficar suficientemente cremosa para dar vontade de mergulhar o dedo lá dentro e comê-la assim mesmo. Deitou a massa numa forma de cerâmica para cozer no forno. Nos trinta minutos que o bolo levava a ficar pronto, encharcou os figos em mel e nozes.

Enquanto limpava a cozinha, encontrou novamente a carta do Resurgence Hotel Group. Já estava com dois meses de pagamentos em atraso na sua hipoteca, e aquela proposta podia ser uma dádiva de Deus. Deveria vender-lhes a propriedade, deixar aquela pousada sem hóspedes, a taverna onde nunca cozinhou e as memórias que a rodeavam todos os dias e começar uma nova vida?

Mas agora há uma hóspede. E uma pessoa para quem podes cozinhar. Como seria ter mais clientes?

O temporizador do forno disparou. Não devia estar a pensar nessas coisas, refletiu Cressida, limpando as mãos ao avental, e tirou do forno o bolo de mel impecavelmente dourado para arrefecer. Mas porque não havia de pensar nisso? Tinha uma decisão para tomar em breve. Não conseguiria continuar a manter a propriedade sem hóspedes pagantes. Talvez devesse vender e sair dali. Viver a sua viuvez num qualquer lugar remoto e distante daquela quase vida, que nunca chegara a sê-lo.

Quando o bolo ficou quase frio, polvilhou-o com uma dose adicional de açúcar e canela, que deixou caramelizar, antes de o cobrir com os figos e nozes revestidos de mel. Tinha um aspeto perfeito, tão perfeito que Cressida mal podia esperar para convidar Jory, a sua primeira e talvez única hóspede, para o provar. O seu coração começou a bater mais depressa, com um alvoroço vagamente familiar. Sentia-se quase... inebriada. Sacudiu-se para se livrar daqueles pensamentos e tirou um pedacinho minúsculo, para verificar se estava bom.

— *Obi re gamoto!* — exclamou. — *Skata!*

Deixou prontamente o bolo na bancada, para deitar fora mais tarde, e saiu batendo com a porta atrás de si.

*

Jory saiu a pé, depois do seu delicioso pequeno-almoço de salada de tomate e pepino com azeitonas e um queijo tipo feta, embora fosse diferente de qualquer outro queijo feta que ela já tivesse provado. Tencionava explorar a sua pequena aldeia de Potamia — era o que lhe chamava mentalmente, a sua pequena aldeia.

— Bom dia! — Uma mulher na casa dos sessenta anos, com uma longa trança preta e prateada, saiu da casa ao lado.

— Oh, bom dia. — Era adorável ser saudada com palavras agradáveis, depois de não ter visto Cressida. — Sou a Marjory St. James, mas trate-me por Jory, por favor. Todos o fazem.

— Jory, é ótimo tê-la aqui em Potamia. Eu sou a Mago, vizinha da Cressida. Vai explorar a aldeia?

— Sim, pensei em vaguear por aí e perder-me um pouco — respondeu Jory, sorrindo. — É o que mais gosto de fazer quando estou num sítio novo.

— Bem, não terá dificuldade nenhuma em perder-se na aldeia. Foi muito mal desenhada — comentou Mago com um risinho. — Bebe vinho?

— Bebo, e não é pouco. — Jory riu. — Mas, geralmente, não tão cedo.

— É descarada, gosto de si. Espere aqui, vou ligar ao Arie. Tem a vinha mais famosa da nossa região e é um excelente anfitrião. Vou pedir-lhe que a leve numa visita guiada esta tarde. Depois, à noite, quero que venha partilhar um pouco de vinho comigo e contar-me tudo sobre o seu dia.

*

Potamia era composta por três pequenas aldeias situadas entre rios. A princípio, Jory tentou seguir o mapa que Mago lhe dera, mas depressa percebeu que as ruas e vielas se torciam em voltas e reviravoltas e desaguavam

quase sempre num beco sem saída. Não importava quantas vezes ela soubesse que tinha ido por outro caminho, ia dar sempre ao mesmo ribeiro.

Era um sítio lindo, quase como se tivesse atravessado uma porta para outro mundo. Os sons e os cheiros das ruas desvaneceram-se, a luz do sol filtrava pelas árvores, e a descontração espalhou-se pelo seu corpo. Apenas um momento antes, sentira-se frustrada por estar perdida e ter ido parar outra vez ao mesmo ribeiro. Isso acontecera toda amanhã, pelo que Jory desistiu e ficou algum tempo na margem. Tentou memorizar o mapa desenhado à mão, mas adormeceu. Quando acordou, ficou tão surpreendida que mergulhou as mãos na corrente e salpicou o rosto com a água fria, o que a deixou subitamente com sede. Sabia que não devia beber de um ribeiro, pois a água podia estar cheia de germes. Mas aquela era tão límpida que parecia água de glaciár. Bebeu com a mão em concha até matar a sede; depois regressou finalmente à aldeia e não voltou a perder-se nesse dia.

Como Cressida prometera, Jory era a única turista na localidade, embora passasse por muitos moradores, que a olhavam com grande curiosidade. Eram amistosos, diziam «olá», levavam a mão ao chapéu; as crianças acenavam-lhe, mas ela sentia os seus olhos fixos nela mesmo depois de passar. Por fim, foi dar à praça principal de Ano Potamia, onde uma antiga fonte de água se erguia ao lado da capela de Agios Ioannis Theologos.

— Gloriosa, não é? Construída em 1799 pelos venezianos — disse um homem que parou ao seu lado. Era bastante velho, vestia um fato de três peças e usava um panamá.

— Pois é. Vai assistir à missa? — perguntou ela.

— Não, menina, o único serviço que se realiza nesta igreja são as reuniões da nossa freguesia, embora ela esteja aberta ao público no verão — respondeu ele.

— Oh, pensei que talvez... É que eu estava a comentar o seu traje elegante — disse Jory com um sorriso.

— Esta coisa velha? — Ele soltou um risinho. — É uma rapariga simpática. Eu sou o Georgios — apresentou-se ele, apertando-lhe a mão. — Estamos muito contentes por ter vindo, menina Marjory, e esperamos vê-la na próxima reunião da freguesia.

Levou a mão ao chapéu e seguiu o seu caminho. Como é que ele sabia o nome dela?

Agora que faltava apenas meia hora para se encontrar com Arie, Jory saiu da aldeia seguindo a rua principal. As construções começaram a tornar-se mais dispersas, e, por fim, ela avistou o pequeno posto de combustível que Mago lhe dissera para procurar, o último em Potamia antes da estrada que levava a Filoti e ao resto das vilas da ilha.

Viu de imediato a estrada que devia descer para ir ter com Arie, mas algo a impediu. Junto ao posto de combustível havia *scooters* para alugar, a um preço bastante razoável. Vinte e cinco euros por dia. Jory adorava andar de *scooter* quando viajava, e isso iria certamente tornar as suas deslocações pela ilha muito mais fáceis.

Entrou na estação de serviço, onde uma mulher estava sentada atrás do balcão, a procurar algo no seu telemóvel. Tinha um aspeto diferente do das outras mulheres gregas que Jory conhecera até então. O seu cabelo não era bem loiro, mas de um tom de ouro reluzente. A sua pele também era dourada, e os olhos tinham um tom de avelã tão invulgar que fez Jory perguntar-se se seriam lentes de contacto. O nariz era comprido e ligeiramente adunco, mas, sobre a sua boca de lábios cheios, apenas servia para acentuar quão bonita ela era. Estava também impecavelmente maquilhada, incluindo um batom vermelho mate que combinava com o verniz das suas unhas, e tinha o cabelo tão perfeito que devia ter sido arranjado num cabeleireiro, apesar de ela estar simplesmente a trabalhar num posto de gasolina.

A mulher levantou o olhar e arqueou uma sobrancelha:

— Sim?

— Olá — apressou-se Jory a dizer, dando-se conta de que tinha estado a olhar fixamente para a outra. — Estou a pensar em alugar uma das *scooters* que têm lá fora.

A mulher demorou-se a observá-la um pouco mais do que seria necessário, com uma expressão cautelosa.

— Nico! — bradou por fim, para as traseiras da estação de serviço. — Cliente, *scooter*. — E concentrou-se novamente no seu telemóvel.

O Nico que apareceu também não se parecia nada com o que Jory imaginara. Tinha igualmente cabelos claros, que usava compridos, até lhe caírem sobre o colarinho; mas ficavam-lhe bem.

— Olá, menina! — cumprimentou-a em inglês, num tom afetado. — Quer alugar uma *scooter*? Excelente ideia! Eu levo-a a dar uma volta.

Nico conduziu-a para fora da loja e tirou a placa de uma das *scooters*, enquanto lhe dava instruções sobre como conduzi-la. Quando Jory já estava de capacete posto e pronta para arrancar, ele saltou para a motorizada ao seu lado e fez-lhe sinal para o seguir. Andaram durante dez minutos, antes de voltarem para o posto de combustível.

— Excelente! Tem um talento natural para isto, menina Marjory! — disse ele.

Jory tirou o capacete.

— Como é que sabe o meu nome?

Foi a mulher quem respondeu, saindo e pegando no capacete de Jory:

— Todos sabemos o seu nome.

Jory ficou espantada.

— E, no entanto, eu não sei os vossos.

— Eu chamo-me Nefeli. Este é o Nico, o meu *marido* — disse ela, enfatizando a palavra.

Virou-se e silvou algo ao marido em grego. Ele respondeu, ainda a sorrir com os dentes cerrados. Nefeli dirigiu-se para as traseiras da loja, resmungando em grego, num tom irritado que se ia tornando mais alto à medida que ela gesticulava com as mãos.

Nico seguiu a mulher com os olhos, antes de se virar de novo para Jory, com um sorriso envergonhado.

— Amanhã de manhã, menina Marjory — disse ele, e depois desapareceu também nas traseiras da loja, onde Jory os ouviu a gritar um com o outro.

Ela não queria testemunhar uma discussão privada, pelo que se embrenhou no pequeno caminho sinuoso até ao ponto onde Arie a iria buscar. Infelizmente, o caminho contornava as traseiras da loja, onde Jory viu Nefeli ser empurrada através da porta da rua. Mas logo se virou para trás e deu, por sua vez, um encontrão a Nico. Jory escondeu-se atrás de uma árvore, sem

saber se deveria intervir. Mas, então, aconteceu a coisa mais estranha. Nico começou a beijar o pescoço de Nefeli, voraz e apaixonadamente, e ela começou a gemer e a estender os braços para ele.

— Larga-me — sibilou Nefeli entre beijos.

— Não. Volta para o nosso quarto. Marido e mulher devem estar juntos, a dormir na mesma cama — sibilou ele em resposta, beijando-lhe o pescoço e fazendo-a virar-se.

— Não. Sabes muito bem porque é que eu não volto a partilhar a tua cama!

Os gemidos tornaram-se mais altos, e, quando ouviu um som de «zip», Jory correu o mais depressa que pôde pelo caminho fora, com a respiração arquejante. Percebeu que a sua pequena aldeia estava a revelar-se mais cheia de histórias do que ela podia ter imaginado.

*

Arie era um homem na casa dos sessenta, com os cabelos prateados raiados por alguns fios pretos que ainda resistiam. Tinha o rosto tisonado e enrugado de alguém que trabalhara ao ar livre a vida inteira, e olhos negros nos quais cintilava um sorriso perpétuo, mesmo quando os seus lábios não sorriam. Jory simpatizou de imediato com ele, quando Arie a foi buscar ao portão de uma grande quinta, com um pomar e uma pequena vinha. Atravessaram o pomar num cortador de relva até chegarem a um moinho de água, ao lado do qual havia um antigo celeiro.

— Bem-vinda à Vinha Diamantés. Significa «diamantes», em inglês. Dei-lhe esse nome por causa dos tartaratos que por vezes se encontram nos vinhos. Chamam-se «diamantes de vinho». Gosta de vinho grego? — perguntou Arie suavemente. Tudo o que ele fazia e dizia era suave. Jory nunca tinha provado vinho grego, e disse-o a Arie.

— Aqui em Naxos, o nosso deus padroeiro era Dionísio, o deus do vinho, por isso fazemos e bebemos vinho desde que há seres humanos na ilha. A minha família faz vinho há mais de duzentos anos.

Arie levou-a num passeio em torno da vinha, que tinha cerca de dez

hectares, apontando castas de uva de que ela nunca ouvira falar, como *fokiano*, *monemvasia*, *savatiano*, *aidani* e, finalmente, uma que ela reconheceu, moscatel.

— Aqui fazemos sobretudo uma combinação branca seca e com boa acidez, apesar da adição do moscatel. Também fazemos um «quase tinto», que a Jory conhecerá como *rosé*.

— O Arie disse que a vinha era apenas uma pequena parte da quinta. Reparei que passámos por limoeiros pelo caminho. É esse o seu principal negócio? Citrinos?

— Ah, e agora aí está uma verdadeira bebida grega, embora hoje em dia já só se encontre em Naxos. *Kitron* é a nossa bebida tradicional aqui da ilha. É feito com as folhas da cidreira, colhidas quando atingem o pico do aroma. Depois destilamos, às vezes duas ou até três vezes, adicionando novas folhas ou outros ingredientes secretos, como eu faço. Produzimos aqui três tipos diferentes de *kitron*: um licor seco e forte, um médio e, por fim, o nosso mais famoso, muito mais doce, com açúcar extra e raspa de laranja, que bebemos como aromático ou digestivo. É por esse que sou mais conhecido. Tome, vou entregar-lhe um especialmente para a minha Mago, se puder fazer-me o favor de lho dar.

A minha Mago?

— Claro, e muito obrigada por este dia tão maravilhoso. A Mago e eu vamos desfrutar imensamente disto, esta noite.

— Com todo o gosto, menina Marjory. E quando a Cressida decidir abrir a sua taverna, diga-lhe para vir aqui buscar o vinho.

Jory não sabia do que ele estava a falar, nem o que dizer, pelo que ficou calada.

Arie pegou na mão dela, beijou-a e disse:

— Transmita isto à Mago também.

*

— Muito bem, conte-me lá, a senhora e o Arie?... — perguntou Jory a Mago algumas horas depois. Tinha ido entregar-lhe o *kitron*, Mago convidara-

a a entrar, e as duas sentaram-se na varanda, enquanto a anfitriã servia bebidas para ambas.

— Ele é meu amante, sim — disse Mago, tomando um gole do seu copo. Parecia completamente à vontade e sem qualquer vergonha.

— Ena! — exclamou Jory, impressionada. — Que bom. É um belo pedaço de homem.

Mago mostrou-se agradada.

— Sim, eu sei. Então, conta-me, como foi a tua exploração da aldeia? Perdeste-te, como esperavas?

Jory atirou a cabeça para trás e levantou os braços.

— Em todas as malditas ruas!

Mago riu e bebeu o seu *kitron*.

— Independentemente de qual a rua que tomasse ou em qual das três pequenas aldeias estivesse, ia parar sempre à mesma ribeira. Durante horas.

Mago olhou para ela, sobressaltada.

— A aldeia levou-te à ribeira? Hum. Nunca faz isso, geralmente esconde-a. Bebeste dessa água?

— O que quer dizer com isso de a aldeia esconder a ribeira? Dá a entender que tem uma alma, ou coisa do género.

— Talvez tenha, quem pode dizer que não? A ribeira tem uma história bastante vívida. Dizia-se que as mulheres da aldeia, que, por incrível que pareça, ainda era mais pequena nessa altura, bebiam da ribeira e começavam a acontecer coisas interessantes nas redondezas. Dizem que as descendentes dessas mulheres têm dons particulares — declarou Mago numa voz teatral, arqueando as sobrancelhas e sorrindo.

Jory riu.

— Foi por isso que me perguntou se eu tinha bebido? Ou porque a água está cheia de germes, como na maioria dos ribeiros?

— Não vais apanhar giardia nessa ribeira, não te preocupes — asseverou Mago, dando uma palmadinha na mão de Jory. — O presidente da Câmara está a tentar transformá-la num destino turístico. As discussões são maravilhosamente animadas. Eu levo-te à próxima reunião da freguesia. São de morrer a rir.

Jory iluminou-se:

— Já ouvi falar das reuniões da freguesia! Fui convidada por um senhor de idade, vestido de fato completo, chamado Georgios. Disse que esperava ver-me na próxima reunião da freguesia. Ele sabia o meu nome, mesmo antes de eu me ter apresentado — acrescentou, novamente confusa. — E não era o único. Parei num posto de gasolina para ver uma *scooter*, e uma mulher, Nefeli, também sabia quem eu era. Disse que todos sabiam. É verdade?

— Ahhhh — suspirou Mago, fechando os olhos. — Conheceste os grandes Nefeli e Nico, foi? Nefeli, a rapariga mais bonita e rica da aldeia. Nicolas, o menino de ouro da família errada. Um par terrível. Duas pessoas tão bonitas nunca deviam estar juntas. Há algo que afeta o património genético.

Jory inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Pareciam um casal... muito apaixonado. — As suas faces pintaram-se de vermelho-vivo.

— Sim, eles têm muita paixão. Lembro-me do ano em que se conheceram; pequenas brasas começaram a acender-se na minha lareira em pleno verão. Aconteceu com toda a gente.

— Como assim, pequenos lumes? Devido a um casal apaixonado? Parece impossível! — exclamou Jory.

— É provável que chegues à conclusão de que a nossa aldeia tem algumas coisas aparentemente impossíveis — replicou Mago. — Mas o Nico e a Nefeli, ah! Por vezes acho que eles têm um grande amor, mas quem sabe o que é verdade atrás da porta fechada de outra pessoa? — Mago olhou de modo pensativo para a lua, mas, passado um momento, estava outra vez inclinada para a frente, como se nunca tivesse desviado o olhar. — Então, vais alugar uma *scooter* ao Nico? Quanto é que ele cobra?

— Vinte e cinco euros por dia, mas faz-me cento e quarenta por toda a semana.

— É um homem justo, o Nico. Vais ficar mais uma semana? — inquiriu Mago, parecendo intrigada. — É muito tempo para uma rapariga como tu passar aqui em Potamia, ou mesmo em Naxos. A maioria das pessoas passa por cá e vai saltitando de ilha em ilha pelas Cíclades.

— Gosto disto — respondeu Jory. — Embora não perceba porque é que a Cressida parece antipatizar comigo. Evitou-me esta manhã e nem sequer disse «olá» quando eu estava a tomar o pequeno-almoço, embora eu saiba que ela me viu.

— A Cressida não antipatiza contigo, minha querida. Ela teve uma semana muito má, no fim de um ano muito mau. Dá-lhe tempo.

Jory desceu o jardim em direção ao quarto número dois, sentindo-se um pouco zozza por causa do *kitron* e bastante esfomeada. Estava prestes a entrar no quarto, quando o mais extraordinário dos aromas lhe atingiu as narinas, despertando-lhe todos os sentidos. O que era aquilo?

Então, viu. A um escasso braço de distância do terraço de Jory, repousava um bolo. Ela olhou para a casa principal, mas as luzes de Cressida estavam apagadas. De repente, sentiu-se bastante comovida. Cressida devia ter-lhe deixado aquele doce como uma espécie de pedido de desculpa por não lhe ter falado durante o dia inteiro. Levou o bolo para o quarto e deu-lhe uma dentada.

— Oh, meu Deus...

E nesse preciso momento, pequenas estrelas cadentes dispararam por todo o mar Egeu, alinhando-se de uma maneira que nem elas próprias tinham podido adivinhar.

Três

Cressida não tinha pregado olho. Finalmente, às cinco da manhã, desistiu e foi para a cozinha. Como pudera ter-se permitido um momento de felicidade na véspera? E ter incorporado inadvertidamente esse sentimento no seu bolo de mel? Algures durante a noite, amaldiçoara a sua mãe por ter herdado o dom das Callas de dar corpo às suas emoções na comida, rezara a pedir perdão por aquele momento feliz que não conseguira controlar e lembrara a si própria que Leo estava morto e ela não tinha qualquer direito a viver a vida feliz sem ele. Dormitara, provavelmente, alguns minutos de cada vez. Algo não cessava de a acordar. Uma batida forte no seu coração, como se gritasse: *estou vivo, deixa-me viver!* Aquele momento de vida despertara em si devido à presença repentina daquela rapariga, Marjory, uma hóspede na sua pousada. Era demasiado. Mago costumava dizer que Cressida tinha de seguir em frente, de voltar a viver. Mas ela não podia fazer isso a Leo. Nunca o faria.

Por volta das três da manhã, deitada na cama a olhar para o teto, percebera que Marjory tinha de partir. Aquilo que ela estava a despertar em Cressida, a inspirá-la e forçá-la a cozinhar novamente, tinha de ser sufocado.

A presença de Marjory dera-lhe um renovado sentido de energia e propósito. Nutrir e cuidar, fazer as pessoas felizes através do seu dom da culinária, algo que não sentia desde que Leo falecera. Tinha *saudades* de cozinhar para alguém. Sentira isso no seu coração quando fizera o bolo de mel na véspera. Respirou fundo. Não voltaria a cometer esse erro, de cozinhar e saborear a sua felicidade... soubera-lhe a traição. Traição ao seu amor por Leo.

Reveceu a gaveta de baixo do armário da cozinha e puxou o livro de receitas encadernado em couro das Callas, que estava na família havia quase cem anos. Tinha sido escrito e reescrito tantas vezes que era difícil de ler, quase impossível para quem não fosse uma mulher Callas. Elas não falavam

muito do seu dom, simplesmente amassavam, mexiam e batiam como se tivessem nascido para o fazer. Mas, de vez em quando, acontecia algum evento, ou aparecia uma pessoa e punha uma estrelinha ao lado de uma receita. Cressida sabia exatamente a que procurava. Virou as páginas até a encontrar.

Marathopita. Os achatados pãezinhos recheados que a sua avó fazia quando ela era pequena. Eram o seu pequeno-almoço favorito. O recheio era de azeitonas e queijo *halloumi*, bastante clássico, mas a avó de Cressida acrescentara algumas anotações: **Adicionar erva-doce para manter alguém complacente. Para afastar, substituir por espinafre e aneto.* Cressida tinha espinafres e aneto na horta. Depois de fazer a massa, picou finamente o aneto e os espinafres, moldou perfeitos pãezinhos recheados e meteu-os no forno. Depressa ficaram prontos para levar a Marjory para o pequeno-almoço. Ela tinha de decidir ir embora por si própria. Cressida não podia ficar a sentir-se ainda mais culpada por lhe pedir para partir.

Pouco antes das dez, tinha o tabuleiro do pequeno-almoço preparado, o café feito. Talvez fosse melhor esperar que Marjory acordasse, pensou Cressida de repente, já com a mão levantada para bater à porta. Mas, antes que tivesse tempo para retroceder, a sua hóspede saiu para o jardim, com um sorriso acolhedor estampado no rosto.

— Bom dia, Cressida! — exclamou, acabada de sair do duche e vestida com calças de ganga, uma *T-shirt* branca e ténis. Cheirava a damascos e limões com apenas uma pitada de louro, como o aroma que a casa tinha antes de Leo ter falecido.

Cressida, para com isso, estás a pensar como uma louca. É por isso que tens de a fazer ir-se embora.

— Bom dia, Marjory — respondeu-lhe.

— Por favor, trate-me por Jory.

Cressida assentiu.

— Trouxe-lhe um pequeno-almoço grego clássico. Cultivamos tudo aqui em Naxos; muitos destes ingredientes, neste mesmo jardim. Em junho, o espinafre está na época própria e cheio de sabor. Tem fome?

— Tenho, sim. Mas, antes, queria agradecer-lhe.

Cressida sentou-se à frente de Jory e pousou o tabuleiro na mesa.

— Agradecer? Porquê?

— Pelo bolo de ontem à noite. Sei que fui tola por não ter feito uma reserva e que a Cressida não estava à espera de hóspedes, e peço sinceramente desculpa por isso. Não tinha percebido o incómodo que isso deve ser, antes de estar preparada para a temporada. Mas aquele bolo que fez para mim... Oh, meu Deus, obrigada. *Obrigada*.

Cressida levantou-se bruscamente, com o coração a bater muito depressa.

— Bolo? Que bolo?

Jory corou.

— O bolo com mel e figos que me deixou aqui. Encontrei-o ontem à noite. Era para mim, não era? Estava na beira do alpendre, ao lado do meu quarto.

Ela tinha encontrado o bolo? E tinha-o comido?

Jory ainda estava a falar:

— Não sei o que havia naquele bolo, mas acho que nunca tinha comido nada que me tivesse feito sentir tão feliz. Não sei porquê, mas todas as dúvidas com que me debatia sobre ter vindo para cá, todos os medos e arrependimentos desapareceram. — Inclinou-se para apertar a mão de Cressida. — Sinceramente. Obrigada.

Depois olhou para a travessa de *marathopita* e acrescentou:

— Estou muito entusiasmada para provar o que me trouxe hoje!

Cressida não se apercebeu de que estava a apertar o tabuleiro de comida com tanta força que as mãos lhe tremiam. Mas o coração tremia-lhe ainda mais. O seu bolo. Fazer aquele bolo tinha-lhe trazido felicidade pessoal, e isso estava errado. Nunca estaria certo. Não lhe era permitido ser feliz. Mas, pela primeira vez desde que Leo morrera, o seu bolo também levava alegria a outra pessoa. Não era isso que ela fazia? Levar alegria aos outros através da comida?

— Quando foi a última vez que teve um hóspede no seu *bed and breakfast*?

— inquiriu Jory inocentemente. — Disse-me que ainda não era a época alta turística.

Enquanto falava, Jory estendeu a mão para pegar numa das *marathopitas*, arrancando Cressida ao seu devaneio de modo tão repentino que o tabuleiro

lhe caiu das mãos e os pãezinhos achatados tombaram no chão.

— Oh, Céus, lamento muito! — exclamou Jory, curvando-se apressadamente para os apanhar.

— Não foi a Jory — murmurou Cressida, ajoelhando-se também.

Mas Jory prosseguiu, sem a ouvir:

— Sou empregada de mesa há dez anos e, apesar de ser desajeitada em muitas coisas, nunca deixei cair um tabuleiro. Não sei o que aconteceu!

Fez menção de continuar, mas Cressida levantou os olhos e pousou-lhe a mão no braço.

— Não foi a Jory — repetiu.

O olhar de Jory encontrou o seu, e as duas partilharam um momento, sem saberem ao certo o que esse momento significava.

Um tropeção e um «Uf!» abafado soaram do outro lado do muro do jardim. Mago.

— Bom dia, minhas pombas! Senti o cheiro do famoso café da Cressida. Sim, muito obrigada, vou comer convosco.

Mago estendeu a mão para pegar numa das *marathopitas* que Cressida tinha limpado e posto novamente no tabuleiro, mas a mão da anfitriã impediu-a.

— Não queres comer isso — disse Cressida, num tom significativo. Mago lançou-lhe um olhar severo e abanou a cabeça.

— Mago, esta é a Marjory St. James — apresentou Cressida. — Chegou no *ferry*, anteontem à noite. — Tocou com o pé em Mago por baixo da mesa. Não queria que Jory soubesse que era a sua primeira hóspede. Mago deu-lhe também um pontapé em resposta e recusou-se a olhá-la nos olhos.

— Nós já somos boas amigas, a Jory e eu. Oh, olha, Jory, daqui consegue-se ver o *ferry* a chegar. É uma visão e peras. Às vezes, sem que a Cressida saiba, venho sentar-me exatamente aqui, a ver os *ferries* entrar no porto.

— Vou arranjar fechaduras novas — resmungou Cressida, enquanto observavam a entrada do grande *ferry* na baía de Naxos.

— Não posso acreditar que estava naquele *ferry* na outra noite. Parece tão pequeno, visto daqui — refletiu Jory. — Parecia um arranha-céus flutuante, quando eu estava lá dentro. E olhem para ele agora. A perspetiva é

impressionante, não é?

Olharam as três para a baía. Cressida teve a mesma dor de sempre, seguida de uma profunda tristeza. Leo também não estaria naquele barco. Suspirou. Leo. Leo esperaria que ela oferecesse a Jory boleia para a cidade. E também esperaria que ela já tivesse comido, tendo em conta que estavam a abrir um *bed and breakfast*.

— Jory, tenho de ir à cidade daqui a pouco, se quiser boleia.

— Obrigada, isso seria ótimo. Vou só buscar a minha *sweatshirt* — aceitou Jory.

— Não há pressa. Desfrute do seu café, enquanto eu preparo um prato de fruta e iogurte para começar o seu dia. Mago, ajudas-me na cozinha?

Jory virou-se para Mago:

— Obrigada por me ter apresentado o Arie e pela companhia ontem à noite. Espero que tenhamos oportunidade de nos conhecermos melhor ao longo da próxima semana.

Mago sorriu a Jory, vendo-a servir-se de uma chávena de café, e foi atrás de Cressida para a casa principal.

— Ela fica — disse Mago. Não era uma pergunta.

— Eu sei, Mago — respondeu Cressida, num tom fatigado.

— Cressida, ele está morto. O Leonidas está morto. Tens a tua primeira hóspede, uma rapariga mais ou menos da tua idade que parece encantadora, adora a tua comida e seria uma boa amiga para ti se a deixasses. Por favor, minha querida, junta-te de novo aos vivos.

— Não sei como.

*

Cressida deixou Jory no ponto onde a estrada entrava na cidade principal de Naxos, que se chamava, apropriadamente, Chora Naxos, segundo Mago lhe dissera. Ela caminhou até à famosa Portara, o Templo de Apolo, ou Grande Porta de Naxos, na extremidade de uma península. Era uma visão verdadeiramente espetacular, aquela porta de mármore inacabada com vista para o mar. Jory desejou ter podido vê-la quando chegara no *ferry*.

Sentiu a onda de calor que sempre sentia quando olhava para um pedaço de história antiga. Aos seus olhos, não parecia história. Um templo, uma igreja, uma estrutura era como uma espécie de ponte entre a história e o presente, que fazia com que o passado parecesse mais real e lhe dava uma sensação incrivelmente reconfortante de que o mundo existira durante milhares de anos antes dela e continuaria a existir durante outros milhares de anos depois. O mundo podia ter telemóveis e computadores, mas já não produzia estruturas como aquela.

Às vezes, desejava ter estudado História ou Arqueologia em vez de Filosofia, mas o seu departamento de Filosofia tinha uma equipa de debate competitiva, pela qual ela se apaixonara e que não suportaria abandonar. Era boa aluna e tinha boas notas, mas era obrigada a reconhecer que, apesar de toda a sua paixão, muitas vezes perdia os debates. Como presente de licenciatura, os seus colegas de equipa tinham-lhe oferecido uma *sweatshirt* que eles próprios haviam desenhado. Na frente, logo abaixo o logótipo da universidade, estava a frase favorita de Jory para encerrar um debate.

Isto faz sentido?

Na parte de trás, dizia: *NÃO!*

Jory vestira a *sweatshirt* nesse dia, pensando em Kate, que fizera parte da equipa com ela.

Tinha conhecido Kate na faculdade, logo no seu primeiro dia na Universidade de Maryland. Lembrava-se claramente do dia em que Kate e os pais tinham chegado ao enorme edifício chamado Cumberland Hall, que passaria a ser a sua nova casa.

A mãe, Cindy, havia transformado o quarto delas, como sempre fazia. Nas fotografias publicadas na Internet, os quartos eram grandes, mas pouco convidativos, com paredes brancas, duas camas de solteiro e uma mesa de cabeceira com um armário. No entanto, o quarto delas não era nada assim. Cortinas de linho translúcidas adornavam as janelas, e havia quadros e prateleiras nas paredes, bem como uma placa de madeira na parede em que se lia: «A vida leva-nos a lugares inesperados para nos trazer para CASA.»

As camas estavam cobertas com edredões grossos e macios, almofadas azuis e mantas clássicas aos pés. A secretária fornecida pela escola fora

substituída por uma mesa de trabalho branca, de carvalho, com duas cadeiras, e havia um bonito tapete no centro do quarto. Quando Kate abriu a porta, ela e os pais tinham ficado a olhar, como se se tivessem enganado no quarto.

— Não fui eu. Estás à vontade para tirar qualquer coisa que não te agrade — dissera Jory, convidando-os a entrar.

Kate parecia exatamente o oposto de Jory, que era esguia, com cabelo loiro e crespo e um sorriso rasgado. Kate era mais baixa, mas tinha uma figura de ampulheta, longos cabelos castanhos que pareciam ser escovados cem vezes por dia e um rosto em forma de coração, com uma expressão que a fazia parecer genuinamente bondosa.

— Peço desculpa pela minha mãe. Não consegue evitá-lo, sinceramente. Sou a Jory — acrescentara, estendendo a mão. — Diminutivo de Marjory.

— Mas toda a gente te trata por Jory — retorquiu Kate com um sorriso.

Pensar nas amigas fazia-a ansiar pela companhia delas, por isso começou a andar em passo rápido, à procura de uma lojinha onde pudesse comprar alguns postais e talvez um novo livro em inglês, já que a pousada de Cressida não dispunha do sistema de troca de livros a que ela se habituara em estabelecimentos semelhantes nas suas viagens.

Supunha que Chora Naxos poderia ter-lhe parecido uma cidadezinha pequena e encantadora à chegada de Los Angeles, mas, em comparação com Potamia, era francamente grande. Ouviu alguns turistas a descer a rua íngreme falando de algo chamado «Kastro» e começou a anotar mentalmente os sítios que queria explorar. Mas, primeiro, queria descobrir uma livraria.

Depois de se meter por inúmeras vielas, Jory encontrou por fim uma loja com uma placa na montra a anunciar «Livros em inglês». Entrou no que parecia ser uma galeria de arte. Uma jovem veio do fundo da loja, com um sorriso de boas-vindas no rosto. Era apenas um pouco mais velha do que a própria Jory — andaria provavelmente na casa dos trinta, tinha cabelo preto liso com uma franja espessa, vestia um *top* vermelho descaído nos ombros e uns corsários pretos e usava sapatos de salto alto às riscas.

— Em que posso ajudar? — perguntou a mulher, num inglês com um ligeiro sotaque.

— Bem, eu vinha comprar um livro e alguns postais. Não sabia que era

uma galeria de arte. A senhora é a artista?

A lojista arqueou uma sobrancelha.

— Não, isto é uma coleção de peças de artistas de toda a ilha. São peças mais sofisticadas, bastante caras. Os livros em inglês estão no canto ali atrás, com algumas pequenas lembranças.

— Ah. Obrigada. — Jory adorava arte e gostaria de ver a galeria, mas sentia-se como uma intrusa naquela loja de luxo, vestida como estava. Por isso, deu uma vista de olhos rápida aos postais e escolheu os seus cinco favoritos, todos cópias de trabalhos dos artistas da galeria. Os livros antigos usados custavam dois euros cada, portanto, ela levou três: um pequeno guia de bolso de Naxos em inglês, uma história da Grécia e da sua mitologia, que lhe pareceu que seria interessante enquanto explorava a zona, e um romance leve para se distrair.

Dirigiu-se ao balcão para pagar, e a mulher meteu os livros num pequeno saco, acenando com a cabeça, e depois dirigiu-se para as traseiras da loja. Jory olhou para a sua *sweatshirt* e abanou a cabeça.

— Desculpe! — chamou.

A mulher virou-se, novamente com uma sobrancelha arqueada.

— Será que pode dizer-me onde faz as suas compras?

— As minhas compras?

— Sim, onde compra a sua roupa. Está muito elegante, ao passo que eu...

— Jory baixou o olhar para si própria e esboçou um sorriso envergonhado.

A mulher pareceu ponderar por um momento, depois assentiu.

— Venha ter comigo aqui na sexta-feira, depois do trabalho. Eu levo-a a uma loja local que os turistas não conhecem.

Jory ficou surpreendida.

— Isso é muito amável da sua parte. Não esperava...

— Ganho uma comissão — declarou a mulher sem rodeios.

— Está bem. Obrigada. Acho eu — murmurou Jory. Estava prestes a sair quando ouviu a sineta por cima da porta.

Se a mulher atrás do balcão já parecia impressionante antes, agora era tal e qual uma supermodelo, com um sorriso que irradiava *megawatts*.

— Shane!

Jory virou-se e viu um homem de trinta e poucos anos, com cabelo castanho encaracolado e barba curta, olhos verdes cintilantes, um sorriso rasgado e atrevido. A sua boca ficou seca. Ele trazia roupa casual, uns calções caqui e uma camisa com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, mas, de algum modo, parecia tão elegante como a mulher da loja.

— Diz-me que vieste para me arrebatat daí — disse a mulher, dando-lhe um beijo em cada face e segurando-lhe os braços durante o que pareceu muito tempo.

— Só para que possas partir-me o coração? Porque és tão cruel, Selene? — Ele dirigiu-lhe um sorriso digno de uma estrela de cinema e levantou os olhos, reparando em Jory pela primeira vez.

O sorriso dele fê-la sentir-se autoconsciente como já não se sentia havia muito. Jory sabia que não era pouco atraente, mas nesse dia, com a sua *sweatshirt* largueirona e na companhia de uma mulher tão bem arranjada, sentia-se incrivelmente maltrapilha.

— Shane, terei todo o gosto em partir-te o coração, uma e outra vez, se me deixares — suspirou Selene de forma teatral. Mas o homem continuava com os olhos fixos em Jory, que estava agora a olhar para o teto e a corar. Selene franziu a testa. — Vou buscar o teu quadro.

Ele deambulou para mais perto de Jory. *Controla-te, Marjory*, admoestou-se ela. *És uma mulher adulta, não uma adolescente desmiolada*. Virou-se para sorrir e deparou-se com ele muito perto, tão perto que deu um passo atrás e quase tropeçou.

— Desculpe — disse ele. — Estava a tentar ler a sua *sweatshirt*, para ter a certeza. É uma Terp.

— O quê? — Jory ficou momentaneamente em branco.

— Os University of Maryland Terrapins, certo? Toda a gente os conhece como Terps. Grande equipa de basquetebol. Eu diria que eram nossos rivais, mas dificilmente se pode falar de rivalidade quando se perde todos os jogos. — Ele riu. — Penn State — acrescentou, metendo as mãos nos bolsos e encolhendo os ombros.

Jory estava finalmente a perceber. Baixou os olhos para a sua *sweatshirt* e sorriu. *Uma vitória para ti, sweatshirt*.

— Ah, sim, uma boa escola. Tirando a equipa de basquetebol.

— Então, acabou agora a sua licenciatura, ou algo do género? Verão na Europa? — perguntou ele, num tom casual.

— Vou tomar isso como um elogio e não como uma crítica à minha camisola — gracejou Jory. — Pode ter sete anos, mas não é fácil encontrar uma boa *sweatshirt* hoje em dia.

— Aqui tens, Shane — disse Selene, regressando apressadamente do fundo da loja. — O teu quadro. — Entregou-lhe a tela embrulhada. — Se voltares amanhã, terei o certificado de autenticidade pronto para ti.

— Selene, todos os dias me dizes que, se voltar amanhã, terás o resto para mim. Começo a pensar que podes estar a pregar-me uma vigarice. — Shane riu e piscou o olho a Jory. Estendeu-lhe a mão. — Prazer em conhecê-la, Terp.

Jory levantou a mão para apertar a dele, mas, no momento em que as suas peles se tocaram, foi como se uma corrente elétrica percorresse o seu corpo. Arrancou a mão da de Shane e recuou bruscamente, o que a fez esbarrar num expositor de estampas de papelão e atirar tudo ao chão.

— Ui! — exclamou ele, e estendeu as mãos para segurar o suporte, mas Jory saltou outra vez, para evitar o seu toque, e conseguiu derrubar mais um expositor.

Ela nem queria olhar, de tão envergonhada que estava.

— Está bem? — perguntou ele num tom preocupado, sem a mais pequena pitada de humor na voz.

— Estou bem, obrigada — murmurou ela, começando a apanhar e a empilhar as estampas.

— Deixe-me ajudar — ofereceu-se ele.

— *Não!* Quero dizer, não, obrigada — corrigiu Jory, corando ainda mais.

Foi acudida por Selene:

— Shane, querido, poupa-a ao embaraço. Eu ajudo-a. Vejo-te em breve, com os documentos.

— Mas...

— Xô, xô — fez Selene, e Jory ouviu o sorriso nos seus lábios.

Por fim, ouviu a porta a fechar-se e virou-se lentamente para Selene, que

estava a olhar para ela com uma sobranceira arqueada e a bater com um pé no chão.

— Peço muita desculpa — disse Jory. — Não sei o que aconteceu. Vou arrumar isto tudo, prometo.

Mas Selene ergueu as duas sobranceiras e apontou para a porta. Jory fez um sinal de assentimento, pegou nas suas coisas e dirigiu-se para a saída.

— Sexta-feira às quatro, para as compras — disse Selene, atrás dela. Jory virou-se.

— Vai levar-me na mesma? Depois disto?

Selene revirou os olhos.

— Comissão, já lhe disse. Além disso, estou em dívida para consigo.

— Em dívida? — perguntou Jory, confusa. — Porquê?

— Por me ter feito parecer ainda melhor do que já sou.

Jory não pôde deixar de sorrir. Acenou-lhe, e Selene revirou novamente os olhos.

Quando saiu, encaminhou-se para a beira-mar, para comer qualquer coisa, esfregando a mão que havia tocado na de Shane.

Estava a arder.

*

Queridas Liz e Kate,

Acho que conheci o meu incendiador. Estou a passar-me e vou comprar um bilhete de avião amanhã...

Queridas Liz e Kate,

É tudo maravilhoso aqui! Está a ser o melhor momento da minha vida e tem tudo que ver com a maneira como quero viver a minha vida e o motivo porque quero vivê-la assim. Quer dizer, sou uma viajante! Estou completamente aberta a todas as situações e a tudo o que a vida possa atirar-me ao caminho!

E, com este, são oficialmente dois postais estragados! Raios.

Queridas Liz e Kate,

Ficarão encantadas por saber que vou finalmente reformar a minha sweatshirt da equipa de debate, embora, para ser justa, no seu último suspiro, ela me tenha valido uma conversa com um homem lindíssimo, ainda que ele me tenha chamado «Terp». Não fiquem já todas entusiasmadas, não vou voltar a vê-lo, pois provavelmente somos ambos turistas americanos. Conheci-o numa galeria de arte na ilha de Naxos. Na verdade, estou hospedada numa aldeia muito pequena, chamada Potamia, a nove quilómetros (cerca de seis milhas) da principal cidade turística, numa pequena pousada encantadora, sem nome, gerida por uma mulher chamada Cressida. Ela não parece gostar muito de mim, verdade seja dita, mas eu estou determinada. Conheci alguns dos habitantes de Potamia; Mago, a vizinha, é uma ótima companhia. Mais detalhes em breve. Acho que vou ficar na ilha por uns tempos. Há aqui algo que me faz sentir em casa. E não tem nada que ver com o lindíssimo desconhecido, portanto, deixem-se imediatamente de ideias. Sinto a vossa falta como de um membro fugido.

Beijos, Jory

Pronto, pensou. Suficientemente sincero, mas sem detalhes sobre o incendiador. Não aguentava ter de lidar com Liz e Kate a falar do assunto.

Ao fim da tarde, já tinha a sua conta de Chora Naxos. Tivera um almoço abundante de peixe, batatas fritas e salada grega num dos restaurantes da principal rua à beira-mar, no cais de Naxos. A comida era fresca, e os ingredientes eram locais, mas a refeição era obviamente destinada a turistas que quisessem sentar-se junto ao mar para gozar a vista. Ela era um desses turistas, claro, mas, depois do bolo da véspera, sentia que havia talvez algo um pouco especial na culinária de Cressida, ainda que não tivesse chegado a provar os pãezinhos achatados dessa manhã, que tinham um aspeto e um aroma divinais. Sentiu uma ânsia súbita por Potamia e pelo seu quarto, o que era surpreendente. Tinha a certeza de que Cressida não gostava verdadeiramente de ter hóspedes na sua pousada e não queria fazer amizade com ela, contudo, Jory não deixava de desejar estar lá mais do que em qualquer outro sítio. Tinha os seus livros novos e um saco de comida, que incluía azeitonas, carnes fatiadas e um pouco de queijo local, para jantar no seu alpendre.

Apanhou a última camioneta para Potamia e apeou-se em frente da pousada por volta das cinco e meia. Mal podia esperar para ir buscar a *scooter* na manhã seguinte e explorar a região, por isso folheou o novo guia e marcou algumas páginas. Tomou um duche quente na casa de banho grega clássica — lavatório e sanita de um lado, e um chuveiro aberto que inundava todo o chão antes de a água se escoar. Ainda não se tinha habituado àquela disposição, nem à porta continuamente empenada devido ao calor do compartimento. Por fim, depois de empurrar a água para o ralo central e enrolar uma toalha à volta do corpo, abriu a porta com um pontapé.

Deixa a porta aberta, Jory, não te esqueças!

Depois de se vestir, resolveu tentar a sua sorte com Cressida. Pegou na garrafa de vinho fresco que tinha comprado e foi bater à porta da casa principal. Bateu mais duas vezes antes de Cressida finalmente vir abrir, apenas um centímetro. Embora ainda fosse cedo, estava de pijama, e o seu rosto parecia inchado.

— Sim, Jory, em que posso ajudar? — perguntou a anfitriã educadamente.

— Comprei uma garrafa de vinho... queria saber se a Cressida estaria interessada em beber um copo antes de terminar o dia. Parece-me demasiado bom para desperdiçar só comigo. — Jory sorriu.

Cressida não correspondeu ao sorriso, embora a tivesse olhado por um longo momento.

— Isso é muito amável, Jory, obrigada. Talvez para a próxima. Estou bastante ocupada esta noite. — Fez menção de fechar a porta, mas conteve-se. — Durma bem. Terei o pequeno-almoço para si às dez horas, a não ser que prefira que lho leve mais cedo.

Jory suspirou.

— Às dez é perfeito, obrigada. Boa noite. Durma bem.

A porta fechou-se.

— Psst. Jory. — Ela olhou em redor, em busca da origem da voz sibilada. — Aqui em cima! — Era Mago, a sorrir-lhe por cima da cerca que separava a sua casa da de Cressida. — Ouvi-te a dizeres que tens vinho. Terei todo o gosto em partilhá-lo contigo, se quiseres. — Piscou-lhe o olho.

Jory dirigiu-se à estrada e contornou a cerca, até onde Mago a esperava com a porta aberta.

— Não te preocupes, ela lá chegará — afirmou em voz baixa, fazendo sinal a Jory para entrar.

A casa de Mago era estreita e muito mais pequena do que a pousada ao lado, mas estava decorada com fotografias de família e pintada em cores vivas, e dispunha de um segundo andar onde ela tinha uma área de estar e um terraço com vista para um pequeno jardim.

— Senta-te no terraço — disse Mago. Jory abriu o vinho, enquanto ela ia buscar dois copos e uma pequena tábua de queijo e pão. — O que compraste?

— Ah, só uma garrafinha de algo branco e fresco, que dizia que era da ilha. Eu estava limitada à loja de vinhos de Chora — respondeu Jory, enchendo os copos. Bebeu um gole. Não tinha um sabor excepcional, mas era fresco e agradável na sua boca. — Não há dúvida de que não é tão bom como qualquer um dos vinhos do Arie. Devia ter-lhe comprado mais do que apenas o de ontem. Mas é aceitável?

Mago provou, girando o líquido na boca como uma profissional.

— É vinho e tem álcool. Serve perfeitamente — declarou, e Jory riu.

Mago estendeu-lhe uma fatia de pão com queijo-creme. Era delicioso, mas, de repente, Jory sentiu uma tristeza inacreditável. Não conseguiu engolir e pôs o pão.

— Massa lêveda? — perguntou. Mago assentiu. — Tem um sabor perfeito, tão macio no meio e com a crosta crocante, o queijo a derreter lá dentro. E no entanto... de repente, tive a impressão de que ia começar a chorar se lhe desse outra dentada. O que é muito estranho, porque até este momento não tinha qualquer vontade de chorar.

Mago suspirou.

— Sim, isso é o grande dom e a grande maldição da Cressida. Aquilo que cozinha contém um pedaço da sua alma. Quando o marido morreu e ela cozinhou para o funeral, a congregação ficou inconsolável durante duas horas, a comer o sofrimento dela.

— Não sabia que ela tinha um marido e que ele tinha morrido. É tão nova — disse Jory baixinho.

— Sim. O Leonidas, no ano passado. Era um jovem de Atenas, cheio de charme, que um belo dia veio à ilha e se apaixonou de imediato pela nossa Cressida. Durante anos viveram numa pequena caixa de sapatos em Chora, poupando dinheiro enquanto trabalhavam para comprarem a casa aqui ao lado, que sonhavam transformar numa pousada com taverna. Compraram-na há cerca de três anos e fizeram eles próprios a maior parte das remodelações, com a ajuda da aldeia. A horta era cultivada para fornecer ervas e alimentos para a taverna. A Cressida é uma cozinheira exemplar. Às vezes, o Leo apanhava o *ferry* para ir a Atenas visitar a família e comprar coisas para a pousada. Um dia, vimos o barco a entrar, mas o que trazia era apenas o corpo dele. Acidente de viação. Inesperado.

Jory largou o pão, pois era certo que não precisava de trazer mais lágrimas de compaixão aos seus olhos. Mago acariciou-lhe o joelho e deu outra dentada.

— O pão não a afeta da mesma maneira? — inquiriu Jory.

— Afeta, sim, mas eu também perdi um marido, portanto a dor e a tristeza são-me familiares, como um velho amigo.

Quatro

Jory foi buscar a *scooter* logo a seguir ao pequeno-almoço, composto por uma omeleta recheada com pimentos, tomate e um queijo que Cressida dissera ter sido feito por ela ali em casa. Não se mostrara excessivamente conversadora, mas, ainda assim, a sua atitude fora mais amistosa do que antes. Jory decidiu que todos os dias tentaria fazer amizade com Cressida, a jovem cujo marido tinha morrido tão novo e que se via agora a contas com uma hóspede para a qual obviamente não estava preparada, mas com o cuidado de não a pressionar.

— Aqui têm, menina Marjory — anunciou Nico com o seu sorriso amigável, entregando-lhe um capacete. — É sua por uma semana. Precisa de sugestões sobre locais aonde ir?

— Oh, isso seria ótimo! Tenho aqui uma lista — disse ela, puxando das notas que tomara com base no guia. Embora este tivesse pelo menos cinco anos, partia do princípio de que muitos dos locais referidos, se não todos, ainda existiriam. Nico pegou na lista, abriu o guia na página do mapa e fez algumas anotações. Depois devolveu-lho.

— Pelos lugares que escolheu para visitar, dá para perceber que gosta de explorar fora dos circuitos habituais, portanto assinalei aí mais algumas praias e enseadas que pode procurar. É possível que se perca. Não entre em pânico. Se estiver a descer, vai dar à água. Se estiver a subir, está a dirigir-se para casa. Percebeu? — rematou, piscando-lhe o olho.

Ela sorriu e fez um sinal com o polegar para cima:

— Percebi. Obrigada, Nico! Trago-lha na próxima terça-feira!

Nico acenou e voltou para a loja. Jory ouviu a discussão a começar de imediato.

— Porque me atiras coisas, Nefeli? Tens inveja?

— Inveja?! De quê? — gritou ela.

— Da vida que podias ter tido se nunca tivesses casado comigo! Como a dela!

Jory apressou-se a pôr o capacete na cabeça e a ligar o motor, antes que pudesse ouvir mais.

Estás a ver, Jory, a sorte que tens por nunca queres estar numa relação ou apaixonar-te? A Mago disse que o Nico e a Nefeli fizeram fátisca de tal maneira quando se conheceram que se acendeu o lume nas lareiras por toda a aldeia. Como a minha mãe diz sempre, quando se encontra aquele que nos faz irromper em chamas e arder, a vida muda para sempre. E se acabasse assim? A prescindir de tudo o que conhecia e amava para ficar. Como Nefeli fizera.

Mas ela não teria esse destino, pensou, enquanto abria o mapa e escolhia o seu primeiro itinerário.

Vida, Jory, não destino. Para de pensar nessa palavra! Sabes que o destino não existe, caramba!

Porque, mesmo que houvesse alguém que deixasse a sua pele em chamas, o seu incendiador, ela não se deixaria tentar. E Shane não tardaria a partir da ilha. Não que ele fosse alguém que a fizesse sentir-se mais do que uma tonta. Não, ela não sentia nada. Nada mesmo.

Jory passou os dias seguintes a explorar a ilha na sua pequena *scooter* vermelha. Adorava alugar esse tipo de veículo quando viajava, adorava a sensação do vento no corpo, do mundo a passar rapidamente, mas não tão depressa que ela não conseguisse ver tudo. A *scooter* abria-lhe toda a ilha. Naxos era a maior ilha das Cíclades, com quatrocentos e trinta quilómetros quadrados, mas a maioria da população estava concentrada em Chora Naxos, por isso, mesmo durante a época turística mais movimentada, era possível encontrar uma estrada e uma praia só para si.

Era o início de junho, e, embora fosse oficialmente verão e as férias escolares já tivessem começado, a ilha continuava bastante tranquila. O vento abrandara, e a temperatura estabilizara nos vinte e seis graus Celsius todos os dias — a combinação perfeita de humidade e brisa marítima para produzir

calor, o suficiente para se ter vontade de nadar, sem ser sufocante. O auge da época turística começava em julho e só atingia o pico em agosto, pelo que Jory deu por si muitas vezes como a única pessoa, ou uma das poucas, nas pequenas enseadas secretas que visitava.

Visitou as praias gémeas de Mikri Vigla. A que ficava mais a norte chamava-se Parthenos e era famosa pelos ventos *Meltemi*, que ela sentira quando chegara à ilha, e Jory teve lá uma aula de *windsurf*. Foi incrível. Quando o vento finalmente levantou a vela da sua prancha, foi como se estivesse a voar, empurrada a uma velocidade que a punha ao nível de um veleiro. Riu alegremente até ir bater de cara na água, o que a deixou com um olho negro no dia seguinte.

Foi também a Orkos, que era mais uma série de pequenas enseadas escondidas, com águas cristalinas, e no dia seguinte visitou Alyko, que era rodeada por uma floresta de cedros. Foi a sua favorita, com o pano de fundo rochoso e grandes dunas de areia branca e macia como pó sob os seus pés. A praia estava completamente intocada e fê-la sentir que tinha chegado ao paraíso.

Depois de ter explorado os locais mais conhecidos, começou a seguir o mapa de Nico e encontrou enseadas e praias escondidas, onde era frequentemente a única pessoa. Assinalava-as com um círculo no seu mapa, que mostrava a Mago à noite. Algumas tinham nome, outras não. Quando não tinham, Jory inventava um, como se fosse o título de um episódio da série *Friends*. «Aquela Onde Caí da Falésia», «A do Olho Negro», «A da Maré Monstruosa» e assim por diante.

Todas as noites regressava à pousada e batia à porta de Cressida com uma oferta de comida ou bebida. E todas as noites Cressida abria uma fresta, esboçava um sorriso que não lhe chegava aos olhos, dizia que não, obrigada, e fechava a porta atrás de si. E Jory acabava por ir parar à casa de Mago.

Todas as noites, as duas partilhavam um *kitron* ou uma garrafa de vinho. Falavam sobre quase tudo, e Jory adorava Mago. Tinha a sensação de que ela lhe escondia alguma coisa, mas não a conhecia suficientemente bem para tentar sondá-la. Essa impressão vinha-lhe da maneira como Mago ficava por vezes a olhar para a lua, como se estivesse em transe. Ou de como apalpava a

testa, como se suspeitasse de que estava com febre. Ou da maneira como, de vez em quando, ficava em silêncio depois de falar de Arie, como se ser tão feliz a deixasse triste.

— Então, que enseada secreta descobriste hoje? — perguntou Mago.

Jory soltou um risinho.

— Bem, a esta chamei «A das Maminhas».

Mago riu tanto que se engasgou com o vinho.

— Tenho alguma hipótese de adivinhar porquê?

— Não — respondeu Jory —, portanto, vou dizer-lhe. Descobri uma enseada escondida, uma das que estão no mapa do Nico. E é mesmo *completamente* escondida. Fui nadar, encontrei duas raparigas adoráveis e pusemo-nos à conversa. De repente, vem uma onda, elas saltam e...!

Mago ria à gargalhada.

— *Topless*! E aí temos a das maminhas.

— Agora temos — respondeu ela, rindo.

— Oh, Jory, querida, que maravilha termos uma pessoa nova e fresca aqui em Potamia! Já lá vai muito tempo, sabes. Muito, demasiado tempo. Quase me pergunto se a Nefeli tinha razão.

— A Nefeli? O que tem ela que ver com isto?

— Na última reunião da freguesia, pouco antes da tua vinda, ela comunicou-nos uma das suas premonições. A mudança estava a chegar, disse ela. Na forma de um desconhecido que transmitia uma sensação familiar, de certo modo. Como estar em casa.

Jory ficou interessada.

— Isso parece um pouco estranho e, no entanto, é exatamente como eu. Sou uma St. James. Esse é o nosso dom. — Fez uma pausa. — É normal a Nefeli ter... hum... premonições?

— Oh, sim — respondeu Mago —, é o dom dela. Muitas pessoas não dão importância às suas palavras, porque ninguém sabe o que ela está a ver naquele seu telemóvel. Mas eu conheço a Nefeli Castellanos. Não tão bem como a Cressida, mas suficientemente bem.

— A Cressida e a Nefeli?

— Amigas absolutamente inseparáveis, noutros tempos, embora me

pareça que não voltaram a falar desde a morte do Leo.

— O que aconteceu? — perguntou Jory, inclinando-se para a frente.

— Como é que eu haveria de saber?

Jory riu.

— Porque a senhora sabe tudo, Mago.

— É verdade, mas não quando são mexericos de outras pessoas.

Jory hesitou:

— E os seus próprios mexericos?

Mago riu baixinho e olhou novamente para a lua.

— Eu digo-te se tiver algum.

— Está bem — respondeu Jory, apertando a mão de Mago, e deixou cair o assunto. Por enquanto.

Na sexta-feira, às quatro da tarde, Jory esperou à porta da galeria de arte, enquanto Selene a fechava e trancava atrás de si. Quando terminou, virou-se e olhou para Jory, que havia abandonado a *sweatshirt*, mas ainda estava de calças de ganga, *T-shirt* e ténis. Olhou-a mais uma vez de alto a baixo, e os seus olhos semicerraram-se ao pousarem no cabelo dela.

— Palavra que não há nada que possa fazer acerca disso? — perguntou ela, acenando para a cabeça de Jory.

— Não quando passo o dia inteiro a tirar e a pôr um capacete. Não pode estar assim tão mal — disse Jory, levando a mão à cabeça. — Com que aspeto é que estou, a sério?

Selene tirou um espelho da mala e apontou-o para Jory, que ficou de boca aberta.

— Oh, meu Deus! Não posso acreditar que ando assim há três dias! — O cabelo no cimo da cabeça estava achatado pelo capacete, mas as pontas, que ela não tinha apanhado atrás, estavam tão frisadas pela humidade que tinham três vezes o volume normal em torno dos seus ombros. Prendeu-as num carrapito baixo, mas continuava com um aspeto ridículo.

A boca de Selene contorceu-se num quase sorriso:

— Venha, a loja da *madame* Dionysia é por aqui. A coleção dela é divinal.

Dá esperança até no caso das perspectivas mais sombrias — declarou, olhando significativamente para Jory, que corou, mas estugou o passo atrás dela.

Selene abriu a porta da *boutique* de *madame* Dionysia e conduziu Jory a uma sala de estar. Depois dirigiu-se ao estúdio nas traseiras e bateu três vezes, o seu sinal quando trazia uma turista pagante. A *madame*, cujo nome verdadeiro era Doris, veio das traseiras, vestindo um elegante fato de calças e casaco vermelho.

Selene lembrava-se de quando era mais nova e não tinha dinheiro, de como via os turistas ricos a entrarem e saírem daquela loja e admirava a *madame*, e jurara que um dia seria ela a fazer compras ali. Uma vez, a *madame* apanhara-a, pouco depois de Selene ter começado a trabalhar na galeria do outro lado da rua, a olhar pela montra da sua loja antes de abrir.

— Já ouviu a frase «finge até conseguires»? — perguntara a *madame* atrás dela naquele dia, cinco ou seis anos antes. Selene assustara-se ao ouvir a voz nas suas costas e detestara ter sido apanhada a espreitar, cheia de desejo. Afivelara a sua expressão mais altiva. A *madame* acenara de modo aprovador com a cabeça. — Vejo que já ouviu. Entre, tenho-a observado ao longo das últimas semanas.

Engolindo o seu orgulho, pois desejava desesperadamente entrar na *boutique* de *madame* Dionysia acima de qualquer outra coisa, seguiu a elegante mulher para o interior da loja. A *madame* conduzira-a através da sala de estar vazia na frente do espaço, onde havia apenas uma mesa, com champanhe e queijo, e um provador dourado. Não havia roupa à vista, tirando a que estava exposta num par de manequins e numa treliça com chapéus, *écharpes* e joias.

— Onde estão as roupas? — perguntara Selene, que esperava encontrar belas fileiras de criações em cetim e seda, talvez organizadas por estilistas.

— Segue-me — dissera a dona da loja, e Selene assim fizera, indo atrás dela até às traseiras do estabelecimento, onde havia filas e filas de suportes com centenas de peças glamorosas. Ficara com água na boca, cheia de inveja, e tivera vontade de sair dali nesse preciso instante, tão invejosa se sentia daquilo que não tinha. Virara costas, mas a *madame* detivera-a e dirigira-se a um suporte, do qual tirara um *top* preto com os ombros descaídos e um par de corsários estruturados a condizer. Depois entrara num *closet* e regressara com

um par de sapatos. Entregara tudo a Selene.

— Vai para a tua galeria, usa isso e finge que és tão boa como todas as que entram por aquela porta. E quando te perguntarem onde arranjás as tuas roupas de marca, trá-las cá. Por cada cinco mil euros que me ajudares a vender, eu dou-te um conjunto de roupa; será a tua comissão. Com o tempo, conseguirás a vida que desejas, e ninguém saberá que no princípio não era a tua.

Isso fora anos antes, e Selene estava no bom caminho. Economizava o seu salário, que não era mau, para comprar os melhores sapatos, ir a bons restaurantes, onde homens elegíveis talvez se oferecessem para lhe pagar as bebidas, e ter um bom apartamento, que decorara com elegância. Mas continuava a ganhar as melhores comissões da *madame*, e, ao longo dos anos, as duas tinham-se tornado amigas.

— Selene — disse Doris, dando-lhe um beijo em ambas as faces. — Obrigada, minha querida, por mais uma cliente. És mesmo excelente na tua função aqui. — Olhou para a frente da loja, onde Jory aguardava com um ar deslocado, torcendo as mãos. — Tens razão, ela precisa decididamente de um novo guarda-roupa. Nunca sei porque é que estas americanas ricas desleixam assim o seu aspeto. Uma mulher deve ter brio na maneira como se veste!

Selene assentiu, virando a cabeça para evitar os olhos da *madame*. Sabia perfeitamente que Jory não tinha dinheiro para comprar fosse o que fosse naquela loja, mas uma mentirazita nunca fizera mal a ninguém. Trouxera uma jovem que queria roupas novas, e essa era a sua função. Sabia que não era correto envolver a *madame* no seu esquema, mas Jory precisava de saber com quem se estava a meter.

— Venha, vou apresentá-la. Apenas as peças de topo, certo? — disse Selene, e a *madame* seguiu-a com um suporte das suas melhores roupas.

*

Jory sentiu-se imediatamente envergonhada quando a *madame* Dionysia lhe trouxe a seleção para experimentar. Devia ter calculado, com base no traje de Selene e no aspeto da loja, que aquela roupa estaria completamente fora do

seu alcance. Tinha estado numa loja como aquela em Beverly Hills uma vez e nunca a esquecera.

Não havia dúvida de que as roupas valiam o preço que custavam, pois eram cosidas à mão e feitas com tecidos da mais alta qualidade. E eram lindíssimas. Quando a *madame* lhe mostrou um macaco verde-esmeralda, de gola subida e mangas largas, que ela adorou e lhe assentava perfeitamente, chegou a pensar que talvez até pudesse ponderar uma extravagância. Mas, quando viu que essa extravagância custava dois mil euros, engasgou-se. Aquilo era o seu orçamento para um mês de viagem!

— Essa cor assenta-lhe lindamente, Jory — disse Selene. Desconfiada, ao ouvir a doçura do seu tom, Jory virou-se para a olhar e viu a expressão de divertimento nos seus olhos.

Selene sabia que ela não podia pagar aquelas roupas, mas levava-a ali mesmo assim. Era uma espécie de sabotagem, e Jory perguntou-se se a outra simplesmente antipatizaria com ela por algum motivo ou se o motivo seria aquele rapaz, Shane, em quem ela não voltara a pensar nem uma única vez, de todo. Selene namoriscara com ele com grande entusiasmo.

Jory não sabia se havia de se sentir envergonhada, magoada ou divertida. A questão com Selene divertia-a, mas o que não achava nada divertido era ter de lidar com uma situação que seria constrangedora para a *madame*, que lhe dedicara tanto tempo e tinha uma enorme paixão pelas suas roupas.

Por fim, resolveu simplesmente ser sincera e deteve a *madame*, quando esta se preparava para lhe trazer outro bonito vestido.

— *Madame*, essas peças que selecionou são incrivelmente bonitas, e eu adoraria comprá-las. Mas receio ter desperdiçado o seu tempo, e o seu, Selene — acrescentou, olhando para esta última. — Não tinha noção de até que ponto isto estaria fora das minhas possibilidades, embora devesse ter calculado, tendo em conta quão bonitas são as roupas da Selene. Mas receio não poder comprá-las.

A *madame* lançou um olhar confuso a Selene, mas sorriu a Jory.

— Com certeza, menina — disse ela, de modo profissional, acenou com a cabeça e dirigiu-se de novo para o fundo da loja.

Jory virou-se para Selene, que tinha a sobrancelha direita arqueada e estava

a olhar para ela com uma expressão de inocência simulada.

— Lamento muito tê-la embaraçado. É aqui que *eu* compro a minha roupa, portanto, claro, presumi que também seria adequada para o seu orçamento.

Jory percebeu então que aquilo era indubitavelmente por causa do rapaz. Selene estava a fazer tudo para provar que era melhor do que Jory, e, quando isso acontecia, era sempre por causa de um homem.

— Achou que eu estava interessada naquele homem que estava na loja? É disso que se trata? — inquiriu Jory.

Selene levantou o olhar, surpreendida, mas evitou os olhos de Jory.

— O Shane? Santo Deus, não. Estou à espera de que um homem rico apareça e me arrebate num turbilhão. O Shane é atraente, mas está de passagem. Partirá da ilha dentro de alguns dias e voltará para o que quer que faça na vida. Sabe o que ele faz?

Jory encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Só o encontrei uma vez. Ele vai partir em breve, diz a Selene?

A outra assentiu.

— Ótimo, isso é um alívio.

Selene mostrava-se confusa, quando a *madame* reapareceu, radiante e exibindo um vestido amarelo.

— Este! — declarou.

Os olhos de Jory iluminaram-se perante o simples vestido floral de verão, abotoado à frente, com mangas curtas e a cintura bem marcada.

— Oh, obrigada! Vou experimentar!

— O que está a fazer, *madame*? — sibilou Selene. — E onde foi arranjar esse vestido? Nem sequer é elegante.

— Selene, Selene, tu fazes o que tens a fazer, e eu faço o que tenho a fazer. Divertiste-te, agora deixa-me divertir-me a mim. Ela disse que não está interessada no homem, portanto, deixa o assunto. Eu tenho sempre um suporte com artigos mais baratos para a clientela com orçamento limitado,

caso contrário não conseguiria servir toda a gente. E acho que aquele vestido é muito agradável. Vai ficar-lhe bem.

Jory saiu do provador com o vestido de verão amarelo. De repente, a sala estava a cheirar aos batidos de banana que Selene e a mãe costumavam fazer todos os domingos à noite, como mimo especial para elas, depois de o pai de Selene as ter abandonado por uma turista rica quando ela tinha seis anos. Os seus dias tinham sido preenchidos por ressentimentos amargos quando ela andava no secundário, exceto as noites de batido de banana de domingo, em que o mundo se transformava num lugar seguro e esperançoso. Esse sentimento era agora tão intenso que a sua garganta ficou apertada e ela fez um aceno tenso, tentando evitar que uma lágrima lhe caísse pela face.

Ela acenou, e Jory sorriu:

— Obrigada.

Selene quase retribuiu o sorriso.

*

Nos poucos dias que tinha passado a explorar a ilha, Jory acabara quase sempre em Chora, pelo que a principal cidade da ilha se lhe tornara muito familiar. Adorava explorar o Naxos Kastro, o castelo veneziano do século XIII que albergava tanto o Museu Arqueológico como o Museu Veneziano. Era como um farol no topo da colina em que a cidade se erguia, o sítio aonde todas as estradas iam dar. O passeio marítimo de Naxos, à beira-mar, era turístico, mas não deixava de proporcionar uma bela caminhada ao longo do azul cristalino do mar Egeu. No seu coração, a sua pequena aldeia de Potamia era muito superior, e Jory sentia-se em casa lá, mas adorava Chora Naxos.

Mago tinha-lhe falado de um restaurante muito bom, um pouco fora dos caminhos mais batidos, onde Cressida trabalhara outrora, e Jory tinha grande curiosidade em saber mais sobre o passado de Cressida. Queria fazer perguntas acerca do marido dela, de Nefeli, do seu dom culinário, do motivo por que a sua pousada nunca tinha tido um hóspede antes. Eram muitas as coisas que queria saber, por isso resolveu ir lá, na esperança de arranjar um bom começo de conversa que pudesse servir para envolver Cressida nessa

noite.

Dirigiu-se para a parte antiga da cidade, passando pelos restaurantes à beira-mar, cheios de turistas, e meteu por uma pequena viela até chegar ao sítio que Mago lhe recomendara, Rigani. Era muito movimentado, mas a maioria dos comensais parecia grega e não turistas. Pequenas mesas cobertas com toalhas vermelhas e brancas transbordavam do espaço compacto do interior e espalhavam-se pelo passeio. Um empregado viu Jory a rondar à porta, apontou para uma mesa do lado de fora e disse-lhe para se sentar, que ele já viria atendê-la.

Passado um momento, estava a entregar-lhe uma ementa.

— Boa noite, menina. Posso trazer-lhe uma bebida, para começar? — perguntou ele.

— Sim, por favor. Um copo de vinho branco da casa, obrigada.

— Trago já.

Jory estudou o menu, que era um pouco mais caro do que o de alguns dos outros restaurantes aonde fora, mas os pratos pareciam originais e únicos. Ela adorava comida e descobrir novos pratos. Levantou o olhar no preciso momento em que o tal homem, Shane, se aproximava do restaurante.

— Merda! — sibilou. Olhou em redor, em busca de uma rota de fuga, e acabou por levantar a ementa diante do rosto, para se esconder atrás dela. *Merda, merda, merda. Com certeza ele não vem aqui. Está só a passar na rua.*

— Escolha uma mesa, senhor. Já vou atendê-lo — disse o empregado, cuja voz estava cada vez mais próxima.

— O seu vinho, menina? — anunciou, olhando para ela com uma expressão confusa.

— Ah, sim, obrigada — sussurrou ela.

Ele olhou em redor, sem saber o que fazer. Por fim, inclinou-se e sussurrou também:

— Quer que lhe indique os especiais?

Jory espreitou por cima da ementa e viu Shane à procura de mesa.

Havia uma livre a poucos metros dela, mas os pratos dos clientes anteriores ainda não tinham sido levantados. Ele foi postar-se junto da mesa, embora sem se sentar.

— Menina? — sussurrou novamente o empregado.

— Oh, hum. Vou optar pela especialidade da casa. O que for que o senhor recomende.

Ele fez um sinal de assentimento.

— Nesse caso, tenho de recomendar a massa com atum fresco capturado localmente e alcaparras. É o nosso prato de assinatura.

— Perfeito — murmurou ela, com um sorriso.

— Excelente, menina. A sua ementa, por favor? — acrescentou ele, estendendo a mão.

— Oh, hã, não, deixe estar, obrigada — disse ela, levantando mais a ementa ao ver Shane a olhar na sua direção com curiosidade.

— Menina, pode dar-me a sua ementa, por favor? Receio que esta noite estejam mesmo a fazer falta — insistiu o empregado, com um toque de impaciência.

— Está bem — cedeu ela com relutância, entregando-lhe a ementa. Felizmente, o empregado pôs-se à frente da linha de visão de Shane quando foi preparar a mesa para ele. Jory teve tempo à justa para mudar a sua cadeira de sítio, de modo a ficar virada para o outro lado, antes que ele pudesse vê-la.

Boa, Jory. Permitiu-se uma breve felicitação.

— Terp! — disse uma voz atrás de si, fazendo-a dar um salto na cadeira.

— Bolas! — murmurou Jory entre dentes. Virou-se para levantar o olhar, com a boca tão seca como quando o vira pela primeira vez, poucos dias antes. Ele era extraordinariamente bem-parecido. Ao vê-lo de perto, percebeu que os seus olhos eram de um tom azul muito claro. O cabelo castanho-claro era ligeiramente encaracolado, e usava uma barba bem tratada. Estava vestido com uma roupa semelhante à do outro dia, mas com calças de ganga em vez de calções. Tinha as mangas da camisa de linho creme enroladas sobre os antebraços, que Jory notou serem magnificamente esculpidos.

Apesar do vestido novo e de algumas outras coisas que comprara da seleção mais barata da *madame*, estava outra vez com a sua *sweatshirt* da Universidade de Maryland e calças de ganga.

O teu aspeto não tem importância, Jory. Porque não estás nada interessada. Nem um bocadinho. E o toque dele não te faz sentir nada...

— Na presunção de que é provável você ter um nome que não seja de facto Terp, permita-me que me apresente — disse ele. — Sou o Shane. — Estendeu-lhe a mão.

Jory ficou a olhar para a mão que ele lhe oferecia, com o coração a galope. Não podia apertá-la. Porque, embora não estivesse nem um bocadinho interessada nele, nem por sombras, não podia negar que o seu toque lhe deixava a pele a formigar de electricidade. *Incendiador*.

Continuou a olhar para a mão. Por fim, ele recolheu-a, com uma expressão confusa.

— Jory. Diminutivo de Marjory, mas todos me tratam por Jory — murmurou ela por hábito, sentindo-se envergonhada com a grosseria da sua atitude, mas, ainda assim, incapaz de tocar na mão dele.

— Jory, gosto. Embora estivesse a afeiçoar-me a chamar-lhe Terp na minha cabeça — disse ele.

— Você... pensou em mim? — perguntou ela, detestando a forma como a sua voz soava um tudo-nada ofegante.

Desta vez, ele sorriu com a boca toda, e Jory notou que tinha uns dentes brancos perfeitos e um sorriso ligeiramente torcido. A sua simples presença estava a provocar-lhe um formigueiro na pele. Sentia-se atraída por ele como se fosse um íman, pelo que deu um safanão mental a si própria e reclinou-se na sua cadeira.

— Está a jantar sozinha? Quer companhia?

— Não! — quase gritou ela. — Desculpe — corrigiu, baixando a voz. — O que quero dizer é não, obrigada. Estou, hum, ocupada. Com o diário — explicou, apontando para o caderno pousado sobre a mesa.

— Oh, está bem — disse ele, obviamente desapontado. Mas depois iluminou-se e tirou também um caderno do bolso de trás das calças. Jory reconheceu-o como um caderno de esboços. Ela tinha feito um caderno de esboços como diário de uma viagem a Paris e adorara o conceito, mas era uma artista terrível. — Também gosto de fazer diários quando viajo.

Para de me fazer sentir um desejo louco de ver até ao fundo da tua alma! O que desenhaste nesse caderno?

— Nesse caso, vou deixá-lo ir para a sua mesa e trabalhar no seu caderno

de esboços — disse em voz alta, com a maior frieza possível, baixando o olhar e abrindo o seu próprio diário. — Prazer em conhecê-lo — acrescentou, como que por descargo de consciência, dirigindo-lhe um sorriso que pretendia ser educado, mas não lhe chegou aos olhos.

Ele começou a afastar-se, e Jory descontraíu, exalando, mas então ele virou-se e aproximou-se novamente dela. Estendeu a mão para lhe tocar no ombro.

Jory tentou esquivar-se, o que teve como resultado derrubar o seu copo de vinho pela borda da mesa. O copo partiu-se no chão, enquanto Jory gritava um deselegante «Oh!». As pessoas ficaram a olhar para ela, enquanto o empregado corria a limpar os cacos aos seus pés.

— Santo Deus, está bem? — perguntou Shane, estendendo novamente a mão, com um olhar preocupado. Jory recuou, mortificada e sem palavras, e ele virou o rosto, franzindo a testa. — Muito bem, vou deixá-la em paz.

— Obrigada — arquejou ela com evidente alívio, o que fez despontar uma expressão magoada no bonito rosto dele. Jory sentiu o estômago contorcer-se de culpa.

Shane foi finalmente sentar-se à sua própria mesa. O empregado trouxe a Jory um copo de vinho para substituir o que se partira, e ela virou a cadeira ainda mais, de modo que ficasse com as costas completamente voltadas para Shane. Fingiu estar a escrever no diário, mesmo quando a refeição chegou.

— A nossa especialidade da casa, menina. Massa artesanal com atum capturado na ilha, alcaparras e tomate fresco. Bom proveito.

E, por um breve momento, Jory apreciou de facto a refeição, concentrando-se apenas na comida e tomando notas no seu diário. Mas continuava a sentir o mesmo formigueiro elétrico que sentia quando Shane estava perto, e não parava de esfregar a parte de trás do pescoço. Ele estava a olhar para ela, Jory *sentia-o*. Mas porquê? Virou-se, mas ele estava a trabalhar furiosamente no seu caderno de esboços. Estaria ela a imaginar aquela sensação? Dos olhos dele pousados em si, a tornar a sua pele febril? O ardor continuou. A comida era realmente deliciosa, mas Jory estava a ter dificuldade em concentrar-se.

Começou a puxar a cadeira gradualmente para o lado, para poder ver caso

ele a observasse. Assim era melhor. A sua pele ainda estava quente, mas apenas como se estivesse a apanhar sol, e não a pegar fogo. Sempre que levantava os olhos, certa de que ele estava a olhar para si, via-o focado noutra coisa qualquer. Quando terminou a refeição, cruzou os braços e fixou-o, esperando apanhá-lo em flagrante. Passou um minuto antes que ele levantasse finalmente o rosto e encontrasse o olhar dela. Isso sobressaltou-o de tal maneira que Jory saltou de imediato da mesa, envergonhada, e foi esbarrar em cheio contra o empregado.

Este não se mostrou divertido.

— Lamento muito — disse ela. — Vou já embora, prometo.

Quase correu para o balcão, pagou, pediu desculpa mais uma vez e deixou uma gorjeta de valor igual à própria conta, na esperança de que isso aplacasse o empregado. Saiu apressadamente e estugou o passo pela rua acima. Quando chegou à esquina, virou-se uma última vez, para ver Shane a olhar diretamente para ela, agora com um sorriso presunçoso. Ele acenou-lhe e voltou ao seu diário, assobiando, e Jory teve a sensação de que ele conseguia ler todos os seus pensamentos.

Graças a Deus, Selene dissera que ele iria embora em breve, caso contrário Jory acabaria por partir tudo em Naxos. Com um toque como o dele, ainda derrubava a própria Portara.

Cinco

Às quatro horas da manhã, Mago desistiu de tentar dormir. Acendeu a luz, enfiou o roupão e saiu para a varanda. Abriu o *kitron* que Jory lhe trouxera da parte de Arie. Cheirava à doçura de laranjas e um pouco ao próprio Arie, o que lhe fazia palpar o coração. Bebeu um gole diretamente da garrafa, como um beijo secreto e doce do seu amante.

Marjory corara como uma estudante quando Mago se referira a ele assim com orgulho. Os jovens pensam que quanto mais velha é uma pessoa, menos humana é no que diz respeito ao sexo e ao amor, mas não era certamente o seu caso. Ela e Arie tinham uma relação muito física, mas era mais do que isso. Arie amava-a havia anos e não se acanhava de o dizer. Amava-a e queria mais, e deixara claro que, quando ela estivesse pronta, ele seria todo seu pelo resto das suas vidas.

Meteu os pés nos chinelos e desceu da varanda para o encarar, o homem na lua, que a observava, que a esperava. Não estava pronta. O peito começou a doer-lhe com ansiedade.

— Deixa-me em paz — sussurrou ela para a lua.

A mãe e a avó de Mago tinham perdido a vida para o cancro da mama ao completarem sessenta e oito anos, exatamente a idade que Mago tinha agora. Quando era mais nova, pensava que era invencível. Que era um tipo diferente de Samaras e escaparia a esse destino. Mas, um mês antes, imediatamente após o seu sexagésimo oitavo aniversário, sentira um nódulo por baixo do braço, acima do seio esquerdo.

Depois disso, dissera a Arie que nunca voltaria a casar. Sabia que ele estava à espera do momento certo para lhe fazer o pedido e, nos últimos tempos, até pensara que diria que sim. Mas agora não. Não suportava dizer as palavras «até que a morte nos separe», como se, não lhes dando voz, isso lhe

permitisse enganar o potencial cancro.

— Isso não significa que não possamos passar o resto das nossas vidas juntos — dissera ele.

— Nunca disse que não — replicara ela com um pequeno beijo, e nunca dissera por que motivo aquela frase lhe destroçara a alma, pois vivia em alegria com o seu Arie, e o facto de que o resto da sua vida podia vir a terminar muito em breve era o suficiente para a deixar tão devastada que mal conseguia respirar.

Pensou no bolo de felicidade de Cressida e em todos os conselhos que passava a vida a dar-lhe: viver, sair novamente para o mundo e permitir-se a felicidade que merecia. Mas e ela própria? Não mereceria também a mesma felicidade? Os seus filhos eram adultos, e o seu marido falecera dezoito anos antes.

Sem saber porquê, vasculhou o armário até deparar com um vestido de jérsei azul que fizera anos antes para alguém em particular, embora não soubesse quem era essa pessoa específica até ao momento em que fosse preciso. Agora, de repente, sabia que Cressida precisava desse vestido e precisava dele já. A peça necessitava de algumas costuras e acabamentos, por isso Mago sentou-se à máquina de costura e tratou de acabar o vestido começado tanto tempo antes que já nem se lembrava.

Mago descobrira o seu dom particular aos doze anos. Fora na sua primeira aula de economia doméstica, que era obrigatória para todas as raparigas no liceu. Tinham-lhes dado instruções para desenharem um vestido para as suas bonecas. Nenhuma delas sabia de facto costurar, coser botões e fazer os remendos que todas faziam desde que as suas mãos tinham idade suficiente para enfiar uma agulha. Mas Mago conseguia ver muito claramente algo que as outras raparigas não viam. Consequia ver as cores em seu redor e sentir a diferença entre o cetim e a seda, o algodão e o linho, a lã e o poliéster, e compreender como combiná-los para obter um resultado perfeito. Não desenhara nada. Começou simplesmente a cortar e coser. E o vestido da sua boneca era um objeto de grande beleza, que a tornou de imediato popular entre as outras raparigas.

Mago tentara explicar à professora o que via:

— Bem, eu podia ver que as fibras dos materiais tinham ondas diferentes. — Era a única forma que tinha para descrever a maneira como os tecidos cintilavam. Havia ondas sonoras certo? Não poderia haver também ondas de cor? — E as cores começaram a falar umas com as outras. — O que era a única forma que tinha para descrever a maneira como elas irradiavam naturalmente umas para as outras. Parecia-lhe tão óbvio que tinha a certeza de que todos os outros as viam da mesma maneira. — E então tudo se combinou, e eu vi-o perfeitamente. O vestido destinado à *Holly*... a minha boneca — concluía.

Fora, pois, completamente inesperado ter sido conduzida para a frente da sala de aula e levado várias reguadas nas mãos por ser uma mentirosa imoral e, sem qualquer prova nesse sentido, uma batoteira.

— Eu não estava a mentir, mãe — dissera ela nessa noite, enquanto a mãe lhe aplicava suavemente gelo nas mãos magoadas.

— Eu sei que não, querida. Tu és uma Samaras, e nós, as mulheres da família, temos um dom que nos foi concedido pela nascente sagrada há muitos anos. Foi-me transmitido pela minha mãe e agora é-te transmitido a ti. A forma como crescerá dentro de ti e como irás usá-lo é contigo. Mas é melhor não falares das cores nesses termos. As pessoas vão pensar que és completamente doida. — E a mãe tinha-lhe sorriso.

Apesar de nunca mais ter dito a verdade acerca do seu trabalho, este continuara da mesma forma durante toda a sua vida. Mago e as amigas tinham-se tornado raparigas crescidas. Passara de vestidos de bonecas a vestidos para bailes e, à medida que se tornavam mulheres, a vestidos de noiva. Se Mago fazia algo para uma pessoa usar numa ocasião específica, tinha mesmo de ser assim, pois era perfeito.

O que o dom de Mago proporcionara às suas amigas fora um sentido de exatidão. O que proporcionara a Mago fora a capacidade financeira, a independência e a confiança para se aventurar sozinha e viajar pela Europa quando tivera idade para isso. Quando a sua mãe adoecera e ela voltara para casa um ano depois, casara com Kristopher.

Kristopher era muito mais velho do que ela — já tinha quase trinta anos quando se haviam casado, ao passo que Mago tinha apenas dezanove. O seu

casamento não fora propriamente arranjado, mas fora o mais próximo disso que era possível naquela época. Kris tinha trabalhado com o pai dela, era de uma boa família, tinha um emprego sólido e estabilidade financeira. Era o marido perfeito para ela, dissera o pai. Mago começara por se rebelar. Afinal, ela era uma mulher Samaras, voluntariosa e cheia de vivacidade, tinha viajado e possuía um grande dom. Era jovem e queria *viver*.

Mas ser uma mulher Samaras não deixava de significar ser uma mulher ortodoxa grega na década de 1970. Um tempo em que o divórcio ainda não era legal, um tempo em que um casamento arranjado pela família ainda era o que uma mulher da sua aldeia devia aceitar. E, assim, ela casara com Kristopher. Ele era bondoso e gentil, e tinham tido um bom casamento, uma boa amizade e dois filhos que ambos adoravam. Fora um ataque cardíaco que o levara aos sessenta anos. Mago tinha apenas cinquenta.

Chorara por ele, muito. Ao fim de mais de trinta anos juntos, ele era a sua família, o seu amigo, o pai dos seus filhos. Não tinha sido a sua grande aventura romântica, mas a sua vida fora feliz.

Encontrara Arie... bem, *reencontrara* Arie cerca de cinco anos depois. Um homem que conhecera quase toda a vida. Tinham sido amigos na infância e andado na escola juntos. Mas era como se estivessem a encontrar-se pela primeira vez, e, embora tivessem demorado o seu tempo a assumir o que sentiam um pelo outro, a partir do momento em que o haviam feito não havia dúvida de que era verdadeiro e genuíno amor e carinho que tinham um pelo outro.

Mago bebeu outro gole do *kitron* que ele tinha feito especialmente para si e apertou a garrafa contra o peito. Queria casar com Arie. Queria abraçar a segunda oportunidade que encontrara no amor, a alegria que ele lhe trouxera. Queria seguir cada palavra que dissera a Cressida e permitir-se viver novamente. Mas não podia fazer isso a Arie. Não podia dar-lhe a esperança de uma vida a dois quando esta seria tão efémera. Quando podia estar a morrer. Sabia que devia ir ao médico, mas tinha demasiado medo de saber. E demasiado medo de não saber.

As suas pernas ficaram inquietas, o pé começou a bater sem parar. Por fim, ela levantou-se, vestiu um casaco por cima do pijama, em vez de um

roupão, calçou os seus sapatos de caminhada e saiu para passear. A aldeia estava mergulhada em negrume; o homem na lua, escondido atrás de uma nuvem. Não caminhou até muito longe, apenas o suficiente para tentar libertar a energia acumulada nas suas pernas, no seu coração, os pensamentos incessantes no seu cérebro. No fim do caminho, pouco antes de dar meia-volta, um cheiro a jasmim inundou-lhe os sentidos. O seu cheiro favorito no mundo. Adorava a maneira como os primeiros botões cresciam desenfreadamente sobre paredes e jardins e como, durante apenas algumas semanas por ano, em junho, o mundo inteiro cheirava como o céu devia cheirar. A mudança estava a chegar.

De repente, acendeu-se uma luz na casa ao lado da sua. Vinha do quarto de Jory, na pousada. Mago ouviu-a andar aos tropeções e murmurar: «Maldita porta da casa de banho!»

Acendeu-se outra luz. Cressida. Mago ouviu o barulho de tachos e panelas. Cressida preparava-se para começar a cozinhar. Então, acendeu-se outra luz na aldeia, depois outra e mais outra. Sim, a mudança estava a chegar.

Não, pensou Mago, olhando novamente para o céu e apertando o casaco com força à volta do corpo. A mudança tinha chegado.

*

Cressida acordou na manhã seguinte pela segunda vez às sete e quarenta e nove, no chão da cozinha, coberta de farinha. Tinha feito uma *focaccia* de alecrim às cinco da manhã, antes que tivesse oportunidade de incorporar qualquer coisa perigosa no seu pão. Enquanto esperava que o pão cozesse, secara cinco tabuleiros de figos, depois tirara o pão do forno e adormecera no chão. Agora, pôs-se em pé de um salto e correu para o chuveiro, dando-se conta de quão atrasada estava.

Não fez o pequeno-almoço de Jory tão cedo. Sabia que ultimamente não tinha sido muito boa pessoa, nem como anfitriã nem como amiga. Estavam a passar-se coisas na sua cabeça, na maneira como ela se sentia, como ansiava por viver uma vida mais adequada. Quando o seu bolo de mel ficara com sabor a felicidade, Cressida amaldiçoara os deuses e deitara-o fora, depois

pusera-se de joelhos e rezara para que Leo a perdoasse por ter esquecido, apenas por um momento, que ele estava morto e isso significava que ela também estava. Mas, então, uma voz na sua cabeça deteve-a. Uma voz que lhe disse: *Cressida, não podes continuar assim; ele está morto, e tu não.* Ela não sabia se era a voz de Mago, ou de Leo nos céus, ou a sua, ou mesmo uma voz maior do que ela própria. Mas sabia que tinha de fazer alguma coisa.

Nada no seu guarda-roupa era verdadeiramente apropriado, mas, naquela manhã, Cressida havia encontrado uma caixa deixada por Mago à porta da sua casa. Assim que envergou o vestido de jérsei azul, sentiu-se uma empresária competente e não uma dona de casa grega derrotada com um sonho que nunca se realizara porque o marido tinha morrido demasiado jovem. Nesse dia, ela queria ser uma mulher de força.

Foi na sua carrinha até Chora Naxos, onde um homem chamado Michael Smythe queria reunir-se com ela. Era o nome de Michael Smythe que estava assinado na carta do Resurgence Hotel Group, e fora uma mensagem de correio eletrónico dele que se seguira à carta, pedindo-lhe uma reunião para aquela data. Cressida não demorou muito a encontrar o restaurante no passeio marítimo que era popular entre os turistas. Naxos estava a tornar-se um destino gastronómico para viajantes de todo o mundo, e ela e Leo planeavam estar na vanguarda desse movimento antes de ele ter falecido, no ano anterior. Ainda assim, os restaurantes mais populares à beira-mar continuavam a servir os mesmos pratos americanizados. Calamares fritos em vez de suavemente salteados. O peixe fresco mais bonito do mar Egeu, frito para ficar pronto mais depressa, em vez de ser assado inteiro no forno com manteiga e ervas que permitissem realçar a frescura do mar. Salada grega com queijo feta duro importado do continente, em vez do belo queijo local; azeitonas de lata em vez de oriundas de um dos olivais locais. E batatas fritas, batatas fritas congeladas por toda a parte.

— Senhora Thermopolis? — chamou um homem de uma mesa num café perto da água.

Quando ela se aproximou, os olhos dele arregalaram-se, e ela sentiu-se eternamente grata a Mago pelo vestido. Era evidente que ele estava à espera de uma pessoa muito diferente.

— Senhor Smythe?

Ele assentiu.

— Agradeço-lhe muito por ter vindo aqui ter comigo. — Acenou para o empregado trazer outro café. — E as minhas desculpas pelo sítio. Este é o único café aberto tão cedo. Costumo ir ao Fidel's.

Cressida ficou surpreendida.

— Esse é um café local. Não pensei que algum turista o conhecesse. É certo que lá têm o melhor café. Nunca percebi porque é que não abre mais cedo.

Michael Smythe concordou com um aceno. Era mais novo do que ela esperava, devia andar na casa dos trinta, usava óculos e tinha um sorriso simpático.

— Na verdade, eu vivo aqui em Chora Naxos durante a maior parte do ano — disse ele. — A minha avó vive cá. Comecei a passar as minhas férias de verão aqui aos nove anos e nunca mais deixei de vir — rematou, sorrindo.

Ele não era o tipo de advogado que Cressida esperava, e isso abalou-a ligeiramente. O empregado trouxe o seu café, e ela tomou um gole para se recompor.

— Posso falar um pouco sobre o caráter do Resurgence Group?

Ela assentiu, e ele continuou:

— O Resurgence Hotel Group é uma cadeia de *bed and breakfasts* e hotéis *boutique*. Não temos grandes hotéis, não somos como as grandes cadeias. O grupo começou muito pequeno. O nosso CEO trabalhava numa pousada que estava à beira da falência. Comprou-a, e, com o seu apoio financeiro, a pousada tornou-se muito bem-sucedida. A partir daí, o nosso grupo seleciona algumas das melhores propriedades um pouco por todo o mundo para se juntarem a nós, e temos tido resultados notáveis. Já visitou o nosso *site*? Pode ver que todas as nossas propriedades estão a prosperar.

Cressida tinha visto o *site*, e alguns dos hotéis pareciam encantadores e bonitos, como ela poderia imaginar a sua pousada. No entanto, havia algo neles que parecia um pouco polido de mais. Nas fotografias, as rececionistas eram sorridentes e profissionais, mas não eram família. Não eram residentes locais que conhecessem cada segredo da aldeia e cada pequena peculiaridade

da cidade. Não levariam os hóspedes numa carrinha enquanto contavam histórias sobre os estranhos dons de Potamia. Não se sentariam no alpendre com o hóspede ao fim da tarde, com Mago a saltar por cima da balaustrada para partilhar um copo de vinho.

Os restaurantes anexos às propriedades Resurgence partilhavam temas comuns que ela apreciava: uma equipa pequena e competente na gastronomia local e pratos que pareciam aceitáveis. Mas nenhum deles se parecia com a cozinha dela. Nenhum deles tinha as receitas da sua mãe ou os dotes da sua própria mão. As ementas eram agradáveis, mas podiam ser a ementa de qualquer um daqueles restaurantes do passeio marítimo. Nenhum deles era *seu*.

— Diga-me, senhor Smythe...

— Trate-me por Michael.

— Senhor Smythe — repetiu ela —, se eu *optasse* por vender, o que seria exatamente feito da minha pousada e da taverna? Qual seria o vosso plano?

Ele sorriu, recostando-se na sua cadeira, e começou a falar sobre o tipo de hotel que fariam: um refúgio remoto com gastronomia e alojamentos de classe mundial, fora dos locais turísticos normais. Seria bonito, charmoso e rústico.

— E eu? — perguntou Cressida, quando ele parou finalmente de falar.

Foi a vez de Michael se mostrar confuso.

— Não compreendo.

— Eu seria obrigada a ficar?

— Posso garantir-lhe, senhora Thermopolis, que pode retirar-se sem qualquer responsabilidade — respondeu ele, confiante.

— Estou a ver. — Era demasiado para ela assimilar de momento. Ficar verdadeiramente sem nada da sua vida ali. Mas ainda tinha uma última pergunta: — E se eu não vender?

Michael arregalou os olhos.

— Senhora Thermopolis, não podemos obrigá-la a vender. Mas, como pode imaginar, as propriedades às quais fazemos uma oferta por norma precisam desesperadamente de financiadores. A sua é uma delas. Presumimos, considerando que nunca teve um hóspede e que nunca abriu, de

facto, a taverna, que estaríamos a oferecer-lhe uma oportunidade de ganhar dinheiro com todo o árduo trabalho que teve a preparar tudo. Senhora Thermopolis — concluiu com gentileza —, temos conhecimento da sua situação financeira. O banco executará a hipoteca se a senhora não puder pagar as suas prestações em breve.

Nenhuma das palavras dele fora indelicada ou falsa, e, contudo, ela sentiu-se tão infinitesimal, tão insignificante, como se tivesse falhado em tudo e não valesse nada. Levantou-se para partir e, de repente, sem motivo algum, pensou em Marjory. Ao longo daquele ano, quase ficara contente no seu luto, sabendo que a sua casa e o seu sonho ainda estavam vivos de alguma forma. Mas, no dia em que recebera a carta do Resurgence Group, fora como se Leonidas tivesse morrido outra vez, juntamente com o sonho de ambos. Cressida tinha chorado, rezado e implorado por um sinal, qualquer sinal, que lhe dissesse o que fazer. E então, inesperadamente, no que agora parecia uma noite fadada, Marjory aparecera. Sozinha, mas não solitária; perdida, mas encontrada; inconsciente, mas destemida. Cressida não tinha sentido o formigueiro do seu dom culinário das Callas desde o funeral de Leo, até ao dia em que Marjory chegara. E então cozinhou felicidade. Alegria. Para Marjory... Jory, era o que ela dizia que lhe chamavam. A sua *hóspede*.

Uma enigmática capa de força e confiança envolveu Cressida, e ela ergueu-se.

— Eu tenho um hóspede. — Rodou nos calcanhares e foi-se embora.

*

Quando chegou ao pé de casa na sua carrinha, Cressida entrou de imediato em pânico ao ver o que parecia ser a maioria da população da aldeia a fazer fila à porta do quarto de Jory.

Deixou a carrinha no meio da rua e saltou.

— O que aconteceu? — bradou, precipitando-se pelo meio da multidão.

Mago deteve-a quando ela se aproximou:

— A Jory ficou cinco horas trancada na casa de banho. Só há uma hora é que eu a ouvi a gritar e fui buscar o Nico com as suas ferramentas.

Infelizmente, a aldeia em peso veio atrás de nós.

Cressida correu para o quarto número dois, onde Nico estava de joelhos, de ferramentas em punho, a tirar todas as dobradiças da porta da casa de banho.

— Não se preocupe, menina Marjory, está quase a sair daí.

— Essa maldita porta! — berrou Cressida. — O Leo era encantador, mas não era capaz de consertar um pneu furado mesmo que lhe pagassem um milhão de dólares. Passei um ano inteiro a pedir-lhe que consertasse essa porta. Um ano! E agora, olhem: a nossa única hóspede está presa lá dentro há horas!

Sentiu o silêncio da aldeia atrás de si, sentiu a surpresa que o seu desabafo lhes provocava. Virou-se para a multidão:

— O que foi? Todos sabem que é verdade! Eu amava o meu marido mais do que qualquer outra coisa no mundo — gritou, com a respiração ofegante —, e depois ele foi e morreu, antes de consertar a maldita porta! — A raiva corria-lhe pelas veias, e Cressida não fazia ideia porquê.

De repente, a mão de Mago pousou-lhe nas costas, suave e tranquilizadora.

— Está tudo bem, rapariga, respira. A fúria é uma coisa boa — sussurrou ela gentilmente, de modo que mais ninguém a ouvisse. — Ele era um bom homem, mas falível. Se consegues zangar-te com ele, em breve também conseguirás dizer o seu nome e sorrir, e rir e ter saudades dele como deve ser. Viver em luto por muito tempo faz-nos esquecer a vida antes da morte. Deixa isso agora.

— Não consigo — soluçou Cressida. — Não sei como.

— Sabes, sim. Já estás a fazê-lo.

— Já tirei as dobradiças todas, menina Marjory. Vou puxar a porta! — bradou Nico, pondo-se em pé e retirando lentamente a porta da casa de banho. Jory saiu, aturdida e piscando os olhos à luz do sol.

Cressida correu para ela, agarrou-lhe nos ombros, depois levantou-lhe o queixo. O olhar de Jory encontrou o seu.

— Jory, peço muita desculpa — suspirou Cressida, puxando-a para si. Não tocava assim noutro ser humano havia mais de um ano e, de repente, começou a chorar baixinho. — Venha, vamos até minha casa, comer qualquer

coisa. Deve estar com fome. — Deixou o braço à volta dos ombros de Jory, como que para a proteger da multidão que se comprimia em seu redor. — Ah, ponham-se a andar — enxotou-os.

— O que é que eu disse? Disse que as coisas iam mudar. Disse ou não disse? — murmurou Nefeli, afastando-se a abanar a cabeça. — Nunca ninguém me ouve.

Embora todos soubessem que Nefeli ia buscar as suas premonições aos horóscopos, naquele momento ninguém podia dizer uma palavra contra ela. Em vez disso, todos se focaram de novo em Jory, no seu pijama de *Tyrannosaurus Rex*, embora estivessem a ser enxotados por Cressida, que, com o braço em torno de Jory, a levou para sua casa.

*

— Na verdade, o meu Leonidas foi um acidente, sabes — disse Cressida, mais tarde nessa noite, quando abriram a segunda garrafa de vinho. Tinham passado horas, e as duas não tinham parado de falar.

Jory estava a sentir-se um bocadinho zozza, no melhor sentido possível. Era agradável, depois do que acontecera de manhã. Agora, de repente, tudo parecia engraçado. Estava a gostar de ver Cressida portar-se como um ser humano, um ser humano de quem ela gostava verdadeiramente.

— Como é que ele foi um acidente? — perguntou.

— Eu tinha ido a Atenas passar o verão com familiares. Era jovem, só tinha dezoito anos. Não gostava muito da cidade, mas, para uma ilhoa de Potamia como eu, era uma mudança emocionante. Conheci um rapaz lá. Ele era muito atraente e também muito rico. Era de uma grande família ateniense, proprietária do restaurante onde eu trabalhava como pasteleira. Nunca aconteceu nada. Ele aparecia e namoriscava comigo todos os dias. Fiquei apanhada.

» No fim do verão, regressiei a casa e comecei a trabalhar num restaurante em Chora Naxos. Um dia, a Nefeli entrou e disse-me que estava ali um rapaz de Atenas e que era muito atraente. Eu tinha tanta certeza de que era ele que o meu espírito se elevou a um novo patamar de alegria, expectativa, desejo.

Estava a fazer pão e pus cada grama do meu desejo nesse pão.

Cressida interrompeu-se e olhou para Jory.

— Sabes sobre a minha cozedura?

— Que consigues incorporar as tuas emoções, ou coisa assim, na tua comida?

Cressida assentiu.

— Sou uma Callas. Desde a minha bisavó que temos um dom com a culinária. Tudo o que cozinhamos é feito com uma certa graça e sentimento, mas quando cozemos, seja pão ou bolos, quando usamos as mãos para amassar e moldar, às vezes criamos algo mágico — explicou Cressida, inclinando-se para a frente. — Portanto, eu enchi o meu pão de desejo e mandei servi-lo, e dez minutos depois um rapaz entra pela cozinha adentro, planta-se à minha frente e diz: «Vou casar contigo.»

Fez uma pausa antes de continuar:

— Não era ele. Era um rapaz chamado Leonidas, que eu nunca tinha visto na vida. Era atraente e encantador, mas eu respondi-lhe que estava muito enganado. No entanto, um ano depois estávamos casados.

Cressida riu.

— Nunca imaginei que pudesse amar alguém como amava o Leonidas. O Leo, era assim que lhe chamávamos. Foi o melhor acidente que uma rapariga poderia alguma vez esperar. — Quedou-se em silêncio.

— A Mago contou-me que estavam prestes a abrir esta pousada e uma taverna quando o Leo faleceu — disse Jory passado um momento.

— Sim. O Leo pensava que a minha culinária mágica nos tornaria ricos e famosos. — Cressida deu uma gargalhada, depois, um soluço.

Cressida a rir, embriagada, era uma visão gloriosa para Jory. De repente, ela parecia muito mais jovem e acessível.

— Eu disse-lhe que não podia incorporar fama e fortuna na comida, isto não funciona assim, mas podia cozinhar outras coisas. O Leo era o homem das ideias. Tinha o projeto todo na cabeça. Ele ia ser a cara do negócio e levar a carrinha que tínhamos comprado até às docas para trazer as pessoas à melhor taverna grega desconhecida das Cíclades, até toda a gente ficar a saber de nós, e a partir daí ficaríamos permanentemente esgotados durante o verão. Era um

sonhador.

— Tu ainda podes fazer tudo isso. Ainda podes abrir a tal pequena taverna grega — insistiu Jory.

Cressida terminou o copo e serviu-se do resto da segunda garrafa.

— Tenho saudades de cozinhar. Ter-te aqui fez-me ver a ideia a ganhar vida, mas *não sou capaz!* Sei cozinhar, mas nada mais. Não sei fazer o serviço de mesa; não sei ir buscar pessoas para virem ao restaurante... Nem sequer sei como o decorar. Não sei fazer nada além de cozinhar. O resto era tudo o Leo. E o Leo desapareceu. Desapareceu... — A sua voz extinguiu-se.

Jory inclinou-se para lhe afagar a mão.

— Eu sei que ele desapareceu. Mas tu *não*. Tu estás viva e tens de aceitar isso mais cedo ou mais tarde, senão vais desperdiçar a tua vida. Eu estou aqui. Trabalhei em hotelaria durante dez anos, como empregada de mesa. No sítio onde estive nos últimos sete anos, o The French Café, ajudo em eventos, sugestão de vinhos, encomendas e gestão quando é preciso. Tenho a experiência necessária para te ajudar a começar. Podemos abrir a tua taverna juntas!

— Não podes ficar aqui, estás a viajar pelo mundo. Ias sentir-te numa armadilha, presa.

— Esta manhã prendeste-me na tua casa de banho durante cinco horas, e ainda aqui estou — zombou Jory. — Não se pode estar mais apanhado numa armadilha do que isso.

Ambas riram até chorar, choraram até se abraçarem e depois voltaram a rir, até perceberem que precisavam desesperadamente de dormir.

— A vida que tens levado não tem de ser a única que podes levar, Cress — disse Jory enquanto se preparava para voltar para o seu quarto. — Foi essa frase que me inspirou originalmente a viajar, a começar uma nova vida.

— Acabaste de me chamar Cress? — perguntou ela, com a língua ligeiramente entaramelada.

— Sim. Uma nova alcinha para uma nova vida.

Cressida franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça para o lado:

— Mas isso é o nome de uma planta.¹

Jory começou a rir novamente.

— Bem, isso agrada-me. Combina contigo. Vemo-nos de manhã, minha querida nova planta... Quero dizer, amiga.

Jory abraçou Cressida mais uma vez e saiu, sorrindo enquanto fechava a porta.

Cressida sorriu e recostou-se com a cabeça apoiada à parede.

— Amiga — sussurrou, adormecendo encostada à parede.

¹ «*Cress*» significa agrião. (NT)

Seis

De manhã, não havia tabuleiro de pequeno-almoço à espera de Jory, e por um momento, com a cabeça ligeiramente enevoada, ela perguntou-se se Cressida teria regredido ao seu anterior eu distante. Então, viu a cesta de piquenique, à qual fora agramado um bilhete:

Minha querida amiga,

Pega nesta cesta e na tua scooter e vai fazer uma caminhada no Monte Zas. Enquanto estava a fazer o teu almoço hoje, a comida parecia estar a fazer-se a si própria para Zas — sabes que não sei porquê.

Esta noite faço jantar para nós. Acho que é recomendável usar vestido, e a Mago, que se juntará a nós, concorda. Se puderes estar à minha porta às seis da tarde, agradeço. Ah, e tens aqui a chave do teu novo quarto. A porta da casa de banho funciona perfeitamente.

Cress

Jory não pôde deixar de sorrir. Cressida estava a testar a sua alcunha, como um Leonidas que é Leo e uma Marjory que é Jory. Ela era agora uma Cressida que é Cress. Pareceu a Jory que lhe agradava bastante.

Jory parou no posto para atestar o depósito. Nico não estava, pelo que teve de ser ela própria a pôr a gasolina, mas Nefeli estava lá para receber o dinheiro, de telemóvel em punho. Desta vez, não fez uma carranca, embora a sua expressão também não fosse propriamente amistosa.

— Então, para onde é que vamos hoje? — indagou, sem deixar de mexer

no telemóvel.

— Vou fazer uma caminhada no Monte Zas. Foi ideia da Cressida — respondeu Jory. — Já que aqui estou, aproveito para perguntar: quanto custaria alugar a *scooter* durante cerca de seis semanas?

Nefeli quase se engasgou com a pastilha elástica.

— Seis semanas?!

Havia algo muito agradável em surpreender Nefeli a ponto de abalar a sua postura gélida.

— Sim, por agora estou a pensar até fins de julho. Se a Nefeli e o Nico pudessem calcular um preço, seria ótimo — disse Jory, virando-se e pondo a sua *scooter* a trabalhar.

— Mas porquê? Porque vai ficar? — bradou Nefeli para as suas costas.

— Estou a ajudar uma amiga — bradou Jory em resposta.

Nefeli ficou a ver aquela Marjory afastar-se desajeitadamente na pequena *scooter*. Começou a sorrir. *Ah, Cressida, o que andas tu a tramar, minha menina?* Abriu rapidamente o horóscopo mais recente, e uma expressão de completa surpresa pintou-se no seu rosto.

*

O trajeto até à base demorou uma boa hora. Quando chegou, Jory guardou o capacete debaixo do banco e deixou a sua *scooter* estacionada ao lado da única outra moto, muito melhor, que lá se encontrava. Já devia estar alguém no trilho, por isso, Jory tratou de se manter atenta, sobretudo quando teve de se esconder atrás de uma árvore para urinar.

Não tinha levado verdadeiras botas de caminhada, apenas uns ténis que usava agora com um par de *leggings* pretas e uma *T-shirt*, além da sua *sweatshirt* atada à cintura — não que fosse precisa. À medida que o mês de junho ia avançando, a ilha ia ficando mais quente, e naquele dia estava mesmo calor. Passado pouco tempo, Jory estava a suar.

A caminhada revelou-se mais difícil do que ela esperava. O trilho estava marcado com clareza, mas não tão batido como viria a estar no fim da temporada. Naquela época do ano, flores e plantas cresciam sobre o caminho,

dificultando a visão, e galhos de árvores que se estendiam em direção ao sol uniam-se agora para bloquear o seu avanço.

Levou três horas a chegar por fim ao cume e sentiu-se notavelmente orgulhosa de si própria, enquanto apreciava toda a vista da parte norte da ilha. Estava ali. Estava na Grécia, a fazer exatamente aquilo de que mais gostava: a explorar o mundo, a deixar a vida correr, a experimentar a liberdade. Não esperara encontrar Potamia, nem fazer uma nova amiga como Cress, que era uma espécie de cozinheira mágica e que parecia terrivelmente perdida para uma pessoa tão jovem. Jory sentia-se encontrada, satisfeita, feliz e incrivelmente grata pela liberdade que tinha para fazer o que quisesse e ajudar no que podia. Aquela vida atraía-a. Não conseguia imaginar outra.

— Olá.

Jory quase saltou. Tinha esquecido a outra moto no sopé da montanha. Virou-se abruptamente... e deparou-se com Shane, sentado numa rocha atrás dela. Claro, *claro* que era ele. As suas faces, já vermelhas por causa da subida, ruborizaram-se num tom ainda mais intenso.

Ele não sorriu nem se levantou da sua rocha. Em vez disso, observou-a com uma expressão desconfiada. O que não era para admirar. Jory tivera muito tempo para pensar enquanto estivera presa na casa de banho, na noite a seguir ao seu último encontro com Shane, no restaurante em Chora Naxos. Revivera os acontecimentos mentalmente uma e outra vez, retraindo-se de vergonha sempre que se lembrava de ter partido o copo de vinho. Sentia-se indesmentivelmente culpada quando recordava a expressão no rosto dele, o olhar magoado. Ela tinha sido muito rude para com ele. E, embora soubesse que estava a tomar a atitude certa ao reprimir a sua atração por ele, também sabia que não precisava de ser indelicada. Nunca era indelicada.

— Hum, olá — articulou com esforço. — Shane, certo?

Os seus olhos azuis franziram-se enquanto ele assentia, como se aquilo fosse uma piada privada. No entanto, não sorriu. Jory respirou fundo e aventurou-se a dar um passo na sua direção.

Ele estendeu a mão à sua frente:

— Ui, fique aí. Não se aproxime mais.

— O quê? — perguntou Jory, parando, com os olhos arregalados. —

Porquê? — Ele teria passado a antipatizar assim tanto com ela depois do seu comportamento da outra noite?

— Porque — respondeu ele, pondo-se em pé — o caminho é escorregadio e não sei se já notou, mas você tem tendência para cair com grande frequência — acrescentou, muito sério.

Jory riu, descontraindo pela primeira vez na presença dele. Shane sorriu e foi juntar-se a ela no miradouro.

— Isto é tão bonito — comentou ela.

— Espere até ver a vista do topo — disse ele.

— Não é aqui? — perguntou Jory, olhando em redor, confusa. — Não vejo mais trilho.

— É um bocadinho mais acima. É preciso trepar um pouco, e eu não estava a brincar quando disse que é escorregadio — explicou ele. — Quer que a ajude a chegar lá acima? É um pouco assustador subir pela primeira vez sozinho.

Jory mordeu o lábio inferior. E se ele tivesse de a ajudar e ela reagisse ao seu toque como da primeira vez? Provavelmente acabaria a cair do penhasco! Ou, pensou para consigo, e se deixasse de ser tão dramática? E se decidisse, ali mesmo, que ela e Shane podiam ser amigos? Companheiros de viagem. Nas suas viagens, encontrara sempre pessoas que partilhavam a sua maneira de pensar. Claro que ele podia ser um incendiador, mas ela era capaz de superar isso. Talvez a faísca só fosse tão forte precisamente por ela estar tão determinada a tentar evitá-la.

Hum... bom ponto, Jory, pensou, acenando para si própria com um sorriso satisfeito. *Faz todo o sentido.*

— Estou a morrer de vontade de saber em que está a pensar — disse ele.

Envergonhada, Jory abanou a cabeça e fez-lhe uma saudação militar:

— Indique o caminho!

Ele pôs a mochila às costas, e Jory seguiu-o, tentando não se deixar distrair com as pernas bronzeadas e musculosas abaixo dos calções, nem com o peito e a barriga rijos e tonificados que ele revelava quando parava e se virava, levantando a *T-shirt* branca para limpar o suor da testa, ou com os pelos no seu peito, castanhos e dourados como os seus cabelos. Jory sentia a

boca seca e o estômago a torcer-se de desejo.

A subida foi difícil, e, quando ele se virou para ver como ela estava, Jory tropeçou de forma desleante sob o seu olhar. Felizmente, precisaram apenas de mais alguns minutos para alcançarem o que parecia ser um enorme penhasco no cimo da montanha. Ele tinha razão acerca da vista. O cume do Monte Zas oferecia uma perspectiva de trezentos e sessenta graus sobre toda a ilha, o que era qualquer coisa, pois tratava-se da maior ilha das Cíclades. Dali, via-se água em todas as direções.

Os dois pararam lado a lado, ambos ofegantes.

— Uau! — arquejou ela, sem palavras.

Shane assentiu:

— Uau.

Permaneceram assim durante alguns minutos, enquanto recuperavam o fôlego da caminhada, demasiado absorvidos pela vista para prestarem muita atenção um ao outro. Por fim, Shane virou-se para olhar para ela.

— Almoçamos ali? — sugeriu, apontando para uma parte plana do penhasco.

Jory assentiu, e foram sentar-se lado a lado. Shane pegou na sua sanduíche e começou a comer, enquanto Jory desembrulhava a baguete que Cressida tinha preparado para ela. Os aromas do que ela agora considerava «lar» evoluíam-se do papel.

Shane parou de mastigar e fechou os olhos.

— Que cheiro é *esse*?

— Oh — fez Jory, surpreendida. — É a minha sanduíche. Também sentes o cheiro?

— Nunca pensei que pudesse sentir-me tão tentado por uma simples sanduíche, mas a verdade é que sinto. — Olhou para a sua própria sanduíche de fiambre e queijo com a testa franzida.

Jory riu, partiu a baguete em duas e entregou-lhe metade.

— Foi feita pela minha amiga Cressida, que é uma cozinheira maravilhosa, por isso imagino que terá um sabor tão divino como o cheiro. — Deu uma dentada na sua metade e suspirou. — Ah, a Cress, que consegue fazer até uma sanduíche com gosto a paraíso. — Tentou discernir os sabores.

— Vejamos... O pão é cozido com alecrim e outra coisa, não sei ao certo. Sabes, a Cress é a mais incrível das padeiras. Por norma, dá para perceber o estado de espírito dela com base no pão de cada manhã. Não sei exatamente como funciona, mas ela parece incorporar a sua alma ou, pelo menos, as suas emoções no seu pão.

O olhar de Shane saltava dela para a baguete.

— Estás a falar a sério?

— Muito a sério. Parece-te uma loucura? Mas, numa ilha como esta, não demora muito para se começar a acreditar em magia. Por exemplo, eu fiquei fechada na minha casa de banho durante cinco horas, na outra noite, e, quando finalmente fui resgatada pela aldeia em peso, a Nefeli disse a toda a gente que eu era o sinal de que estavam à espera. Pelos vistos, embora ela faça previsões astrológicas, a aldeia não pôde contradizê-la.

Shane riu. Jory deu uma grande dentada na sua baguete e suspirou de prazer. E era um verdadeiro prazer. De repente, sentiu-se como que embriagada e à vontade e, por qualquer razão estranha, queria contar àquele homem atraente todos os seus segredos e conhecer todos os dele.

Shane também deu uma dentada.

— Qual é a tua história, Jory?

— A minha história? Tenho muitas histórias...

Contou-lhe algumas das suas histórias de viagem. Era o tipo de coisa que estava habituada a contar, habituada a partilhar.

Ele ria desalmadamente quando ela terminou a história sobre ter sido roubada por um babuíno na Zâmbia, nas Cataratas de Vitória, e ela mal conseguiu conter-se quando ele descreveu como tivera de voltar a pé para o barco no Caminho da Lícia, na Turquia, apenas de meias e roupa interior, depois de a sua mochila lhe ter sido roubada durante a noite.

— Está bem, mas agora conta-me a tua verdadeira história. Por que motivo faz sentido teres vindo parar a uma aldeia mágica — disse Shane, por fim. — Sim — acrescentou, piscando o olho —, tenho estado a ouvir.

— A minha verdadeira história? — perguntou Jory, engolindo em seco, nervosamente.

— Sim. Sabes, aquela história que mudou o teu percurso de vida, de

alguma forma. Aquela que nunca contas a ninguém — disse ele.

E, embora ambos estivessem a gracejar um pouco, nenhum sabia verdadeiramente onde começavam as piadas e acabava a realidade. Então, Jory contou a sua história mais secreta.

*

A bússola interior de Jory nem sempre tinha sido tão estável quando ela era jovem. Atualmente, sabia sempre quando era tempo de partir e quando era tempo de ficar. Mas antes sentia-se muitas vezes dividida, algures entre perdida e encontrada, sem saber se a sua bússola estava a apontar na direção certa.

Tinha presumido que a sua instabilidade se devia ao facto de não ter o pai na sua vida e que, se o tivesse, a sua vida seria feita de constância e de saber sempre o que esperar — um mundo que não se desviava do rumo planeado. Mas também sabia que se sentia resolvida e estável *por causa* da sua mãe e do seu estilo de vida transiente. Cindy St. James tinha um talento especial para a decoração e trabalhava como decoradora de casas-modelo, pelo que, a cada poucos meses, elas faziam as malas e mudavam-se para uma casa a poucos quarteirões da anterior, ou para uma cidade não muito distante, ou para um novo bairro, com uma zona escolar um pouco diferente da anterior.

«Somos como ciganas», dizia Cindy, piscando o olho, enquanto faziam as suas poucas malas. Os móveis pertenciam à empresa, portanto nunca tinham muita coisa para embalar. «As *St. James Gypsies*2. Podíamos formar uma banda.»

Jory adorava sentir-se uma cigana. Um dia, pensou, seria cigana de verdade, como a sua mãe planeara ser até ter conhecido o pai de Jory e engravidado inesperadamente. Jory começaria onde a mãe parara e viajaria pelo mundo.

Em poucas horas, Cindy conseguia criar um espaço totalmente decorado com um sabor a lar. Jory fazia amigos com facilidade enquanto se iam mudando de um local para outro, por vezes tão depressa que ainda nem sequer tinha dito «olá» e já tinha novos amigos à sua volta. Ela não fazia

ideia de que levava a sensação de lar consigo numa série de detalhes curiosos. Quando o seu quarto era rosa-pálido com frisos brancos, tinha ela oito anos, levava consigo um aroma a chupa-chupas e a Natal, e os seus novos amigos sentiam que o seu lugar era junto dela. Quando ela e a mãe viviam num pequeno apartamento em plena Baía de Chesapeake, que Cindy decorara em tons de azul e verde pálidos com móveis de madeira e vime brancos ao estilo *shabby chic*, Jory cheirava aos trópicos havaianos e a sol, mesmo no inverno.

Assim, Jory tivera sempre muitos amigos, mas nada durava mais do que o tempo em que viviam num dado local, e, quando Jory fizera dezasseis anos e entrara no secundário, apesar do seu sangue cigano e dos aromas a lar, era como qualquer outra adolescente. Olhava para todos os seus amigos que tinham casas a sério e usavam pulseiras com *BFF 4-EVER!*, que tinham mais dinheiro e coisas mais agradáveis, e iam de férias para a Europa ou faziam cruzeiros no verão, e invejava-os. Mas sabia que *poderia* ter todas essas coisas, todas e muito mais, se acolhesse o seu pai e a família paterna.

Assim, da vez seguinte que entrou pela porta e viu a mãe a embalar o conteúdo da casa à qual Jory se tinha realmente apegado, tomou uma decisão: «Vou viver com o meu pai.»

Cindy fora uma grande beleza na sua juventude, e quando Christopher Buchanan a conhecera, a pintar nas ruas de Paris, no ano que ele fora lá passar para aprender sobre os negócios do pai no estrangeiro, apaixonara-se loucamente pela bela artista boémia. Não tinham sido só o seu cabelo loiro encaracolado e os olhos verdes, mas também a sua liberdade, a forma como ela ia e vinha e se sentia em casa onde quer que estivesse, que haviam feito com que ele se sentisse em casa como nunca se sentira na Carolina do Sul. Ela fora viver para o apartamento dele ainda antes do início do verão. Uma tarde, ele chegara a casa, e ela tinha enchido a sala de livros usados e com o ligeiro cheiro a bafio da única parte da sua infância que ele adorara: a biblioteca. Sentira-se no seu lar e nunca mais quisera sair do sítio que só cheirava assim por causa de Cindy. Ela dissera-lhe que ele a incendiava, e os dois faziam amor dia e noite, enquanto ela pintava e ele ia à empresa do pai o menos possível.

A ausência de Christopher não passou despercebida, e, um belo dia, os

pais dele apareceram no apartamento sem aviso prévio. Ele apresentou-lhes Cindy, mas eles não a cumprimentaram e pediram que ela pegasse nas suas coisas e partisse. Queriam que Christopher ficasse, mas ele saiu também e foi viver com Cindy no seu apartamento boêmio partilhado.

«Chris, querido, só isto tem significado», dissera ela, acariciando a barriga.

Chris era jovem, mas estava resolvido a tentar, e os dois passaram um verão juntos em Paris. Os pais dele tinham cortado com ambos. A falta de dinheiro nunca incomodara Cindy, mas ele acordava todas as noites à mesma hora, em pânico. O que havia de fazer? Pela sua família? Uma criança? Era demasiado jovem para ter um filho! Os Acabou por partir a meio da noite, deixando apenas um bilhete a Cindy:

Cin,

Vou voltar para casa dos meus pais. Sei que tu achas que não queres isso, mas podemos ter o nosso bebé juntos na Carolina do Sul, onde podemos levar uma vida segura e estável. Tu continuas a poder pintar. Podes ser livre. Contanto que fiques. Vem comigo amanhã. Estarei à tua espera.

Cris

Mas Cindy não fora ter com Christopher ao aeroporto no dia seguinte e tivera a sua filha em França. Dera-lhe o nome Marjory St. James, não Buchanan, e chamava-lhe Jory.

Assim, Jory vivia com a mãe e só via o pai e a família em alguns feriados ao longo do ano. Não gostava de estar com eles — os seus avós passavam o tempo a dizer-lhe para se sentar mais direita e a fazer comentários maldosos acerca da sua mãe, que era a sua melhor amiga. O pai nunca a defendia, ficava apenas sentado em silêncio. A sua nova esposa parecia não gostar de Jory. Mas ele sempre dissera que Jory poderia ir viver com ele se quisesse. Que era sua filha e tinha todas as oportunidades à sua disposição, se assim o desejasse.

Jory amava a mãe mais do que qualquer outra pessoa no mundo, mas tinha dezasseis anos. Queria viver o tipo de vida que parecesse um anúncio da Abercrombie & Fitch, morar mais do que um ano na *mesma* casa, ter amigos

verdadeiros e não apenas transitórios. Telefonara ao pai e perguntara-lhe se podia ir viver com ele, e, por incrível que parecesse, ele dissera que sim. O estômago de Jory contraíra-se como se tudo aquilo estivesse errado. A sua bússola interna parecia louca. Mas Jory ignorara tudo isso, fizera as malas com a ajuda da mãe e apresentara-se na mansão Buchanan.

— Qual é o meu quarto? — perguntou ao pai, esperando que algures na aquela enorme casa ancestral houvesse um sítio que ela pudesse sentir como seu.

Ele encolheu os ombros.

— Escolhe o quarto de hóspedes que quiseses. Quando a escola começar, em agosto, estarás lá a maior parte do ano, e imagino que queiras ver a tua mãe nas férias.

— O que quer dizer com isso, que estarei a maior parte do ano na escola?

— Num colégio interno, claro, vais ficar num dormitório com as tuas novas amigas — respondeu ele.

— Não vou ficar a viver aqui? Não quero viver num colégio interno. Quando telefonei a perguntar se podia ficar cá, porque é que disse que sim, se o que realmente queria dizer era outra coisa?

— Marjory, isto é o que «aqui» implica. Terás o nome Buchanan, se decidires que queres mudar o teu apelido. Isso dar-te-á tudo o que o dinheiro pode comprar. E garanto-te que o dinheiro pode comprar seja o que for neste mundo.

Cindy foi buscar Jory à paragem do autocarro uma hora depois. Jory sentia-se uma idiota, mas mais do que isso — sentia-se culpada por cada momento em que fizera a mãe passar pela agonia de a ouvir a sugerir que não lhe bastava. Que a vida delas não tinha sido suficientemente boa. Que o dinheiro a teria feito feliz. Um momento naquela casa fora o suficiente para ficar a saber que o dinheiro tornava as pessoas terrivelmente infelizes.

Cindy afastou meigamente o cabelo do rosto de Jory.

— Oh, querida, o dinheiro não é mau. O dinheiro paga as nossas contas, põe-nos um teto por cima da cabeça. O dinheiro faz parte do mundo em que vivemos, e tens de aceitar isso. Por vezes, uma grande riqueza pode distorcer a nossa visão do dinheiro. O teu pai... Ah, Jory, ele é um bom homem,

acontece simplesmente que não conhece outra maneira de viver. Tu conheces. Toma isto como uma lição: a tua vida é só tua. Não é minha, nem do teu pai, nem de ninguém. Cria o teu próprio caminho. Vais encontrar o teu rumo, querida. És uma St. James, e sabes o que significa ser uma St. James?

— Não.

— Significa que sabes sempre onde estás, porque estás sempre em casa. E vais descobrir que levas isso para onde quer que vás e que as outras pessoas se sentirão em casa contigo por perto. É o nosso grande dom. Porque é que achas que fazes amigos em todos os sítios para onde vais, sem teres de fazer qualquer esforço para isso? — A mãe segurou-lhe as mãos. — E que eu consigo decorar tão bem e fazer com que te sintas em casa? Jory, o que temos não é algo a ser ignorado, mas sim acolhido! Quando aceitares quem és, nunca mais te sentirás perdida. Garanto-te, querida — rematou ela, beijando-lhe as faces. E Jory acreditou nela.

*

— Não posso crer que acabei de te contar tudo isto. O que terá a Cressida metido neste pão? — exclamou Jory, enquanto Shane sorria, recostando-se.

— Gosto das tuas histórias. Então, sendo uma St. James, estás em casa onde quer que estejas? É assim que funciona? — inquiriu ele. Ela assentiu. — Parece que chegaste a um lugar onde realmente encaixas, como as outras mulheres que conheceste.

— Acho que foi como se, quando fiquei a conhecer o meu propósito, tivesse conseguido aceitar realmente quem era e parar de procurar uma peça que faltava. Sempre tinha sentido que estava onde devia estar e conseguira *partilhar* isso. Foi então que percebi como poderia aceitar esse sentimento que, às vezes, tenho; chamo-lhe o meu «instinto de partir». Sei que parece um disparate, mas, quando o meu instinto de partir aparece, é quase como se estivesse a ser chamada para um determinado sítio e, quando lá chego, sinto-me encontrada novamente, porque me sinto sempre em casa. Suponho que é por isso que viajar me assenta tão bem.

Jory calou-se. O que raio estava a levá-la a falar assim com um estranho?

Não apenas um estranho, mas a única pessoa que conhecia que a tinha incendiado. Ela nunca havia sequer expressado tais pensamentos a Liz e a Kate. Talvez nunca os tivesse expressado para consigo própria.

Olhou disfarçadamente para Shane; ele parecia estar também mergulhado em pensamentos.

— Queres ouvir algo ainda mais estranho? — disse ele. — Às vezes, acontece-me a mesma coisa, mas é o oposto de querer ou precisar de partir. É mais que, por vezes, quando chego a um sítio ou estou a preparar-me para partir, aparece-me um instinto de «ficar». Como se houvesse algo mais a fazer antes de ir embora. Na verdade, foi assim que geri toda a minha... vida — concluiu, como se tivesse tido dificuldade em encontrar a última palavra da frase.

Ficaram em silêncio mais uma vez, sem olhar um para o outro. Por fim, Shane quebrou o silêncio:

— O que é que a tua amiga *meteu* naquele pão?

— A minha aposta é soro da verdade — retorquiu Jory, forçando uma gargalhada. A conversa estava a ficar demasiado pessoal, e, no momento em que ela ouvira Shane a pronunciar a palavra «ficar», sentira o seu instinto de partir a entrar em ação. Olhou para o relógio de pulso e levantou-se de um salto. — Meu Deus, olha que horas são! Quanto tempo achas que vamos demorar a voltar a descer?

Shane respirou fundo e respondeu:

— Metade do tempo, se andarmos depressa.

Começou a descer o caminho em passo rápido, olhando ocasionalmente para ver como ela estava. Tentou fazer conversa de circunstância, mas Jory limitou as suas respostas a «sim», «não» ou, por vezes, um mero murmúrio ininteligível. Estava a questionar a sua própria sanidade mental quando lhe contara aquela história estúpida. Quer dizer, a sua família! Os seus medos, a sua vida, cada insegurança que acabara de contar a Shane, que era um estranho e, ao mesmo tempo, não era — porque, quando ele falara sobre o seu próprio instinto, ainda que fosse o oposto do dela, Jory identificara-se com ele, e ele identificara-se com ela. Por fim, Shane desistiu de tentar fazer conversa e não voltou a falar-lhe ao longo do resto do percurso. Ela tinha

destruído oficialmente qualquer hipótese que pudesse ter com ele. Era exatamente o que queria.

Então, porque é que se sentia quase... desolada?

— Já não falta muito — disse Shane.

— Hum-hum — murmurou Jory, no preciso momento em que o seu dedo do pé se prendeu na raiz de uma árvore e ela tropeçou e começou a deslizar pela ravina. — Ah!

Shane tentou segurá-la, mas ela fê-lo perder o equilíbrio, e os dois caíram juntos nos últimos metros. Felizmente, foram aterrar num tufo de musgo.

— Estás bem? — perguntou ele sem fôlego, com os braços em volta dela, levantando-a.

Jory estava tão atordoada que, a princípio, não percebeu que acalmara finalmente pela primeira vez em vários dias. A eletricidade inquieta tinha desaparecido, havia apenas uma sensação de calor ambiente, como se estivesse a tomar um banho de sol. Nesse momento, levantou os olhos e constatou que estava envolta nos braços de Shane. E apetecia-lhe ficar ali para sempre, tão bem se sentia.

Conseguiu arrancar-se ao abraço dele e recuperar o equilíbrio, enquanto examinava os joelhos e os tornozelos. Quando olhou novamente para Shane, a intensidade do olhar dele fez o seu estômago dar uma cambalhota. Então, ele também o sentia, não era? Esse conhecimento fez com que lhe fosse ainda mais difícil dar um passo atrás.

— Estou bem — articulou ela por fim, com esforço. — Obrigada.

Quando alcançaram o parque de estacionamento, dirigiu-se para a sua *scooter*, sentindo os olhos dele fixos nas suas costas. Todas as células do seu corpo queriam voltar para trás. Mas ela seguiu resolutamente o seu caminho e tirou o capacete de baixo do banco.

— Já ouviste falar do Kouros de Apollonas? — perguntou ele precipitadamente.

— Kouros de quê? — inquiriu ela, virando-se.

Ele parecia envergonhado. Enterrou as mãos nos bolsos.

— Apollonas. É uma ruína do outro lado da ilha. Pensei que, se ainda não a tivesses visto, eu podia levar-te lá na quinta-feira. É uma viagem longa, por

isso a minha mota seria melhor e tem lugar para os dois. Não se deve mesmo vir a Naxos e não o ver.

Sim, sim, mil vezes sim!, gritou o corpo dela.

— Eu... obrigada — respondeu Jory —, mas não posso. — Fez menção de pôr o capacete, mas virou-se ainda uma vez: — Obrigada por hoje. A sério. Adeus, Shane.

— Eu vou — bradou ele, levantando a voz acima do ruído do motor da *scooter*.

— O quê?

— Na quinta-feira! — gritou ele. — Ao Kouros, às dez da manhã. Estarei no parque de estacionamento junto à Praia de Grotta. Espero que mudes de ideias.

Jory ia responder, mas ele acenou-lhe e arrancou na sua mota antes que ela tivesse tempo para pensar em algo remotamente inteligente para dizer. Em vez disso, Jory soltou um suspiro e conduziu devagar até à casa de Cressida, tentando acalmar o turbilhão no seu coração e na sua mente.

² As Ciganas St. James. (NT)

Sete

Às seis em ponto dessa tarde, Jory percorreu os catorze passos que a separavam da porta de Cressida. Foi Mago quem veio abrir, arranjada de maneira muito diferente da que Jory lhe tinha visto até então. O seu cabelo prateado estava puxado para trás num carrapito, e das orelhas pendia-lhe um par de brincos cintilantes. Envergava um vestido ao estilo dos anos 20, com franjas e lentejoulas, calçava sapatos de salto alto a condizer e completara a *toilette* com uma longa *écharpe* iridescente — parecia acabada de sair do *plateau* de um filme. Jory sorriu e cumprimentou-a com um beijo em cada face.

— Oh, Mago, está magnífica! Sinto-me tremendamente mal vestida!

— Não, estás perfeita. Eu estou muito exagerada, mas, quando me conheceres melhor, vais perceber que não sei o motivo por que tenho de vestir uma determinada coisa; visto-a, simplesmente. Ah, claro, e por que motivo deixei aquelas sandálias de salto amarelas à tua porta. — Olhou para baixo e sorriu ao ver que as sandálias em questão combinavam perfeitamente com o vestido de Jory, embora, quando as deixara lá, Mago não fizesse a menor ideia de como seria o vestido. — Bem-vinda à festa. Estás sensacional, minha querida.

Jory sorriu.

— Obrigada, não sabia que tinha sido a senhora a deixá-las lá. Suponho que seja a minha fada-madrinha.

Foi atrás de Mago até ao jardim, onde uma mesa de ferro fundido branco, que ela ainda não vira, tinha um prato pequeno em cima de um grande conjunto completo e talheres de ambos os lados. No centro da mesa, havia uma única vela.

— Uau, olhe para isto. — Jory sorriu. — Vamos ter uma verdadeira festa. O que terá levado a Cressida a fazer tudo isto?

Mago sentou-se à mesa, começando a perceber por que razão Cressida lhes pedira para se vestirem assim.

— Pronto, deixa-me servir o vinho. A Cressida pediu para começarmos com este. O branco da vinha do Arie. Conta lá, como foi o teu dia? A Cressida disse-me que tinhas ido fazer uma caminhada no Monte Zas.

Jory corou.

— Fui, sim. Foi interessante.

— *Oi skamata!* — ouviram Cressida a gritar na cozinha.

Ambas olharam curiosamente para o ponto de onde vinha o som.

— O que acha que se passa ali? — perguntou Jory.

Mago estava a olhar com atenção para a porta.

— Faço uma ideia.

Ficaram caladas durante algum tempo, a bebericar o vinho. Mago parecia contemplativa. Por fim, Jory estendeu a mão para ela:

— Mago, tenho de perguntar: passa-se alguma coisa?

— Alguma coisa? — retorquiu ela, rindo, mas sem encontrar o olhar de Jory. — Como o quê?

— Não sei. Desculpe e perdoe-me por me estar a meter, eu só...

Nesse momento, Cressida saiu, e Jory nunca a tinha visto tão segura de si. O seu vestido era vermelho-vivo, com mangas curtas e tufadas, ligeiramente descaído no ombro, justo no tronco e com a saia rodada sobre as ancas. Tinha um avental curto atado à cintura. Nos braços trazia uma bandeja de algo que cheirava tão maravilhosamente que Jory e Mago se inclinaram para a frente para melhor sentirem o aroma.

— *Piperies yemistes me feta* — anunciou ela, avançando lentamente para a mesa nos seus sapatos rasos vermelhos.

— Pimentos recheados com queijo feta — sussurrou Mago a Jory.

— Jory, isto são pimentos gregos, chamados pimentos de Florina, e são diferentes dos vossos pimentos americanos. Vêm de uma quinta do outro lado da ilha. Lá dentro não está queijo feta tradicional, mas um que eu própria faço, chamado *lefko tyri*. Às vezes, substituo-o por *mizithra*, mas esta noite queria algo mais forte, para combinar com o vinho do Arie, com o dia e com a ocasião. Isto vai aguçar-te o apetite, vai fazer-te querer algo mais, desejar a

dentada seguinte ainda mais do que a anterior.

Dito isto, Cressida afastou-se bruscamente, enquanto Mago olhava para ela, com a sua suspeita confirmada. Sorriu.

— Devemos comer? — perguntou-lhe Jory.

Mago assentiu.

— Com certeza que sim. Afinal, somos as primeiras clientes da pequena taverna.

E, tal como Mago finalmente compreendera, Jory também compreendeu. Cressida tinha aberto oficiosamente a sua taverna.

— *Anginares me koukia* — disse Cressida, trazendo o prato seguinte, cerca de vinte minutos depois de terem terminado os pimentos recheados e o copo de vinho.

O prato era uma salada de primavera como Jory nunca tinha comido. Favas combinadas com alcachofras frescas descascadas, embebidas em água com limão e fritas suavemente com cebola, sal e pimenta. Foi servida à temperatura ambiente e decorada com endro e hortelã. Os sabores e aromas pareciam encarnar a vida de toda a ilha, que prosperava às mãos dos camponeses, jornaleiros e produtores. Cada garfada era como provar uma verdade coletiva.

Mais tarde, Jory serviu a única garrafa do complexo e encorpado vinho tinto que Arie lhe dera. Não soubera com o que poderia combiná-lo até à véspera, quando Cressida lhe pedira a garrafa para cozinhar, garantindo que usaria apenas o mínimo indispensável e lhes daria o resto para o jantar. Nem Jory nem Mago bebiam habitualmente vinho tinto, mas Cressida insistira:

— Serve quando eu disser. Vai ser perfeito.

E assim, quando chegou o último prato — *kouneli stifado* —, Jory encheu dois copos grandes e guardou um para Cressida. Era um estufado de coelho feito com tomate e vinho tinto, aromatizado com pimenta-da-jamaica e canela. Quando a carne do coelho se desprendeu dos ossos, combinando perfeitamente com o sabor rico do vinho tinto, foi como se todas as coisas imperfeitas no mundo imperfeito de repente fizessem sentido, como se

tivessem sido feitas umas para as outras.

Era quase demasiado para assimilar, até ter chegado a pequena chávena de café com uma pequena lasca de baclava, que encerrou a refeição numa simples dentada. Cressida juntou-se então a elas, e as três mulheres ficaram sentadas no jardim até altas horas da noite. Cressida contou histórias sobre a sua mãe, a sua arte de fazer pão e bolos, iluminando-se quando percebeu que estar ali sentada significava que o seu sonho se tornaria finalmente realidade. O sol estava quase a nascer quando elas se separaram, os seus abraços um pouco mais prolongados, os seus sorrisos um pouco mais significativos. Pois aquela noite era o início de um verão de recomeços. Todas o sentiam.

*

Arie acordava sempre com os primeiros raios de sol. Era assim desde pequeno, quando trabalhava na vinha com o seu pai. Não precisava de despertador, pois a sua janela era virada para leste, e a primeira luz jorrava por ela adentro não muito depois de o sol se levantar sobre o mar Egeu. Arie espreguiçou-se na cama, sentindo os pontos doridos nos joelhos e nas costas, que lhe lembravam que não era tão jovem como já fora. Achava o silêncio daquela hora da manhã simultaneamente reconfortante e solitário. Reconfortante por saber que aquele era outro dia para se levantar, trabalhar e viver, e solitário porque estava apaixonado por Mago Samaras e sabia que ela estava apaixonada por si, mas, apesar disso, não estava ali para partilhar as manhãs com ele.

Da primeira vez que soubera que estava apaixonado por Mago, tinha dez anos. Era um sábado, e a família Samaras fora à vinha. O seu pai cumprimentara-os com deferência, para que Arie soubesse que se tratava de visitas importantes. Eles tinham trazido uma rapariga que ele conhecia da escola, Mago Samaras. Para rapariga, não estava mal; por vezes, era descarada e fazia-o rir na aula.

Os pais tinham-lhe dito para levar Mago a dar um passeio pela vinha. Ela revirara os olhos quando os dois haviam sido enxotados pelos adultos, que queriam falar de «negócios».

— Então, o que fazes aqui o dia todo, afinal? — perguntou Mago.

Arie não sabia porque se sentia tão intimidado.

— Apanho uvas, trabalho na quinta. Às vezes, dou uma volta no trator, para me certificar de que está tudo a funcionar como deve ser — mentiu ele. Mas aquilo chamou a atenção dela.

— Têm um trator? E *tu* conduzes?

A maneira como ela disse «tu» irritou Arie seriamente, o suficiente para o fazer continuar a mentir.

— Sim, *eu*. E é rápido. O mais rápido da ilha. O meu pai diz que é um *John Deere* americano, dos Estados Unidos, e mais ninguém em Naxos tem um.

Essa parte era verdade. Certa manhã, um dos seus jornaleiros, um rapaz inglês de cabelo ruivo chamado Ben, levava Arie a dar uma volta em que tinham atingido quase trinta quilómetros por hora em terreno plano. Arie não sabia o que isso significava, mas sabia que estavam a andar mais depressa do que ele jamais tinha andado e a voar através da vinha com a mais absoluta alegria.

Apesar disso, a sua afirmação de que sabia conduzi-lo era, de facto, mentira.

No entanto, valeu a pena, para ver o rosto de Mago iluminar-se e um brilho um pouco selvagem surgir nos seus olhos negros.

— Vamos dar uma volta com ele. Eles vão passar horas lá em cima. Eu sei que o meu pai veio em negócios. Leva-me a dar um passeio no trator, Arie!

Foi o facto de ela ter dito o seu nome que fez a diferença. Arie sentiu-se encorajado por aquele espírito de aventura, que era algo que ele próprio não tinha em abundância. Era filho do seu pai — pragmático, trabalhador, leal. Mas ela fê-lo querer ter uma verdadeira aventura. Esgueiraram-se para as traseiras do celeiro, onde o trator se encontrava estacionado. As chaves estavam na ignição. A maioria dos jornaleiros ainda estava fora àquela hora da manhã, pelo que era todo deles. Ben tinha-lhe ensinado como ligá-lo e engatar a mudança, e Arie achou que não seria muito mais difícil do que andar de bicicleta.

Rodou a chave na ignição, e o motor rugiu. O rosto de Mago brilhava. O

mesmo acontecia com o dele, apesar do crescente sentimento de culpa que não conseguia afastar. Porém, queria mesmo mostrar a Mago que sabia conduzir. Portanto, engatou a mudança. Afinal não era nada como andar de bicicleta, de maneira nenhuma. Arrancou e parou algumas vezes, sempre em frente. Embora Arie fosse alto para os seus dez anos, não era suficientemente alto para chegar aos pedais sem comprometer a capacidade de ver para onde iam. Mas Mago fitou-o de olhos semicerrados, e foi quanto bastou para que ele soltasse um grunhido e pisasse o acelerador a fundo. Arrancaram, mais depressa até do que quando Ben conduzia. Arie mal conseguia ver para onde iam, pelo que ficou grato por Mago ir gritando: «Esquerda! Direita! Esquerda! Direita! Ahhh!»

A aventura acabou com eles a derrubar uma fila inteira de videiras, a assustar um rebanho e, no fim, a esbarrar contra uma árvore, embora por essa altura já tivessem abrandado o suficiente para não destruir por completo o trator. Ambos começaram a respirar pesadamente quando ouviram as vozes dos camponeses e dos seus pais, a correrem pela colina abaixo na direção deles. Arie estava apavorado, mas, ao mesmo tempo, sentia-se a voar. Virou a cabeça, em choque e a tremer, e Mago virou também a cabeça para ele. Depois começou a rir.

— Foi o melhor momento da minha vida — arquejou ela.

— Da minha também — respondeu Arie.

E a partir desse dia soube que, de uma maneira ou de outra, amaria Mago Samaras até ao fim dos seus dias.

*

Mais de cinquenta anos depois, Arie atingira uns maduros sessenta e oito anos de idade e continuava a amar Mago Samaras. É claro que ela tinha sido Mago Nomikos durante mais de trinta anos, mas, para ele, seria sempre uma Samaras.

Não tomava o pequeno-almoço antes de avaliar o dia de trabalho que tinha pela frente. Percorreu a vinha no seu trator, uma versão muito mais recente do *John Deere* da sua aventura com Mago no final da década de 60. As

uvas estavam com bom aspeto, os citrinos quase prontos. Já tinha contratado uma boa quantidade de pessoal para a colheita. Muitos vinham de outras regiões da Europa e trabalhavam a troco de alojamento e da experiência do estilo de vida da ilha.

Quando regressou da sua primeira ronda, preparou o único pequeno-almoço que sabia fazer e que consistia em *bacon* e ovos sobre uma torrada. Às vezes, o talhante dava-lhe salsichas, mas, na maior parte das vezes, era apenas *bacon* e ovos. Tudo corria de acordo com a rotina matinal que ele seguia havia muitos anos, até que levantou os olhos e deparou com algo inesperado. Uma das suas garrafas de vinho, o tinto. Nunca vendia o tinto. Mas aquela garrafa não estava ali, na cozinha, quando ele fizera o seu café antes de sair, e não devia seguramente estar vazia, como de facto estava. Parecia haver algo escrito no rótulo. Aproximou-se e verificou que Mago tinha assinado a garrafa, bem como Marjory e Cressida. Havia também um bilhete que dizia: «O teu vinho encontrou o seu par.»

— O tinto? — disse ele em voz alta, para si mesmo. — Ninguém compra o tinto no verão. É demasiado encorpado e rico para a maioria dos paladares quando está calor.

O vinho tinto era o favorito de Arie, qualquer que fosse a época do ano. Precisava apenas da combinação certa.

— O tinto estava perfeito ontem à noite — disse uma voz atrás dele.

— Mago — sussurrou Arie. Depois sorriu: — O que pode ter sido tão delicioso que tenha feito o meu intenso vinho tinto encontrar o seu par?

— *Kouneli stifado*. O sabor terroso do coelho estufado combinado com a intensidade do vinho tinto... ficou perfeito.

— Devo andar a jantar em tua casa nas noites erradas. — Arie deu uma gargalhada que lhe enrugou os cantos dos olhos. Mago detestava cozinhar.

— A Cressida, ela vai abrir a taverna — disse Mago baixinho, caminhando pela sala. Por fim, virou-se para Arie: — Porque é que nunca casaste?

Arie já conhecia aquela pergunta de cor e salteado.

— Tu sabes porquê — replicou.

Ultimamente, a sua resposta parecia incomodar Mago, deixá-la inquieta,

fazê-la esfregar a nuca com a mão, que depois dava a volta e ia terminar sobre o peito.

— Eu casei. E perdi um marido. E se?...

Arie levantou a mão:

— Nunca pensei que a Mago Samaras pudesse deixar o medo dominar a sua vida.

— Não tenho medo! — retorquiu ela, em tom de desafio.

Ele pegou na mão que ainda repousava sobre o peito dela e segurou-a entre as suas.

— Tens medo de alguma coisa. Não sei o quê. Mas, quando descobrires de que se trata, eu estarei aqui. Sempre estive e sempre estarei.

Oito

O pequeno-almoço do dia seguinte foi um brioche mergulhado em especiarias e queijo antes de ser cozido. Jory e Cressida sentaram-se na varanda do quarto dela. Jory bebeu o café e olhou para o pão, sem comer. Cressida ainda não tinha notado, e Jory percebeu porquê quando seguiu o olhar da sua companheira. Mago andava de um lado para o outro, da porta de casa para o alpendre e novamente para a porta, com o rosto crispado, a sussurrar ao telemóvel.

— Passa-se alguma coisa com a Mago — disse Cressida, num tom ansioso. — Conheço-a há muito tempo e nunca a vi assim. Está a esconder qualquer coisa. Ela falou contigo? Sei que têm passado muito tempo juntas. — Virou-se para Jory.

— Não, ela não mencionou nada. Mas, embora eu não a conheça há muito tempo, quando ela julga que não estou a olhar, vejo que há algo que a preocupa. Pensei que talvez fosse imaginação minha, visto que ela é tão aberta e alegre, e cheia de histórias peculiares e conselhos atrevidos — respondeu Jory com um sorriso de ternura.

— Talvez possamos perguntar-lhe as duas e ver se ela se abre connosco — aventou Cressida. — Deixa-me pensar no que é que eu poderia fazer... — acrescentou, deixando a frase a meio com uma expressão pensativa.

Ah! Ela pôs mesmo qualquer coisa no meu pão ontem. Como consigo que ela confesse?

— Então, hum... — começou Jory, engolindo o seu constrangimento. — Sabes o que me contaste sobre o teu dom com pão e bolos? Pensei que talvez pudesses ensinar-me o que fazes. Dar-me uma espécie de aula de culinária Callas. Adoraria saber se, hum, sabes, se incorporas *sempre* algo no teu pão?

Cressida virou-se para fitar Jory. Esta evitou o seu olhar, e Cressida

inclinou-se até a sua interlocutora não ter alternativa senão encará-la.

— Porque é que não estás a comer o meu brioche? Ainda estás cheia de ontem à noite? — Recostou-se na cadeira, cruzando os braços, e esperou por uma resposta. — Então? — insistiu.

— Está bem! — confessou Jory. — Tenho medo de comer o teu pão porque não sei se lhe incorporaste um soro da verdade, como na minha sanduíche de ontem!

Cressida inclinou-se de novo para ela.

— Marjory St. James, não posso acreditar que penses que eu pus soro da verdade no meu brioche. Isso é simplesmente insultuoso.

— Desculpa, não queria insultar-te. É um disparate.

— Pff, claro que não é um disparate. Acontece é que brioche é simplesmente a massa errada para isso. Eu incorporaria isso em algo muito mais tradicional, como uma *focaccia* de alecrim.

— Então puseste-o no meu pão de alecrim ontem? Eu sabia!

— Jory! O que aconteceu ontem? Estás intencionalmente a esconder-me alguma coisa. E não, não incorporei nenhum soro da verdade no pão que fiz ontem para a tua caminhada sozinha. Isso teria sido um desperdício de esforços. Mas é evidente que pensaste que eu o fiz, portanto a questão é: porquê? Vá, conta-me tudo.

Jory corou, enquanto os seus olhos procuravam qualquer coisa em que se fixarem além de Cressida. Os seus dedos crispavam-se num nó.

— Meu Deus, que parvoíce a minha não ter percebido antes! — murmurou Cressida. — Conheceste alguém. Um homem. Só um homem faria uma mulher ficar tão atrapalhada.

O seu palpite confirmou-se quando Jory enterrou a cabeça nas mãos e soltou um suspiro tão lastimoso que Cressida não pôde deixar de rir.

Jory contou-lhe como conhecera Shane na loja de Selene, na cidade, e a maneira ridícula como reagira a ele. E depois novamente, no restaurante.

— Devias ter-me visto, Cress — gemeu. — Sinceramente, ele está sempre composto e confiante, e depois lá estou eu — prosseguiu. — Uma palerma desajeitada que tropeça ou parte qualquer coisa sempre que o homem lhe toca. E estou sempre toda desgrenhada — rematou com um suspiro,

apontando para o cabelo.

Cressida riu e bebeu um gole de café.

— Estás um bocadinho, não estás? — Até Jory riu. — Mas faz parte do teu charme. O que aconteceu depois?

Jory começou a contar-lhe tudo o que tinha acontecido no Monte Zas e explicou por que motivo pensara que ela tinha incorporado soro da verdade no pão. Até Cressida teve de admitir que a situação parecia suspeita. Quanto mais Jory falava acerca do seu dia e sobre como se sentia quando Shane lhe tocava, quando finalmente se abriu, tornou-se claro para Cressida que ela gostava verdadeiramente daquele homem e que isso a assustava. Mas não compreendia porquê.

— Teres encontrado um homem de quem gostas não é uma coisa boa? Uma coisa oportuna? Na tua idade, deves sentir que te falta alguma coisa, por não seres casada nem teres namorado.

Cressida tinha-se interrogado a esse respeito muitas vezes desde a chegada de Jory — por que motivo ela nunca referia um namorado ou sequer o desejo de o ter. Quando Jory falava da sua vida, contava histórias de algumas das suas viagens e refletia sobre o seu futuro, era tudo muito solitário.

Jory pousou o café e puxou a cadeira de modo a ficar de frente para Cressida, sentando-se muito direita e com os tornozelos cruzados, como aprendera na aula de debate na escola. Sabia que Cressida diria algo assim, pelo que tinha preparado o que considerava ser um excelente argumento a seu favor, que lhe permitiria com certeza ganhar o debate. O que não sabia ao certo era por que motivo havia de debater tal assunto com Cress.

— Ora bem, encontrar um homem de quem eu realmente goste é precisamente o que tenho evitado ao longo dos últimos cinco anos. Adoro a minha vida. Sabes como tu és uma Callas? E como isso te trouxe um dom, uma história? Pois bem, eu sou uma St. James, e as mulheres St. James também têm um dom. Mas eu só posso ter essa vida e usar esse dom, seguir o meu propósito, se não estiver numa relação — declarou, olhando para Cressida para ver se ela estava a ouvi-la.

Cressida acenou-lhe que continuasse, com o rosto inexpressivo.

— Quer dizer, imaginas viajar pelo mundo fora e partir para um sítio

qualquer quando me apetece, ter esse tipo de liberdade, essa vida perfeita que tenho agora, se estivesse numa relação com alguém? Não! — prosseguiu Jory, respondendo à sua própria pergunta quando a boca de Cressida se abriu. — No fim, haveria duas opções: opção um, eu fico. Fico por um tipo qualquer, porque sou doida por ele, e acabavam-se as viagens pelo mundo para a Jory! Opção dois, não fico, e nós separamo-nos, e eu acabo com o coração destroçado porque cometi a estupidez de ir à parvoíce de Kouros de Apo, ou lá o que seja, apesar de saber que ele era o meu incendiador!

A voz de Jory ia-se tornando mais alta. Por fim, ela levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Era por isso que muitas vezes perdia os debates. Deixava-se emocionar excessivamente. Mas não conseguia evitá-lo.

— O teu... quê? O que é um «incendiador»? É uma palavra americana que eu não conheço? — inquiriu Cressida.

— É uma palavra ridícula da Cindy St. James para designar o único homem no mundo inteiro cujo toque nos faz sentir como se tivéssemos sido eletrocutadas! — gritou Jory, levantando as mãos e rodando em círculos.

Cressida parecia confusa.

— O meu inglês às vezes não é muito bom. Eletrocutada, como... — Sacudiu-se dolorosamente. — Como se fosse muito mau e pudesse matar-nos?

Jory atirou a cabeça para trás, soltando um «viva!», depois agarrou nos ombros de Cressida.

— *Sim!* Eu sabia que tu ias compreender! Muito mau! Como ser queimado vivo de tanto desejo e uma ânsia tão intensa como nunca tivemos por nada em toda a nossa vida, e que dá vontade de morrer se não o tivermos! É por *isso* que não posso voltar a vê-lo! Faz sentido? — Os seus olhos estavam arregalados, e ela teve a sensação de estar um pouco louca, enquanto esperava que Cressida respondesse.

— Não! — disse Cressida com veemência, pondo-se em pé e afastando as mãos de Jory dos ombros. — Esse foi o pior argumento que ouvi em toda a minha vida — continuou, rindo tanto que mal conseguia articular as palavras. — Julgava que me tinhas dito que fazias parte do grupo de debate da tua faculdade.

Jory abriu a boca para dizer qualquer coisa, depois fechou-a e acabou por revirar os olhos com um sorriso autodepreciativo.

— Bem, não te disse que era muito boa nisso — murmurou, e Cressida começou a rir à gargalhada. Jory não resistiu e desatou a rir também. Por fim, suspirou e voltou a sentar-se. — Ah, pronto, já chega.

Cressida limpou os olhos e sentou-se à sua frente.

— Sabes o que eu acho? — disse ela. — Acho que tens medo. Tu, a mulher corajosa e independente que aprecia a liberdade. Tens medo de que algo possa ameaçar essa liberdade à qual te agarras de forma tão obstinada. Mas esse Shane tira-te da tua zona de conforto. Faz-te sentir imensas coisas maravilhosas, e isso assusta-te. Mas vou dizer-te uma coisa: apaixonarmo-nos não é confortável. Estar apaixonado não é confortável. E é por isso que é tão bonito. — Fez uma pausa. — Pronto, a tua verdade já foi descoberta, portanto come o famigerado brioche.

Jory partiu finalmente o brioche e deu uma dentada cautelosa. Sentiu o efeito quase de imediato, enquanto o sabor penetrava, e suspirou de prazer.

Ambas ficaram caladas durante um momento.

— Ainda acreditas que o amor é assim tão bonito? — perguntou Jory. — Depois de tudo o que te aconteceu?

Cressida refletiu um pouco.

— Durante muito tempo depois da morte do Leo, no ano passado, não pensei assim. Pensava, como tu, que talvez fosse melhor ficar na minha zona de conforto, não permitir que o desconhecido acontecesse. — A sua voz tornou-se mais forte. — Mas já não consigo acreditar nisso. Há mais de um ano que vivo na zona de conforto do meu luto, e é tempo de seguir em frente. A tua amizade permitiu-me sair do meu esconderijo e explorar novamente o desconhecido. E, ainda que eu ame o Leo até ao último dia da minha vida, a resposta é sim. Valeu cada momento.

*

— Não és uma pessoa matinal, pois não? — perguntou Cressida, abrindo a porta a Jory, que envergava a sua *sweatshirt* demasiado grande, calças de

ganga e usava o cabelo apanhado num rabo de cavalo crespo.

— Não considero que seja manhã até o sol nascer e, por norma, até algumas horas depois disso — resmungou Jory, entrando pesadamente na cozinha. — Ah, que bom, café. — Serviu-se de uma caneca generosa. — Tínhamos mesmo de começar assim tão cedo?

— Já te disse: a melhor altura para cozer é de manhã, antes de termos demasiados pensamentos a ocuparem a nossa atenção. Cozer à noite, depois de um longo dia a pensar, é perigoso.

— Estás a perder o teu tempo a tentar ensinar-me. Tenho bons motivos para não cozinhar. É sempre um desastre. Tento fazer um bolo, e fica com um buraco no meio. Faço biscoitos, e eles acabam achatados numa camada de açúcar endurecido.

Cressida riu.

— Não estou a brincar — insistiu Jory. — Uma vez, fiz *muffins* de mirtilo, e, quando a Liz me atirou um, partiu uma janela. A sério. Não queres ver-me a cozinhar.

— Ontem achavas que era uma ótima ideia aprenderes as minhas capacidades culinárias mágicas — gracejou Cressida.

— Sim, depois de ter bebido demasiados copos de vinho — retrucou Jory. — Ai, é *tãããã* cedo!

— Devias ter-te formado em teatro — observou Cressida, rindo. — Muito bem, vamos começar. Eu ia medir e preparar tudo antecipadamente, mas isso parecia batota, de certo modo, portanto, fui buscar a receita e todos os ingredientes de que vais precisar, e vou ler e explicar o que tens de fazer. Hoje, vamos fazer pão de azeitonas. É muito simples, e usamos azeitonas daqui, do jardim, de maneira que vais usar os frutos da terra no teu pão. Também escolhi esta receita porque é feita em duas etapas. Esta manhã, fazemos a massa e deixamo-la crescer. Daqui a umas horas, amassamos outra vez. É uma excelente receita para veres como o teu trabalho muda ao longo do dia. Além disso, dar-nos-á algumas horas para falarmos sobre a taverna e para eu te mostrar o resto da propriedade.

Começou por dar instruções a Jory para deitar açúcar, fermento e água morna numa tigela e medir depois os restantes ingredientes enquanto o

fermento fresco atuava e borbulhava. Em seguida, misturou a farinha, o sal e o azeite.

— Misturamos primeiro com uma colher. Como estou a ensinar-te a fazeres o meu tipo de pão, ofereço-te a colher de pau da minha mãe. Ela costumava chamar-lhe uma coisa qualquer. Não me lembro da palavra, mas chamei-lhe a colher do «tu consegues», porque o nome que ela lhe dava era mais ou menos esse.

— Quer dizer, uma espécie de conduto? — perguntou Jory, disfarçando um sorriso.

— Sim! Como um conduto para a massa. Agora pega na colher e mistura.

Jory fez o que lhe mandavam, e Cressida teve de reconhecer que ela não estava a mentir acerca da sua inépcia. Não fazia nada com precisão ou delicadeza, mas esforçava-se tanto que era impossível corrigi-la.

— Assim está bem? — perguntou Jory.

— Sim, sim, está ótimo. Agora é tempo de amassar. Demora um pouco a habituares-te ao movimento, se nunca fizeste pão. É por isso que é importante fazer esta parte de manhã. Nos próximos dez minutos, vais perceber que, enquanto amassas, quase entras em transe: não estar totalmente acordada é essencial. Eu descobri que, se estiver muito desperta, incorporo coisas demasiado pessoais no meu pão. Nem sempre é assim, mas, para mim, pessoalmente, acho que estar um pouco sonolenta mantém o meu foco na tarefa de fazer o pão.

— O que te leva a pensar que eu terei qualquer capacidade de fazer o que tu fazes com o teu pão? — indagou Jory.

Cressida riu.

— Não penso isso. Mas tu querias aprender o que eu faço, e eu vou ensinar-te a fazer isto da maneira como me ensinaram a mim. Porque, embora não tenha motivos para acreditar que tu terás o mesmo dom, também não tenho motivos para acreditar que não o terás. Tu e eu estamos ligadas, os nossos dons parecem estar entrelaçados. Além disso, a Mago disse-me que bebeste do ribeiro. Portanto, tenho pelo menos de tomar precauções. — Piscou o olho a Jory.

Foi conduzindo Jory ao longo do processo de amassar, e, decorridos cerca

de três minutos, a aprendiza entrou por fim num ritmo fluido. Dobrar, amassar, depois dobrar e amassar outra vez.

— Santo Deus, isto é esgotante — declarou Jory.

— Há muito tempo que não penso no assunto nesses termos. Ou talvez pense. Na verdade, é como fazer exercício. Vê, tenho os braços e as mãos realmente fortes. — Cressida fletiu os músculos. — Se acabar por ter de vender a propriedade, talvez me torne uma famosa campeã de braço de ferro.

Jory parou de amassar.

— Vender? Como assim, vender?

Como é que ela tinha deixado escapar aquilo? Cressida não estava pronta para contar a Jory sobre a oferta que lhe haviam feito pela propriedade, não quando estava desesperada para dar tudo o que tinha de modo a conseguir abrir o negócio e ver o que acontecia. Precisava de Jory. Precisava da sua amizade e do seu companheirismo, precisava da sua força. Não podia contar-lhe, ainda não. Não até concretizarem a abertura.

Agora, Cressida tinha um objetivo, algo que sabia que tinha de fazer, e isso era abrir a sua taverna. Michael Smythe tinha razão. Era provável que ela tivesse de vender. Mas ainda tinha o verão para tentar concretizar o sonho que fora seu e de Leo, e talvez, no fim, isso resultasse em algo ainda maior do que ela podia imaginar. Cressida amava a sua pequena casa mais do que qualquer outra coisa no mundo e não estava disposta a desistir dela sem lutar. Uma luta para a tornar sua.

— Não é bom parar de amassar, é preciso continuar, aconteça o que acontecer, senão o pão não cresce. E agarra-se, o que é terrível para as bancadas.

Jory concentrou-se novamente na massa, trabalhando em silêncio durante alguns minutos.

— Mas tu falaste em vender. Estás a planear vender?

— Estou a planear abrir. Finalmente. Agora amassa, com mais força, não está a ficar fofa com rapidez suficiente. Quanto mais afinco puseres no trabalho, menos tempo demoras a conseguir que saia bem.

O olhar de Jory fê-la questionar-se quanto daquela afirmação se referiria ao pão e quanto era dirigido à sua vida.

— Agora esperamos — declarou Cressida. Cobriu a grande tigela de massa com uma toalha ligeiramente humedecida e pô-la perto da janela da cozinha. — A massa tem de crescer num sítio quente, mas o sol direto pode matar o fermento. Está calor, por isso a bancada perto da janela resulta melhor. No inverno, por vezes, uso o cilindro de água quente na despensa ou meto-a no forno — explicou. — Anda, tenho muito para te mostrar.

*

— *Isto é o teu escritório?* — exclamou Jory.

Cressida tinha um bom computador portátil da Microsoft ligado a uma impressora moderna. Havia também um terminal para cartões bancários e um *iPad mini* que ainda estava na caixa.

— O Leo. — Ela sorriu com indulgência, abanando a cabeça para a sala. — Ele adorava eletrónica e queria que tivéssemos os sistemas mais atualizados. Eu... Eu gosto de manter as coisas simples, ele queria ser moderno. Com comida simples. Nunca tentou meter-se na minha comida. Estás à vontade para usar este escritório sempre que quiseses enviar *e-mails* ou contactar com os teus amigos na tua terra. — Pôs uma chave na mão de Jory.

— Obrigada. — Jory agarrou na chave e guardou-a no bolso. Percorreram juntas o escritório, que era espaçoso, mas parecia mais pequeno do que era, por causa da enorme secretária e de todos os acessórios. — Fala-me mais sobre o que tu e o Leo sonharam para aqui. Sobre a vossa visão.

Cressida fechou os olhos e, por um momento, permitiu-se viver num mundo diferente, onde Leo ainda existia. Para tentar recordar o seu sonho.

— O Leo era o relações-públicas, o empregado, o chefe de mesa. Queria fazer a publicidade, ir buscar hóspedes ao porto. Queria a pousada. Queria que esta fosse a taverna mais famosa das Cíclades. Queria o bookings.com e queria ter anúncios em todas as redes sociais. Desejava tudo para nós. Era um grande sonhador, o meu Leo.

— Mas, agora, o Leo não está cá. O que é que *tu* queres? Qual é a tua visão agora?

O que queria ela? Queria cozinhar, encontrar a sua alma na alegria de

levar comida e delícia a outras pessoas. Queria ver a sua taverna aberta e fazer parte dela. Olhou em redor para a bonita pousada. Era verdadeiramente bonita, e os quartos eram deliciosos. Leo colecionara revistas e encontrara decorações que lhe tinham agradado. Fora a Atenas procurar móveis para levar para casa, e os dois tinham arranjado os quartos como nas revistas, rindo e atirando tinta um ao outro e fazendo amor em cada um dos quartos, adorando o seu sonho partilhado. Mas, enquanto a taverna era dela e a cozinha também, a pousada não era. A pousada era o sonho dos dois, ou melhor, era o sonho de Leo, do qual ela fazia parte.

«Eu trato da pousada, e tu cozinhas, e vamos criar magia», dizia ele.

Cressida perguntou-se mais uma vez se não seria melhor tornar aquele sítio naquilo para que tinha sido concebido e que ela não poderia dar-lhe. Poderia o Resurgence Group fazer isso pela sua pousada? Poderiam ser eles a torná-la no que estava destinada a ser? Mas, se assim fosse, ela não teria nada. Não teria cozinha, não teria comida para cozinhar.

— Cress? — repetiu Jory, num tom suave. — Estás bem?

Estaria bem? Respirou fundo. Amaria sempre o seu Leonidas, sentiria sempre a sua falta e chorá-lo-ia, mas isso não podia continuar a ser o centro do seu ser. A sua vontade de viver começava a superar a sua vontade de não viver.

— Estou bem.

Jory sorriu, pegando-lhe na mão.

— Podes ter a certeza de que estás.

— Anda daí, vamos terminar o teu pão e discutir as nossas ideias.

*

Jory não podia acreditar. A sua massa tinha mesmo crescido, como ela vira nas fotografias dos livros de receitas em todas as outras vezes que tentara fazer bolos e não conseguira. Transformara-se numa grande bola de massa fofa, com o dobro do tamanho original. Jory saltou e guinchou de alegria, virando-se para Cressida:

— Olha para isto! Consegui!

Cressida ria.

— Ainda vais a meio. Agora que estás bem acordada, podes acabar o pão. Pegar na massa e transformá-la naquilo que ela apenas começou a sonhar ser. Agora é tua, para a moldares. A partir desta massa, podes fazer quase tudo. Mas hoje vamos fazer pão de azeitonas. Anda.

Jory trabalhou mais do que nunca, batendo as azeitonas para as secar e medindo as colheres de orégãos e de cebola que a própria Cressida tinha secado.

— Agora é preciso amassar novamente. Desta vez, vais adicionar as azeitonas frescas e os orégãos até estarem distribuídos de modo uniforme. Mantém um pouco de farinha ao lado. As azeitonas vão humedecer a massa, que pode começar a pegar. Se começar a agarrar-se à bancada, tens de adicionar uma pitada de farinha. Mas não muita. Adicionas um pouco de cada vez, amassas, depois juntas um pouco mais, até que não pegue. Está bem?

— Certo — respondeu Jory, amassando o pão como fizera de madrugada. Agora era ainda mais difícil.

— Ontem, na tua, hum, argumentação frenética, digamos assim — começou Cressida —, falaste em ir a «Kouros de Apo ou lá o que seja» com o teu homem. Referias-te a Kouros de Apollonas? — perguntou, num tom inocente.

Jory deu-lhe uma palmada brincalhona no ombro.

— Ele não é o meu homem. E acho que sim. Mas eu não vou lá, lembras-te? — As suas faces começaram a aquecer, e uma onda de calor alastrou-se-lhe pela barriga só de pensar em Shane e em voltar a vê-lo.

— É uma pena. É um sítio encantador, cheio de história. E agradavelmente longe, o que te daria muito tempo para teres os braços à volta do tronco dele, na mota — provocou-a Cressida.

— Cress! — guinchou Jory. — Estou a tentar amassar! Para de me distrair com pensamentos sobre o Shane.

— Queres que te prepare um bom piquenique? Posso incorporar o que tu quiseses no pão. Lembras-te do primeiro pão que fiz para o Leonidas, quando julguei que ele era o rapaz por quem me tinha apaixonado em Atenas? Ele

entrou na cozinha e queria casar comigo, embora nunca me tivesse visto antes. — Cressida sorriu, depois acrescentou, num grasnar de bruxa: — Podemos enfeitiçar o Shane.

— Oh, nem pensar nisso, tu não vais incorporar nada em seja o que for que eu vá dar ao Shane! Não confio em ti.

— Que falta de fé na tua boa amiga! — disse Cressida, levando a mão ao coração numa atitude de defesa simulada. Depois inclinou-se para a frente e acrescentou, num falso sussurro teatral: — Também posso incorporar virilidade no pão, só para saibas.

— Cressida Thermopolis, tu és diabólica! — Jory deu uma gargalhada. — Agora a sério, é esta a parte em que incorporo alguma coisa na massa? A parte mágica?

— Ah, minha extravagante amiga, que acreditas em magia mesmo na tua idade avançada! — gracejou Cressida. — O que é que gostarias de incorporar no teu pão?

O que gostaria ela de incorporar no seu pão? Se fosse capaz de fazer o que Cressida fazia, e que tinha a certeza de que era realmente um tipo de magia, o que gostaria de transmitir? Queria fazer algo que significasse que a taverna seria um sucesso, por Cressida. Acenou com a cabeça e começou a amassar, mas, quanto mais amassava, mais a sua mente vagueava, e Jory não conseguia pensar em absolutamente mais nada além de se sentar na mota de Shane e pôr os braços à volta do tronco dele. Via os seus olhos a enrugarem-se, a maneira como a deixava a sentir-se tão perdida que só queria ser encontrada por ele, o que não fazia sentido nenhum. Mas, acima de tudo, não conseguia parar de pensar no desejo, que era como eletricidade sempre que ele lhe tocava.

— Estás a pensar? Estás a amassar num frenesim, deves estar a pensar em coisas verdadeiramente maravilhosas.

Jory corou. Oh, céus, Cressida conseguiria ver através dela, ficar a conhecer os seus desejos mais profundos quando comessem o pão?

— Estás a sentir um formigueiro nos dedos? É o que acontece comigo, quando sei que a minha intenção está a resultar.

Jory parou. Não, não sentia qualquer formigueiro. Era um alívio. Muito bem. Foco. Foco no sucesso. Na taverna. Tinha de se concentrar em qualquer

coisa que não fosse a rijeza do tronco dele quando ela lhe caía nos braços, a respiração quente dele tão perto da sua... tão perto... se ao menos ela pudesse aproximar-se mais...

De repente, Cressida estava atrás de si e, por um único momento, tocou no ombro de Jory enquanto esta se endireitava para verificar a sua massa. Um calor agradável desceu-lhe pelo braço e provocou-lhe um breve formigueiro nos dedos enquanto amassava o pão.

Depois, a sensação desapareceu.

— Muito bem, Jory. Está com muito bom aspeto. Agora podemos pôr o pão num tabuleiro e pincelá-lo com azeite. Em seguida, cobre-se com o resto das ervas secas e leva-se ao forno. Está com ar de que vai saber muito bem.

As mãos de Jory estavam a tremer enquanto metia o tabuleiro no forno. O formigueiro desaparecera, mas a sensação frenética, como se tivesse bebido demasiado café, permaneceu.

*

Mago estivera a ouvir as raparigas a rir na casa ao lado durante a última hora, e esse som deixara-a feliz, quase tão feliz como quando estivera com Arie na véspera. Isso era o melhor da vida. Por vezes, demora-se muito tempo a viver com alegria. Mas, quando finalmente se consegue, a mudança preenche o ar e tem um aroma como o do primeiro dia da primavera, quando a geada matinal se transforma num orvalho suave que faz a erva cheirar a erva e as flores florescer. Pois o inverno acabou. O calor banha a pele nos dias mais longos e soalheiros. A esperança reina, a felicidade paira.

Mago sentia tudo isso naquele momento. Em si própria e, sobretudo, a irradiar da casa ao lado, que vivera no inverno durante tanto tempo, demasiado tempo. Agora estava banhada em riso e esperança. Pegou no seu bule de chá a ferver e desceu as escadas para a casa de Cressida, sem se preocupar em bater.

— Olá? — chamou.

— Mago! Vem, estamos no jardim — bradou Cressida em resposta, com a voz leve e alegre, em que tilintava o riso. Isso trouxe a Mago uma alegria

completa. Não ouvia a verdadeira voz de Cressida havia muitos, muitos meses. Mas era aquela. Uma voz que cintilava de riso.

— Trouxe chá para acompanhar o que fizeste, Cressida. Tem um cheirinho... desejável. — Mago não sabia o que a levava a empregar aquela palavra em particular, mas, fosse o que fosse, devia estar correto, pois Cressida irrompeu numa nova série de gargalhadas, chegando mesmo a ronar.

— Oh, Mago, acho que acertaste na cabeça com um caracol.

Foi a vez de Jory dar uma gargalhada:

— Acho que querias dizer «acertaste em cheio na cabeça do prego», Cress.

— O que significa isso? — indagou Cressida, e Jory riu ainda com mais vontade.

— Significa que acertaste. O que significa acertar na cabeça com um caracol?

— A mesma coisa. Mas usando um caracol, sabes. — Fez uma pausa. — Ah, estou a ver. A expressão não tem caracol nenhum. Não admira que nunca fizesse sentido quando o Leo a dizia.

Irromperam numa nova ronda de gargalhadas.

Mago serviu o chá, depois agarrou numa fatia do que parecia ser um pão de azeitonas perfeitamente delicioso. Contudo, deteve-se antes de dar a primeira dentada.

— Meninas, puseram erva neste pão?

— Mago! — admoestou-a Jory. — Tu nem devias saber o que é erva. Mas não. Não há nada neste pão. Nada de *nada*. — Dirigiu um olhar significativo a Cressida, que sorriu.

Mago deu uma dentada delicada e hesitante no pão e, de repente, não conseguia pensar em nada além dos braços de Arie em seu redor. As suas faces começaram a arder, o seu estômago contraiu-se.

— Santo Deus, Cressida, o que raio?...

— Foi a Jory quem fez este pão, não me culpes. Ela é que ficou cheia de... qual é a palavra?

— Luxúria — disse Mago, pousando o pão.

— Não estou cheia de luxúria! — protestou Jory. Ambas olharam para ela. — Está bem, talvez um pouco. Mas vocês não *conhecem* este tipo.

— Bem, o certo é que não precisavas de incorporar isso no pão. Embora...
— Mago deu outra dentada cautelosa, e as suas faces pintaram-se de cor-de-rosa. — Meu Deus. — Deu mais uma dentada e pigarreou. — Meninas, gostava que viessem jantar a minha casa logo à noite, se não tiverem outros planos.

Jory e Cressida trocaram um olhar ao ouvir a mudança de tom na voz de Mago.

— Com muito gosto, Mago, obrigada por nos convidares — respondeu Cressida.

— Ótimo — disse a mulher, com um aceno de cabeça. — Cressida, não quero desanimar-te, mas terias a bondade de fazer a tua famosa *moussaka* para o jantar? Sabes que sou péssima cozinheira.

— Não tão má como a Jory, ao que consta, mas sim — concordou Cressida com um sorriso —, és uma péssima cozinheira. Terei todo o gosto em levar o jantar e poupar-nos a todas a uma refeição sensacionalmente má.

Mago riu, pôs-se em pé e acariciou o ombro de Cressida, sussurrando:

— Estou tão contente por te ter de volta, minha menina. — As faces de Cressida ficaram rosadas de prazer. — Vemo-nos às sete. E, Jory, leva um pouco desse teu pão de azeitonas, está bem? Gostava de o partilhar com o Arie da próxima vez que o vir.

*

Jory sentou-se no banco da cozinha com um copo de vinho na mão, enquanto Cressida tirava o tabuleiro do forno deixando-se envolver pelos aromas reconfortantes — os aromas da sua infância, dos jantares de domingo com os pais e, mais tarde, com Leo.

— Como é que aprendeste a cozinhar assim? Há muito tempo que não comia nada tão bom como a refeição que fizeste para a Mago e para mim na outra noite. Os sabores tão frescos, tão saciantes e perfeitos. Eu sou uma apreciadora de gastronomia e trabalhei em restaurantes, viajei e provei a minha quota-parte de boa comida, mas, Cress, aquilo estava espetacular. De topo, mesmo. E agora — apontou para o prato de *moussaka* — isto.

Cressida tentou reagir com ligeireza, mostrar-se modesta e desvalorizar o que Jory estava a dizer, mas a verdade é que não podia, nem queria, continuar a fazê-lo. Porque o que Jory dizia sobre a sua comida era verdade. Ela tinha sido criada por uma mulher que sabia cozinhar magia e que a treinara ao longo da sua vida, como todas as mulheres Callas antes dela.

— A minha mãe ensinou-me tudo o que sei sobre culinária, Jory. Ensinou-me a cozinhar e a cozer, sim, mas ensinou-me muito mais do que isso. Preparar um prato é mais do que atirar uma posta de peixe para uma frigideira com manteiga e salsa. É possível fazer isso e obter algo saboroso. Mas ser um verdadeiro cozinheiro é compreender que a comida é, desde o seu início até à sua execução, uma história dentro de uma história dentro de uma história. É a história dos produtores, dos agricultores, dos pescadores. É a história das pessoas, tanto quanto a do produto. A magia não vem de dentro, vem de tudo isso composto num prato, com apreço e amor por todas as narrativas que se uniram para que fosse como é. Nós, enquanto cozinheiros, somos contadores de histórias. Tecemos e combinamos os sabores de forma a compormos um romance. Não é uma competência que se adquire. É o dom de permitir que os sabores passem através de nós em vez de partirem de nós.

Cressida fez uma pausa.

— Já comeste *moussaka*, Jory? — perguntou.

— Acho que sim — respondeu ela. — É uma espécie de versão grega de lasanha, certo?

— Suponho que essa é a maneira perfeita de a descrever. Eu fatio as *courgettes* e as beringelas no sentido do comprimento, como uma base de massa. E depois faço um molho de carne à base de tomate. Na maior parte da Grécia, usa-se borrego, que é uma carne com um sabor muito forte para este prato, mas é a carne local e disponível em todos esses sítios. Aqui em Naxos temos excelente gado bovino, por isso eu uso carne de vaca na minha. Às vezes, quando consigo encontrar carne de porco, misturo as duas no picado. O bechamel é muito romano, e as ervas frescas são ideia minha. Não sei porque é que a Mago me pediu para cozinhar especificamente este prato. Embora seja época das beringelas, é um prato pesado para este calor. Estou a pensar que esta noite ela se vai abrir connosco acerca do que tem andado a remoer.

— Eu estava a pensar a mesma coisa — disse Jory, saltando do banco e indo buscar duas garrafas de vinho ao frigorífico, enquanto Cressida punha uma tampa sobre o seu prato para o manter quente ao longo do seu trajeto de vinte segundos. — Fui buscar duas ao Arie hoje, por precaução.

O jantar foi um evento tranquilo. Mago comia devagar, saboreando cada garfada da *moussaka* de Cressida. Os olhos fechavam-se enquanto mastigava e engolia, depois abria-os com um sorriso e bebia um gole de vinho. Jory e Cressida trocavam olhares frequentes, esperando que Mago acabasse de comer e começasse finalmente a falar.

— Jory — disse Mago, por fim —, gostaste da tua *moussaka*?

— Oh, sim — respondeu ela —, estava deliciosa.

— Tenho a certeza de que a Cressida se está a perguntar por que motivo lhe pedi para fazer este prato específico nesta época do ano — prosseguiu Mago, olhando para Cressida, que confirmou com um pequeno aceno.

— A *moussaka* é uma refeição familiar por excelência, reconfortante e aconchegante. A minha mãe costumava fazê-la todos os domingos e, ocasionalmente, num dia de semana que tivesse sido particularmente difícil, como aquele em que fiquei a saber do meu dom — explicou Mago. — A minha mãe era uma mulher maravilhosa. Fiquei destróçada quando ela faleceu de cancro da mama aos sessenta e oito anos. Tal como a minha avó, antes dela. — Levantou o rosto para encontrar o olhar delas. As duas raparigas estavam a sustentar a respiração. — Eu tenho sessenta e oito anos — sussurrou, com lágrimas nos olhos.

— Mago — disse Cressida, inclinando-se para a frente e pegando-lhe na mão. — O que aconteceu? Encontraram-te alguma coisa?

Ela acenou com a cabeça e levou a mão ao seio esquerdo. Jory e Cressida arfaram baixinho.

— Sim. E isso apavorou-me. Como a minha mãe antes de mim e a minha avó antes dela, não queria ir ao médico. Estão a ver, pensei que... preferia não saber. — Uma lágrima solitária deslizou-lhe pela face, depois Mago respirou fundo e endireitou os ombros, limpando os olhos. — Mas não posso

continuar a viver com medo. Esta é a minha vida, e eu quero-a, cada minuto que ela tenha. Os ótimos, os emocionantes, os aborrecidos, os encantados, os difíceis. Quero tudo e tenho medo de descobrir que não terei muito mais tempo. Mas o medo não me pode impedir de lutar. Portanto, amanhã vou apanhar o barco para Atenas e passo lá o fim de semana. Os meus filhos estão lá e vão levar-me ao oncologista para fazer uma biópsia. E, qualquer que seja o resultado, vou lutar. E só... só queria que vocês soubessem.

Tanto Jory como Cressida, embora quisessem ser fortes por Mago, não conseguiram conter as lágrimas nem a ansiedade que sentiam, tanto devido ao medo de Mago como ao desejo de poderem aliviá-lo de alguma forma — coisa que Cressida sabia que tinha conseguido, em certa medida, com a sua *moussaka*. Mas também devido ao seu próprio medo de perderem alguém que ambas tinham aprendido a amar. Cressida já sofrera muitas perdas na sua vida, e Mago era, em simultâneo, uma mãe e uma amiga para si.

Ao longo da hora seguinte, Mago foi descontraindo um pouco, dizendo piadas e bebendo vinho, até quase parecer uma noite normal. Mas, quando se despediram, os abraços que trocaram diziam algo mais do que apenas «boa noite». Continham todo o medo, amor e força que elas podiam transmitir naquele gesto.

Cressida e Jory não falaram ao descerem as escadas nem se abraçaram quando se separaram. Viraram-se uma para a outra, e os seus olhos encontraram-se. Ambas sabiam que também não podiam continuar a viver com medo. Cressida tinha uma taverna para abrir e uma vida para viver. Mesmo as partes duras. E Jory acenou com a cabeça e foi para o seu quarto dormir uma boa noite de sono. Porque, no dia seguinte, havia alguém à sua espera — o seu grande medo, o seu incendiador. E ela estaria lá.

Nove

A manhã de Jory daria uma sequência de uma comédia romântica, se tivesse sido transformada em filme. O conteúdo da sua mochila estava espalhado por todos os cantos do seu quarto. Mudou de roupa quatro vezes. Desde calças de ganga e uma *T-shirt*, para se apresentar apenas como o seu eu normal, sem se esforçar demasiado, até ao seu novo vestido de verão da loja da *madame*. Quando se decidiu a ir bater à porta de Cressida, estava num frenesim.

— Café — implorou. — Preciso de café.

Cressida, de roupão e acabada de ser arrancada da cama, bateu com a porta na cara de Jory, resmungando:

— *Não* precisas de café.

Mas, quando Jory bateu novamente, Cressida resignou-se a mandá-la entrar e fê-la sentar-se para tratar do cabelo indisciplinado.

— Vou fazer-te uma trança espinha de peixe — declarou, acenando com a cabeça. — Vai ajudar o teu cabelo a manter-se no sítio, mesmo com o capacete posto.

Terminou rapidamente a trança e foi plantar-se à frente de Jory.

— Porque é que decidiste ir? — inquiriu.

Jory respirou fundo.

— Tu sabes a resposta.

Cressida assentiu.

— A Mago.

— A Mago — corroborou Jory. — É só que... Nunca quis ter uma vida da qual me arrependesse. Portanto, segui os meus instintos e os meus sonhos para ter a vida que tenho. Porque isto sou eu, sabes? Viver a vida plenamente, sem arrependimentos. Mas... e se vier a arrepender-me por não me ter permitido embarcar nesta grande aventura aterrorizadora? E se estiver a

perder algo estupendo por ter demasiado medo de mudar? Faz sentido?

Cressida sorriu suavemente e acariciou a face de Jory.

— Faz todo o sentido.

Jory estava mais do que nervosa enquanto esperava que Shane chegasse ao parque de estacionamento, que ela só conseguira encontrar após algumas idas e vindas. Tinha as palmas suadas e o estômago contraído em nós, tão apertados que ela os imaginava como nós duplos, quando ouviu o ronco da bela mota vermelha dele a parar ao seu lado. Shane tirou o capacete e abriu a boca para dizer «olá», mas ficou momentaneamente mudo. Jory acabara por se decidir pelo vestido de verão e por um par de ténis brancos. O seu cabelo ainda estava bem preso na trança, e ela até aplicara um pouco do *lip gloss* cor-de-rosa de Cressida, que ficava bem à sua tez. Sentia-se bastante bonita, e o olhar no rosto de Shane disse-lhe que talvez ele pensasse o mesmo.

— Jory, estás...

— Pouco prática? Hoje é dia de lavar roupa. Tens sorte por eu ter este vestido, senão arriscavas-te a ver-me em cuecas. — Forçou uma gargalhada, o rosto a ruborizar-se de constrangimento. — Na minha cabeça, isto tinha graça.

Shane riu com vontade.

— E também teve graça em voz alta, garanto-te. Não que me importasse de te ver em cuecas — gracejou, piscando-lhe o olho, mas o certo é que estava a olhar para ela com uma expressão apreciativa. — Mas o que eu ia dizer era «bonita». Estás muito bonita, Jory.

— Obrigada — articulou ela, por fim. Ele *não* estava a ajudar as suas palmas suadas.

— Estás pronta? — Quando ela acenou com a cabeça, ele instalou-se novamente na mota e indicou-lhe onde é que ela devia sentar-se. — Mesmo atrás de mim, aqui. Podes agarrar-te às alças laterais. — Virou a cabeça para a olhar. — Ou podes pôr os braços à minha volta.

Jory ainda não confiava suficientemente em si própria para se segurar a ele, pelo que agarrou nas alças laterais, e a mota arrancou. As muitas curvas e

contracurvas forçaram-na a segurar-se a Shane algumas vezes, para seu grande prazer. O corpo dele era rijo e firme, e ela sentia um formigueiro na pele sempre que lhe tocava, mas, em vez de se sentir eletrocutada, o seu corpo zumbia como um gerador. Quando fora a última vez que tivera uma reação assim a um homem?

Por fim, chegaram à pequena vila costeira de Apollonas. Jory apeou-se demasiado depressa, bateu com a canela no tubo de escape e queimou-se. Deu um grito e um salto para a frente, diretamente para os braços de Shane.

— Estás bem? — perguntou ele, amparando-a. O seu sorriso característico desaparecera, substituído por um ligeiro fremir das narinas e um endurecimento do corpo. Ela sentiu um desejo inacreditável de se chegar a ele e o beijar. Em vez disso, quebrou o contacto, recuando.

— Estou. Foi só uma queimadura ligeira. Sou empregada de mesa. Queimaduras ligeiras são uma ocorrência diária para mim. — Riu através dos dentes cerrados.

Shane passou-lhe a mão pela perna até chegar à pequena queimadura, do tamanho do seu polegar. Jory nunca tinha ficado tão grata por ser desajeitada; o seu corpo pegava fogo quando ele lhe tocava. Para seu grande constrangimento, a perna ficou subitamente com pele de galinha sob o toque dele.

— Tenho uma pomada para isso na mota. Aguenta aí — disse ele. Procurou na consola, deitou um pouco de creme na palma da mão e aplicou-o depois suavemente na queimadura.

Oh, meu Deus, pensou ela, tentando distrair-se com outra coisa.

— Então, que tal estás em história da Grécia? — perguntou, passando os dedos pelos cabelos indisciplinados que se haviam soltado da trança.

— Melhor do que tu, tenho a certeza — replicou ele.

— Bem, espera aí. Agora sinto-me insultada.

— Não sintas. Estudei arqueologia na faculdade.

— A sério? — perguntou ela, esperando para perceber se ele estava a brincar, mas Shane parecia bastante envergonhado.

— A sério. Eu era um cromo disfarçado.

— Se estudaste arqueologia, acho que já eras um cromo poderosamente

assumido — gracejou ela.

Ele riu, estendeu a mão e puxou-a para si.

— Estás a gozar comigo — observou. — Ultimamente, já ninguém faz isso. Como vai essa queimadura?

— Bem. Muito bem — respondeu ela. A cabeça dele estava encostada à sua testa, a respiração dos dois misturava-se. Jory queria sentir os lábios dele nos seus, mas Shane fechou os olhos, respirou fundo e tocou-lhe ao de leve no rosto. Era um gesto tão íntimo que ela quase perdeu a capacidade de se manter em pé.

— Anda, é só uma caminhada curta pela colina. Já aqui estive algumas vezes — disse ele, pegando-lhe na mão.

Jory sentia o seu cérebro derreter. Tinha de se concentrar na conversa, não na sensação da sua mão na dele.

— Na verdade, estive perto de me formar em história ou arqueologia na faculdade — disse ela, por fim. — Adoro simplesmente a maneira como me sinto quando visito um lugar histórico que me diz algo. Não sei se isto faz sentido, mas, em vez de sentir que há uma lacuna entre o passado e o presente, sinto-me mais ligada a ele. Do género, ena, eram pessoas, tal e qual como eu, sabes? — prosseguiu Jory enquanto ele a guiava, de mãos dadas, pela colina acima até à pedreira.

Shane sorriu, radiante.

— Sei perfeitamente. Embora, quando decidi estudar arqueologia, não fizesse ideia de que me sentiria assim. O meu curso era gestão — contou, encolhendo os ombros.

— A sério? Isso é tão prático. Então porquê a arqueologia?

— Porque queria ser o Indiana Jones.

Ela riu-se.

— Não devia ter perguntado. Até eu queria ser o Indiana Jones. Lembro-me de que, no primeiro momento em que vislumbrei o Tesouro, em Petra, senti que todos os meus sonhos de infância tinham acabado de se tornar realidade.

— Jordânia? Viajaste um bom bocado — comentou ele, impressionado.

Jory sorriu.

— Só um bocadinho.

— O instinto de partir — disse ele, lembrando-se obviamente da sua conversa em Zas. — Pareces demasiado nova para teres crescido com o Indiana Jones.

— O mesmo se poderia dizer de ti! Acho que, com todas as novas versões, hoje em dia é um pouco diferente, mas *A Última Cruzada* era o meu filme favorito em criança. A minha mãe era muito nova quando eu nasci, e, como só nos tínhamos uma à outra, isso permitiu-nos ultrapassar o fosso entre gerações no que se referia ao cinema e à música. Eu nasci no início dos anos noventa, e ela, nos anos setenta. Os anos oitenta eram uma espécie de período de compromisso.

— Início dos noventa? Isso significa que tens?...

— Vinte e oito. Há apenas algumas semanas, na verdade, no dia em que cheguei à Grécia. É o meu «ano de ouro», segundo dizem. — Jory abanou a cabeça, com um sorriso. — Vinte e oito anos no dia vinte e oito. Além disso, o bilhete de avião estava para aí a metade do preço naquele dia. Foi esquisito.

— Isso é estranho. Como se fosse o destino ou coisa do género — disse ele.

— Foi o que as minhas amigas disseram. Mas eu não acredito no destino. Ele bufou com ar de troça.

— Então, acreditas em pão mágico, em dons e no instinto de partir, mas não no destino? Isso é a maior contradição que alguma vez ouvi.

Jory revirou os olhos.

— Tive essa discussão demasiadas vezes nas últimas semanas. Desisto! Mas, sabes, ontem à noite estive a pensar: pode-se passar de não acreditar numa coisa para acreditar nessa coisa? Ou sempre acreditámos, mas tínhamos demasiado medo de aceitar que não temos controlo sobre a vida, que fazemos parte de algo maior do que nós próprios? — Jory estacou, surpreendida por ter dito aquilo em voz alta.

Shane estava profundamente pensativo.

— Mas nós não aprendemos a acreditar, aprendemos a desacreditar. A minha irmã gémea, a Sarah, tem duas filhas. As minhas sobrinhas. — Sorriu com uma expressão orgulhosa. — Elas ainda acreditam no Pai Natal. E todos

os anos eu me visto a rigor, levo-lhes presentes e disfarço a voz para que elas possam continuar a acreditar numa coisa tão mágica. E todos os anos sinto que gostaria de ainda acreditar que o Pai Natal era real. Quem me dera poder acreditar na magia que faço para elas.

— Mas não podes. Não podes acreditar em algo que sabes que não é real. Não se pode desaprender a verdade — replicou Jory.

— Como é que sabes o que é verdade? Eu podia ser o Pai Natal. Ei, eu *sou* o Pai Natal para duas pessoas no mundo. Essa é a única realidade que elas conhecem.

— Então, tu és um romântico — disse Jory, sorrindo.

— E tu também, só que ainda não acreditas — retorquiu Shane, agarrando-lhe novamente na mão. — Anda, estamos quase lá.

Jory ficou a olhar, maravilhada, para a estátua de mármore com cerca de dez metros de comprimento que jazia no topo da colina, serenamente, como se esperasse em silêncio que a encontrassem.

— Este é Dionísio, o deus do vinho, o deus padroeiro da ilha de Naxos — disse-lhe Shane, falando baixinho, quase com reverência, enquanto contemplavam a estátua. — Chama-se um *kouros*, que significa uma estátua autónoma do período arcaico da Grécia, por volta do século VII antes de Cristo. Originalmente, os arqueólogos pensaram que era Apolo, mas perceberam que a figura tinha barba, portanto, devia ser Dionísio. A estátua nunca foi acabada.

— Porquê?

— A melhor explicação é que era simplesmente demasiado grande e pesada para ser transportada. Mesmo há milhares de anos, as pessoas eram pragmáticas.

Passaram a hora seguinte a explorar as ruínas. De vez em quando, tocavam-se acidentalmente, e o ar cintilava. Depois de saber do amor partilhado de Jory pela história, Shane sentia-se capaz de ser inteiramente ele próprio e contava episódios que umas vezes deixavam Jory maravilhada e muitas outras a punham a rir à gargalhada das suas anedotas. Por fim,

desceram novamente a colina, rumo à vila costeira.

— Há um restaurantezinho adorável à beira-mar, se quiseres comer antes de irmos para casa. Tenho a certeza de que a comida não será tão mágica como a da tua amiga, mas o peixe é fresco e os donos são encantadores. Acho que não vais ficar dececionada.

— Adorava, obrigada.

Os donos do restaurante reconheceram Shane de imediato. Receberam-no com um beijo nas faces e cumprimentaram-no em grego, depois acolheram Jory da mesma maneira, mas falando em inglês. Os dois sentaram-se na esplanada e escolheram alguns pratos de estilo *mezze* para começar: um molho de beringela e tomate, lulas fritas, seguidas de um pequeno peixe frito com salada grega e batatas de Naxos.

— Disseste que eras empregada de mesa? — perguntou Shane durante a refeição.

Jory iluminou-se.

— Sim. Comecei a trabalhar como empregada de mesa quando andava na faculdade, para ganhar um pouco de dinheiro extra, e apaixonei-me pela profissão. Quando me mudei para Los Angeles, pareceu-me lógico arranjar emprego na área que conhecia. Tenho muitos amigos que trabalham na restauração enquanto tentam ser outra coisa, sabes? Atores, escritores, músicos. Mas eu adoro o meu trabalho. Sempre senti essa necessidade de ter um propósito e um significado em tudo o que faço, percebes?

Ele assentiu.

— Eu também.

— Então, um dia, uma pessoa dirigiu-se a mim no trabalho e disse: «O que fazes a sério?» Como se o que eu fazia não tivesse sentido. Por essa altura, eu tinha começado a viajar, por isso, às vezes parecia que o meu trabalho de empregada de mesa servia apenas para ganhar dinheiro para fazer outra coisa. Mas, nesse dia, percebi que a resposta a essa pergunta é que aquilo que eu realmente quero fazer é ser alguém significativo, mesmo que apenas para uma outra pessoa. E se eu tiver a capacidade de fazer algum verdadeiro bem neste mundo? E se for tão simples como entrar no meu restaurante todos os dias e ter a oportunidade de ser bondosa para com uma centena de desconhecidos?

Quero dizer, isso seria estupendo, certo?

Shane assentiu.

— Oh, adoro a sensação de alguém entrar no bar, eu servir-lhe uma bebida e saber que o dia dessa pessoa ficou muito melhor apenas por lhe termos dado atenção.

— Trabalhas em hotelaria? — perguntou ela, entusiasmada. Shane abriu a boca para responder, mas Jory continuou: — É como eu, adoro isso. Fiquei um pouco preocupada quando disste que te tinhas formado em gestão. — Ele dirigiu-lhe um olhar azedo, mas ela piscou-lhe o olho. — Então és *barman*, hum? Tens mesmo ar de *barman*.

— Acho que dizes isso como um elogio — observou ele. — Então, isso significa que tens um fraquinho por *barmen*?

Jory inclinou-se para a frente e declarou, em tom de conspiração:

— Talvez tenha um fraquinho por *este barman*.

Shane pegou-lhe na mão e deslizou os dedos pela parte de dentro do seu pulso. Ela estava a perder qualquer capacidade de pensar e, portanto, de comer. Engoliu em seco, entreabriu os lábios e tirou a mão da dele para a levar à nuca, que estava a escaldar. Shane fez um sorriso sabedor.

— Então, hum — articulou ela com esforço. — Onde trabalhas? Disste que a tua família está em Pittsburgh?

Ele hesitou, mas depois respondeu:

— O meu último emprego como *barman* foi no México.

— O quê? — exclamou Jory. — Seu sortudo! Hum. — O seu olhar tornou-se sonhador. — México. Talvez essa deva ser a minha próxima viagem. Acreditas que nunca lá estive?

Shane ficou de queixo caído.

— Como é que isso é possível? Tu, que estiveste no Médio Oriente e na Índia. Tu, a única pessoa que eu conheço que foi roubada por um babuíno em África, nunca estiveste no México?

— Conta-me tudo — pediu ela, entusiasmada.

— Isso vai demorar algum tempo — disse ele. Chamou o empregado, pediu uma garrafa de vinho branco local e começou a falar a Jory sobre o México e os seus lugares favoritos, a comida e a língua, em que era fluente.

Falaram sobre amigos e família, viagens e paixões. Nalgum momento durante a refeição, qualquer coisa mudou entre eles. Jory sentiu-o. Aquele momento em que o interesse, o desejo e aquilo que os unia fizeram com que o resto do mundo caísse no esquecimento. Quando terminaram de comer, inclinaram-se um para o outro, com as testas quase a tocarem-se, de mãos dadas.

— Marjory...

Ela recuou abruptamente.

— Oh, não, acabaste de dizer o meu nome inteiro. Isso nunca é bom.

— Tenho de ir a Atenas durante cerca de uma semana, para fazer um trabalho, talvez mesmo mais tempo — disse ele.

— Um trabalho muito sério de *barman*? — gracejou ela.

— Ah, pois — disse ele, abanando a cabeça. — Tenho um amigo aqui na ilha. Ele pediu-me para o ajudar, visto que eu estava a planear ir ao continente, fosse como fosse. Mas ainda tenho uns assuntos inacabados aqui em Naxos. Estarás cá quando eu voltar?

O coração de Jory parou de bater por um momento, na esperança de que o assunto inacabado fosse ela.

— Sim, estarei cá.

Ele recostou-se na sua cadeira, novamente descontraído.

— Ótimo. Quero ver-te quando voltar. Tu vais querer ver-me?

Oh, Deus, sim, pensou ela, com o corpo todo em chamas. Fez um sinal afirmativo, passando a língua pelos lábios.

— Meu Deus, não faças isso, ou sou capaz de te beijar aqui e agora.

— Isso seria assim tão mau?

— A parte do aqui e agora talvez fosse um pouco de mais — replicou ele, gesticulando para as pessoas à sua volta. — A parte do beijo? Isso não seria nada mau. — Olhou para o empregado e fez-lhe sinal para lhe trazer a conta.

Poucos minutos depois, estavam a caminhar para a praia de mãos dadas. Quando chegaram à beira-mar, Shane parou, fez Jory virar-se para si, e a sua boca quente cobriu de imediato a dela. Jory comprimiu-se contra ele, numa urgência de estar mais perto, de sentir mais dele, e mergulhou as mãos no seu cabelo. Os braços dele envolveram-lhe o tronco, as mãos correram-lhe pelas

costas, pela cintura, pelas nádegas. Ela soltou um gemido gutural do fundo da garganta. Nunca sentira tanta necessidade ou desejo por um homem, como se tudo dependesse daquele momento.

Queria continuar a beijá-lo eternamente, mas, passado algum tempo, o céu começou a pintar-se de tons ardentes de laranja e rosa, anunciando o pôr do sol iminente.

— Embora eu preferisse ficar aqui, é melhor irmos andando — murmurou Shane, enquanto se separavam devagar.

Jory olhou-o interrogativamente.

— Tenho de apanhar o *ferry* das quatro da manhã — explicou ele com relutância.

— Ah, sim, Atenas — disse ela, dececionada.

Saltaram para a mota de Shane e rumaram a Chora, com o sol a pôr-se em seu redor. O trajeto de regresso não foi suficientemente longo. Jory tinha os braços enrolados em torno do corpo de Shane, cujo braço esquerdo, nos intervalos entre as curvas da estrada, se estendia para trás para lhe roçar a anca, a coxa, o que podia. Jory sentia-se em chamas quando entraram por fim no parque de estacionamento em Naxos.

Apeou-se da mota, com as pernas a tremer, enquanto Shane tomava o seu rosto em ambas as mãos e lhe beijava as pálpebras e as faces. Desceu depois para o seu pescoço, enquanto lhe passava os dedos pelo cabelo.

— Oh, Céus — sussurrou ela, e os dois recomeçaram a beijar-se.

Demoraram muito a separar-se, mas, por fim, Shane pôs-lhe as mãos nos ombros.

— Vejo-te na próxima semana, segundo espero, se tudo correr bem.

— Até para a semana, então. — Jory tirou as chaves da mala.

— Espera.

O coração dela batia-lhe de forma descontrolada no peito. Iria Shane pedir-lhe que fosse para casa com ele? Ela responderia que sim?

— Sim? — articulou com esforço, pigarreando.

— Como posso entrar em contacto contigo? Tu, a tal que não tem telemóvel nem portátil.

Jory sentiu uma onda de alívio misturado com decepção.

— Informações de contacto davam jeito, não davam? A Cressida disse-me que posso usar o computador dela, por isso vou dar-te o meu endereço de correio eletrónico. — Revolveu a mala à procura de uma caneta. — Bolas, não encontro...

Shane abafou um risinho. Jory levantou o olhar. Ele erguia o telemóvel na mão, à espera.

— É a grande moda, atualmente. Chama-se «criar contacto» e é bastante útil. Safa-me sempre de situações em que me esqueço de trazer caneta e papel.

Ela deitou-lhe a língua de fora, o que fez com que os olhos dele se enrugassem.

— Eu também tenho uma coisa dessas, sabes. Só que decidi não a trazer — replicou ela, enquanto digitava o seu endereço eletrónico no telemóvel e criava um novo contacto com o seu nome.

— Estás a ver? — prosseguiu, devolvendo-lhe o telemóvel. — Novo contacto criado. Eu. Até lá pus um *emoji* para mim.

Shane olhou para o *emoji* de Jory, a figura de uma loira sorridente com o cabelo crespo. Abanando a cabeça com um sorriso, meteu o telemóvel no bolso e pôs a moto a trabalhar, enquanto ela se dirigia para a *scooter* e se virava uma última vez. Ele saudou-a, sorrindo, e partiu, deixando-a cheia de uma sensação de saudade e vazio, com o seu equilíbrio completamente descontrolado.

Dez

Cressida passou o fim de semana a passear com Jory pela propriedade, para que ela pudesse compreendê-la completamente. Examinaram cada um dos quartos da pousada, que já estavam todos mobilados e tinham todos os artigos complementares necessários para os hóspedes, mas Cressida queria deixar a pousada e concentrar-se apenas na taverna.

— Na manhã a seguir à morte do Leo, levantei-me e corri todos os quartos da pousada, a limpar, a polir e a certificar-me de que tudo estava absolutamente impecável. Tenho feito isso todas as manhãs desde então. Durante muito tempo não soube porquê, mas acho que foi uma forma de manter vivo o nosso sonho — disse Cressida. — Mas agora quero focar-me na taverna, na minha cozinha.

— Nesse caso, quem vai limpar a pousada agora? — provocou-a Jory.

— Tu? — retorquiu Cressida.

O que mais entusiasmou Jory foi a famosa horta secreta de Cressida. Esforçou-se desesperadamente para memorizar os nomes das diferentes ervas, fruta e vegetais, mas era incapaz de distinguir uma erva daninha de uma erva aromática, por isso ambas concluíram que a horta não faria decididamente parte das suas tarefas.

— Tudo o que tem que ver com comida, exceto comê-la, claro, fica nas tuas mãos competentes — declarou Jory, fazendo-lhe uma vénia.

Foram aos mercados, onde Cressida fez as compras guiando-se pelo livrinho de receitas das Callas e pelo seu próprio diário com receitas manuscritas. Marcava as coisas numa lista, e, quando chegavam a casa, as duas conversavam sobre os seus planos para a taverna, enquanto Cressida cozinhava e Jory provava todos os pratos e tomava notas.

Iam também até Chora, fingindo ser turistas, para examinar as ementas

dos diversos restaurantes da cidade.

— Oh, olha, Betty — disse Jory muito alto, com um simulado sotaque sulista —, este aqui tem calamares. Não é o teu prato favorito?

Cressida riu e fotografou sorrateiramente a ementa com o seu telemóvel.

— És péssima com sotaques.

— Eu sei. Tiraste uma fotografia?

Cressida fez um sinal afirmativo.

— Tanto quanto posso ver — disse Jory, enquanto seguiam o seu caminho —, o único restaurante aqui que poderia comparar-se à classe dos pratos que tu vais fazer é o tal Rigani, aquele onde costumavas trabalhar.

Cressida sorriu.

— Sim, com a Nefeli. Foi lá que fiz o meu pão para o Leo.

— Sabes, um dia vais ter de me contar o que aconteceu entre ti e a Nefeli. Claro que é impossível para mim imaginar-vos às duas como amigas. São tão diferentes uma da outra — observou Jory.

Cressida assentiu, pensativa.

— Nem sempre fomos assim tão diferentes. Mas a vida acontece, e por vezes as pessoas conseguem passar pelas coisas juntas, outras vezes afastam-se. Tenho pensado nela, especialmente desde que soube da Mago. Por falar na Mago, como estarão a correr as coisas em Atenas?

— Ela voltou a ligar? — perguntou Jory.

Cressida abanou a cabeça:

— Só para dizer que tinha chegado bem. — Mordeu o lábio inferior.

— Eu sei, também estou ansiosa. Mas tenho a certeza de que ela está bem, a matar saudades dos filhos. E vai demorar pelo menos uns dias até ter os resultados dos exames — tranquilizou-a Jory.

— Tens razão. Só podemos ter paciência e esperar. Por falar em telefonemas, já tiveste notícias do Shane? — inquiriu Cressida, enquanto saíam novamente da cidade, rumo a Potamia.

— Ainda não tive oportunidade de ver o meu *e-mail*, para dizer a verdade. Achas que posso usar o escritório amanhã de manhã? — pediu Jory.

— Tu tens uma chave, palerma! Não precisas de perguntar.

Assim, na manhã seguinte, enquanto Cressida foi à cidade, Jory entrou no

escritório e sentou-se à frente do grande computador. Deu-se conta de quanto queria falar com os seus amigos e a família. Especialmente Liz e Kate. Tinha muito para lhes contar.

Pensou no que Cressida lhe tinha dito no outro dia. Teria ela medo de que algo pudesse ameaçar a sua liberdade? Teria medo da mudança? Do amor?

Num certo sentido, isso ecoava o que a sua própria mãe lhe dizia sempre que ela dava por si a sentir-se perdida de alguma forma, sem saber porquê. Era quase uma sensação de estagnação. Até àquele momento, as palavras da mãe nunca tinham feito sentido para Jory.

«Lembra-te, Jory, aonde quer que vás, continuas lá», dizia-lhe a mãe. «É diferente para ti, por causa do teu dom de te sentires em casa onde quer que estejas. As outras pessoas podem viajar pelo mundo, e essas experiências ajudam a moldá-las, a transformá-las em alguém que poderiam não ter sido de outra forma. Tu és diferente. Quando chegas a um sítio novo e experimentas coisas novas, continuas simplesmente a ser tu mesma. A aventura, só por si, não é suficiente; tens de permitir que essas aventuras te ajudem a crescer, a mudar, a tornares-te a melhor versão de ti própria. Deixa que a vida te modifique de vez em quando.»

Isso era exatamente o que Cressida lhe estava a dizer acerca de Shane — que Jory deixava que a vida lhe acontecesse, mas não fazia escolhas que lhe permitissem modificar-se, ou ser modificada, por outra pessoa. Ser ousada e desviar-se daquela vida que adorava.

Mas se essa vida a fazia feliz, então porque haveria de permitir que algo a alterasse?

Porque, respondeu a si mesma, *gosto realmente muito dele. E, se gosto realmente do Shane, mas opto por fugir dele, isso significa que tenho medo.* Talvez abrir-se a Shane não devesse ser assim tão assustador. Talvez até devesse ser um pouco maravilhoso. Acenou com a cabeça e sorriu. *Excelente argumento, Jory.*

A simples ideia de *escolher* deixar que Shane acontecesse fazia o seu coração bater mais depressa. De repente, deu por si sem conseguir abrir o seu correio eletrónico com rapidez suficiente. Percorreu depressa a sua caixa de entrada com os olhos, identificando mensagens da sua mãe e das raparigas e, para sua surpresa, uma do seu pai. O coração caiu-lhe aos pés quando não viu nada de

Shane. *Passaram apenas três dias, pensou para consigo. Ele está ocupado, está em Atenas. E eu não vou ser essa mulher. Carente, à espera de uma mensagem de um homem.*

Serviu-se de uma grande chávena de café da cafeteira que Cressida deixara junto ao computador e abriu primeiro a mensagem do pai, tanto por curiosidade como para despachar o assunto. Ela tinha enviado um *e-mail* rápido a todos quando chegara a Atenas, informando que havia desembarcado em segurança e partiria para Naxos no dia seguinte. Embora o pai nunca lho tivesse pedido, a mãe insistira para que ela o incluísse nesse tipo de mensagens.

«Jory, só porque tu e o teu pai não são os melhores amigos do mundo, isso não significa que ele não se preocupe contigo. Às vezes, ele telefona-me quando tu estás no estrangeiro, para saber se estás bem», dissera-lhe Cindy uma vez.

Jory ficara tão chocada que adicionara o pai à sua lista de mensagens do tipo «Cheguei bem», que incluía Kate, Liz, a mãe e, agora, o pai. Mas, até então, ele nunca lhe tinha respondido.

Marjory,

Obrigado por me informares de que chegaste bem. Tenho boas recordações da Grécia, de quando era jovem e a tua mãe e eu vivíamos em Paris. Vais gostar.

Pai

Jory não fazia a mais pequena ideia de como pensar sequer em responder. Aquilo era provavelmente a coisa mais íntima que ele lhe dissera; nunca falava sobre Cindy ou o seu passado. Estaria a tentar alterar isso de algum modo? Estaria a tentar estabelecer um laço com ela? Jory não sabia como se sentia em relação a isso.

Desde aquele dia, quando tinha dezasseis anos, que desistira de ter qualquer relação com o pai e a família paterna, com o seu dinheiro antigo e os seus pontos de vista conservadores.

Apesar disso, tinha havido alguns bailes de Natal anuais dos Buchanan a que ela assistira, na mansão dos avós em Charleston. Até tinha levado Kate e

Liz ao último, alguns anos antes.

— Uau — dissera Kate, ao aproximar-se da antiga mansão sulista. — Podias ter sido uma espécie de Scarlett O'Hara, se tivesses crescido aqui.

Liz assentira:

— Tens a certeza de que não queres nada disto, Jor?

— Não vale a minha alma, garanto-vos — respondera ela, num sopro, e segurara as mãos de ambas para entrarem juntas.

Essa festa tinha acabado por ser muito divertida. As três tinham ficado juntas no bar, a inventar histórias sobre as pessoas mais estranhas presentes no baile.

— Ohhh, aquele — dissera Jory, gesticulando com a cabeça na direção de um homem de aparência estranha, de trinta e poucos anos, que estava acompanhado por uma jovem igualmente esquisita e uma mulher mais velha e imponente, que lembrava Jory da sua avó. — Aqui com a mulher e a amante, uma em cada braço.

— Qual delas é qual? — gracejara Kate, bebericando o seu *Martini*. — Este jogo está a ficar mais divertido a cada *Martini* que bebo.

— A avozinha é a amante! — decidira Liz, falando um pouco alto de mais. Jory e Kate tinham rido com tanta vontade que lhes saíra vodka pelo nariz.

— Meninas — interpelara-as uma voz masculina, em tom severo.

— Desculpe, senhor Buchanan — pedira Liz solenemente.

— Sim, desculpe — repetira Kate, parecendo envergonhada.

Jory limitara-se a olhar para ele e não pedira desculpa. Ele fitara-a por um momento e depois afastara-se, mas não antes de ela ver um movimento fugaz no seu rosto, que, apenas por um segundo, quase parecia um sorriso.

Essa fora uma das últimas vezes que ela o vira. Não fazia ideia de como responder à mensagem dele, portanto, marcou-a como não lida e tratou de escrever à mãe, contando-lhe todos os detalhes da sua viagem até ao momento. Normalmente, partilhava tudo com ela, mas desta vez absteve-se de lhe falar de Shane. Nunca se tinha sentido assim por um homem e queria... proteger esse sentimento. Guardá-lo somente para si. Não ser uma mulher St. James com um incendiador, mas apenas uma rapariga com um

fraquinho por um rapaz. Nada mais. Era a primeira vez na vida que omitia algo importante à mãe. Sentiu-se culpada por um momento, mas depois premiu «Enviar» assim mesmo.

Deixou a mensagem de Liz e Kate para o fim. Elas tinham escrito juntas, ao que parecia, tendo em conta a linha do assunto: «Somos nós, estamos bêbedas e temos saudades tuas!»

Preparava-se justamente para abrir a mensagem quando apareceu um novo *e-mail* na sua caixa de entrada. O seu coração parou de bater por um instante quando ela leu a linha do assunto: «A pensar em ti, Terp.»

— Grande merda — exclamou ela em voz alta, e abriu a mensagem.

Estou mesmo. A pensar em ti, quero dizer. Estou ansioso para te ver na próxima semana.

Shane

Foi inundada por uma onda de felicidade quando premiu «Responder», mas a sua mente estava em branco. Cheia de alegria, mas em branco. Pensaria nisso ao longo do dia, decidiu. Responder-lhe-ia mais tarde.

Começou a escrever a mensagem para Liz e Kate, com o coração a bater mais depressa. Às duas amigas contou a versão não censurada. Cada decisão estúpida (até confessou a Liz que ela tinha razão acerca do telemóvel), os detalhes de cada encontro com Shane; pediu-lhes opinião sobre cada toque, cada beijo. Falou-lhes também de Cressida, da abertura da taverna, de Mago e de Arie, dos estranhos dons das mulheres de Potamia e das pequenas peculiaridades dos aldeãos, desde Nefeli e Nico ao homem do fato completo e ao presidente da Junta cujo relógio não funcionava, embora ele passasse a vida a consultá-lo para ver as horas e nunca se atrasasse nem se adiantasse. Ria-se enquanto escrevia e parava de vez em quando para olhar pela janela com um carinho surpreendente por aquele sítio novo, aquela nova parte da sua vida. Um sítio e uma vida de que não teria medo. Nem um bocadinho.

Pronto, meninas, perdoem-me por vos enviar um e-mail do tamanho da Bíblia, mas tenho saudades vossas! Quem me dera que pudessem vir à Grécia e estar aqui

quando a taverna abrir, para conhecerem a Cressida e os habitantes da aldeia e também o Shane (se ele realmente voltar). Sinto a vossa falta como de um membro fugido.

Beijos, Jory

— Jory, ainda aqui estás? — chamou Cressida, abrindo a porta depois de bater uma vez, mas parou no limiar.

— Olá! Entra. Obrigada por me deixares usar o computador.

— Então, o Shane já escreveu? — perguntou Cressida animadamente, entrando no escritório e sentando-se na outra cadeira.

Jory corou.

— Disse que está a pensar em mim.

— Ah! — fez Cressida. O seu rosto iluminou-se. — Amor jovem, romance que floresce. E o que lhe respondeste?

— Nada ainda, estou a pensar no assunto — respondeu Jory. — Pronto, não sei o que dizer! — confessou, ao ver o olhar de Cressida.

— É justo. E falaste com as tuas amigas e os teus familiares?

— Essencialmente, sim. Ei, tenho uma ideia — prosseguiu Jory. — E se eu tirasse umas fotografias esta noite, quando experimentarmos alguns dos teus novos pratos? Fiz um curso de fotografia e tirei fotos para o The French Café. Não sou má fotógrafa e trouxe a minha câmara comigo. Vamos precisar de algumas fotografias da comida antes de abrirmos.

Cressida respirou fundo, parecendo nervosa, mas assentiu.

— Está bem, vou buscar algumas receitas. E seremos três. — Sorriu. — A Mago voltou.

*

— Tens de me fotografar enquanto estou a enrolar os *dolmades*? Isso distrai-me bastante.

Jory revirou os olhos atrás das lentes da sua *Canon*.

— Fazes ideia de como é difícil fotografar comida? E eu não sou fotógrafa profissional, por isso, tenho de experimentar todos os ângulos. Como agora,

as tuas mãos a enrolar os *dolmades*. É uma imagem de ação. As pessoas veem e pensam: «Oh, isto é autêntico!» Confia em mim. — Tirou mais algumas fotografias.

— Deixa-a distrair-nos, Cress — disse Mago. — É muito mais divertido do que o meu fim de semana, garanto.

— Mago, a única coisa que nos interessa é como estás. Então, o que aconteceu depois de os teus filhos te terem ido buscar ao *ferry*? — perguntou Cressida.

— Os meus rapazes disseram simplesmente «vamos lá despachar isso, mãe», e foi o que fizemos. Fomos diretamente para o hospital, para fazer a biopsia, e depois não ligámos mais a isso no resto do fim de semana, como a minha família costuma fazer quando se trata de coisas difíceis. — Mago riu.

Jory estendeu a mão para a dela.

— Quando virão os resultados?

Mago suspirou.

— Algures esta semana. Portanto, até lá, vamos tratar de me distrair, está bem?

— Vou terminar as fotografias dos *dolmades* enquanto te preparas para o próximo prato, Cress — disse Jory. — Depois trago-os, para petiscarmos. Hum, cheiram deliciosamente. Não sei se alguma vez os comi quentes.

Cressida bufou.

— Devem mesmo ser comidos quentes. Embora, para dizer a verdade, sejam um dos meus petiscos de piquenique frios favoritos. — Pôs a frigideira ao lume e deitou-lhe azeite, depois polvilhou os calamares com farinha, transferiu-os para uma peneira e peneirou até lhes tirar quase toda a farinha.

Jory acabou de fotografar os *dolmades* e, quando achou que já tinha algumas imagens boas, pousou o prato no banco entre elas. Pegou num e meteu-o na boca.

— Uau, isto é delicioso.

— Concordo — disse Mago. — Oh, Cressida, os teus famosos calamares também? Jory, depois de provares calamares feitos à maneira da Cressida, a tua relação com lulas nunca mais será a mesma.

Viram Cressida a deitar um pouco de alho na frigideira com azeite e

manteiga a ferver e adicionar as lulas.

— Lulas fritas? — inquiriu Jory, agarrando novamente na câmara. — Adoro. Não é costume fritá-las em óleo?

Tirou fotografias de Cressida a saltear as lulas, fazendo rodar a frigideira.

— Isto é mais saltear do que fritar. As lulas não são panadas, apenas polvilhadas muito ao de leve com farinha. Demasiada farinha, e elas ficam empapadas e queimam. Apenas a quantidade certa, e elas ficam crocantes na perfeição, desde que o lume seja suficientemente alto e não as cozinemos demasiado tempo.

Jory tirou mais algumas fotos.

— Acho que devemos apelar primeiro aos locais. Aqui em Potamia e em toda a ilha. Talvez possamos pôr umas fotografias lá fora, com uma data de abertura, para que quem passa veja e fique a saber. Os teus amigos quererão vir apoiar-te, Cress. Toda a gente que te conhece também conhece a tua comida, e os outros vão lembrar-se de ti do tempo do Rigani. E é bom que se lembrem. Tu és um génio da culinária — declarou Jory.

— Só me conhecem porque têm pena de mim. A patética mulher de Potamia, com um marido morto e um sonho inútil — replicou Cressida, suspirando.

— Não acreditas mesmo nisso — contestou Jory. — Contaste-me como a tua mãe te ensinou o teu dom para a culinária. Mas compreendo que possas ter medo. Isso eu compreendo — rematou, dirigindo um olhar significativo a Cressida.

— Não sei como posso ter tudo pronto em tão pouco tempo e fazê-lo sem o Leo. Parece-me terrivelmente avassalador — reconheceu Cressida.

— Isso é porque é terrivelmente avassalador — disse Mago. — Mas vamos trabalhar juntas, um passo de cada vez, para pôr tudo pronto, e as pessoas virão. Já sei, vamos anunciar a abertura na próxima reunião da freguesia! — acrescentou, iluminando-se. — Jory, prometi que te levaria a uma. São...

— São como um *reality show* muito mau que nunca devia ter existido sequer — afirmou Cressida, mas, enquanto abanava a cabeça, havia um sorriso enternecido no seu rosto. — Embora suponha que tens razão, Mago.

Não teremos apoio se não oficializarmos a coisa na reunião. Vou preparar algo especial para levarmos.

— Pff — bufou Mago —, eles não comem o teu pão desde o funeral. Têm pavor de o fazer.

Jory virou-se para Cressida:

— Então, primeiro fazemos o anúncio na reunião da freguesia. Depois, podes começar a preparar uma página no Facebook e pôr a taverna no Google Maps, porque é o que toda a gente usa hoje em dia. É tudo gratuito, não há nada a perder. Mas não podes fazer nada disso sem fotografias — prosseguiu, exibindo a sua câmara. — Sou um desastre nas redes sociais — confessou ainda. — Mas vou fazer o meu melhor para ajudar e vamos imprimir alguns folhetos também. Se vais abrir um restaurante, tens de o publicitar.

Cressida assentiu devagar.

— Mesmo assim, estarei sozinha na cozinha, a cozinhar um menu inteiro sem ajuda...

— Eu sei, a dada altura, terás indubitavelmente de contratar alguém para ajudar na cozinha, mas, entretanto, mantém as coisas simples e agradáveis. Menu, lugares e horário de funcionamento limitados, para começar. Tive a ideia de fazermos uma noite de abertura controlada, apenas com convite a que as pessoas terão de responder e exclusivamente para amigos e famílias locais. Um evento que podes aproveitar para testar e ver como te saís. Quero dizer, temos apenas uma *chef*, que és tu, e uma empregada, que sou eu, portanto não podemos propriamente fazer muita coisa ao mesmo tempo.

— Faz sentido — concordou Cressida. — Sim, assim posso preparar-me sabendo exatamente quantas pessoas vêm. Posso comprar e cozinhar a quantidade certa de tudo. Como num jantar em casa. — Acenou com a cabeça. — Consigo fazer isso. Vou começar a montar uma ementa. Quando vamos agendar a abertura controlada? No mês que vem?

Jory bufou:

— Por essa altura teremos perdido o início da época turística. Não pode ser. Proponho o primeiro fim de semana de julho. Isso dá-nos umas boas duas semanas e pouco. Podemos fazer o evento por convite no sábado à noite e fechar no domingo e na segunda, para depois estarmos prontas para abrir ao

público na terça-feira.

— Isso é muito cedo! Não consigo estar pronta até lá!

Jory pôs-se atrás de Cressida e abraçou-a.

— Consegues, sim. Tu consegues fazer isto — asseverou de maneira tranquilizadora.

— Nós conseguimos — corrigiu Mago, juntando-se a elas.

*

Jory deu as boas-noites a Mago abraçando-a com força por um momento antes de ela voltar para casa. Cressida estava a limpar a cozinha e recusou a sua ajuda, por isso, em vez de ir para o seu quarto, Jory dirigiu-se ao pequeno escritório. Passara o dia inteiro a pensar no *e-mail* de Shane. Ele estava a pensar nela. E não hesitara em pôr isso por escrito.

Abriu a mensagem dele, clicou em «Responder» e mudou a linha de assunto para «Fazer pão».

Fiz o meu primeiro pão com a Cressida um dia antes do nosso encontro. Era um pão de azeitonas, e, pela primeira vez na minha história culinária, tive sucesso — e a minha massa cresceu mesmo, o que, só por si, já é magia. Mas deixa-me dizer que a Cressida e a Mago perceberam, pelo sabor do pão, que tu estavas em todos os meus pensamentos.

Jory

Não sabia se aquilo era demasiado íntimo ou apenas suficientemente íntimo, mas premiu «Enviar». Depois foi diretamente para a cama. Teve dificuldade em dormir, tal era a expectativa da resposta que tinha a certeza de que encontraria à sua espera de manhã.

*

Jory e Cressida depressa perceberam que precisariam de cada segundo das duas semanas para estarem prontas para a «abertura controlada», como Jory

lhe chamava. A sua primeira tarefa consistiu em principiar a tirar as coisas do armazém, começando pelos móveis. Descarregaram catorze mesas e várias pilhas de cadeiras para o jardim. A maior parte estava em boas condições, apenas algumas precisavam de uns retoques de tinta para disfarçar pequenas lascas e marcas de riscos.

Depois de livrar as mesas das teias de aranha e de as esfregar com uma escova dura e água com sabão, Jory perguntou a Cressida se tinha alguma ideia de onde elas seriam posicionadas.

— O Leo tinha um esboço que eu devo conseguir encontrar — bradou Cressida da garagem. — As de ferro forjado destinavam-se ao jardim, e as de plástico, ao alpendre coberto. Essas não são muito bonitas, bem sei, mas o plano era comprarmos toalhas de mesa para elas. Azul-vivo ou uma variedade de cores alegres. Podes pôr isso na lista?

Jory escreveu «toalhas de mesa» na lista, que era cada vez maior.

— E isso deixaria as de madeira para o interior?

— Sim. Queres que procure o esboço do Leo? Deve estar algures no computador. — Cressida emergiu do barracão, com o comprido cabelo preto apanhado atrás e coberto por uma bandana. Vestia uma camisa de homem demasiado grande, com as mangas arregaçadas, e um par de calças de ganga largas. Irradiava força, vitalidade e determinação.

— Isso depende de ti. Queres ver o sonho que era teu e do Leo da maneira como ele o via? Ou queres tomar o sonho nas tuas mãos e fazê-lo segundo a tua própria visão?

Ela refletiu por um momento. Por fim, fez um sinal de assentimento.

— O Leo tinha ideias maravilhosas. Mas eu não posso concretizar as suas ideias maravilhosas sem ele. Só posso fazer o que sou capaz de fazer. Vamos só preparar as mesas e depois vemos quantas pessoas respondem ao convite, antes de prepararmos um esboço com os lugares.

— Parece-me um bom plano — concordou Jory. — Agora, vamos começar pelas mesas de madeira. Uf, acho que vão precisar de ser lixadas. Sabes lixar coisas?

Cressida bufou e retrocedeu para o barracão, de onde regressou com uma lixadeira elétrica. Mostrou-a a Jory e perguntou:

— Isto serve?

— Deixa-me adivinhar. O Leo e as suas enghocas?

— Ah! — Cressida deu uma gargalhada, ligou a lixadeira à corrente e ajustou as definições quando chegou à primeira das quatro mesas de madeira. — A paixão do Leo era por brinquedos. Lembras-te da porta da casa de banho onde ficaste trancada? Ele era incrível com tecnologia, mas não tinha nada de faz-tudo. Os homens gregos vivem com as mãos e depois casam — prosseguiu, pondo a lixadeira a trabalhar e começando a lixar uma das mesas como uma profissional. — A língua grega precisa de um termo novo para faz-tudo: mulher-faz-tudo.

*

No dia seguinte, Cressida e Jory foram a Chora Naxos para se abastecerem. Dirigiram-se primeiro à loja de ferragens, para comprar tinta e mais lixa. A paragem seguinte foi na loja de tecidos, onde, em vez de optar por toalhas de mesa baratas já feitas, Cressida escolheu três tecidos diferentes: um azul-turquesa liso, cor indispensável em todas as ilhas gregas, um amarelo-claro brilhante e um rosa-pálido com uvas vermelho-escuras e castanhas. Era mais barato e eficiente comprar o tecido ao metro, em vez de cortado individualmente, pelo que Cressida comprou vários metros de cada e guardou tudo num saco para levar para casa.

— Nem penses em pedir-me para ajudar com isso — avisou Jory. — Se achas que a minha culinária é má, espera até veres a minha costura.

— Minha querida amiga, não te ofendas, mas nunca me ocorreria perguntar-te se sabes coser uma toalha de mesa. — Cressida riu. — A Mago é uma costureira dotada. Se achas que faço magia com o meu pão, espera até veres os estados de espírito que ela consegue criar quando costura. E acho que será uma boa distração para ela esta semana. Ela pediu-me para a deixar participar o máximo possível, para ajudar a desviar-lhe os pensamentos das preocupações. Ela saberá o que fazer com o tecido.

Depois disso, visitaram os mercados locais, onde Cressida examinou o peixe, a carne e os legumes frescos, tomando nota dos produtos sazonais

disponíveis para poder criar o seu menu. Comprou alimentos e foi marcando os itens um a um, consultando o seu livro de receitas escrito à mão e tomando mais notas.

No regresso, Cressida apontou para uma galeria que Jory conhecia bem.

— O Lucas gere o centro de reciclagem no porto. A irmã, a Selene, trabalha naquela galeria e pode dar-te o contacto dele. Talvez possas pedir-lho ainda esta semana? Preciso de uma fritadeira pequena e recuso-me a comprar uma nova se o Lucas tiver alguma em segunda mão praticamente de graça.

— A Selene e eu já temos uma história e peras — respondeu Jory. — Duvido de que ela tenha muito gosto em ver-me outra vez. A primeira vez que vi o Shane foi na galeria da Selene, e digamos que ela não ficou muito satisfeita com isso.

— Ah, o teu Shane deve ser muito atraente para ter conquistado a atenção da Selene — comentou Cressida. — Andámos juntas na escola. Ela quer desesperadamente sair desta ilha e ir viver para a cama de um homem rico.

— Cressida!

— Bem, pela parte que me toca, ainda bem para ela. Que mulher não gostaria de ser casada com um homem rico?

Jory estremeceu.

— Eu! Não quero ser rica. As pessoas ricas não são de confiança. — O pai tinha-lhe demonstrado isso. — O amor é que faz o mundo girar, não o dinheiro. A minha mãe ensinou-me isso.

Cressida sorriu e pegou-lhe na mão.

— Já pensaste que talvez estejas a contar a ti própria uma história que pode já não ser verdadeira? Voltas para casa, em Los Angeles, e trabalhas o máximo que podes durante quase um ano, de modo a economizares dinheiro para teres esse estilo de vida de viajar e ver o mundo. O dinheiro permite que o faças, não é o inimigo. Porque não podemos ter tudo, digo eu: amor, dinheiro e felicidade.

— Suponho que podia experimentar isso, a ver se me serve — concedeu Jory, pensando em Shane.

No dia seguinte, Jory deixou Mago a tirar as medidas das mesas e Cressida a trabalhar na cozinha, e foi na sua *scooter* até à vinha de Arie, que encontrou na sala de degustação.

Os olhos dele sorriram.

— Ah, Marjory. Justamente a pessoa de quem eu estava à espera. Sente-se, por favor.

— Estava à minha espera? — perguntou ela, surpreendida. Só tivera aquela ideia nessa mesma manhã e ainda não falara dela a ninguém. Os seus olhos semicerraram-se. — Espere lá. Você tem algum tipo de capacidade estranha de pressentir quando vai chegar alguém? Esta aldeia, francamente!

Arie riu.

— Sim, algumas das nossas adoráveis mulheres de Potamia têm dons interessantes, embora, infelizmente, nunca pareçam transmiti-los a nenhum de nós, homens. No entanto, muito ocasionalmente, dá a impressão de que nos envolvem de alguma forma, ainda que seja inadvertido. Isto tem que ver com a taverna, certo? Eu estava à espera de que você viesse hoje e também de que me perguntasse se a minha vinha poderia ser a sortuda que irá fornecer o vinho para o novo estabelecimento.

— Claro que é por isso mesmo que aqui estou. Esta é a melhor adega da ilha, e precisamos de vinho. — Jory sorriu-lhe. No entanto, a verdade é que isso era apenas uma parte do motivo da visita. — Mas há outra coisa.

Expôs-lhe as linhas gerais da sua ideia. A Vinha Diamantés era particularmente movimentada no verão, não só a fazer vinho, mas também a receber grupos de turistas. Se Arie fornecesse o vinho para o restaurante, talvez pudesse desempenhar ainda um papel mais alargado para as ajudar. Cressida tinha razão: elas eram apenas duas, pelo que havia limites quanto ao que podiam fazer. Reservas de grupos eram uma boa ideia. Mas também era boa ideia ter conhecimento delas com antecedência. Para a taverna ter sucesso, era preciso que houvesse clientes; por muitos folhetos que Jory distribuísse, o estabelecimento era em Potamia, fora dos principais percursos turísticos, e havia dezenas de outros restaurantes à beira-mar, com os quais

teriam de competir. Não seria uma tarefa fácil, pelo menos no início, sem fazerem uma parceria com alguém.

— Em suma — concluiu ela —, pensei que talvez o Arie pudesse recomendar a taverna com antecedência aos seus grupos de turistas, quando eles marcarem a visita à sua vinha. O que acha?

Arie acenou com a cabeça, pensativo. Depois, o rosto iluminou-se com um sorriso rasgado.

— Tenho uma ideia ainda melhor — declarou. Levantou-se, pôs o seu chapéu de abas largas e pegou nas chaves. — Venha, vamos dar uma volta.

*

Jory correu para a pousada, eufórica, para partilhar a notícia com Cressida, mas o som de vozes abafadas impediu-a de a chamar. Parou à porta, que estava aberta, a ouvir.

— O que decidiste? — ouviu Mago a perguntar.

— Já te disse, decidi abrir — replicou Cressida. — Quero abrir.

— Sim, mas e o grupo hoteleiro que quer comprar-te o negócio?

— Tenho um pouco mais de tempo para começar a pagar antes que o banco execute a hipoteca. Se puder começar a fazer pequenas amortizações em julho, o banco pode ser mais tolerante com as prestações atrasadas.

— E a Jory? Ela tem o direito de saber.

— Que mais precisa ela de saber?

Fez-se silêncio. Jory tossicou intencionalmente e fez barulho com a fechadura da sua porta. Não queria que elas soubessem que as tinha ouvido. Cressida apareceu na varanda de Mago, na casa ao lado, com a testa franzida.

— Jory, não te ouvi. Chegaste agora?

— Sim! — respondeu Jory num tom animado, para disfarçar o peso no seu estômago. — Acabei de chegar.

— Já comeste? Posso fazer-te o jantar.

— Oh, não, estou bem, obrigada. Almocei na cidade e não tenho assim tanta fome.

Mago surgiu atrás de Cressida:

— Mas com certeza tens sede. Vem cá, conta-nos o teu dia.

— Vou já.

Fechou a porta do quarto atrás de si. Tudo o que acabara de ouvir confirmava o que Cressida insinuara poucos dias antes. O seu sonho iria ruir se ela não fizesse algo para ajudar. Se a amiga não lhe falara da possibilidade de vender, alguma razão haveria. Cressida precisava dela. Obviamente, se não conseguisse atrair clientes, nunca conseguiria fazer os pagamentos ao banco, e o seu sonho desapareceria, vendido a algum horrível grande grupo hoteleiro. Jory detestava esse tipo de gente, que se alimentava daqueles que não conseguiam sustentar-se e enriquecia enquanto os desesperados perdiam tudo. Não. Não permitiria que isso acontecesse a Cress.

Dirigiu-se para o alpendre de Mago, onde esta e Cressida estavam a contemplar a lua crescente, com copos de vinho na mão. Ambas se viraram e sorriram quando Jory se aproximou, e Mago entregou-lhe um copo do mesmo vinho branco fresco.

— Então, Marjory, o que andaste a tramar hoje? — inquiriu Cressida. Não havia qualquer fingimento. O sorriso profundamente caloroso de Cressida mostrava-lhe que a sua presença tinha significado para ela. O que quer que se passasse não alterava nada entre elas.

— Bem — começou Jory, bebeu um gole de vinho e sentou-se num dos bancos —, na verdade, fui dar uma pequena volta pela cidade com o Arie.

Mago corou ao ouvir o nome do amante. Cressida reparou e piscou o olho a Jory.

— Porque foste ter com o Arie? Não disseste nada a esse respeito esta manhã.

— Porque tive uma ideia sobre como trazer turistas à taverna. Fui falar com o Arie para perguntar se ele estaria disponível para nos recomendar a alguns dos grupos que começam a chegar a partir da próxima semana. Ele disse-me que recebe três ou quatro por semana. Está mais do que disposto a ajudar, tendo em conta que vai ser o nosso único fornecedor de vinho. — O rosto de Mago iluminou-se ao ouvir aquela notícia. — Mas não foi só isso. Fomos até Chora e reunimos com os dois operadores de turismo vinícola. Vão usar-nos como ponto de paragem para almoço depois da visita às vinhas. *Só*

nós. Durante todo o verão.

— Meu Deus! — exclamou Mago. — Isso é a melhor das notícias!

Cressida sentou-se muito direita, com os olhos arregalados. Não parecia propriamente feliz, mas mais surpreendida.

— Mas... e se eu não estiver pronta a tempo?

— Que disparate — atalhou Mago. — Estás pronta para isso há anos. Venham cá, deem-me as mãos. — Pegou nas mãos delas e gesticulou para que lhe seguissem o exemplo. Formaram um círculo. — Às vezes, na vida, as nossas histórias colidem, e, quando as histórias certas colidem, seja por destino ou acidente, a magia acontece. Aqui está a acontecer magia. Aceitem-na.

Cressida assentiu, com os olhos marejados de lágrimas, enquanto olhava para as duas amigas que estavam a ajudá-la a mudar a sua vida.

— Bom — disse Mago. — Agora, podemos, por favor, beber um pouco de vinho? São sete da tarde, e estou demasiado sóbria para falar sobre assuntos tão profundos. Jory, como vão as coisas com o teu belo amante? — inquiriu ela.

Jory fitou Cressida com os olhos arregalados, que se limitou a encolher inocentemente os ombros.

— Não olhes para ela — disse Mago. — Eu escuto as conversas. É um direito que Deus me deu. E então?

Cressida inclinou-se para a frente:

— Não tens de nos contar, se não quiseres. Mas já lá vai algum tempo desde a última vez que falaste do Shane. Ele irá regressar à ilha em breve?

Os *e-mails* diários de Shane eram o momento mais esperado do dia para Jory, apesar de quanto gostava do trabalho que estava a fazer com Cressida e dos progressos na taverna. Ela e Shane nunca escreviam mais do que algumas breves linhas um ao outro, no entanto, cada *e-mail* estava carregado de informações sobre eles. Recordou o *e-mail* que recebera nessa manhã.

Comprei uma carteira de couro sintético a um homem há uns meses, numa esquina perto do meu hotel. Sabia que a qualidade não era muita, mas simplesmente não consegui resistir ao homem, que tinha um sorriso tão rasgado com tão poucos dentes. A

carteira desfaz-se em bocados ao fim de poucas semanas, e, sempre que estou em Atenas, levo-a ao homem. Ele sorri, conserta-a em poucas horas e não me cobra nada. Não sei porque não comprei uma carteira nova, mas fiquei estranhamente apegado a esta e ao velho que a conserta. Perguntei-lhe se podia desenhá-lo, hoje, enquanto ele a consertava. Nunca mostrei os meus esboços a ninguém, mas vou enviar-te este.

O esboço estava incrível, capturando de forma perfeita o sorriso do homem da carteira, com a sua boca desdentada, e o afeto evidente que Shane tinha por ele.

— Trocamos *e-mails* diariamente — respondeu Jory a Cressida e Mago. — Só pequenas notas. Mas lê-las tornou-se o ponto alto do meu dia — confessou.

As duas amigas brindaram-na com sorrisos rasgados.

— Ele vai voltar em breve? — perguntou Cressida.

— Está um pouco mais demorado do que esperava, mas não por muito mais tempo, segundo me disse. Espero poder apresentar-vos em breve. Mas chega de falar sobre mim! Voltemos à taverna.

Jory confiava implicitamente nelas, mas não confiava em si própria para ser capaz de esconder que estava a apaixonar-se por Shane.

Onze

Aproximavam-se o solstício de verão e o dia mais longo do ano. O sol já tinha nascido, embora fossem apenas seis e meia da manhã, quando Cressida desceu para o jardim em chinelos. Tudo o que fossem citrinos crescia desenfreadamente por toda a ilha, por isso nunca lhe faltavam, mas no seu jardim havia apenas uma única laranjeira. Ela colheu uma laranja solitária de entre as folhas, e estava a regressar à sua cozinha quando estacou perante a visão de uma Mago muito serena, debruçada da sua varanda, de olhos fechados, a deixar que o sol da manhã lhe banhasse o rosto. Cressida olhou durante um longo momento para ela antes de recomeçar a andar sem ruído, mas a voz de Mago deteve-a.

— Benigno — anunciou ela, num tom calmo.

Porém, Cressida pôde ouvir a corrente de alívio, a ousadia da esperança subjacente àquele tom.

— O quisto é benigno.

— Oh, Mago! — sussurrou Cressida, com lágrimas nos olhos, sentindo-se percorrida por uma vaga de alívio.

— O que estás a cozinhar? — inquiriu Mago.

— *Revani* — respondeu Cressida. — Para a reunião da freguesia, logo à noite.

Mago respirou fundo e acenou com a cabeça.

— Vai em frente e trata de lhe incorporar alguma esperança.

O sorriso de Cressida acentuou-se.

— Não há como o presente para nos lembrarmos de viver.

Cressida começou por fazer a calda, deixando ferver a água com o açúcar e a casca da sua laranja recém-colhida, até o açúcar se dissolver. Depois, tirou-a do lume para engrossar e arrefecer, enquanto começava o bolo.

Bateu o açúcar e os ovos numa tigela até obter um preparado fofo e leve, antes de misturar os ingredientes secos e a baunilha numa taça separada. Deitou o açúcar e os ovos na mistura seca e bateu brevemente com a batedeira em alta velocidade, antes de adicionar o seu iogurte grego caseiro e o resto da casca de laranja. Depois, começou a bater a massa à mão, enquanto pensava em esperança, alegria e um pouco de magia.

E não havia dúvida de que estava mesmo a acontecer magia, pois tudo se combinava para que a pequena taverna finalmente abrisse. Mago sentou-se na sua marquise favorita, a tomar o seu café, rodeada pelos tecidos que Cressida lhe entregara. Sabia que não devia pensar demasiado nem tentar planear as coisas quando estava a coser, fosse um vestido, uma colcha, uma *écharpe* ou uma toalha de mesa, embora, para dizer a verdade, aquela fosse a sua primeira tentativa nesta última variante. No entanto, como em todos os trabalhos de costura que fizera ao longo de toda a sua vida, sabia que era melhor esperar que o tecido falasse consigo antes de começar a cortar.

Quando Cressida pusera os tecidos à sua frente e lhe pedira ajuda, Mago tivera vontade de dizer que não, pois ainda pensava que estava a morrer. Mas não conseguira. Mesmo que estivesse, de facto, a morrer, empenharia todas as suas forças para fazer da taverna um sucesso. Contudo, o tecido em seu redor permanecia silencioso. As cores não brincavam umas com as outras, não dançavam.

— Por favor — sussurrou ela, para si mesma ou para os tecidos, não sabia ao certo. Ambas as coisas, muito provavelmente. — Por favor, deixem-me ver-vos.

Durante muito tempo, mais do que seria confortável, nada aconteceu. Então, de repente, mesmo com os olhos fechados, ela ouviu a alteração, uma mudança subtil na energia da sala. As cores dançavam, mas de uma maneira diferente do que ela havia imaginado. Em plena luz do sol, as pequenas

partículas de cor e promessa cantavam e dançavam juntas como uma canção. Mago quase chorou de alívio e prazer quando começou a medir, a cortar e a coser como as cores lhe pediam, para fazer um jardim feliz na taverna.

*

Alguns quilômetros mais adiante, Arie estava na linha de engarrafamento quando o rótulo especial da taverna foi impresso e saiu a primeira garrafa. Ele preparara três caixas, uma do seu *rosé*, uma de branco e outra de tinto, para serem rotuladas especialmente para a noite de abertura de Cressida.

— É isto que quer, Arie?

O seu pessoal apresentou-lhe a garrafa especial. Era em tudo igual a todas as outras garrafas, exceto quanto à fotografia no rótulo. Arie olhou para ela e sentiu o mesmo impulso que tivera quando a tirara. Ele não era um fotógrafo dotado. Na verdade, nunca tinha tirado uma boa fotografia na vida. A do rótulo fora um acidente total, que acontecera com o seu *iPhone* cerca de um mês antes. Tinha ido jantar com Mago, e os dois haviam saído para um longo passeio noturno, como Mago muitas vezes fazia. Arie gostava desses passeios. Nunca diziam nada, mas ele via-a muitas vezes a olhar para a lua cheia com uma expressão de irritação.

Mas naquela noite, a noite da fotografia, a lua estivera sossegada — e, ainda assim, Mago não conseguia dormir. Tinham ido passear e, no regresso, ela parara quando se haviam aproximado da casa de Cressida.

— Chiu — dissera ela, apurando os ouvidos.

Então, ele escutara. O eco baixo da dor. Rodeava-os aos dois.

— Minha querida pequena — sussurrara Mago. — No seu jardim secreto de dor, sozinha. Tudo vai mudar em breve. Eu sinto-o. Vejo as cores a rodopiarem.

Arie nunca perguntava a Mago o que ela queria dizer quando sussurrava coisas estranhas como aquela, tal como nunca perguntava o que é que Cressida *incorporava* no pão sempre que lhe acontecia algo insólito depois de o comer. Elas eram mulheres de Potamia, estranhas e maravilhosas. Mas o que ele vira fora a mulher que amava a descer um pequeno lanço de escadas para

um jardim que ninguém sabia que ali estava até lá chegar. Um jardim secreto, um jardim especial onde brotavam as azeitonas e ervas aromáticas mais maravilhosas da ilha, e que Cressida, com o seu toque único, tinha transformado em algo ainda mais maravilhoso do que o próprio jardim. O jardim era ela. E ela era o jardim.

Por um momento naquela noite, quando Cressida estava a chorar um oceano de lágrimas por Leonidas e a lua cheia mantinha Mago a salvo do homem que continha, Arie havia tirado uma fotografia sorrateira de Mago a entrar no jardim secreto ao luar.

Nunca tinha mostrado aquela fotografia a ninguém. Era muito pessoal. Muito especial. Significava qualquer coisa, mas ele não sabia o quê. Até à véspera, quando acordara e deparara, por algum motivo estranho, com essa mesma fotografia guardada como fundo do seu telemóvel. Não fora ele a selecionar essa definição e, por mais que tentasse, não conseguira anulá-la. Fora então que começara a imprimir os rótulos dos vinhos que seriam vendidos na taverna, embora ainda não lhe tivessem dito que seria ele a fornecê-los. Ainda assim, ele sabia.

Olhou para a garrafa. As palavras no rótulo eram perfeitas: «Taverna Mysticos Kypos». A Taverna do Jardim Secreto.

Fez um sinal afirmativo a Michele:

— Vou levar uma à Cressida, para ter a certeza de que ela fica satisfeita, e depois, sim, avançamos com a impressão. Obrigado.

*

Cressida tinha emprestado a Jory um vestido para a reunião da freguesia nessa noite. Tinha um corte simples e dava-lhe logo abaixo do joelho. O tom verde-jade combinava perfeitamente com os olhos da amiga.

— Jory! — exclamou Cressida, quando ela apareceu à porta. — Estás sensacional. Tenho de insistir para que fiques com esse vestido, é como se tivesse sido feito para ti!

— Obrigada! — exclamou Jory, com entusiasmo. Estava a gostar imenso do vestido e já começara a pensar numa pessoa para quem adoraria usá-lo. —

Para ser sincera, tenho alguma dificuldade em imaginar-te com ele. — Jory era mais alta e tinha uma figura esbelta que se adequava ao vestido, enquanto Cressida tinha uma figura de ampolheta perfeita, que combinava com o seu próprio estilo.

Cressida riu.

— Isso é porque nunca o usei. A Mago deixou-o para mim, um dia, e apesar de não me ficar bem, quando a Mago nos dá uma coisa, guardamo-la, porque acabará por encontrar o momento certo.

— Eu devia ter adivinhado. — Jory revirou afetuosamente os olhos. Olhou para baixo. — Tens a certeza de que não estou demasiado elegante? Quer dizer, é apenas uma reunião da freguesia.

— O presidente Andreas leva as reuniões da nossa freguesia muito a sério e insiste para que as pessoas vistam as suas melhores roupas de domingo. Afinal, é uma igreja, diz ele sempre. Olha, eu também vou com o meu melhor fato domingueiro — acrescentou Cressida, saindo pela porta da frente para a luz do alpendre.

Envergava um vestido de algodão vermelho e branco, com mangas curtas tufadas e um laço na cintura. A saia baloiçava alegremente à volta das pernas, pouco abaixo dos joelhos. Jory adorava o estilo de Cressida, do género da década de 1950, como se tivesse saído de um filme antigo diretamente para este mundo. Até o seu cabelo estava penteado à moda da época, torcido de ambos os lados da cabeça para depois se encontrar num rabo de cavalo em nó sobre a nuca.

— Estão prontas? — chamou Mago do cimo dos degraus. — Não nos façam descer, estamos velhos!

— Vais sobreviver-nos a todos, tenho a certeza, Mago — bradou Jory em resposta, piscando o olho a Cressida. — A Mago parece tão feliz agora, não é? E falou no plural. Isso deve significar que está com o Arie.

— Eu sei, adoro tê-la assim outra vez. Tive tanto medo, a certa altura! Mas agora parece verdade: a Mago *vai* durar mais do que todos nós.

Rindo alegremente, subiram as escadas ao encontro de Mago, que trajava um elegante vestido verde-esmeralda com sapatos rasos a condizer e um bonito casaco creme. Estava de braço dado com Arie, que, embora não

vestisse casaco nem gravata, vinha certamente no seu melhor, com uma camisa, calças e sapatos formais. Cressida não estava a brincar acerca do vestuário adequado para a reunião da freguesia.

Caminharam juntos até à antiga igreja, onde pelo menos quarenta pessoas já se encontravam sentadas nos velhos bancos de madeira, todas impecavelmente vestidas. Arie tinha levado o bolo *revani* de Cressida ao longo do caminho, mas nesse momento ela voltou a agarrar nele.

— Tens a certeza de que queres iniciar a reunião silenciando-a antes mesmo de começar? — perguntou Mago. — Eles não comem um bolo teu desde...

— Eu sei, eu sei, o funeral do Leo — respondeu ela. — Mas sim, tenho a certeza. Gosto de provocar o caos nas reuniões e só vou falar no fim, por isso toda a gente vai estar cheia de expectativa, sem tirar os olhos do meu bolo — acrescentou, com uma gargalhada.

— Diabólico — observou Jory.

Cressida sorriu e avançou devagar com o seu prato de bolo até à mesa no canto, onde eram postos os refrescos para depois da reunião. Como previra, quando entrou, as conversas cessaram, e o único som que ela ouvia era o dos saltos dos seus sapatos a baterem no chão de madeira. Pousou o prato do bolo e desembrulhou-o, sabendo que o cheiro iria espalhar-se por toda a sala.

Ouvia as várias reações atrás de si — os arquejos, alguns suspiros surpreendidos ou chocados, alguns gemidos de água na boca.

— É quase pecaminoso o quão bem cheira — sussurrou alguém.

— Achas que podemos comer? — perguntou outro.

— Se podemos? A questão é se *devemos*. Lembrem-se da última vez...

E fez-se novamente silêncio, enquanto Cressida se virava e regressava devagar para junto de Jory, Mago e Arie.

Nesse momento, às sete em ponto, o presidente Andreas entrou rapidamente pela porta, olhando para o seu relógio de bolso, embora todos soubessem que este deixara de trabalhar havia anos. Contudo, ele nunca se atrasava nem se adiantava. Chegava sempre à hora certa.

Era um homem bastante baixo, com uma barriga redonda e saliente que parecia uma bola de basquetebol metida por baixo da sua camisa fina. Usava um casaco leve e levou o lenço à testa quando chegou ao pódio.

— Boa noite, pessoal — começou. — Temos alguns assuntos para tratar esta noite, portanto, vamos... — Fez uma pausa e franziu as sobrancelhas numa expressão confusa enquanto olhava em redor, cheirando o ar com os olhos fechados. Por fim, respirou fundo, as sobrancelhas relaxaram, os olhos abriram-se. — O que é isto?

Num só gesto, a assembleia em peso acenou em silêncio para a mesa do canto.

— Ah — fez o presidente. Passou a língua pelos lábios e engoliu em seco. — Talvez pudéssemos pôr-lhe outra vez a tampa até ao fim da reunião, Cressida? — perguntou, olhando para ela.

Cressida encolheu os ombros de modo inocente:

— Era só película aderente, e deitei-a fora.

Os habitantes da aldeia suspiraram, resignando-se ao desejo que o aroma do bolo lhes provocava. Jory deu uma cotovelada a Cressida. «Vês», dizia o seu olhar. «Eles têm estado à tua espera. Vão apoiar-te.»

— Ah, bem — suspirou o autarca, com outra olhadela para a mesa. — Então vamos lá despachar isto. Quem é o primeiro?

— Eu! — gritou uma voz da primeira fila.

— Oh, Jory, vieste a uma boa hora! A Phaedra e o Matthaeus estão pegados! — disse Mago, entusiasmada, inclinando-se para a frente. — Devia ter trazido pipocas.

Cressida não ia a uma reunião da freguesia havia muito tempo e também estava entusiasmada. Phaedra e Matthaeus eram os seus favoritos, e de Nefeli, quando eram mais novas. Deu por si a olhar discretamente para o sítio onde Nefeli e Nico costumavam sentar-se. Nico estava lá, sentado sozinho, com o rosto tenso.

Cressida virou-se outra vez para a frente, franzindo a testa. Passava-se alguma coisa com Nefeli, pressentia-o. Em momentos como aquele, sentia intensamente a falta da sua amizade. Depois lembrava-se do motivo pelo qual ela e Nefeli tinham deixado de se falar, e a saudade intensa transformava-se

geralmente em raiva. No entanto, nessa noite, a raiva não apareceu. Ouviu uma risada ao seu lado e voltou a sua atenção de novo para a reunião.

— Em que parte vão eles agora? — perguntou a Jory.

— A Phaedra acaba de pedir ao presidente que multe o Matthaeus num valor de trezentos euros em gado pelas suas azeitonas perdidas — sussurrou Jory, muito animada. — Isto é melhor do que a televisão!

— Não vou pagar nem um euro a esta louca! — gritou ele, de pé na cadeira. — Essa oliveira está no limite da nossa cerca e cresce para dentro do *meu* quintal! As azeitonas que as minhas cabras comem do meu lado da cerca são minhas!

— A árvore está no meu terreno! A árvore é minha, e, portanto, cada azeitona que ela dá é minha também! Se as tuas cabras querem comer as minhas azeitonas, tens de me compensar por isso! — gritou Phaedra, levantando ainda mais a voz.

— Nesse caso, peço-lhe a si, presidente Andreas, que solicite ao conselho que investigue a quem pertence a árvore, e depois trabalharemos a partir daí — rebateu Matthaeus.

O prefeito Andreas revirou os olhos.

— O conselho, claro.

— Todos, incluindo a Phaedra e o Matthaeus — explicou Mago a Jory —, sabem que não há nenhum conselho de Chora Naxos que vá encarregar-se de uma questão tão absurda. Mesmo assim, de poucos em poucos meses, estão ali no púlpito, a discutir a mesma coisa.

— Às vezes, discutem por outras coisas — disse Arie — além de as cabras dele comerem as azeitonas dela.

— É verdade — assentiu Mago. — Mas estas são, por norma, as minhas favoritas. Ainda bem que a Cressida fez um bolo. Eles nunca atirariam *isso*.

— Vou pôr o conselho a trabalhar nisso, obrigado, Phaedra — disse o presidente Andreas. Phaedra lançou-lhe um olhar rancoroso, mas desceu do púlpito. — O seguinte, por favor?

Georgios levantou-se, no seu fato de três peças, acenou suavemente com a cabeça e dirigiu-se para a frente da sala, com a sua bengala numa mão e um jovem, vestido de forma idêntica, ao lado. Ambos deixaram os seus panamás

nos seus lugares.

— Que idade *tem* o Georgios agora, Mago? — perguntou Cressida num sussurro.

— Não faço ideia. — Mago encolheu os ombros. — Mas deve estar quase nos cem.

— Quem é o rapaz que está com ele? — inquiriu Jory.

Georgios tossicou com a sua voz suave, para chamar a atenção.

— Queria dizer-vos que os meus marmelos estão prontos para a época. E este é o meu neto Raki, que acabou de terminar a universidade em Atenas e voltou para cá, para trabalhar a terra comigo. Devem lembrar-se dele. Freguesia, o Raki. Raki, a freguesia.

Raki acenou a todos, depois ajudou o avô a voltar para os seus lugares, onde os dois se sentaram ao mesmo tempo, pousando os chapéus no colo.

— Vou ter de ligar ao Georgios — disse Cressida a Jory. — Os seus marmelos serão perfeitos para a abertura.

— Mais alguém, antes de encerrarmos a reunião e podermos passar à encantadora mesa de refrescos? — perguntou o presidente Andreas, olhando ansiosamente para o bolo de Cressida.

Mago, Arie e Jory gesticularam com a cabeça na direção da frente da sala, depois olharam para Cressida, e, finalmente, vendo que ela não se mexia, Mago e Jory fizeram-na levantar-se entre as duas e disseram:

— Sim!

Empurraram-na para a frente, até que ela parou, virando-se para Jory com uma expressão desesperada:

— Vens comigo?

Surpreendida e nervosa, Jory seguiu Cressida até ao púlpito. Pôs-se de imediato atrás dela e, quando Cressida hesitou em falar, tocou-lhe com gentileza no ombro. Os habitantes da aldeia estavam todos inclinados para a frente, expectantes e, como Jory percebeu, esperançosos. Aguardavam aquele momento havia anos. Jory sorriu com essa constatação e foi inundada por uma sensação de estar exatamente onde devia estar naquele momento. Cressida virou-se para ela, primeiro com uma expressão interrogativa, mas depois sorridente. Também o sentira. Voltou-se mais uma vez para a

multidão.

— Trouxe um *revani* — anunciou simplesmente. — E vou abrir a minha taverna. Os convites estarão nas vossas caixas de correio em breve. Espero que venham. Desfrutem do bolo.

A sala ficou em silêncio. E, de repente, cada pessoa se levantou e avançou o mais depressa que podia em direção ao bolo *revani*. Só Mago e Arie continuavam nos seus lugares, fitando Cressida com sorrisos rasgados.

Jory permaneceu ao lado de Cressida no pódio. Puxou-a para si e abraçou-a:

— Ah, sim. Vai ser um sucesso estrondoso.

Doze

— Adoro o que a Mago fez com as toalhas — disse Jory. — Eu nunca me lembraria de fazer aquilo.

Mago tinha feito catorze toalhas de mesa com os tecidos que Cressida escolhera. A parte que cobria o tampo era feita de uma só peça de tecido amarelo, azul ou estampado, mas a parte que caía sobre as bordas da mesa e fluía pelos lados era composta por um intrincado *patchwork* feito com todos os tecidos. Quando as trouxera, Mago parecia saber exatamente a que mesa cada toalha se destinava e organizara a disposição das mesas em função disso.

— Eu sei que só viste toalhas nas mesas de plástico do pátio, mas elas fizeram-se para as mesas todas. Não, essa é ali, Jory — bradou Mago pela centésima vez nesse dia, obrigando-a a pegar numa das mesas mais pesadas e a pô-la exatamente onde ela dizia.

Jory suspirou.

— Que importância tem? Porque é que não podemos simplesmente trocar as toalhas?

Mago fitou-a com os olhos semicerrados:

— Não me perguntes a mim, eu não sei porquê. As toalhas é que sabem qual é o sítio delas. Pergunta-lhes.

— Não vou perguntar *nada* às toalhas — resmungou Jory baixinho, deixando-se cair numa cadeira ao lado de Cressida. Esta estava debruçada sobre o seu bloco, a escrever atentamente. Curiosa, Jory espreitou-lhe por cima do ombro. Ela tinha anotado certa de trinta pratos diferentes, riscara alguns, depois voltara atrás, traçara um círculo à volta deles e escrevera algo no seu lugar.

— Estás a trabalhar no menu? — inquiriu Jory. — Parece que estás a ter dificuldades. Posso ajudar?

Cressida fez uma careta e olhou para o bloco como se este lhe estivesse a provocar dor.

— Estou completamente à nora para tentar escrever um menu.

— Isso vejo eu — replicou Jory num tom significativo. — Mas não compreendo. Tens andado a ver esse caderno e a tomar notas, a comprar produtos e a cozinhar com tanta confiança que pensei que tinhas o menu decidido para a abertura.

— O menu para essa noite, sim, está quase pronto. Mas no outro dia perguntaste qual era o nosso sonho e o que poderia eu fazer sem o Leo. A ideia era que a pousada fosse o foco principal, com a taverna a servir a melhor comida da ilha aos nossos hóspedes — explicou Cressida. — Eu teria oportunidade de conhecer os hóspedes, de maneira que poderia criar um menu personalizado todos os dias. Para os recém-casados no quarto número quatro, para o casal zangado no quarto número um, para a artista solitária concentrada a escrever um romance no quarto dois.

— Essa escreveria um romance inteiro na noite em que ficasse fechada na casa de banho — gracejou Jory, fazendo com que os ombros de Cressida descontraíssem. — Vá lá — encorajou-a.

— Sou uma cozinheira capaz de apresentar às pessoas o que quero que elas comam. Não sei criar um menu para pessoas que me dizem o que *elas* querem comer — concluiu Cressida, atirando a caneta para cima da mesa e fechando o seu caderno.

Jory acenou pensativamente com a cabeça.

— Talvez não tenhas de o fazer. E se... E se aquilo que fizesse com que a tua taverna se destacasse fosse o facto de haver apenas uma seleção limitada, escolhida por ti?

Cressida fitou-a, inclinando o rosto com uma expressão intrigada.

— Posso fazer isso?

— Não vejo porque não, mas podemos falar melhor sobre o assunto logo à noite. Por agora, vamos tratar de uma coisa de cada vez. Para começar, vamos preparar esses convites. Eu vou imprimi-los e enviá-los esta tarde. Isso dá-nos uma semana para termos tudo pronto para a abertura controlada. — Jory apertou a mão de Cressida e piscou-lhe o olho, ao mesmo tempo que Mago se

aproximou a bufar.

— Consegui acabar tudo sozinha — declarou, desabando na cadeira ao lado de Jory.

— Tiveste de falar com as mesas no fim? — perguntou Jory.

Mago fitou-a com uma expressão exasperada, mas Jory percebeu que estava a disfarçar um sorriso.

— Meninas, quando tiverem sido uma criatura esquisita durante tanto tempo como eu, vão descobrir que serão capazes de falar seja com o que for, animado ou inanimado, e as pessoas limitam-se a encolher os ombros e seguir caminho.

Cressida inclinou-se para ela e mostrou-lhe a garrafa que Arie lhe enviara nessa tarde.

A boca de Mago abriu-se de espanto, e ela pôs apressadamente os óculos.

— Oh, Céus. Taverna Mysticos Kypos — sussurrou, tocando com ternura no rótulo. — A Taverna do Jardim Secreto.

*

— A taverna vai abrir? — perguntou Selene, surpreendida, quando Jory lhe entregou um convite ao fim da tarde.

— É só uma abertura controlada, portanto, não comeces já a contar a toda a gente — recomendou Jory. — A partir de sábado podes dizer a quem quiseses.

— Olha para mim — retorquiu Selene, estalando a língua. — Não te pareço o epítome da discrição?

Jory abanou a cabeça.

— Muito pelo contrário: pareces-me a rainha da coscuvilhice. O que é precisamente o motivo pelo qual foste convidada. Precisamos de divulgar a notícia, depois de termos superado a noite da abertura.

— Muito obrigada, isso é uma coisa muito simpática para se dizer. — Selene acenou majestosamente com a cabeça, fazendo Jory sorrir. — Não direi nada — asseverou. Depois entregou a Jory um cartão manuscrito. — O que me pediste no outro dia. O endereço da oficina de reciclagem do meu

irmão. Encontras lá muito do que precisas a preços muito baixos.

— Obrigada, Selene. Ficamos-te muito gratas — disse Jory com sinceridade, dirigindo-se para a porta.

O endereço que Selene lhe dera conduziu Jory aos recantos mais profundos do cais, para lá dos mercados de peixe e no interior de uma área industrial, com alguns edifícios de escritórios e uns poucos armazéns grandes. Por fim, ela encontrou o que parecia ser um grande centro de reciclagem. Não havia ninguém à vista, pelo que Jory entrou nas instalações, dizendo:

— Olá?

Enquanto esperava pelo esquivo irmão mais novo de Selene, observou os tesouros que a rodeavam. Era uma coleção de objetos desirmanados e descartados. Tirou fotografias a uns pratos bonitos, talheres e tábuas de madeira compridas que pareciam um pouco gastas, mas que, olhando mais de perto, precisavam apenas de um pouco de lixa e uma demão de tinta. E isso foi apenas o princípio. Logo a seguir, encontrou uma fritadeira elétrica pequena, precisamente o que Cressida procurava, e, o melhor de tudo, um grande quadro preto para o menu, exatamente aquilo de que *ela* andava à procura. Quando encontrou por fim o irmão de Selene, Lucas, ele guardou-lhe tudo para ela ir buscar no dia seguinte, com a carrinha de Cressida.

— Mas isto — disse Jory, apontando para o quadro preto —, tenho de levar já. É uma surpresa.

Ao sair, deparou com uma visão familiar que lhe fez o estômago revirar-se: a mota de Shane estava estacionada do outro lado da rua. Ela reconheceu-la em qualquer lado. O seu coração começou subitamente a bater mais depressa.

Já tinham passado mais de duas semanas desde que ela vira Shane pela última vez, embora não lhe tivesse parecido tanto tempo, por causa da sua troca diária de correspondência. Jory sentia que não sabia nada sobre ele e, ao mesmo tempo, que sabia tudo. Não tinha bem a certeza do tipo de negócio a que ele se dedicava, mas sabia que o seu país favorito era o México, que a sua irmã gémea se chamava Sarah, que adorava Coldplay e que, se alguém precisasse de ajuda, ele era um alvo fácil.

E Shane sabia que, embora The Smiths *fossem* a banda favorita dela, Jory às vezes preferia as baladas de Mariah Carey, quando ninguém estava a ouvir.

Até sabia que ela e a mãe tinham visto *Dança Comigo* tantas vezes quando ela era mais nova que ainda hoje sabiam a coreografia toda de cor.

No entanto, nos últimos dois dias fizera-se silêncio. Por isso, quando Shane saiu de um prédio de escritórios perto do sítio onde a mota estava estacionada, Jory ficou tão surpreendida que saltou para trás da sua *scooter*. Observou por um momento, enquanto Shane fechava a porta atrás de si, e leu a placa afixada na madeira: «Escritório do Porto de Naxos». Perguntou-se que negócio teria ele ali. Onde estivera naqueles últimos dois dias, em que não lhe tinha escrito? Porque não lhe dissera que já regressara a Naxos?

— Jory, toma! — chamou Lucas em voz alta, saindo do centro de reciclagem com o grande quadro preto embrulhado em papel. — Esqueceste-te disto!

Ao ouvir o nome dela, Shane virou-se na sua direção, e o seu rosto abriu-se num sorriso rasgado.

— Bem me parecia que eras tu! — gritou ele do outro lado da rua.

— Oh, olá! — bradou ela. Olhou para o quadro e depois para a sua *scooter*. Não tinha pensado bem na questão logística de como levar aquilo para casa.

Shane dirigiu-se a ela, com um sorriso radiante.

— O que tens aí e como diabo vais transportar isso na tua *scooter*? — perguntou ele.

— Oh, é um presente para a Cressida — explicou Jory. — Claramente, uma compra feita por impulso, que eu não estava bem preparada para levar para casa. — Olhou para o atraente rosto dele, sentindo em simultâneo desejo e mágoa por ele não a ter contactado. — Não tive notícias tuas. Já não sabia se voltarias.

— Cheguei ontem. Estou tão contente por te ter encontrado — disse ele, baixando a cabeça com um sorriso. — Estava a preparar-me para te escrever. Adoraria ter o prazer de te acompanhar numa saída muito especial amanhã à noite, se estiveres livre. — Levantou-lhe o queixo e afagou-lhe a face com a mão.

— Sim — sussurrou Jory, saboreando a intimidade daquele toque. — Posso estar livre amanhã.

Shane deu-lhe um beijo breve na parte interior do pulso, e Jory continuou

a sentir os seus lábios mesmo depois de ele os ter afastado.

— Amanhã — disse ele. — Entretanto, como é que *vais* transportar esse embrulho? Posso levar-to?

— Não — respondeu ela, puxando o quadro preto embrulhado para si, numa atitude protetora. — Tenho de levar isto já à Cressida. Mal posso esperar para ver a cara dela quando lho der. Eu consigo, não é longe.

Shane abanou a cabeça, sorrindo.

— Muito bem, rapariga teimosa. Pelo menos, deixa-me prendê-lo à tua *scooter* com uns elásticos. — Atravessou a rua, até à sua mota, levantou o assento e regressou com alguns cabos elásticos. Não precisou de mais do que um minuto para prender o embrulho com firmeza à *scooter*.

— Obrigada — disse Jory, agradecida.

Shane olhou-a nos olhos e envolveu-lhe o queixo com a mão. Deu-lhe um beijo suave. Depois, outro.

— Às cinco horas, no parque de estacionamento da outra vez. Lembras-te?

— Lembro, sim — respondeu ela. — Lá estarei.

Pôs a *scooter* a trabalhar e dirigiu-lhe um aceno antes de arrancar, tentando não pensar no facto de que já estava com saudades dele. Seriam uma longas vinte e quatro horas até às cinco da tarde do dia seguinte.

*

Depois do jantar, Jory disse a Cressida:

— Tenho uma surpresa para ti. Fecha os olhos, que eu vou buscá-la. — Entrou no quarto e depois ficou parada à porta, com o volumoso embrulho atrás das costas.

— Tens os olhos fechados? — perguntou a Cressida.

— Não.

— Bem, é bom que os feches, senão não recebes o teu presente!

Cressida suspirou e fechou os olhos. Detestava surpresas. Apesar disso, estava a sorrir quando disse:

— Pronto, entra lá.

— Tcharan!

Cressida abriu os olhos. Jory entrara com um embrulho enorme, quase da altura dela.

— Abre-o — encorajou-a.

Cressida tirou o papel e revelou um quadro preto. Como conseguira ela trazer aquilo até Potamia naquela *scooter* minúscula?

— Isto é para quê?

— Para de tentar criar um menu que não queres fazer. Podes ir ao mercado de manhã e decidir o teu menu para esse dia, como tens feito sempre comigo, depois escreves os pratos no quadro e pronto, *menu del dia*. Podes apagá-lo facilmente para alterar o menu todos os dias, ou todas as semanas, como quiseses. E podes continuar a fazer as coisas assim ou optar por uma ementa mais permanente, quando souberes o que vende bem e o que te apetece cozinhar. Que te parece?

— Não tenho de inventar um menu para sempre?

— Não vejo qualquer necessidade disso, pelo menos para já. As ementas em quadros pretos estão na moda, e manter as coisas pequenas e simples é o melhor. Hoje em dia, o que se procura no que diz respeito à alimentação é a fórmula «da quinta para a mesa», ou seja, tudo o que é fresco e local. Aquilo que tu já fazes naturalmente vai atrair imenso os turistas. No teu caso, será mais «do jardim para a mesa». Gostas?

Cressida sorriu.

— Sim, gosto muito. Obrigada, minha amiga. Isto é uma boa solução.

Jory sorriu, alegre.

— Então, qual é o programa para amanhã? Temos tanto que fazer, e está finalmente tudo a tomar forma! — disse Cressida.

Jory lançou-lhe um olhar nervoso.

— Temos mesmo muito que fazer. E eu estarei à tua disposição o dia inteiro. Mas... Bem, amanhã à noite, sabes...

Cressida soltou um guinchinho.

— O Shane voltou! Devia ter adivinhado. Estás radiante e passaste a noite aos saltinhos na cadeira. Então, amanhã à noite?

— Sim! — exclamou Jory. — E estou tão nervosa! Ajudas-me a arranjar-me?

— Claro que ajudo. Ele deve ser mesmo especial, para te causar tantas emoções. Mal posso esperar para o conhecer.

— Se tudo correr bem amanhã, conhecerás — prometeu Jory.

— Então, anda — disse Cressida, enchendo de novo os seus copos. — Acho que ambas sabemos exatamente que vestido vais usar.

*

Na manhã seguinte, Jory conseguiu entregar vinte convites diferentes apenas a residentes de Potamia. O presidente Andreas recebeu o seu com uma atitude de apreço silencioso, consultando o seu relógio. Georgios estava no mesmo sítio onde Jory o vira pela primeira vez, à frente da igreja, na praça, a apontar os intrincados pormenores da arquitetura a Raki. Ambos lhe sorriram quando ela lhes apresentou os seus convites. Seguiram-se muitos outros, residentes da aldeia que se haviam tornado uma parte da sua vida quotidiana em Potamia, mas a sua última paragem era a mais importante, disse Jory tinha a certeza.

Na sua *scooter*, dirigiu-se ao posto de combustível de Nefeli e Nico, na extremidade da aldeia. Entrou e foi encontrar Nefeli de telemóvel em punho, como sempre, mas também com o olhar perdido no vazio.

— Precisas de gasolina para a tua *scooter*? — perguntou Nefeli, sem levantar os olhos.

— Não. Eu... Bem, toma. — Jory fez deslizar o convite sobre o balcão. Nefeli ficou a olhar fixamente para o envelope.

— Então, ela vai mesmo abrir? A sério?

— Ouvi dizer que vocês foram amigas. Pensei que gostasses de receber um convite.

— Fomos amigas. Melhores amigas, noutros tempos. Mas sabes como são estas coisas. As pessoas afastam-se — respondeu Nefeli, encolhendo os ombros.

Jory suspirou e virou-se para sair, quando ouviu Nefeli a sussurrar muito baixinho, quase como se não quisesse que a ouvissem:

— Acho que por vezes, quando estamos a sofrer, evitamos justamente

aqueles que nos conhecem melhor. Porque são os que conseguem ver-nos. Com demasiada clareza.

Jory olhou para a beldade grega e loura, com as suas unhas impecavelmente pintadas, o seu batom e o penteado perfeito, e viu pela primeira vez a rapariga por baixo da superfície. O telemóvel sempre na mão era uma distração para evitar que alguém a visse verdadeiramente. De súbito, tornou-se claro para ela que Nefeli sofria. Não sabia porquê, mas lembrou-se da expressão ciumenta com que ela a fitara quando Nico a levava a experimentar a *scooter* naquele primeiro dia e da discussão que se seguira e culminara numa explosão de paixão.

Contudo, agora que via realmente Nefeli, com a sua capa exterior de frieza estilhaçada por momentos, viu uma mulher solitária e em sofrimento. Uma mulher que se escondia atrás do seu telemóvel e do seu batom vermelho para mascarar essa dor. Porquê? Jory sentiu um desejo espontâneo de a confortar e estendeu-lhe a mão.

Mas a máscara foi novamente afivelada. Nefeli controlou-se e fitou Jory com uma expressão carrancuda.

— É bom ler os horóscopos, sabes, dão-nos informações excelentes — declarou, revirando os olhos e fingindo ler.

— Bem, espero ver-te no sábado. Tenho a certeza de que significaria muito para a Cressida. Desejo-te um bom dia, Nefeli — despediu-se Jory. A porta fechou-se com um estalido atrás de si.

Treze

Nefeli ficou a ver Jory partir. O convite tentava-a.

Pegou-lhe, tocando nos lados, e engoliu em seco num esforço para conter as lágrimas. Por fim, agarrou no envelope, trancou a porta da loja e dirigiu-se para o único lugar onde queria estar.

A famosa Torre Veneziana de Kokkos, construída no século XVII, era o lugar preferido de Nefeli quando era pequena. Adorava aquelas ruínas e imaginava-se como uma princesa presa na torre, à espera de encontrar um príncipe. Sempre sentira, nas profundezas do seu ser, que fazia parte daquele local de uma maneira um pouco diferente. Sempre tivera esse tipo de sentimentos, esse conhecimento de algo maior em mutação, ainda que não soubesse bem o quê. Tinha começado a ler horóscopos ainda muito jovem, não por estar a tentar ler o futuro, mas porque estava a tentar descobrir ao certo quanto daquilo que sentia fazia sentido no mundo. Os horóscopos ajudavam a guiar a sua intuição.

Também sempre adorara a torre por causa da lenda local, segundo a qual esta desempenhara um papel numa história de amor ao estilo de Romeu e Julieta, envolvendo membros das famílias rivais Kokkos e Barozzi. Nefeli adorava Shakespeare, drama e romance, mas, quando se tornou adolescente, passou a sonhar menos com um príncipe que viesse resgatá-la e mais com a maneira como poderia salvar-se a si própria. O mundo lá fora era um lugar grande, e Nefeli queria coisas grandes. Tinha as bases certas para isso. Para começar, era lindíssima, o tipo de beleza que crescera com ela. Pertencia a uma família rica, que a formara adequadamente para ocupar o seu lugar na sociedade. Sonhava que um dia deixaria a ilha e iria para Hollywood para se tornar famosa. Feito isso, regressaria a Naxos e restauraria a torre, que se tornaria no seu próprio castelo na ilha. Uma verdadeira princesa.

Tinha dezoito anos quando acordou numa manhã com uma necessidade premente de ir ao seu lugar, a torre. Saltou para a sua bicicleta, sem sequer tomar o pequeno-almoço, e pedalou o mais depressa que podia. Algo a impelia a apressar-se, a apressar-se. No entanto, quando lá chegou, não viu nada fora do comum. Até que ouviu uma voz atrás de si:

— Porque é que vens aqui todos os dias?

Virou-se, assustada. A voz pertencia a um rapaz tão bonito que ela ficou de imediato com a boca seca. O rapaz era louro, como ela. Nefeli julgava que era a única pessoa em Naxos cujo cabelo cintilava em tons de ouro ao sol, mas ele era como um Adónis, o seu par perfeito, o seu igual masculino. Quando olhou para ele, foi como se o próprio sol estivesse a nascer dentro dela. Sentia os raios atraírem-na para ele.

— Como é que sabes que venho aqui todos os dias? — perguntou Nefeli.

Ele apontou para uma pequena cabana ao fundo da propriedade.

— Moro ali. A minha família e eu ajudamos o proprietário com a manutenção dos terrenos.

Ela bufou de modo zombeteiro, olhando para a erva demasiado alta e para as ruínas.

— Lamento ter de dizer que não estão a fazer um grande trabalho.

Porém, em vez de se sentir ofendido com a sua rudeza, uma forma de defesa que ela era propensa a usar quando se sentia descontrolada e desconfortável, como naquele momento, o rapaz riu.

— Pelos vistos, o aspeto rústico atrai mais turistas durante o verão — explicou —, por isso tentamos manter tudo o mais invadido possível pela vegetação, sem deixar que os elementos destruam realmente o sítio. Mas isso é só no nosso tempo livre, claro. O meu pai é mecânico. E eu também.

O coração de Nefeli caiu-lhe aos pés. Ela era uma Castellanos. O nome da sua família era importante na ilha — o seu pai era candidato a presidente da Câmara para o ano seguinte. Um mecânico não tinha lugar no futuro de uma rapariga como ela, e os seus pais nunca o permitiriam. Ali estava ela, no seu lugar mais mágico do mundo, a viver um momento mágico com um rapaz da sua idade, mas ele era-lhe completamente proibido.

Ele pareceu ler-lhe os pensamentos e riu da sua expressão cabisbaixa.

Quem era ele para rir dela? Nefeli fez-lhe uma carranca, e ele riu ainda mais.

— Eu sei quem tu és. És a Nefeli Castellanos. — O rapaz adiantou-se, estendendo-lhe a mão. — Chamo-me Nico Remis.

Ela não lhe apertou a mão, mas concedeu-lhe um breve «Prazer em conhecer-te» antes de subir novamente para a sua bicicleta, sentindo uma súbita necessidade de sair dali.

— Vejo-te amanhã, então? — perguntou ele, enquanto ela se afastava pedalando rapidamente.

— Não! — bradou-lhe ela. Depois, muito baixinho, acrescentou para si própria, quase como se fosse uma promessa: — Não voltarei cá.

Foi uma promessa que ela quebrou quase de imediato e, depois disso, muitas mais vezes. A princípio, disse a si mesma que era porque não se deixaria expulsar do seu lugar favorito no mundo só porque estava lá um rapaz qualquer. Ela dizia-lhe para ir embora, dizia-lho sempre que o encontrava lá à sua espera, o que acontecia de todas as vezes que ela ia à torre. Nefeli dizia-lhe para ir embora, Nico não ia, e, no dia seguinte, ela chegava, e a cena repetia-se. Ele nunca ia embora, e ela voltava sempre. Nefeli permitia isso porque percebeu muito rapidamente que, mecânico ou não, ele era maravilhoso. Chamava-lhe Julieta, pois conhecia o amor dela por Shakespeare. Era divertido, encantador e fazia-lhe ferver o sangue em todos os sentidos, quer estivessem a discutir acerca da história da torre, a rir de alguma coscuvilhice da aldeia ou a debater os melhores filmes em exibição.

— Podíamos ir, sabes. Ao cinema. Juntos — disse ele, um dia. — Nefeli, eu amo...

Nefeli sentiu as faces ficarem quentes.

— Cala-te! Nunca digas *isso*.

— Mas...

— Não — cortou ela com firmeza. Estava envergonhada, mas por causa do que ia dizer. — Tu e eu é uma coisa impossível — sussurrou.

— Porquê, porque os teus pais vão achar que eu não sou suficientemente bom? — perguntou ele, levantando um pouco a voz pela primeira vez desde que ela o conhecia.

— Não — mentiu ela, tentando controlar o desejo que sentia. *Diz*

qualquer coisa cruel, Nefeli. Diz qualquer coisa para que ele te deixe em paz e não te tente. Mereces melhor, algo maior. Respirou fundo. — Porque eu não te quero.

Ele avançou direito a ela e agarrou-lhe nos ombros.

— Eu sou a única coisa que tu queres verdadeiramente — sussurrou, e beijou-a feroz e apaixonadamente. Tão grande era a paixão deles naquele momento que criaram pequenas faíscas, e ninguém na aldeia conseguiu perceber por que motivo as suas lareiras se tinham acendido num dia quente de verão, em que eles seguramente não haviam tentado acender lume nenhum.

A sua enorme paixão secreta foi como brasas incandescentes durante todo o verão, o mais quente que Naxos já conhecera. De facto, foi tal a persistência das brasas que Nefeli não ficou propriamente surpreendida quando, no fim de agosto, elas irromperam em chamas e os queimaram.

No princípio de setembro, o seu período atrasou-se.

Tudo aconteceu muito depressa depois disso. Os pais de Nefeli, depois de se enfurecerem, chorarem e gritarem que ela era uma pega sem préstimo, organizaram um casamento elaborado, com sorrisos falsos e brindes fingidos em honra do belo jovem casal.

O pai dela conquistou a posição de presidente da Câmara para os quatro anos seguintes, e a sua família montou a oficina mais popular da ilha para Nico, com aluguer de bicicletas e motas, tudo financiado pelo pai dela.

Ainda ninguém na ilha sabia que Nefeli estava grávida quando ela deixou de o estar. As contrações começaram de manhãzinha, seguidas pouco depois pela hemorragia. Foi Nico quem chamou o médico, que lhes disse que Nefeli perdera a criança. Os pais dela não foram visitá-la.

Houve apenas uma pessoa que lhe segurou na mão enquanto Nefeli chorava a injustiça de tudo aquilo, a perda do seu sonho, a sua decisão de casar e o seu filho por nascer, tudo de uma assentada cruel. Essa pessoa era a sua melhor amiga, Cressida.

Agora, Nefeli estava sentada na Torre de Kokkos, a ler e a reler o convite para a abertura da Taverna Mysticos Kyros. Perguntou-se quanto tempo

Cressida levava a decidir se ia convidá-la. Ela não mentira a Jory quando lhe dissera que Cressida tinha sido a sua melhor amiga, mas sabia o motivo pelo qual se tinham afastado. Após a perda do bebé, Nefeli começara o longo e lento processo de cortar com a sua amizade. E depois, quando Leo morrera, não tomara a mesma atitude afetuosa que Cressida tivera quando ela se sentira tão perdida. Abandonara a sua amiga, porque não suportava olhar para ela e ouvi-la a dizer, uma e outra vez: «Mas eu amava-o.»

Porque, naquele dia, Nico tentara dizer «Amo-te», e ela interrompera-o. «Nunca digas *isso*», ordenara-lhe.

E ele nunca o dissera. Ela estava a mentir quando tinha dito que não queria ouvir. A mentir-lhe a ele e a si própria. Ao longo de todos aqueles anos de vida em comum, havia estado à espera. Depois de terem feito amor pela primeira vez, depois do casamento forçado, depois da perda do bebé. Nunca. Nem uma vez. Claro que ela nunca poderia ser a primeira a dizê-lo. Mas a triste verdade era que Nefeli amava Nico. Amava-o com todas as fibras do seu ser. A perda do seu bebé, do seu futuro tornara-a fria e reservada, ciumenta e zangada. Tocava no seu ventre chato e sentia a ânsia sempre presente. Apesar da sua paixão, nunca mais tinham produzido outra criança.

Nefeli não podia continuar à espera e a fingir que o marido a amava. Não podia viver assim, já não. E, quando recebeu o convite de Cressida, compreendeu que, se Cressida, depois de todo o seu desgosto, podia começar de novo, ela também podia.

Era tarde quando chegou a pé a casa. Nico estava na cozinha, a comer algo que parecia um guisado. A mãe dele devia tê-lo trazido, pois sabia que Nefeli já raras vezes cozinhava, embora fosse uma cozinheira exemplar. Ele levantou o olhar para ela, com a mesma expressão com que a olhava sempre ultimamente: reticente e cansada. Ela deixava-o reticente e cansado. Exceto quando o deixava apaixonado, o que, nos últimos tempos, acontecia apenas quando estava zangada. Porque também ela estava reticente e cansada. Cansada de não se sentir amada. Cansada de se sentir só.

— Vou para a cama — anunciou, com um suspiro. Passou por ele sem ver a desilusão nos seus olhos.

— Não jantaste — disse Nico.

— Não tenho fome.

— Nunca tens.

Ela não lhe respondeu. Fechou a porta do seu quarto, aquele que ficava ao fundo do corredor, afastado da suíte principal. Havia três anos que era ali que dormia. Tomou um longo banho e, quando começou a chorar tão alto que não conseguia conter os soluços, mergulhou a cabeça debaixo de água, para que Nico não ouvisse o seu coração a estilhaçar-se em mil pedaços por não estar ao pé dele.

A noite ia a meio quando Nico acordou com Nefeli a chamá-lo. Agora, ela nunca o chamava. Parecia perturbada, como se estivesse a chorar, por isso ele correu ao quarto dela, sem se dar ao trabalho de vestir um roupão. No entanto, quando abriu a porta, encontrou-a num sono profundo.

— Nefeli? — sussurrou. Mas ela estava a ressonar levemente.

Nico virou-se para sair, quando a ouviu a chamá-lo outra vez.

— Nico, não me deixes.

Algo que ele não queria pensar que fosse esperança cortou-lhe a respiração. Voltou para junto dela e meteu-se na cama, ao seu lado. Ela não reagiu. Estava a dormir. Estaria ele a imaginar coisas, na esperança de algo que nunca ouviria?

Mas, pelo menos enquanto ela dormia, podia admirar a sua beleza. Ela era muito mais bonita sem maquilhagem, pensou para consigo, contemplando o seu rosto adormecido. Quando exalava, os lábios dela projetavam-se para fora, como um peixe. Ele costumava chamar-lhe a sua pequena piranha, quando se abandonavam a longas sestas preguiçosas, no tempo em que tinham dezoito anos e faziam amor.

— Piranha! Mas isso é um peixe terrível! — dissera ela.

— Não, é só um peixe muito perigoso. Perigoso e belo. Como tu és para mim. Por causa do muito que te...

— Chiu — pedira Nefeli, pondo-lhe o dedo nos lábios. — Não o digas. Nunca digas *isso*.

E o mais triste na história de Nico e Nefeli era que o seu amor era tão

grande que acendia lareiras, mas eles nunca tinham dito a verdade um ao outro.

Nico pousou o dedo na boca arredondada dela, tocando-lhe ao de leve nos lábios, cobrindo-os como ela fizera naquela altura.

— Nefeli — sussurrou.

Ela acordou, com os olhos muito abertos. Respirou fundo e esperou, mas ele não era capaz de o dizer, já não, ao fim de tantos anos. Em vez disso, puxou-a para si com um longo beijo cheio de desejo, despiu-lhe a camisa de noite e fez amor com a sua mulher, deixando que todo o seu corpo dissesse a única coisa que não lhe era permitido dizer em voz alta.

Ela não estava lá quando ele acordou na sua cama. O armário da roupa estava vazio. Os artigos de *toilette* e os batons tinham desaparecido da casa de banho. As roupas dela tinham sido emaladas, semanas antes, ao que parecia. Não havia nenhum bilhete. Nenhuma réstia do cheiro dela. Era como se ela tivesse sido apenas um sonho que ele nunca chegara verdadeiramente a ter. E, pela primeira vez na sua vida adulta, Nico rompeu em soluços no quarto vazio, sem a sua companheira dourada ao seu lado.

*

— Estás fantástica — disse Cressida. — Foi uma ótima ideia usares o vestido verde que te dei. O Shane vai ficar louco. — Jory corou ao ouvir o nome dele, o que fez Cressida sorrir. — Pergunto-me quanto tempo vais ficar *dentro* do vestido.

— Cress! — admoestou Jory, abanando-se com a mão. — Certo, estou pronta. Estou pronta. Vou sair agora. Neste segundo — acrescentou, sem se mexer da frente do espelho do seu quarto.

Cressida estendeu-lhe o batom, que ela aplicou com as mãos trémulas.

— Sabes que mais? Eu devia cancelar o encontro. Posso sair com o Shane depois da abertura. Estamos demasiado ocupadas, Cress. Sou necessária aqui.

— Marjory St. James! Como tua amiga, direi carinhosamente que compreendo o teu medo. Mas a Mago dir-te-ia que não fosses uma galinha merdosa! — bradou Cressida, apontando-lhe um dedo ameaçador.

Jory irrompeu em gargalhadas.

— Queres dizer... — começou, quase incapaz de articular as palavras. — Queres dizer uma «merda de galinha»?

— Porque haverias de ser uma merda de galinha? Galinha merdosa não faz mais sentido? — perguntou Cressida. Estava a falar a sério, e Jory ria tanto que teve de se sentar.

— Tens toda a razão, faz muito mais sentido. Não faço ideia de onde veio essa expressão nem do que significa — disse por fim, limpando as lágrimas de riso. — Oh, Céus, isto foi bom. Estava a precisar. — Suspirou. — Tens a certeza de que ficas bem sem mim?

— Jory, estamos prontas, ou pelo menos quase prontas, e a única coisa que falta é cozinhar, algo em que não tens autorização para participar — recordou-lhe Cressida. — Os talheres, os pratos e os copos estão lavados e brilhantes, o restaurante está preparado, a máquina para os cartões está pronta. Jory, estás oficialmente livre para sair. Portanto, por favor, põe-te a andar.

*

Shane estava à sua espera no parque de estacionamento, tão atraente como sempre. Estava a andar ansiosamente de um lado para o outro, quando Jory chegou na sua *scooter*. Ela compreendeu que ele estava tão nervoso como ela própria e, de súbito, sentiu-se muito melhor. Ele sorriu de orelha a orelha quando a viu, e, a avaliar pela maneira como a devorou com os olhos, ela ficou muito satisfeita por ter escolhido aquele vestido.

— Olá — disse ele, vindo ao encontro dela. Agarrou-lhe os braços e esfregou-os como se quisesse aquecê-los. — Uau, estás linda!

— Obrigada, tu também — respondeu ela, erguendo o rosto para ele. — Onde vamos?

— A um sítio muito especial para mim. Tens algum problema em andar de barco?

— Adoro estar na água.

— Claro, és de Maryland. Este é o *Perséfone II* — acrescentou ele,

apontando para um pequeno barco atracado no cais.

Tendo vivido em Anápolis, um dos grandes centros de navegação do mundo, Jory sabia que se tratava de um bote, usado para transportar passageiros de e para um iate grande.

— Se esse é o *Perséfone II*, onde está o *Perséfone*?

Ele encolheu os ombros e enterrou as mãos nos bolsos, como se estivesse envergonhado.

— É isso que quero mostrar-te, se não te importares de vir comigo.

Ajudou-a a entrar no bote, depois instalou-a em segurança no banco ao seu lado.

— Estás suficientemente agasalhada? O passeio é curto, mas torna-se bastante fresco a esta hora.

Jory acenou. Sentia-se aquecida por ele, e levaram apenas dez minutos, à velocidade máxima, para atracar a um iate ancorado na baía. Shane desligou o motor, puxou o bote para junto da embarcação maior e prendeu-o à amurada. Subiu por uma escada pequena, depois virou-se para Jory e estendeu-lhe a mão.

— Queira subir a bordo, minha senhora.

Jory olhou, maravilhada, para o bonito iate de madeira. Parecia minúsculo ao lado dos outros superiates que ali estavam ancorados, mas nenhum ultrapassava a elegância simples do desenho do de Shane.

— É lindíssimo — arquejou Jory.

Shane sorriu, radiante.

— É uma embarcação de madeira tradicional da Turquia, chamada *gulet*. Fiz uma viagem pela Europa de mochila às costas, no tempo da faculdade, e apaixonei-me por estes barcos. Já estiveste na Turquia?

— Só em Istambul — murmurou ela, avançando para ver o resto do barco. Tinha a garganta seca, uma sensação familiar de inquietude a brotar dentro de si. — Isso é que foram fundos universitários!

Ele encolheu os ombros simulando indiferença, mas desviou o olhar e pegou-lhe na mão.

— Trabalhei neste barco um verão inteiro, um dos verões mais espantosos da minha vida, com o Ilhan, o nosso capitão, a sua mulher e a sua filha e mais

algumas pessoas. Eu estava a viajar sozinho e era o mais novo a bordo. A mulher do Ilhan, Kubre, era a cozinheira, e excelente, por sinal. Fizeram um programa de culinária nesse ano, com o Ilhan e a Kubre no *Perséfone*, e o negócio deles prosperou de tal maneira nos seis anos seguintes que resolveram reformar-se mais cedo. — Shane sorriu. — Imagina a minha surpresa quando, seis anos depois do verão da minha juventude, o Ilhan me escreveu a propor vender-me o seu barco, pois tinha-me prometido que me diria se alguma vez resolvesse vendê-lo. Tenho uma imensa sensação de lar aqui. — Meteu de novo as mãos nos bolsos e baixou a cabeça. — Posso mostrar-te alguns dos meus esboços desse verão?

A sensação de inquietude desapareceu, pois Jory sentia exatamente o que ele devia ter sentido naquela altura. Acenou com entusiasmo, sorriu e apertou-lhe a mão:

— Podes fazer-me uma visita guiada primeiro?

O *gulet* era extraordinariamente bonito e, ao mesmo tempo, simples. No convés inferior, bancos de pele branca encaixavam como uma cama, para tomar banhos de sol ou ler. Atrás havia um lanço de escadas que conduzia a três quartos, todos lindamente decorados, uma casa de banho e uma suíte, que Shane explicou ser a sua. Junto ao leme da embarcação havia uma cozinha impressionante, uma mesa grande com bancos em volta e uma garrafeira cheia de bons vinhos.

Era evidente que alguém ali estivera a preparar tudo antes da sua chegada. Sobre a mesa via-se um balde de gelo com uma garrafa de champanhe, uma travessa de pão pita e *mezze*. Shane serviu uma taça de champanhe a cada um, depois sentaram-se à popa, a contemplar o céu em silêncio durante muito tempo.

— Vais mostrar-me os teus esboços? — perguntou Jory, quebrando o silêncio, que estava a pô-la cada vez mais nervosa. E mais excitada, ao mesmo tempo. Apercebeu-se de que a sua voz saía num guincho agudo.

O rosto de Shane iluminou-se. Foi buscar o seu caderno de esboços. Jory olhou em redor, com o coração a galope. Nunca estivera num iate como aquele. Não conseguia livrar-se da sensação de que estava a atraí-lo a si mesma pelo facto de estar ali. Sabia que o seu profundo desdém por pessoas

endinheiradas provinha da sua própria relação desconfortável com o pai e a família paterna. Estar num ambiente de riqueza provocava-lhe ansiedade. Fazia-a sentir desconfiança. Assustava-a, e ela sabia que poderia magoá-la, se o permitisse.

Serviu-se de uma dose generosa do champanhe e olhou para o rótulo. Era o *cuvée rosé* da Laurent-Perrier, que ela sabia ser caro. Emborcou uma taça e serviu-se de outra.

Shane regressou, sentou-se ao seu lado e serviu-se também de champanhe.

— Estou muito nervoso, sabes — confessou ele. — Nunca mostrei os meus esboços a ninguém. Devias ter-me visto no meu quarto de hotel em Atenas, depois de te ter enviado o primeiro. Não consegui dormir até me teres respondido.

Jory sorriu, descontraindo de imediato no seu banco. Recostou-se nos braços de Shane, quando ele abriu o caderno.

Ele foi virando as páginas, contando uma história acerca de cada desenho. Sobre Ilhan a pescar para o jantar. Sobre Kubre, com o seu cabelo curto e encaracolado e o seu sorriso assimétrico, enquanto fritava os pequenos peixes apanhados no Mediterrâneo na sua frigideira. Jory riu alto com a imagem de Mil, a filha de treze anos do casal, deitada de barriga para baixo a olhar sonhadoramente para os rapazes que passavam noutras embarcações. Havia também o homem da carteira em Atenas.

— O Georgios! — exclamou Jory com entusiasmo, ao virar a página seguinte.

— Conhece-lo? — perguntou Shane. — Ele fascinou-me!

— O Georgios é o homem mais velho de Potamia. E, seja qual for o dia ou a hora, usa sempre aquele fato e aquele panamá e tem uma bengala. O neto dele, Raki, acabou de regressar à ilha e está a ser educado para se tornar no novo Georgios.

Shane riu.

— Não fazia ideia de que tu estavas em Potamia. Adoro essa aldeia, é o meu lugar favorito em Naxos.

— O meu também! — exclamou ela. Preparava-se para falar mais acerca de Cressida e da aldeia, quando virou novamente a página e deparou com um

belíssimo esboço de *si própria*. Representava a noite no restaurante Rigani, em que ela e Shane tinham ficado sentados em mesas diferentes na esplanada. Soltou um arquejo que soou como uma pequena gargalhada.

— Esse não era para tu veres! — disse Shane. — Estou tão envergonhado! Mas... não achas que está parecido? É por isso que estás quase a rir, mas não exatamente?

Jory levantou a cabeça para ele. Estava com uma expressão tão preocupada que ela se inclinou e o beijou com doçura.

— Não — respondeu. — Estou quase a rir porque *sabia* que tu estavas a olhar muito para mim nessa noite, mas nunca consegui apanhar-te!

Ele riu, aliviado.

— Como é que sabias que estava a olhar para ti?

— Porque — sussurrou ela — te sentia. Consigo sempre sentir-te.

Mal tinha acabado de falar e já os lábios de Shane cobriam os seus. A mão dele fechou-se sobre a sua nuca e puxou-a para si. Jory estava tão faminta por ele que comprimiu todo o seu corpo contra o de Shane, enquanto ele se recostava no sofá. O seu beijo tornou-se mais profundo, levando-os ao ponto sem retorno.

— Ficas aqui comigo esta noite? — perguntou Shane, a sua voz rouca, a barba áspera contra a garganta dela.

O coração de Jory começou a bater mais depressa, acompanhado a par e passo pelo dele, comprimido contra o seu peito.

— Sim — sussurrou ela, e as suas bocas encontraram-se novamente, o contacto tão poderoso que o céu pareceu iluminar-se com um fogo de artifício de estrelas cadentes por cima do iate.

*

«Isto está espetacular, querida», disse Leo, puxando Cressida para si e beijando-lhe a testa. «Tudo o que sempre sonhámos.»

«Achas?», perguntou ela, envolvendo-lhe a cintura com os braços. «Tenho a sensação de que estou a deixar escapar qualquer coisa, mas não sei o quê. Tenho a comida, tenho o vinho, tenho ajuda... mas não está como devia.

Porque será?»

«Porque eu não estou cá. Estou morto. Mas tu não estás. Acorda, Cress. Acorda. Acorda.»

— Cressida, acorda! Acorda!

Ela acordou, sobressaltada, e olhou para o relógio. Cinco da manhã. Nefeli? O que estava a voz dela a fazer no melhor dos seus sonhos?

— Abre a porta. Por favor!

Era mesmo Nefeli. Cressida perguntou-se o que estaria ela a fazer em sua casa ao fim de tantos anos. Quando abriu finalmente a porta, viu que o bonito rosto de Nefeli estava inchado de chorar. Ela envergava ainda a sua camisa de noite e parecia desesperada. Mas Nefeli nunca, jamais parecia desesperada.

— Nefeli, o que estás a fazer aqui a esta hora?

— Tu estás a fazer aquilo que sempre foi o teu destino: abrir a tua taverna. Sei que estou em falta para contigo. Eu... Eu não sabia como...

Cressida sentiu o coração a cair-lhe aos pés por aquela mulher, que ela conhecia tão bem, mesmo ao fim de todos aqueles anos.

— Entra, Nefeli, vem para dentro — convidou, e Nefeli entrou, puxando a sua mala atrás de si.

Sentaram-se à mesa da cozinha de Cressida. Ainda estava escuro lá fora, mas o cheiro dos limões revelou-lhes que o sol estava a subir para expulsar as trevas da noite. A esperança vinha com ele. A esperança estava próxima.

Ficaram sentadas durante um longo momento, em silêncio, antes de Nefeli voltar a falar:

— Deixa-me ajudar-te a realizares o teu sonho. Por favor, deixa-me fazer parte da tua vida outra vez, permite-me compensar os anos perdidos e voltar a ser tua amiga. Tive saudades tuas. Mais do que possas imaginar. Só não sabia como pedir-te para ser novamente parte da tua vida até agora. — Levantou o convite que Jory lhe dera. — Li e reli este convite cem vezes e percebi que era a minha última oportunidade de me reconciliar com a minha melhor amiga. Com a pessoa que me pegou na mão aquando do meu desgosto, a pessoa que talvez volte a fazê-lo. Mas, desta vez, não aceitarei a tua bondade sem a retribuir. Deixa-me ajudar-te.

Cressida estava comovida até ao fundo da alma. Apercebeu-se de como

tivera também saudades de Nefeli, mas não sabia o que podia oferecer-lhe, além de um quarto onde ficar.

— Terei muito gosto em que fiques na pousada e vou já arranjar-te um quarto. Mas, Nefeli, e o Nico? O que se passa com o teu marido?

Nefeli não resistiu mais do que alguns segundos, antes que uma lágrima lhe deslizesse pela face.

— Deixei o Nico. Não tenho mais nenhum sítio para onde ir.

*

— Acorda, beldade.

Jory abriu os olhos para se deparar com um Shane completamente nu ao seu lado. Antes que ela tivesse oportunidade de lhe lembrar que não pedira serviço de despertar, a boca dele colou-se à sua, e o corpo perfeito dele voltou a cobrir o dela, aquecido pelo sol da manhã que jorrava pelas janelas da cabina.

Quando ele rolou para o lado, algum tempo mais tarde, estavam ambos arquejantes e a rir. Shane recuperou o fôlego e puxou Jory para si.

— Quais são os teus planos para hoje?

A realidade impôs-se.

— Que dia é hoje? — perguntou ela em pânico, com o cabelo completamente desgrenhado.

— Quinta-feira. Porquê? Há algum problema?

Era o que ela temia. De repente, era quinta-feira, e já só dispunham de dois dias até à abertura. Tinha de voltar para casa. Tinha de voltar *já*.

— Oh, meu Deus, não posso crer que passaram dois dias. Shane, tenho de ir. Prometi ajudar a Cressida, e isto é muito importante para ela. Não fazia tensões de ficar fora durante tanto tempo. Não que não tenham sido dois dias fantásticos, claro.

Shane beijou-a.

— Não tens de dar explicações. Se é importante para ti, é importante para mim.

Passada menos de uma hora, Jory estava de regresso ao cais. Shane puxou-a

para um beijo longo e apaixonado, antes de a deixar ir. Ela saltou para a sua *scooter* e, à saída da marina, ouviu-o a chamá-la.

— Jory!

Virou-se.

— Estas foram as melhores noites da minha vida — bradou ele.

— A sério? — gritou ela, radiante.

— A sério.

— Para mim também.

*

Ao ver que Jory não regressava no dia seguinte, Cressida calculara que convinha preparar um *brunch* para quando ela finalmente voltasse. Jory tinha-lhe falado das longas manhãs de sol em Los Angeles, a partilhar com as amigas um *brunch* que quase sempre se prolongava por horas de conversa, risos e o reviver das suas aventuras da noite anterior. Assim, Cressida foi buscar uma antiga máquina de *waffles* e levantou-se cedo, para procurar receitas de *waffles* para a sua amiga.

Enquanto misturava os ingredientes secos e batia as claras separadas das gemas para as tornar mais fofas, Cressida deu-se conta de que, apesar de ter tido ocasionalmente uma amiga — primeiro a mãe, depois Nefeli, Mago e agora Jory —, ainda estava apenas a começar a compreender a profundidade dessas amizades, o verdadeiro poder entre mulheres. Uma vez, havia muito tempo, as mulheres de Potamia tinham-se unido e dado início a algo mágico. Cressida acreditava que isso estava a acontecer novamente agora.

Mal podia esperar que Jory voltasse, para lhe contar tudo.

Quando Jory chegou a casa nessa manhã, encontrou um jarro de café e *waffles* caseiros com creme de limão, mirtilos e natas à sua espera. Os seus olhos iluminaram-se ao ver a mesa posta, e inspirou profundamente o aroma de fazer crescer água na boca dos *waffles* acabados de fazer.

— É oficial — declarou. — Morri e fui para o Céu. Bem que já tinha

desconfiado, nos últimos dias — acrescentou, com um suspiro sonhador.

— Ainda bem que estavas a usar um vestido estupendo — gracejou Cressida.

Jory riu-se e sentou-se à frente da amiga.

— Isto é magnífico, obrigada.

— A ocasião assim o exigia — replicou Cressida, depois inclinou-se para a frente. — Conta-me *tudo*.

— Oh, meu Deus — suspirou Jory, enterrando a cabeça nas mãos. — Foi mais do que maravilhoso.

Todo o rosto de Cressida se iluminou:

— Olha para ti: brilhas!

Jory corou.

— Prometo contar-te a *maioria* dos detalhes, mas primeiro tenho de te pedir desculpa. Lamento imenso por ter desaparecido durante dois dias antes da abertura. Sinto que sou uma amiga horrível.

— Não sejas parva — bufou Cressida. — Não és uma amiga horrível, mas tenho de te dizer que perdeste o jantar dos jantares. A Mago pediu o Arie em casamento!

À boa maneira dos *brunches* de Los Angeles, Cressida presenteou Jory com uma narrativa completa dos acontecimentos da noite anterior.

— Então, a Mago e o Arie chegaram pouco depois de teres saído — começou Cressida, e tratou de pintar um quadro detalhado dos acontecimentos.

Arie envergava uma camisa azul-escura e calças claras, um casaco atirado sobre os ombros. Mago tinha um vestido branco debruado a azul. Cressida sentira-se honrada ao vê-los tão elegantes para a ocasião. Os três iam provar os vinhos de Arie com alguns dos seus pratos, para tomarem as decisões finais para a noite da abertura.

Ela tinha-os convidado a entrarem com um sorriso rasgado e pegara no casaco de Arie. Enquanto ele levava os vinhos para a cozinha, para os manter frescos, Cressida tocara ao de leve no cotovelo de Mago e sussurrara-lhe ao ouvido:

— Adoro a maneira como tu e o Arie se vestiram a condizer esta noite.

Estão encantadores.

Mago parecia nervosa, perturbada.

— Não foi planeado — respondera Mago —, mas, mal ele apareceu à minha porta, eu soube que era hoje. — E, sem mais palavra, encaminhara-se para o jardim, murmurando para consigo.

— Percebi que se passava alguma coisa — disse Cressida a Jory, a sua voz a ficar mais alta com a excitação. — Mas não fazia ideia de quê. A Mago não parava de falar e, embora ela seja sempre a alma da festa, digo-te, Jory, via-se que estava tão nervosa que se esquecia de respirar. Até começou a abanar-se com a mão, sem nunca parar de falar.

— E o Arie? — perguntou Jory, contagiada pela excitação da amiga.

— Estava sentado, calado, com uma expressão divertida — contou Cressida. — Acabámos finalmente de comer, e eu ia levantar a mesa, quando a Mago me disse: «Não, Cressida, gostava que ficasses aqui, por favor.»

Ela pousara os pratos que tinha nas mãos e sentara-se novamente. Mago pusera-se em pé, dirigira-se a Arie e tomara a sua mão na dela.

— Arie, meu Arie. Sei o que é perder um esposo. Quando o Kristopher morreu, fiquei destroçada. Não sabia o que fazer da minha vida. E, quando pensei que ia morrer, prometi a mim própria que nunca voltaria a casar. Optaria por ficar sozinha. Mas estava enganada. Tinha medo. Julgava que estava a ser corajosa prescindindo de ti. Mas ser corajosa não é não ter medo. Ser corajosa significa estar aterrorizada e dar o salto na mesma. Quero dar o salto contigo. Quero pertencer-te, como tu me pertences no meu coração e assim será pelo resto dos meus dias. Seria uma grande honra, Arie, se aceitasses ser meu marido.

Boquiaberta e de olhos arregalados, Cressida virara-se para Arie, à espera de ver nele a mesma expressão de choque e surpresa. Mas o rosto dele franzira-se apenas num júbilo sorridente e cheio de certeza, como se ele sempre tivesse sabido que seria assim.

Levantara-se para ficar de frente para Mago, pegara na outra mão dela, que estava a tremer, e respondera simplesmente «Sim».

— O quê?! — exclamou Jory, quando Cressida terminou a sua história.

— Mas a Mago dizia que nunca mais voltaria a casar. *Ela* pediu-lhe a *ele*?

— Bem, parece que ela também mudou de opinião acerca da maneira como quer viver a sua vida — respondeu Cressida. — Mas, minha amiga, esta não é a única grande novidade. A Nefeli está cá — contou, indicando com a cabeça o quarto de esquina do primeiro andar.

— A Nefeli está cá? Porquê? — Jory recordou-se do que Nefeli tinha dito acerca de si própria e de Cressida quando ela lhe entregara o convite. «Mas sabes como são estas coisas. As pessoas afastam-se.»

— Deixou o Nico — explicou Cressida. — Não tem para onde ir e quer ajudar-nos a abrir a taverna.

Jory bebericou o seu café.

— Acho que preciso de cafeína antes de conseguir processar tudo isto. Cressida anuiu.

— Sim, ontem foi um grande dia para muita gente. A Mago e o Arie, a Nefeli e o Nico, tu, eu. Parece que as mulheres de Potamia estão a ressuscitar os seus poderes.

— Eu sou uma mulher de Potamia? — perguntou Jory.

— Minha querida amiga, acredito que Potamia te trouxe para cá porque já eras uma de nós, mas precisávamos de alguém para voltar a unir-nos. Portanto, nesse sentido, serás sempre uma mulher de Potamia. E, neste preciso momento, está a acontecer algo muito especial a todas nós.

— Magia?

— Talvez um pouco de magia.

Catorze

Os últimos dias antes da abertura passaram num torvelinho. Tudo indicava que teriam a casa cheia, pois as respostas aos convites iam chegando uma a uma, ou na caixa de correio ou por mão própria, e a taverna estaria na sua capacidade total de trinta e seis clientes. Jory andava numa roda-viva, a tratar de recados de última hora, trazendo uma coisa de que precisavam apenas para sair novamente e ir buscar outra.

Por fim, Nefeli aproximou-se dela e pôs-lhe na mão um velho telemóvel de tampa.

— Este é o meu antigo telemóvel. Toma. É velho, mas é melhor do que nada. Tens de ser mais eficiente, e nós temos de conseguir contactar-te.

Jory andara a tentar passar pela loja para comprar um telemóvel barato, como prometera a Shane. Ele dera-lhe o seu número de telefone quando ela saía do barco e fizera-a prometer que lhe enviaria uma mensagem de texto em breve, mas até então não tinha tido tempo e estava a achar extremamente difícil estar longe dele.

— Obrigada! — agradeceu Jory, radiante.

— É só um telemóvel — murmurou Nefeli, recuando quando Jory fez menção de a abraçar.

E assim, enquanto esperava pelo material e depois de ter ido ao irmão de Selene buscar as grandes tábuas de madeira que ele lixara e cortara à medida, Jory conseguiu enviar uma mensagem rápida a Shane.

Olha quem tem um telemóvel para usar! Posso só dizer que não parei de pensar em ti desde que saí do barco? Oh, meu Deus, sinto-me palerma! Certo, vou premir «enviar» de qualquer maneira.

Quem é?

O coração de Jory caiu-lhe aos pés, mas depois ele enviou-lhe uma cara a

piscar o olho, e ela riu. A seguir, ele enviou-lhe outra coisa, mas ela não conseguiu abri-la no seu telemóvel antigo.

Hum, isto é um velho telemóvel de tampa. Não consigo abrir o que me enviaste!

Isso é capaz de ser uma coisa boa, se por acaso estiveres na presença de outras pessoas. Não penso senão em ti. Mal posso esperar para voltar a ter-te nos braços.

As entranhas de Jory derreteram, e ela sentiu um formigueiro por todo o corpo.

Daqui a poucos dias, espero que me mostres em pessoa o quanto. Beijos.

Despacha-te!

Nefeli tinha revelado valer o seu peso em ouro. Assumiu de imediato as responsabilidades administrativas, adicionou hiperligações para fazer reservas na página do Facebook da taverna e sabia tudo sobre como utilizar o novo terminal para cartões de multibanco sem precisar que lhe ensinassem.

Fez planos das mesas e criou sistemas de pedidos no *iPad* de Cressida. Era suficientemente perspicaz para notar todos os detalhes que estavam a escapar às outras, mas apresentava as suas sugestões com respeito. Jory ficou admirada por, logo ao fim do primeiro dia, ter começado a gostar verdadeiramente de Nefeli. Era como se o seu exterior duro tivesse sido arrancado no preciso segundo em que tirara a tinta vermelho-sangue dos lábios e das unhas.

Nefeli pediu também ao seu sobrinho Basil, um rapaz de dezasseis anos de Chora, para ajudar Cressida com a preparação e a lavagem da louça durante o serviço.

— Jory, depois de abirmos, quero que leves isto para a cidade — disse Nefeli, entregando-lhe uma pilha de folhetos. — Deixa-os no centro de informação, nos *hostels*, a qualquer pessoa que possa dá-los a conhecer. Olha para este sítio. — Gesticulou em redor para a pousada. — Quartos, quartos vazios sem ninguém neles. A Cressida pode muito bem recrutar algum pessoal sazonal, que trabalhe em troca de alojamento.

Até Cressida teve de admitir que era uma ideia brilhante.

— No entanto, seria apenas por um período curto. Vou ter de resolver a situação da pousada até ao fim de agosto — disse ela baixinho a Nefeli,

presumindo que Jory não conseguia ouvi-la, mas Jory ouviu e suspirou.

Cressida começou a preparar a comida. Foi ao mercado do peixe e comprou *boquerones* e bacalhau, mexilhões frescos e gambas do tamanho da sua mão. Na sexta-feira, preparou os *boquerones*, pequenas anchovas brancas às quais tirava as espinhas e que depois amanhava, salgava e, por fim, marinava em ervas aromáticas e vinagre. Com o bacalhau, fez *bakaliaros*, deixando o peixe a demolhar durante vários dias e salgando-o depois, de modo a ficar pronto para saltar.

Sempre que terminava um prato, Cressida escrevia-o no seu quadro preto, com tudo menos os preços, que seriam avaliados após a noite de abertura.

Na sexta-feira à noite, estava tudo preparado, dividido em porções e pronto para cozinhar no sábado de manhã. O menu, pensou Cressida, olhando para o bonito quadro preto, estava concluído, e a única coisa que faltava era fazer o pão sem incidentes e sobreviver ao seu primeiro serviço.

*

— Não faço ideia porque me pediste para te ajudar. Sabemos o que aconteceu da última vez que cozi pão — observou Jory, que estava na cozinha com Cressida, às cinco da manhã, em pijama.

— Porque tu me acalmas — respondeu ela em voz baixa, e Jory fitou-a. — Preciso de estar calma para fazer este pão. Preciso de que ele transmita uma sensação de paz e de regresso a casa, pois é a primeira coisa que eles vão comer esta noite. E tenho medo do que posso sentir hoje, se não estiveres aqui ao meu lado.

— Bem, eu estou aqui — disse Jory, apertando-lhe a mão. — E, neste momento, estou demasiado cansada para conseguir incorporar qualquer uma das minhas próprias emoções neste pão, portanto, vamos a isso.

— O quê, não há sonhos matinais com o teu Shane?

O som do nome dele fez com que as entranhas de Jory se revolvessem.

— Agora, há!

Cressida abafou uma gargalhada.

— Acho que um pouco de delícia nebulosa não é uma coisa má para se

provar.

Jory fez-lhe uma carranca bem-humorada, e as duas passaram a manhã a cozinhar juntas. Quando terminaram, Jory foi dormir mais algumas horas, antes de as duas se reencontrarem ao meio-dia para o início daquele que seria o dia mais importante da nova vida de Cressida.

*

Taverna Mysticos Kyros

Para partilhar

Pratos frios

Pão de massa lêveda acabado de fazer com azeite caseiro

Queijo: mizithra e anthotyros

Dolmades

Azeitonas marinadas do jardim

Boquerones – anchovas brancas marinadas em vinagre

Mezze quentes

Keftedes – almôndegas fritas com hortelã e canela

Piperies – Pimentos recheados com feta

Calamares com manteiga, alho e limão

Gambas com limão e piripíri

Peixe

Bakaliaros Skordalia – Bacalhau salgado frito com puré de batata

Carne

Perna de borrego com orégãos e limão

Verduras

Alcachofra e salada de favas

Sobremesa

Loukoumi – Delícia rosa

Gelado caseiro com marmelos do Georgios

*

— Uau — exclamou Nefeli, digitando os nomes dos pratos no *iPad*. — Isto é impressionante. Ainda não encontrei ninguém para te ajudar na cozinha além do Basil, embora tenha recebido muitas mensagens de trabalhadores sazonais com experiência, que procuram trabalhos na ilha durante o verão. Queres que lhes telefone?

— Não, esta noite consigo fazer tudo isto sozinha, com a ajuda do Basil e de vocês as duas. Tudo é para partilhar, do estilo *mezze*. No quadro preto, parece muita comida, mas haverá uma tábua de servir no centro da mesa e, depois, cada pessoa tirará uma ou duas porções dos pratos listados. No fundo, são petiscos. Nefeli, fizeste o plano das mesas?

Nefeli acenou e pegou nos cartões dos lugares. Tinha-se encarregado de organizar as mesas de modo que fosse como um jantar de festa e sabia exatamente quem emparelhar com quem.

— Fácil. Aqui tens. — Estendeu o plano das mesas a Cressida, que anuiu, até o seu olhar se deter numa mesa específica. Arqueou uma sobrancelha.

— Queres mesmo pôr a Phaedra na mesma mesa que o Matthaeus? Depois da última reunião da freguesia?

— Não estive lá, não faço ideia do que aconteceu — afirmou Nefeli com uma expressão inocente.

— A mesma coisa que acontece desde a juventude deles — retorquiu Cressida com um sorriso. — As cabras dele *continuam* a comer as azeitonas dela.

Nefeli encolheu os ombros.

— Só pensei que um momento juntos, com a ajuda do teu pão, talvez fizesse com que parassem finalmente de se odiar e começassem... bem, tu sabes.

— Esta noite, não — disse Cressida. — Esta noite preciso de que toda a gente esteja focada na comida e no ambiente.

Nefeli suspirou e trocou os lugares.

— Mas na próxima semana vou fazer-lhes água de rosas para partilharem — acrescentou Cressida, e ambas começaram a rir.

— Lembras-te daquela vez que eles se puseram a atirar comida um ao outro pela sala fora? — perguntou Nefeli a Cressida. Isso desencadeou toda

uma ronda de «lembras-te» entre as duas mulheres, e, de repente, era como se não tivesse passado nem um dia desde o tempo em que tinham doze anos e planeavam conquistar o mundo.

*

— Vou preparar-me para esta noite — anunciou Jory, mas as suas palavras perderam-se entre os risos das outras. Ela sentia a alegria e a leveza entre elas, ao fim de tantos anos de afastamento, e ficou contente por se terem libertado dos velhos fardos.

Escapou-se para o seu quarto, para tomar um duche e mudar para o vestido novo que comprara nesse dia à *madame* Dionysia. Também era do suporte económico secreto, mas desta vez Jory gastara um pouco mais do que de costume. Tinha de ser elegante, mas permitir a facilidade de movimentos, o vestido perfeito para a anfitriã da abertura de um restaurante.

O seu telemóvel emitiu um sinal sonoro, e o coração saltou-lhe no peito quando ela viu a mensagem de Shane.

Tenho saudades tuas, beleza.

Também tenho saudades tuas, pensou ela e começou a escrever a resposta. Nesse momento, bateram-lhe à porta.

— Jory, é a Cress.

Jory apressou-se a abrir, ainda com o fecho aberto nas costas.

— Está tudo bem?

Ficou surpreendida ao ver Cressida vestida com um uniforme de *chef* de cozinha. As calças, pretas e de corte estreito, moldavam-lhe elegantemente as pernas, embora parecessem bastante confortáveis. A sua jaqueta preta tinha um corte feminino que a favorecia, mangas a três quartos e o seu nome bordado a branco acima do seio esquerdo.

Cressida reparou no olhar espantado de Jory.

— O Leo mandou fazer isto para mim pouco antes de morrer. Nunca o tinha usado. Estou bem? — perguntou ela.

— Estás fantástica, verdadeiramente profissional. E eu?

Cressida riu baixinho.

— Vira-te, eu puxo-te o fecho.

Jory obedeceu e sentiu o tecido azul a ajustar-se à sua cintura.

— Agora vira-te para cá e vamos ver — disse Cressida.

— Estupendo! — exclamou Jory, radiante.

— Ah, minha amiga — começou Cressida, agarrando-lhe nos ombros. —

Antes de abrirmos, só queria agradecer-te por teres vindo para cá, pela tua amizade e apoio e por todo o teu trabalho no sentido de concretizar isto para mim. És uma pessoa que faz com que aconteçam coisas belas, por causa da beleza da tua alma. Isto não é a tua casa, e nós não somos a tua gente, e vejo nos teus olhos que muito em breve estará na altura de seguires o teu caminho, porque já fizeste o que vieste cá fazer, embora não soubesses que era por isso que aqui estavas. Mas, agora, isto será sempre a tua casa. Sabes como a tua mãe diz que estás em casa aonde quer que vás? Penso que a tua mãe e tu andam de sítio em sítio a criar lares. Um enorme mundo feito de lares, aonde quer que vás. Isso é o que tu és e o que tu fazes. E o facto de me teres encontrado, e de eu te ter encontrado a ti, foi uma das melhores coisas que me aconteceu na vida.

Os olhos de Jory encheram-se de lágrimas. Envolveu Cressida num abraço apertado, e ambas choraram um pouco.

— Anda daí — disse Jory, limpando os olhos com cuidado para não estragar o rímel, que raramente usava. — Está na hora.

*

Às sete e meia em ponto, Jory e Nefeli estavam à porta, prontas. Jory limpou nervosamente as palmas das mãos ao vestido.

— Vais ficar com marcas de suor na roupa. — Nefeli apontou para as mãos húmidas da companheira. — Pareces nervosa.

Jory *estava* nervosa. A importância da noite tinha-a atingido, e só queria que fosse um êxito. Disse isso mesmo a Nefeli.

— Vai ser perfeito — afirmou Nefeli, cheia de certeza. — Sei disso porque há muito tempo que sabia que esta noite ia chegar, e está simplesmente a revelar-se como tal.

Jory encontrou consolo naquelas palavras. Aprendera a não duvidar da segurança de Nefeli, tal como não duvidava das cores de Mago ou dos cozinhados de Cressida. As mulheres de Potamia eram muito especiais. Seria ela verdadeiramente uma delas agora? Respirou fundo e olhou em redor, vendo como tudo parecia certo. Sim, era. Talvez sempre tivesse sido. Talvez toda a gente fosse, era apenas uma questão de histórias a colidir da maneira certa para permitir que o que devia ser assim fosse de facto.

— A propósito, estás muito bonita — disse ela a Nefeli. Era verdade. Nefeli estava impecavelmente arranjada e penteada, com as unhas pintadas e o rosto maquilhado, mas com um aspeto mais suave, num vestido rosa-pálido que Jory nunca lhe vira. — Esse vestido é novo?

— A Mago — foi a resposta.

— Ah. O Nico vai cá estar esta noite?

— Ele não foi convidado — replicou Nefeli, num tom mais tenso.

— Tiveste notícias dele? — perguntou Jory baixinho.

Nefeli abanou a cabeça uma vez, olhando fixamente em frente.

— Olha, vêm aí os primeiros.

— Vou buscar o vinho — declarou Jory. Arie tivera a bondade de doar garrafas suficientes para que cada convidado tivesse uma garrafa de vinho gratuita à sua espera.

À medida que os convidados iam descendo as escadas para o jardim, a conta-gotas, Jory e Nefeli acolhiam-nos calorosamente com um copo do *rosé* de Arie. Jory ouvia-os maravilhados com a decoração. Estava, de facto, espetacular. Elas tinham pendurado grinaldas de luzes no jardim, para as pessoas se juntarem a beber o seu vinho lá fora, a gozar a noite amena. As mesas estavam cobertas com as toalhas coloridas de Mago, criando uma atmosfera de encanto caloroso, que fazia com que todos se sentissem em casa assim que entravam. Os convidados passavam pelo quadro preto com o menu e comentavam entre si sobre expectativas.

— Só pode ter sido a Mago a fazer as toalhas — ouviu Jory de um grupo de mulheres. Sorriu ao passar por elas e espreitou para o jardim, em busca de Mago. Ela estava com Arie e o presidente Andreas.

Nesse momento, viu Basil a acenar-lhe da cozinha, indicando que o

primeiro prato estava pronto a servir.

— Como está a correr? — perguntou Cressida, nervosa, quando Jory entrou.

— Maravilhosamente, claro — foi Nefeli quem respondeu, entrando na cozinha atrás de Jory. — Toda a gente está a comentar o menu no quadro preto e como o restaurante está bonito.

— As pessoas têm vinho, a noite está linda, estão todos descontraídos — acrescentou Jory.

— Certo, ótimo, porque eu mudei de opinião — disse Cressida, apontando para as grandes tábuas que tinham os pratos de *mezze* frios prontos a servir. — Acho que vamos optar por uma coisa mais casual e servir os *mezze* enquanto os nossos amigos convivem e bebem, e sentamo-los só para os pratos principais e a sobremesa.

— Excelente ideia — concordou Jory, agarrando no primeiro tabuleiro grande e num punhado de guardanapos. Nefeli fez o mesmo, e dirigiram-se ambas para a multidão.

Jory levou o seu tabuleiro de madeira ao presidente Andreas.

— Olhem para isto, olhem só — exclamou ele, na sua voz retumbante. — Magnífico! Vai ser a melhor tavernazinha da ilha inteira, e as pessoas hão de cá vir por causa da comida e, depois, vão querer ficar nos bonitos quartos. Quando é que a Cressida está a pensar em abri-los?

Mago hesitou e fez sinal a Jory para se aproximar.

— Jory, o que tens aqui?

— Peguem nos pratos pequenos e num guardanapo e venham servir-se — anunciou Jory. — *Dolmades*, azeitonas, queijo, pão e *boquerones*.

— Ah, Jory! — exclamou o presidente Andreas, tirando um *dolmade* e metendo-o inteiro na boca. Fechou os olhos e gemeu. — A melhor tavernazinha da ilha — repetiu.

— Pode ter a certeza de que é. E com a ajuda do Arie, os turistas não tardarão a saber disso — concordou Jory.

— As pessoas passam pela nossa aldeia. Por vezes, param no castelo ou na igreja, mas depois seguem o seu caminho — disse Andreas com tristeza. — Um fluxo de turismo constante faria maravilhas pela aldeia. Continuo a

pensar que podíamos fazer publicidade à nascente sagrada.

Mago lançou um olhar significativo a Jory:

— Uma vez, o presidente Andreas trouxe cá uns especialistas em *marketing*, para lhes mostrar a nascente, mas...

— Não conseguimos encontrá-la — confessou o presidente, frustrado. — Sempre que eu seguia pelo que sabia ser a rua certa, acabávamos por nos perder mais uma vez. Foi muito embaraçoso.

Jory disfarçou um sorriso.

— Acho que talvez seja melhor deixarmos a nascente fora disto, presidente. Ela será encontrada quando quiser. — E voltou à cozinha para ir buscar uma nova travessa.

— Essa é dos *mezze* quentes, Jory — bradou Cressida do fundo da cozinha.

Jory levou a travessa de *mezze* quentes para o jardim, onde avistou Georgios e Raki, com os seus panamás. Estavam a conversar com Phaedra e Matthaeus, bem como mais algumas pessoas que ela não reconheceu. A voz de Phaedra estava a subir de tom, e ela apontou iradamente o dedo a Matthaeus.

— Posso tentar-vos com *keftedes* e *pipeires*? — interrompeu-os Jory. — Ou talvez calamares salteados ou uma espetada de gambas com alho? Há garfos pequenos, se quiserem.

A discussão, qualquer que fosse, desvaneceu-se quando todos começaram a mordiscar os acepipes de Cressida. De facto, Jory deu-se conta de que toda a sala ficara subitamente silenciosa, tirando a música suave que tocava em fundo e os sons provenientes da cozinha. Quando olhou em redor, o que viu foi uma sala cheia de amigos de Cressida ocupados a saborearem a comida dela, cerrando os olhos para logo os abrirem quase com surpresa e trocarem sorrisos de delícia partilhada. Não havia palavras para descrever os sabores que lhes estimulavam e preenchiam os sentidos.

Passado algum tempo, Nefeli dirigiu-se a cada um dos grupos e conduziu-os para as respetivas mesas no interior, onde seriam servidos os três últimos pratos. Jory encheu-lhes os copos de vinho e deixou as garrafas no centro das mesas.

— Oh, olha! — ouviu ela de um dos convidados. — Olha para o rótulo.

Que fotografia tão bonita.

— Pergunto-me quem é a mulher — comentou outra pessoa.

— Taverna Mysticos Kypos, diz aqui. Aham que é este o nome que a Cressida escolheu?

Jory sorriu e voltou à cozinha. Os dois pratos principais foram servidos: o bacalhau com puré de batata, seguido pela perna de borrego com legumes e a salada fresca. No restaurante, pouco se falava; ouvia-se apenas o tilintar de copos e talheres, murmúrios de apreço e suspiros de deleite.

Quando chegou o momento da Delícia Rosa e do gelado de marmelo, Jory, Nefeli e Basil trouxeram os pratos, enquanto Arie servia o seu *kitron*. Por fim, Cressida saiu da cozinha e encarou os seus amigos, os seus vizinhos.

Jory fez-lhe sinal para falar.

— Muito obrigada por terem vindo esta noite — disse Cressida. — Não teria conseguido fazer isto sem o vosso apoio. Bem-vindos à Taverna Mysticos Kypos.

Todos aplaudiram, e Cressida, corando profusamente, acenou e retirou-se de novo para a cozinha.

Para todos os presentes na Taverna Mysticos nessa noite, a experiência foi como chegar a casa. Cada convidado reviveu a sua recordação mais intensa do que a ideia de lar significava para si. Para alguns, era o sabor do Natal; para outros, era um bolo feito pela mãe ou pelo pai num dia de festa. Para outros ainda, era o almoço de domingo. A melhor recordação, que lhes lembrava de que estavam em casa, encontrava-se em cada garfada, e isso foi indubitavelmente mágico.

Cressida viu as pessoas que conhecera ao longo de toda a sua vida saborearem a sua comida. Primeiro em silêncio, depois entre discursos. Viu-as a beber vinho e, a seguir à sobremesa, viu-as a dançar, lideradas por Mago e Arie, enquanto Basil tocava guitarra. Virou-se para o fantasma de Leo, ao seu lado, e dançou. A alma dele afastou-se dela e encontrou o seu lar algures no além, enquanto ela reencontrava o seu aqui, na alegria daquela cozinha.

E quando tudo terminou, todos regressaram às suas próprias casas, felizes e saciados, cheios de histórias vagas que contariam e voltariam a contar durante muitos anos, pois ninguém se lembrava verdadeiramente de nada em

particular. Só sabiam que a taverna estava aberta, como se sempre tivesse estado, e que boa comida, bom vinho e boa companhia esperavam ali mesmo ao lado, na pequena taverna grega.

Quinze

Tudo estava a mudar, e, embora algumas coisas fossem inesperadas, como o caso de Mago ter pedido Arie em casamento, de Nefeli ter deixado Nico e de a pequena taverna ter aberto, essas alterações não deixavam de acontecer por opção. Mas havia uma pessoa que sentia ter sido privada da sua possibilidade de escolha, e essa pessoa era Selene Leos.

Selene fizera a sua escolha logo da primeira vez que pusera os olhos em Shane Deluca, quando ele entrara na sua galeria. Ele era o homem que ela queria. O seu coração fixara-se no desejo pela beleza dele, pelo seu dinheiro e pela sua capacidade de a tirar daquela ilha e levá-la para a sua cama. Até que a morte os separasse.

Shane Deluca era um dos homens com menos de trinta e cinco anos mais ricos da América, segundo um artigo da *Forbes* que Selene lera quase mil vezes.

Se fosse só por causa do dinheiro e da beleza, era uma coisa. Mas acontece que Selene acabara por sentir algo por Shane. E as emoções eram algo que ela nunca previra. Tornavam a sua atração por ele quase irresistível.

No início, ele tinha namoriscado com ela. Havia um brilhozinho nos seus olhos quando ela inclinava a cabeça e o olhava de esguelha. Houvera uma altura em que ela tivera quase a certeza de que ele ia convidá-la para sair, de que ele sentia o mesmo que ela. E, depois, tudo isso acabara. Acabara, simplesmente. Fora repentino e chocante, mas então tinham-lhe dito que ele havia ido passar uns tempos ao continente. Ela reagira pondo um torniquete no coração e pedindo ao seu irmão, Lucas, que estivesse atento quando Shane regressasse finalmente ao porto e que lhe transmitisse quaisquer informações que conseguisse obter.

Selene sabia, pelo artigo da *Forbes*, que Shane tinha uma empresa chamada

Resurgence Hotel Group, embora ele tivesse tentado esconder esse facto quando ela o conheceu. Até lhe mentira e tinha dito que se chamava Shane Matthews, mas Selene era esperta e conhecia as pessoas certas para ficar a saber tudo o que podia acerca dele.

Shane tinha trinta e dois anos, era solteiro e estava em Naxos a trabalhar com o seu advogado, Michael — que, pelos vistos, fazia todo o trabalho chato —, na compra da pequena propriedade de Cressida em Potamia. Selene e Cressida não eram amigas, mas tinham andado juntas na escola, e ela costumava jantar no Rigani quando Cressida lá trabalhava como *chef* de cozinha. Na sua opinião, o Resurgence oferecer-se para comprar a propriedade de Cressida era a solução ideal. Embora ninguém falasse dessas coisas, a maioria das pessoas sabia que Cressida teria de fazer algo em breve. O dinheiro do seguro do marido não podia durar muito mais.

Ficara, pois, surpreendida quando Jory chegara com um convite para a abertura da taverna de Cressida. Não tinha dito nada, pois não era problema seu, mas tinha ficado curiosa. Cressida teria recusado a oferta? Iria tentar abrir o negócio sozinha? O que implicaria isso para Shane? Deixaria a ilha? Isso explicaria o súbito desaparecimento dele, e Selene receava que ele não voltasse, pelo que sentiu um alívio palpável quando recebeu a mensagem de Lucas a dizer que tinha visto Shane e que estaria atento a quaisquer mexericos, como prometera. A porta da frente abriu-se, e Lucas entrou.

— Então? — perguntou ela friamente, embora sentisse o coração a galope de excitação.

— Vi-o no porto há uns dias. Não sei ao certo o que ele estava lá a fazer, mas deu de caras com a namorada. Sabes, aquela rapariga americana engraçada que me mandaste naquele dia.

Selene sentiu um nó na garganta. Jory. Ela bem sabia que havia algo entre eles, embora Jory o tivesse negado na sua cara.

— A Jory — disse em voz alta, engolindo em seco.

— Sim, essa mesma. Miúda simpática — disse Lucas. — Bonita, na verdade.

Selene soltou um risinho escarninho.

— Para quem gosta daquele estilo.

— O que há para não gostar? Loura, pernas compridas...

— Já percebi, Lucas! — cortou ela, irritada. — O que te levou a pensares que ela é namorada dele?

Lucas encolheu os ombros.

— Bem, ele veio ter com ela mal a viu, e conversaram um bocadinho. Depois beijaram-se. E decididamente não pareceu ser a primeira vez, se é que percebes o que quero dizer.

Apesar das mãos trémulas, Selene encolhera os ombros, como se o que Lucas lhe dissesse não tivesse importância. Podia resolver o problema. Com certeza que aquela... rapariga insignificante, com o seu cabelo descuidado, não conseguiria desfazer tudo o que Selene construía através dos seus desejos havia muito.

Porém, poucos dias depois, Selene passara pelo porto de manhã cedo e vira Shane a ajudar Jory a sair de um bote, do tipo usado para chegar aos iates grandes. E ele beijara Jory como Selene sonhava que a beijaria a ela, quando se embalava para adormecer todas as noites. Uma lágrima solitária deslizara-lhe pela face.

A abertura controlada da taverna de Cressida realizara-se na noite seguinte, mas Selene não fora. Em vez disso, ficara no seu apartamento, zangada e com o coração destroçado, a gizar um plano para provocar uma explosão de dor a Jory. Já que ela tivera o descaramento de mentir na sua cara, bem podia pagar-lhe na mesma moeda.

Jory apareceu na galeria toda sorridente, chilreando:

— Bom dia, Selene! Sentimos a tua falta na abertura, ontem à noite. Foi fantástico, tudo correu impecavelmente.

Foi então que Selene replicou de modo intempestivo, talvez sem medir bem as suas palavras:

— O que é que adianta, afinal? Julgava que ela ia vender àquele grupo hoteleiro que lhe fez uma proposta.

— Que estás a dizer? — perguntou Jory em voz baixa.

— Ouvi dizer que o dono do Resurgence Hotel Group voltou e não se vai embora enquanto não tiver a propriedade. Custe o que custar. — A mentira deslizou-lhe suavemente dos lábios. — Mas com certeza que a Cressida te

contou tudo. Vocês as duas são tão chegadas.

— Sei alguma coisa — disse Jory devagar, engolindo em seco. — Mas, certamente, é apenas uma oferta. Ela pode dizer que sim ou que não. E, agora que abriu, não imagino que queira vender.

— Bem, o que sei eu? Mas calculo que um punhado de semanas com a nova taverna aberta não rendam o suficiente para ganhar uma licitação contra uma empresa milionária. E o tal homem é muito determinado. Nunca conheci nenhum homem mais determinado do que ele.

— Sabes quem é? A pessoa que quer comprar a empresa da Cressida?

— Claro que sim! — respondeu Selene alegremente. — Aliás, agora que penso nisso, tu também o conheces. Ele estava na galeria no dia em que te conheci, sabes, naquele teu momento gracioso com o meu escaparate — prosseguiu, com um sorriso adocicado. — Era ele, o Shane Deluca. Americano, como tu.

Qualquer cor que ainda restasse nas faces normalmente rosadas de Jory se esvaiu. O seu rosto ficou completamente branco. Passou a língua pelos lábios algumas vezes, como se eles tivessem secado de súbito, e pestanejou como se estivesse a conter as lágrimas.

— O Shane? O Shane trabalha para o grupo que quer comprar a propriedade da Cressida? — arquejou.

— Se trabalha para eles? — Selene soltou um risinho, pegou no telemóvel e abriu o artigo da *Forbes* acerca de Shane. — Querida, ele é o dono. Estás a olhar para um dos homens mais ricos da América.

O rosto de Jory tornou-se ainda mais pálido, se possível, quando ela olhou de relance para o artigo e se fixou na fotografia.

— Mas ele disse... Quero dizer, o *Perséfone*, sim. Suscitou-me dúvidas. Mas ele disse-me...

— Ah, deixa-me adivinhar — disse Selene, recuperando o seu telemóvel e abanando a cabeça num falso gesto de simpatia. — Ele disse-te que era outra pessoa, certo? Sabes, quando o conheci, ele até me mentiu acerca do seu nome! — Riu alto. — Shane Matthews, foi como disse que se chamava.

— Isso é o nome do meio dele — esclareceu Jory num fio de voz, com a respiração cada vez mais irregular.

— Ouve, não se consegue ser um dos homens mais ricos da América sendo sempre bonzinho. Ele sabe o que quer e não se rala com a maneira como o obtém. Se calhar, foi por isso que nos entendemos tão bem — acrescentou Selene, num tom pensativo. — A Cressida provavelmente ainda nem sequer se encontrou com ele. Ouvi dizer que ele põe o seu amigo, Michael, a fazer muito do trabalho sujo: a assinar documentos e a reunir com os clientes, para que o Shane possa descobrir o que precisa de fazer para que o negócio se realize e ninguém saiba ao certo quem ele é.

Estava a exagerar, tinha consciência disso, mas, em vez de parecer triste, Jory ficou subitamente com uma expressão dura e fria:

— E, quando me conheceu, ele sabia que eu estava na pousada da Cressida?

Selene hesitou por um momento, evitando os olhos de Jory e fingindo-se ocupada. Começava a aperceber-se de que as ramificações das suas mentiras seriam uma doce vingança contra Jory, mas as consequências seriam muito mais vastas do que isso. Ainda assim, prosseguiu na mentira:

— Claro que sabia. Eu disse-lhe nesse mesmo dia.

*

— O Shane soube desde o princípio que eu estava a trabalhar contigo e, ao que parece, está disposto a tudo para comprar a tua propriedade.

Jory demorara meia hora a regressar à taverna e a juntar Cressida e Nefeli para lhes transmitir tudo o que ficara a saber acerca de Shane através de Selene. A sua voz estava rouca, mas os seus olhos permaneciam secos. Tinha chorado o suficiente no caminho. A mágoa transformara-se num sentimento de traição, e a traição transportara-a diretamente para o ponto em que estivera tantos anos antes, jurando nunca confiar em ninguém que tivesse dinheiro.

Estava zangada, mas também se sentia envergonhada. Devia ter percebido, de uma maneira ou de outra, o que Shane era. E agora tinha de dizer à sua amiga que o seu amante lhe mentira acerca da sua identidade, e para quê? Para comprar a propriedade de Cressida? Para obter informações? Ou apenas

para a levar para a cama? Porquê?

Cressida tomou as mãos de Jory nas suas e esperou até a amiga a encarar.

— Oh, Jory, lamento tanto não te ter contado a minha situação financeira. O dinheiro do seguro do Leo, juntamente com a ajuda que a família dele me deu ao início, permitiu-me aguentar-me ao longo deste último ano e meio após a morte dele. Mas, há dois meses, compreendi que não conseguia continuar a pagar a hipoteca. Não sabia o que fazer, mas, quando chegou a oferta do Resurgence, pensei a sério em vender. Até tive uma reunião com o advogado, Michael, para obter mais informações. Mas depois tu chegaste. — Gesticulou em seu redor. — E fizeste-me acreditar, e nós construímos tudo isto. — Fez uma pausa. — Não tenho ligado aos *e-mails* nem às chamadas deles. Devia ter atendido. Devia ter-lhes dito que ia abrir, que ia tentar conservar a minha casa e o meu sonho. — Abanou a cabeça. — Raios.

Nefeli levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Não faz mal — declarou, abanando a cabeça. — Havemos de arranjar o dinheiro, de uma maneira ou de outra. Posso pedir aos meus pais...

— Vocês não compreendem as pessoas que têm fortunas destas. Não sabem como elas são implacáveis, até que ponto são determinadas. — Apesar da paixão com que falava, a voz de Jory saiu num sussurro rouco. — Eu sei o que este tipo de dinheiro faz às pessoas, porque é o que acontece com a família do meu pai. Sei que não posso confiar neles.

Sentou-se novamente, exausta.

— O Shane nunca me contou o que fazia. Nem quem era. Disse-me que era *barman*! Mentiu-me. Mentiu, e eu não posso aceitar isso. Não vejo qualquer razão para as mentiras dele, a não ser o que a Selene disse: que ele está decidido a conseguir o que quer, e o que quer é esta taverna, que passou a significar mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo. — Começou a ir-se abaixo. — Lamento tanto, tanto!

Cressida pôs-se em pé e envolveu Jory nos braços.

— Isto não é culpa tua! Vou marcar uma reunião com o Shane.

— Convida-o para vir cá — disse Jory, com uma expressão cheia de determinação. — Convida o Shane para vir cá amanhã. Quero ver a cara dele quando tiver de confessar o que fez.

Shane Deluca era bom numa coisa: sabia quando ficar e consertar algo. Tudo tinha começado no México, quase uma década antes, num pequeno estabelecimento estupendo em Tulum. Tinha lá ido visitar um amigo, Jonas, um *chef* de cozinha com quem havia trabalhado na Pensilvânia. Depois de jantar, uma noite, no estabelecimento de Jonas, soube simplesmente que tinha de lá ficar. Foi contratado como *barman* até ao fim da temporada, embora os seus pais se opusessem à sua decisão. Estava a meio da universidade, mas aquilo que o atraía era a hotelaria, não a banca. Portanto, ficou. Fez amizade com todos os residentes locais e ganhou amor pela terra, pela comida e pelas gentes.

Jonas montara uma churrasqueira num dos pequenos hotéis da Avenida Boca Paila, e, embora o restaurante estivesse a ter êxito, o hotel não conseguia competir com os grandes *resorts* que iam aparecendo por toda a parte na aldeia, outrora pequena e que agora estava a ser invadida por turistas americanos à procura de uma experiência com tudo incluído. A pequena pousada, chamada Mi Casa, Su Casa, não acompanhava o nível do restaurante, e as críticas negativas começavam a acumular-se. Os proprietários eram um casal encantador; ele, americano, e ela, uma mexicana da terra. Tinham começado quando Tulum ainda era tão pequena que uma pousada como a deles prosperava, precisamente o motivo pelo qual Jonas tinha decidido ir para lá. Mas o negócio começara a abrandar, os quartos estavam datados, não tinham ar condicionado, a Internet era irregular, e, embora a localização fosse excelente, não dispunham de pessoal suficiente para limpar as algas do seu troço de praia todas as manhãs.

Quando a temporada terminou e todo o estabelecimento estava prestes a fechar de vez, o instinto mais profundo de Shane disse-lhe que podia resolver o problema. Fez algo que nunca tinha pensado em fazer: apanhou um avião para a Pensilvânia e marcou uma reunião com o pai, que era banqueiro de investimento. Charles adorava a mulher e os dois filhos, e, embora não fossem ricos, eram uma família de classe média-alta. Quando o filho concluíra que o mundo dos restaurantes e das viagens lhe agradava mais do que a formação

universitária de qualidade que estava a receber, Charles mostrara-se severo e impusera regras que Shane teria de cumprir, como não deixar de estudar. Afinal de contas, ele tinha trabalhado arduamente para que os filhos pudessem ter tudo o que quisessem. Quando Shane marcou a reunião com ele, após o verão no México, Charles pensou que sabia o que aí vinha.

— Vais deixar a escola. — Não era uma pergunta.

— Bem, isso depende, na verdade. Tenho uma proposta de negócios para ti.

Foi então que Shane apresentou a sua ideia para comprar Mi Casa, Su Casa. Não tomaria o lugar dos locais nem competiria com os *resorts*. Shane utilizara todas as aptidões de gestão que aprendera na universidade para criar algoritmos e folhas de cálculo que impressionaram o próprio Charles e, muito particularmente, os seus colegas no banco. Seriam necessários três milhões de dólares para fazer remodelações, contratar o pessoal adequado e criar um nicho dirigido a um tipo de turista mais boémio, que adorasse boa comida, um bom bar e um alojamento do estilo hotel *boutique*.

O banco aceitou. Shane não abandonou a faculdade; concluiu a sua licenciatura, pois isso fazia parte do acordo. Conseguiu os seus três milhões, juntou os seus amigos da faculdade para fazerem pesquisa de mercado e tratarem do *design*, e reabriram Mi Casa, Su Casa, bem como o restaurante de Jonas, na temporada seguinte, recuperando o triplo do investimento inicial. Assim nascera o Resurgence Hotel Group, e Shane tornara-se milionário aos vinte e cinco anos. Tinha dedicado a última década a procurar sítios que precisassem de um ressurgimento e a fazer com que a solução funcionasse tanto para a sua empresa como a nível local.

Shane adorava o seu trabalho e o seu estilo de vida, mas sentia-se só. Tinha todos os atributos que poderiam permitir-lhe levar uma vida de *playboy* — a boa aparência, a fortuna, o estilo de vida. Mas sempre quisera uma relação a longo prazo, uma companheira com quem partilhar a sua vida, não apenas uma aventura efémera em cada porto de escala. Tinha conhecido algumas mulheres ao longo dos anos, encantadoras e inteligentes, com quem imaginara poder construir uma vida em comum. Mas todas essas relações haviam acabado sempre com um ultimato: ele tinha de ficar. Nem uma única

das suas poucas namoradas estendera a mão e dissera: «Leva-me contigo.» Que era tudo o que ele queria.

Essa solidão tinha terminado no dia em que ele conhecera Marjory St. James, que já andava a correr o mundo, que já era uma pessoa que não queria estagnar num só lugar. De repente, não havia maior propósito, maior objetivo do que estar com ela. Shane sabia que era uma loucura estar apaixonado por uma rapariga com quem se encontrara tão poucas vezes, mas era o que sentia sempre que a via: ela fazia com que a sua pele parecesse pegar fogo. Quando se tocavam, quando se uniam era como se tivessem sido feitos um para o outro, e nesses momentos ela olhava-o como se ele fosse o melhor homem do mundo. Shane queria ser esse homem. Mais importante ainda, acreditava que *podia* ser esse homem. Tanto que se desviara completamente do motivo que o havia levado a Naxos. Tinha encontrado um estabelecimento que precisava de ajuda e fizera uma oferta, deixando os detalhes nas mãos de Michael. Este tinha mais influência na ilha do que Shane teria só por si, pois, nalguns sentidos, era quase como um residente local.

Sempre adorara a Grécia e as ilhas, mas a competição com grandes hotéis e pousadas pequenas em ilhas como Santorini e Mykonos deixava essa área fora do seu alcance. Mas ali, em Naxos, era possível ter êxito. Sobretudo quando encontrara a bonita e pequena pousada em Potamia — todos os seus instintos lhe haviam dito que aquele estabelecimento precisava de algo e de alguém que lhe permitisse tornar-se o que devia ser, que lhe permitisse ressurgir, e que ele era a pessoa capaz de o fazer. Suficientemente perto para ser viável, suficientemente longe da cidade para evitar qualquer competição. E o facto de o espaço estar novo e pronto para funcionar, mas sem hóspedes e sem pessoal, o facto de ser, na verdade, apenas a casa de uma mulher significava que devia ser uma aquisição fácil. O marido da pobre senhora falecera um ano antes, e ela tinha estado a pagar a hipoteca com o prémio do seguro, mas acabara por se atrasar nos pagamentos e o banco estava prestes a executar a hipoteca. Michael tinha telefonado repetidamente e enviado múltiplos *e-mails* após a sua primeira reunião, sem obter resposta, e Shane preparava-se para contactar ele mesmo a proprietária, quando chegou um *e-mail* da enigmática senhora Thermopolis, a convidá-lo para um café e uma conversa na manhã

seguinte.

Portanto, ali estava ele, a percorrer os nove quilómetros até Potamia naquela manhã de segunda-feira, uma manhã que ele não sabia que iria continuar a história do verão mais memorável da última década em Potamia.

Shane assobiava enquanto conduzia, entusiasmado porque veria novamente a bonita casa e conheceria a muito reservada senhora Thermopolis. Nem sequer sabia o nome próprio dela. Compreendia o impacto que poderia ter o facto de se apresentar perante ela apenas como ele próprio, e não como um nome ou uma empresa. Apenas um homem, que era sincero acerca das suas origens, do que o levava até ali e do que sabia que a propriedade dela podia tornar-se. Estacionou do outro lado da rua, admirando mais uma vez a vista da bonita casa, com o jardim e a taverna. Transmitira-lhe uma sensação de estar em casa no primeiro momento em que a vira, vários meses antes. E transmitia-lhe a mesma sensação agora. Até que saiu do carro.

De repente, uma forte rajada de vento soprou de norte. Os papéis voaram-lhe das mãos, e a força da ventania era tal que o empurrou contra a mota quando ele se ajoelhou para os apanhar. O vento emitia um som oco, quase como se estivesse a suplicar-lhe que se fosse embora. Shane correu de um lado para o outro, a apanhar os desenhos e as fotografias, e meteu tudo na pasta novamente.

Nesse momento, a porta da pousada abriu-se, e uma jovem grega, com longos cabelos escuros apanhados numa trança que lhe caía ao lado do rosto, surgiu e olhou-o nos olhos, inclinando ligeiramente a cabeça. Nesse preciso instante, o vento desapareceu, e Shane voltou a ouvir a sua própria respiração. Começou a andar na direção dela, mas, de repente, parou de forma inexplicável. Era como se não conseguisse avançar, literalmente.

— Senhor Deluca? — perguntou a mulher.

— Sim. É a senhora Thermopolis?

Ela anuiu de forma breve. O ar tornou-se mais leve, e foi como se ele tivesse sido libertado das cadeias que o prendiam e agora lhe fosse permitido avançar. Fez menção de a seguir para a porta da frente, mas ela virou-se e conduziu-o para uma cerca de madeira branca. Abriu a cancela e fitou-o nos olhos:

— Chamo-me Cressida.

Desta vez, o ar à volta dele não precisou de parar para lhe dizer que daí em diante nada seria igual. Aquela mulher era Cressida, a pasteleira mágica de quem ele ouvira falar todos os dias ao longo das últimas semanas, que passara com Jory. Era a amiga mais chegada de Jory na ilha. Era a casa de Jory em Potamia. E ele não fazia a menor ideia.

Cressida acenou com a cabeça ao ouvi-lo arquejar de choque e fez-lhe sinal para que a seguisse pelas escadas.

O jardim era exuberante, com a rica vegetação de oliveiras, limoeiros e ervas aromáticas tão altas que pareciam arbustos, mas também estava tratado e arrumado, e havia mesas dispostas no exterior. Uma delas, uma peça antiga branca colocada por baixo de um limoeiro, estava ocupada. Jory. Envergava o mesmo vestido amarelo que usara no primeiro dia em que ele a levara às ruínas, mas a expressão do seu rosto nada tinha que ver com a desse dia feliz. Estava sentada com as mãos apoiadas, inclinada para diante, a olhar fixamente para ele com o maxilar contraído.

Shane sentiu-se subitamente cheio de frio. A expressão dela era uma muralha de gelo impenetrável. Sim, ele iludira-a, levando-a a acreditar que ainda era apenas um *barman*. Tinha omitido informações pertinentes a seu respeito, que podiam agora ser muito mal interpretadas por Jory e Cressida. Sobretudo tendo em conta a confissão que ela fizera logo no início sobre a sua desconfiança de pessoas com dinheiro, como o seu pai. Mas com certeza que ele podia simplesmente falar com ela. Era Jory. Ela conhecia-o. Ele não fazia ideia de que a propriedade de Cressida era a taverna com a qual Jory estivera envolvida com tanta paixão.

— Tens andado ocupada — disse ele, por fim, gesticulando para o jardim em seu redor.

— Como se tu não soubesses — replicou Jory, com o músculo do maxilar contraído.

— Não sabia que tu tinhas fosse o que fosse que ver com este sítio — afirmou Shane, olhando-a nos olhos. Ela retribuiu-lhe o olhar com uma expressão hostil e desconfiada. Ele virou-se para Cressida, que estava atrás dele. — Eu não sabia — repetiu com clareza.

— Não acredito em ti — disse Jory com frieza.

— Jory — disse Shane, dirigindo-se de novo a ela, num tom suplicante —, tu conheces-me. Sabes que eu não te mentiria.

Uma gargalhada chocada brotou dos lábios dela.

— Podes ter a certeza de que te conheço agora — declarou, abrindo o artigo da *Forbes* no telemóvel de Cressida.

Shane estremeceu. Detestava aquele artigo.

Jory prosseguiu, com a voz amarga e tensa:

— Vejamos, Shane Deluca. Proprietário do Resurgence Hotel Group, que está a tentar comprar a propriedade da minha amiga? Não, eu não sabia nada disso. Tal como não sabia que tu és um dos homens mais ricos da América.

Shane tentou interrompê-la, mas ela ergueu a mão e levantou a voz.

— Não me mentiras? Mas tu mentiste-me, do princípio ao fim, Shane. Um *barman*? O último sítio onde trabalhaste foi no México? Quer dizer, o facto de isso ter acontecido há dez anos, na altura em que te tornaste milionário, não devia ser uma informação importante, que valesse a pena comunicar?

— Não te contei porque tu me disseste, praticamente no dia em que te conheci, que detestavas pessoas com dinheiro e que não confiavas nelas — respondeu ele, em voz baixa.

— E não é claro agora — disse ela, avançando para ele — que a razão pela qual não confio em pessoas com dinheiro é porque venho de uma família com dinheiro e eles são exatamente como tu, a fingirem-se bons samaritanos, verdadeiros Robins dos Bosques que ajudam os pobres, quando o que realmente fazem é pisar toda a gente simples que se atravessa no seu caminho para conseguirem o que querem, recusando-se a reconhecê-lo?!

— A reconhecer o quê? — perguntou ele, incrédulo. — Que tenho dinheiro? Bem, sim, tenho dinheiro, mas ainda sou eu, não um vilão malvado de um filme qualquer.

Por fim, Cressida falou, numa voz clara e calma.

— Nós sabemos, senhor Deluca, que o senhor sabia da relação da Jory comigo no dia em que a conheceu na loja da Selene.

— Isso não é verdade! — exclamou ele. — O que vos leva a pensar isso?

— A Selene contou-me a verdade. Não lhe mentiste quando a conheceste, dizendo-lhe que te chamavas Shane Matthews, para ela não saber quem tu eras?

O rosto de Shane ficou afogueado.

— Disse-lhe isso, sim, mas só porque...

Cressida levantou a mão, interrompendo-o:

— Falei com o seu advogado no princípio. Fui aberta com ele, sincera, disse-lhe que não queria ser completamente afastada do meu negócio. O senhor podia ter vindo cá mais cedo e falado comigo, mas não o fez. Em vez disso, mentiu à minha amiga e, por conseguinte, a mim. Fez com que ela gostasse de si, de maneira desonrosa e fraudulenta, e para quê? Por causa desta propriedade minúscula e sem valor, da qual nem sequer precisa?

— Eu não...

— Vá-se embora, por favor, senhor Deluca — atalhou Cressida, cruzando os braços sobre o peito.

Shane abanou a cabeça, sentindo que o chão lhe fugia de baixo dos pés.

— Não há nada que eu possa dizer, pois não? Jory... — suplicou uma última vez, virando-se para ela.

Mas Jory permaneceu irredutível:

— Vai-te embora, Shane. Não quero voltar a ver-te.

— Muito bem — disse ele com frieza, virando-se para partir. Quando alcançou as escadas, parou e olhou para Jory, desta vez com uma expressão dura. — Suponho que afinal nenhum de nós conhecia o outro, Jory. Porque, neste momento, estou a olhar para uma desconhecida, pois a mulher que eu conhecia nunca presumiria o pior de alguém nem o rejeitaria tão completamente. Sobretudo alguém de quem gostasse. — Subiu as escadas. — Adeus, Jory.

Jory esperou que Shane estivesse completamente fora de vista para enterrar o rosto nas mãos e permitir-se chorar em grandes soluços descontrolados. Eram demasiadas emoções em muito pouco tempo — a traição, a fúria inacreditável, a réstia de esperança ao ver o rosto de Shane, a desilusão, o

adeus.

O braço de Cressida envolveu-lhe os ombros, e Jory levantou a cabeça com as faces molhadas de lágrimas.

— Desculpa — pediu. — Não tenho um choro bonito.

Cressida sorriu.

— Não, de facto, não tens. Fico muito satisfeita por teres esperado que ele se fosse embora.

Aquilo quase arrancou uma gargalhada genuína a Jory, mas depois as lágrimas recomeçaram a correr, e ela teve de se sentar, com Cressida ao lado.

— Julguei que estava a apaixonar-me por ele — murmurou, engasgada.

— Tens a certeza de que não queres falar com ele?

— O que poderia ele possivelmente dizer para anular o facto de ter mentido acerca de uma coisa tão importante? O que significa que não há nada que ele possa dizer agora. Nada de nada — rematou Jory, fungando e limpando o nariz às costas da mão. — Ui, preciso de um lenço.

Cressida pôs-se em pé.

— Vou buscar.

Desapareceu apenas por um momento, para logo regressar e se sentar novamente ao lado de Jory, estendendo-lhe uma caixa de lenços de papel. Jory tirou um, depois mais três, assim que se assoou.

Soltou um longo suspiro, gemeu e enterrou mais uma vez o rosto nas mãos.

— Dói-me o coração.

Cressida envolveu-a num abraço apertado.

— Eu sei, querida, eu sei.

Dezasseis

Quando a taverna abriu ao público, os dias eram tão ocupados que Jory quase não tinha tempo para pensar em Shane ao longo do dia. À noite, depois de o último grupo de turistas enviados por Arie ter saído e de elas terem acabado de arrumar tudo, partilhava o jantar com Cressida e Nefeli, e muitas vezes também com Mago, que falava de tudo e mais alguma coisa, exceto do que acontecera com Shane, a pedido da própria Jory. Mas, à noite, chorava interminavelmente, questionava tudo, alternava entre emoções de raiva e mágoa com tanta rapidez que ficava mentalmente esgotada, mas não era o suficiente para dormir. Dava voltas na cama e ficava a olhar para o teto, relembando todos os momentos que passara com ele e imaginando conversas e discussões como se ele ali estivesse.

Estava exausta, pálida, com olheiras escuras e tensa de emoção. Assim, quando viu Liz e Kate descer as escadas da taverna para lhe fazerem uma surpresa, Jory quase deixou cair os pratos e correu para elas a chorar e a rir ao mesmo tempo.

Depois de uma receção calorosa de Cressida, Kate e Liz foram instaladas nos seus próprios quartos na pousada. Embora Cressida as tivesse recebido como suas convidadas, ambas insistiram irredutivelmente em pagar. Depois, as quatro juntaram-se no quarto de Jory, a beber o vinho de Arie.

— Queremos ser as tuas primeiras hóspedes pagantes, portanto nem penses em discutir comigo, Cress — declarou Liz num tom severo.

Jory piscou o olho a Cressida, percebendo que ela adorara a maneira como as suas amigas tinham adotado de forma espontânea o seu novo diminutivo.

— Leva-a a sério, Cress, não se discute com a Elizabeth Mortimer. Ela ganha sempre.

— Não me admira que ela ganhe contra ti. Tens uns argumentos terríveis, para alguém que fez parte da equipa de debate na faculdade — replicou Cressida, olhando para Kate e Liz.

Kate revirou os olhos.

— Diz-me que ela não se saiu com a sua rotina do «Faz sentido?» contigo. Cressida riu.

— Tem vindo a melhorar, mas da primeira vez não fazia sentido nenhum!

Jory pôs-se em pé.

— Mas acabei por ganhar essa discussão, não foi? Nunca devia ter-me envolvido com o Shane.

Todas ficaram subitamente sérias.

— Confessa — prosseguiu Jory —, o Shane traiu-me, magoou-me, é um cretino mentiroso e rico que se julga melhor do que os outros. — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Certo — disse Liz. — Tu prometeste que nos contarias tudo em detalhe assim que estivéssemos cá em cima, com uma garrafa de vinho, e aqui estamos. Portanto, conta-nos o que aconteceu.

Entre Jory e Cressida, que tinha de preencher lacunas ocasionais quando o choro impedia Jory de falar, as duas recém-chegadas conseguiram reconstituir a história de como ela conhecera Shane, da sua resistência, de como se apaixonara de forma inevitável por ele e cedera a essa coisa maravilhosa.

— E, então, ele mentiu-me. Não só omitiu o facto de ser um milionário como também mentiu efetivamente sobre o que fazia na vida. E porquê? Por causa do *dinheiro*. Tudo se resume sempre a isso com essa gente — gritou Jory, deixando-se cair outra vez na cama. — Eu pensei mesmo... Não sei, que podíamos ter algo espantoso. — Começou a chorar baixinho.

Kate aproximou-se, deitou-se ao lado dela e puxou-lhe a cabeça para o seu ombro.

— Sinto que a culpa é minha — disse Cressida, frustrada. — Se eu não tivesse escondido o facto de que alguém estava a tentar comprar o meu negócio e de que eu estava a pensar muito seriamente em vendê-lo, isto

nunca teria acontecido. Eu nunca soube que o Shane era o proprietário, só tinha falado com o Michael, o advogado do Resurgence Hotel Group.

Liz pôs-se em pé de um salto, entusiasmada.

— Muito bem, vamos começar a trabalhar pesquisando os nomes que conhecemos. — Tirou o seu computador portátil da mala e pousou-o no meio da cama, para que todas pudessem sentar-se à volta.

Jory cruzou os braços de modo obstinado e deixou-se ficar estendida.

— Não estou interessada.

Liz não lhe prestou atenção e digitou o nome:

— S-h-a-n-e D-e-l-u-c-a — soletrou em voz alta, enquanto digitava. —

Do R-e-s...

— Porque paraste de escrever? — perguntou Kate.

— Porque já é o primeiro resultado no motor de busca — respondeu Liz.

— Clica primeiro na imagem — disse Kate. — Estou mortinha por ver o aspeto dele.

O computador demorou apenas um segundo a abrir a primeira fotografia de Shane, com os seus clássicos calções de caqui e *T-shirt* branca, num iate chamado *Perséfone*. Era uma fotografia espontânea, por isso ele não estava em pose e parecia jovem e feliz.

— Caramba, ele é giríssimo! — Liz soltou um assobio.

— Liz! — protestou Jory, ainda com a cabeça na almofada, continuando a recusar-se a juntar-se a elas. — Não estás a ajudar!

— Ele é francamente espetacular — admitiu Cressida —, mesmo para um mandão da chuva.

As duas recém-chegadas fitaram-na, confusas. Jory interveio:

— *Mandachuva*, Cress.

— Não te preocupes, Cress — disse Liz. — A Jory também inventa palavras.

— O quê?! — Jory sentou-se, confusa e ofendida. — Por exemplo?

— Como quando dizes «sinto a vossa falta como de um membro fugido» — esclareceu Liz. — Todas sabemos o que queres dizer com isso, como um membro-fantasma. Mas não é uma verdadeira expressão idiomática. A tua mãe diz que a inventaste quando eras mais nova, e agora todas nós a usamos.

— Adoro quando a Jory diz isso — confessou Cressida.

Jory parecia simplesmente estupefacta, e Kate dava-lhe palmadinhas no ombro.

Todas se concentraram outra vez no ecrã. Quando Liz clicou na fotografia, viram que era do agora infame artigo da *Forbes*, publicado alguns meses antes.

— Engraçado — comentou Liz, depois de ler um bocado —, ele foi o único que não posou para a sessão fotográfica nem deu uma entrevista. Tiveram de ser eles a compor tudo. Vamos lá ver. Da Pensilvânia, foi para a Penn State. Jory, foi o que ele te disse, certo?

Ela acenou com a cabeça. Por fim, cedeu e foi sentar-se com as amigas, a olhar para o artigo. A curiosidade estava a matá-la. Mas ver a fotografia dele causou-lhe tanta dor por dentro que estremeceu ligeiramente a exalar.

— Pelo menos, ele não mentiu acerca de tudo — continuou Liz. — Deixa ver, abriu o seu primeiro estabelecimento no México, quando ainda andava na faculdade...

— Uh! — interrompeu Jory, furiosa. — «O meu último trabalho como *barman* foi no México», disse-me o Shane. Provavelmente, foi o seu primeiro e último trabalho de *barman*, mas ele recusou-se a acrescentar «ah, sim, depois disso comprei o negócio e tornei-me um idiota rico da noite para o dia e nunca mais tive de ser *barman*»!

— Oh, Jory, querida, lamento muito — disse Liz. — Podemos parar, se quiseres.

Jory respirou fundo.

— Não, continua. Já o li um milhão de vezes, seja como for.

— Certo — disse Liz, prosseguindo: — ...O seu primeiro estabelecimento foi no México, Mi Casa, Su Casa. Oh, uau, fiquei nesse hotel há uns anos! — exclamou, entusiasmada. — Era incrível. Um restaurante espetacular, o hotel mesmo muito *boutique* e pequeno, familiar mas brutalmente chique. Adorei.

— Ele está solteiro, Liz, se estiveres interessada — disse Jory com amargura.

— Oh, cala-te. Isto é importante! Vamos ver as outras propriedades do grupo — disse Liz.

Percorreram uma galeria de fotografias de pequenos hotéis na Argentina, em Bali, na Tailândia, na Turquia e mais dois no México, todos do mesmo estilo, com gestão familiar e mantendo o charme original. Mas, sempre que passavam por outra fotografia de um Shane jovial e sorridente num desses hotéis, a apertar a mão do pessoal e a rir com eles, Jory ficava triste e irritada em simultâneo. O sorriso e o charme não significavam nada — ele era apenas um homem rico a comprar os meios de subsistência daquelas pessoas. Como todos os da mesma laia que ela conhecia.

Estendeu a mão e fechou o computador.

— Podem pesquisar no Google o quanto quiserem, mas para mim já chega.

— Claro, querida — disse Kate —, só queríamos tentar perceber se teria havido algum engano. Que talvez ele não fosse assim tão mau...

— Não posso imaginar nada além do que realmente é, por isso prefiro não estar sempre com isso à frente dos olhos. Vocês estão *cá*, e podemos ter umas férias fantásticas juntas pela primeira vez na vida! Vamos buscar a Mago. Cress, encontramos-nos na taverna esta noite?

— Sim, e eu faço o jantar. Estamos muito contentes por vos termos aqui — disse Cressida, sorrindo a Liz e a Kate antes de sair.

Liz agarrou no computador e deu um beijo no topo da cabeça de Jory.

— Desculpa, querida. Julguei que podia ajudar. Sabes que te adoramos acima de tudo.

Jory sorriu.

— Sim, eu sei. Vá lá, vão para os vossos quartos e pesquisem à vontade sem mim. — Deu uma gargalhada. — Vou à quinta do Arie comprar uma caixa de vinho adicional para esta semana, para não correremos o risco de esgotar acidentalmente a reserva toda da taverna. Até já. Oh, e estou muito, muito contente por estarem cá.

*

A pousada de Cressida estava cheia. Ou quase. Apenas uma semana depois da abertura, a taverna já enchia completamente à hora de almoço todos os

dias. A pousada albergava agora Jory e Nefeli em dois quartos, dois novos elementos do pessoal que trabalhavam a troco de alojamento noutro, e ainda Liz e Kate, as primeiras hóspedes pagantes, em mais dois quartos, o que deixava apenas um livre. Tudo parecia estar a encaminhar-se bem, exceto que, desde a revelação de Selene acerca de quem Shane realmente era, algo não batia certo.

Portanto, Cressida fez a única coisa que sabia: foi buscar o seu livro de receitas das Callas e abriu-o na página da *vasilopita* que a sua mãe fazia. Era um pão geralmente servido nas festas e em cuja massa se metia muitas vezes uma moeda, para trazer boa sorte.

— Fá-lo bem — disse Cressida a si própria. Inspirou e expirou, uma e outra vez, deixando-se guiar para o que era preciso fazer até a receita estar perfeita. Quando soube que a massa estava pronta, meteu-a no forno. Uma Callas não precisava de moedas ou brindes. Elas próprias *eram* a sorte contida no bolo.

Tinha passado quase uma semana desde que Shane partira o coração de Jory. Mal pusera os olhos em Kate e Liz, ela explodira de alegria por vê-las ali. Tinha sido muito feliz, tinha passado um mês espantoso com Cressida em Potamia, mas, quando Shane partira e não voltara a dar-lhe notícias, Jory não estava preparada para o facto de ele se ter tornado numa parte tão grande do seu coração em tão pouco tempo. Agora, rodeada pelas suas amigas, por todas as suas amigas, a rir, a beber vinho e a mordiscar azeitonas, sentiu como que um bálsamo no coração, um bálsamo do qual nem sabia que precisava tanto.

— Mago — perguntou Nefeli —, como vão os planos do casamento?

— Vai casar? — chilreou Kate, entusiasmada. Ambas se tinham apaixonado completamente por Mago desde o momento em que a tinham conhecido.

— Sim, com o meu Arie. — Mago contou a Kate e Liz os detalhes do seu romance, enquanto Cressida lhes servia taças de mexilhões enormes, estufados em vinho com pimentos e queijo feta. — Concluímos que já tínhamos esperado o suficiente. Vamos casar no fim do mês, na vinha. Um casamento

tranquilo. Os meus dois rapazes vêm do continente. A Cressida trata da comida, claro, e vocês as duas são muitíssimo bem-vindas se ainda cá estiverem nessa altura.

— Ficamos o resto do mês de julho, portanto, com todo o gosto. Adoro o facto de ter pedido um homem em casamento. Estava nervosa? — inquiriu Liz.

— Não estava tão nervosa desde a minha primeira noite de núpcias, e, tal como em relação ao pedido, não havia motivos para tanto nervosismo. Foi uma festança — replicou Mago, e todas se riram.

— Oh, meu Deus, isto é espantoso — disse Kate a Cressida, que tinha estado calada a maior parte do tempo. — A Jory não estava a brincar quando dizia que tu eras uma cozinheira extraordinária.

Cressida ficou radiante e começou a falar-lhe da pequena quinta onde o queijo feta era produzido.

— Gostas de cozinhar? — perguntou Cressida a Kate.

— Adoro. Sou obcecada por programas de culinária. Às vezes, ao fim de semana, levanto-me cedo, ponho um dos meus programas favoritos e depois passo o dia inteiro a trabalhar nas receitas. Tudo feito a partir do zero.

— Ainda fazes isso, Kate, mesmo agora que estás a viver com o Mark? — quis saber Jory, inclinando-se para a frente. — Nós as três vivemos juntas durante anos — explicou às outras.

— Mais do que nunca.

— Ela não está a brincar, Cressida — disse Liz, sorrindo. — Lembras-te do jantar de Ação de Graças que a Kate fez, Jory?

Jory abafou um risinho.

— Referes-te àquele em que tu e eu saímos dos quartos de armas em punho, a meio da noite, para apanhar o intruso que estava a arrombar a porta do nosso apartamento?

— E que afinal era a Kate, a seguir as instruções da Martha Stewart, que insistia que meter o peru no forno às quatro da manhã era a única maneira de conseguir que ficasse assado a tempo. — Estavam quase a chorar a rir com aquela recordação, mesmo as três gregas que não tinham assistido à aventura.

— Que armas é que traziam? É verdade que todos os americanos têm

armas? — perguntou Nefeli.

— Não — respondeu Kate —, isso é um exagero. Mas a Jory vinha a brandir um secador de cabelo.

— Foi a primeira coisa que me veio à mão — protestou Jory.

— O ponto — disse Kate, levantando a voz —, é que eu não era um intruso, estava a cozinhar, e o meu jantar de Ação de Graças ficou absolutamente perfeito. Ao contrário do que aconteceu da vez que a Jory quis ser ela a cozinhar. O que foi aquilo que ela tentou fazer, o molho de chocolate?

Jory corou ao ver Cressida a olhar para ela.

— Era daquele filme, *Chocolate*. Tinha tão bom aspeto, era uma espécie de molho de chocolate no peru ou coisa do género.

— Usaste uma receita? — inquiriu Cressida.

— Bem, não. Só vi o filme imensas vezes e achei que, se derretesse chocolate, ficaria ótimo.

— Não estava ótimo — afirmou Kate com veemência, abanando a cabeça.

— Decididamente, nada ótimo — concordou Liz. Jory fez-lhes uma carranca bem-humorada.

— Anda, Kate — disse Cressida —, podes ajudar-me a terminar o porco.

Kate seguiu Cressida até à cozinha, onde ela tirou uma perna de porco do forno. Tinha estado a assar com funcho, aneto e vinho durante uma hora.

— Está quase pronta, só falta o último passo. É um prato muito rico, esta perna de porco, pois adiciona-se um ovo ao molho para acabar de cozinhar. É um processo muito importante, e tem de se estar completamente concentrado para garantir que não talha.

— Um pouco como a *carbonara*? — perguntou Kate.

— Suponho que sim. — Cressida partiu os ovos para uma tigela, para Kate bater. Mas não a tinha trazido ali apenas para ela lhe servir de ajudante de cozinha. — Que mais descobriram acerca dele? Desse Shane Deluca?

— Pelo que vimos na nossa pesquisa, parece um tipo impecável. Começou a vida a trabalhar em hotelaria. Trabalhou, de facto, como *barman* no tal hotel do México onde a Liz esteve. Quando o estabelecimento começou a ter problemas, ele regressou a casa para conseguir um empréstimo bancário no

valor necessário para a casa sobreviver e prosperar, e manteve sempre o pessoal local a par de tudo. Parece que o estilo dele é manter a comunidade local envolvida, para impedir os grandes grupos hoteleiros de apanharem os negócios quando estes estão mais vulneráveis. A Jory não quer ouvir sequer falar disto, claro, portanto não voltámos a tentar levantar o assunto com ela. Mas vê, isto foi o que descobrimos. — Estendeu o seu telemóvel a Cressida, para que esta pudesse ler os artigos que tinha guardado. Enquanto ela lia, Kate adicionou os sucos da carne aos ovos na tigela, batendo continuamente como Cressida dissera, para que o calor não talhasse os ovos. — Acho que consegui.

Cressida aproximou-se, tirou o tacho do lume e adicionou um pouco de geleia de limão, o seu ingrediente secreto.

— Ficou mesmo muito bem feito, Kate. Devias pensar em cozinhar profissionalmente.

Deitaram a mistura no tacho com a carne de porco, e Cressida pôs o lume o mais baixo possível e mexeu de forma contínua, enquanto Kate via o molho de ovo a engrossar.

— Está com ótimo aspeto.

— Eu nunca teria conseguido fazer nada disto sem ela — disse Cressida em voz baixa. — Olha à tua volta... esta taverna, esta comida, eu. Tudo isto é graças à Jory.

— Sim, a Jory tem um grande dom. Soube disso desde o momento em que a conheci. Acho que todos temos grandes dons dentro de nós e só precisamos da pessoa certa, ou do momento certo, para nos permitir tornarmo-nos na melhor versão de quem realmente somos. O grande dom da Jory é ajudar as pessoas a encontrarem o seu caminho. Mas eu acho, e não me interpretes mal, ela é uma das melhores amigas que tenho no mundo, mas acho que ela às vezes usa isso como desculpa para não encontrar o seu próprio caminho.

— E achas que o Shane é o caminho dela?

Kate ficou pensativa.

— É possível. Talvez se ele pudesse explicar...

Cressida fez um sinal de assentimento.

— Se ao menos alguém o deixasse.

*

A poucos quarteirões dali, no outro lado da aldeia, outro homem desta história tinha estado à espera da sua oportunidade. Nico Remis acordou sobressaltado a meio da noite, com a cabeça pousada na mesa da cozinha, os dois pratos à sua frente, com a comida intacta, as velas românticas que ele havia acendido quase esgotadas. Todas as noites, desde que Nefeli partira, ele chegava do trabalho, fazia o jantar para os dois, coisa que nunca tinha feito antes, punha dois lugares na mesa e esperava.

Quisera ir procurá-la de imediato, mas toda a gente lhe dizia para esperar, que ela havia de voltar para casa. Ela havia de voltar para ele, e, quando o fizesse, ele tinha de estar pronto. A sua mãe dizia-lhe isso quando lhe trazia tachos de comida, nos dias em que ele não sabia o que fazer. Os pais de Nefeli diziam-lhe o mesmo. Espera, diziam eles. Ela há de voltar para casa, para ti.

Mas ela não voltara. Ele esperava todas as noites até à meia-noite e, todas noites, quando via as luzes da taverna a apagarem-se, arrumava a cozinha e ia deitar-se no quarto onde Nefeli dormia, desejando que ela viesse.

Mas naquela noite fora diferente. Nico tinha fechado a loja mais cedo, encontrara uma das receitas de Nefeli, que ela costumava fazer para ocasiões especiais, e seguira as instruções à letra. Às sete da tarde, o *Kotopoulos Kritbaraki* estava pronto. Nico pedira ao talhante que lhe cortasse o frango, mas adicionara pessoalmente o alho e as cebolas, o pau de canela e as especiarias, cobrira tudo com *orzo* e tomate e levara o prato ao forno durante quase uma hora. Enquanto o frango assava, tomara um longo duche, vestira o seu *smoking*, que mandara limpar e que era o mesmo que tinha usado no casamento, e acendera o candelabro que tinham recebido de presente e nunca tinham usado. Acendera todas as sete velas e depois esperara.

Pois, seguramente, aquela era a noite em que Nefeli regressaria a casa. Afinal, era o seu aniversário de casamento. Ela sempre fora do tipo dramático, e aquilo era exatamente o tipo de coisa que faria com que ela voltasse a amá-lo. Nico tinha a certeza disso. Mas as horas haviam passado, uma a uma, e,

mesmo quando dera a meia-noite, ele não desistira e ficara sentado, à espera, até que acabara por adormecer com a cabeça pousada no braço em cima da mesa, a tentar não chorar.

Às três da manhã, quando acordou, Nico sentia-se refrescado. Nada cansado, não se sentia cansado como Nefeli tinha dito que estava dele, da relação deles. Nico não estava cansado da sua parceira dourada, e ela não estava cansada dele. Ele sabia isso com todas as fibras do seu ser. Mas estava cansado de esperar.

*

Nesse momento, Mago estava a dormir a sono solto na casa ao lado da pousada, a sua respiração regular e calma, com a ansiedade por causa do seu casamento iminente aliviada. Kate e Liz dormiam profundamente, sem sonhos, numa espécie de coma, fruto da viagem e da comida. Até Jory e Cressida tinham mergulhado num sono tranquilo. Mas num dos quartos reinava uma inquietude silenciosa.

Nefeli tinha-se dedicado de corpo e alma à abertura da taverna, e o êxito conseguira embotar a dor de ter deixado o homem que tanto amava. A sua amizade com Cressida era, mais uma vez, uma presença calmante e terapêutica na sua vida, pela qual se sentia eternamente grata, e Jory e as amigas eram como uma luz de presença num sítio escuro.

Mas, quando estava sozinha, na escuridão da noite, Nefeli tinha saudades de Nico. E nessa noite, a noite do seu aniversário de casamento, só queria ir para casa. Mas não podia. Não podia simplesmente voltar para um casamento em que não havia amor, apesar de quanto ela tinha esperado por isso. Com um suspiro, desistiu de tentar dormir e estendeu a mão para o seu roupão.

— Julieta! Minha Julieta! Nefeli!

Nico? Nefeli levantou-se rapidamente, embrulhou-se no roupão e saiu para a varanda que dava para a rua, interrogando-se se estaria a sonhar.

Mas não era um sonho. Ali estava ele, Nico, o seu marido, o seu belo parceiro dourado, que não a tinha procurado desde que ela partira e que nunca tinha tentado dizer que a amava. E agora ali estava, àquela hora da

madrugada, vestindo o *smoking* que usara no dia do seu casamento, com um ramo de flores murchas na mão.

— O que queres, seu palerma? — interpelou-o ela, num sussurro alto.

Ele levantou os braços, mostrando-lhe as flores.

— Ai, minha Julieta, ela vem.

— Para de me chamar isso — sibilou Nefeli — e para de gritar. Queres acordar a aldeia em peso?

— Sim, na verdade, quero. *Julieta!* — gritou ele muito alto.

Começaram a acender-se luzes, primeiro as dos outros quartos da taverna, depois a de Mago, e em seguida, uma a uma, um pouco por toda a aldeia.

— É o ocidente e Julieta é o sol! — berrou Nico.

— Ah, hum... — Mago tossicou, fazendo sinal a Nico para se aproximar.

— É oriente. Onde a Julieta é o sol.

— Oh. Achas que alguém notou?

— À cautela, agora que toda a aldeia acordou, talvez seja melhor recomeçares — aconselhou Mago.

— *Julieta!* Nefeli!

— Nico, eu estou aqui mesmo. A minha varanda está a menos de dois metros de ti — bradou Nefeli, desesperada.

As pessoas começaram a sair para a rua em roupão.

— Nico? Nico, és tu? Pelo amor de Deus, o que estás a fazer aqui aos gritos a meio da noite?

— Estou aqui para ver a minha Nefeli, que é o...

— Sol — sussurrou Mago.

— O sol... e Julieta é o oriente!

— Isso também não correu bem — disse Mago. — Talvez o melhor seja esqueceres Shakespeare, Nico. Diz só o que te vai no coração.

Ele anuiu e virou-se para Nefeli.

— Não sei Shakespeare. Nunca soube, nem quando me falaste dele no velho castelo, quando nos conhecemos na nossa adolescência. Eu era um pobre mecânico, e tu, a grande Nefeli Castellanos. Eu não sabia nada, exceto que te amava.

Nefeli apertou mais o seu roupão.

— Amei-te nessa altura, no primeiro momento em que te vi. Amei-te no dia em que te beijei pela primeira vez. Amei-te no dia em que casei contigo, fui o homem mais sortudo do mundo. Amei-te por mais de dez longos anos e amar-te-ei pelo resto dos meus dias. Disseste-me para nunca to dizer, e eu não disse. Fui um idiota! Amo-te, Nefeli! Amo-te e vou amar-te até ao dia da minha morte.

Curiosamente, ninguém ficou na rua para ver como a história acabava. Pois as gentes da aldeia recordaram-se de que deviam sempre dizer aquilo de que por vezes se esqueciam e que deviam dizê-lo imediatamente.

E assim, quando Nefeli desceu as escadas, com a ajuda de Jory, Cressida, Liz e Kate, saiu para a rua vazia, onde o seu marido a esperava. Não disse nada até se acolher nos seus braços abertos e, então, disse simplesmente:

— Eu também te amo, seu palerma.

E depois não parou de o beijar até de manhã.

Dezassete

As semanas que se seguiram foram cheias de novas histórias, avançando para o capítulo seguinte.

Nefeli voltou para casa com Nico, embora continuasse a trabalhar na taverna todos os dias. Não era muito necessária para o *marketing*, pois a palavra ia passando de boca em boca, por um motivo ou outro. Por vezes, um casal estava a passear de carro e, de repente, dava por si a subir a estrada sinuosa de nove quilómetros, para então deparar com um jardim secreto e uma pequena taverna que parecia mesmo o sítio certo para parar.

A amizade entre Nefeli e Cressida voltara a ser o que tinha sido, como se nada tivesse acontecido entretanto, quando, na verdade, acontecera tudo.

As três americanas ficaram na pousada ao longo do mês de julho. Ajudavam no restaurante e apoiavam Cressida, embora esta as obrigasse a viajarem juntas, algo que nunca tinham feito. Liz trocara o seu carro alugado por uma *scooter* de dois lugares, para si própria e para Kate, e exploraram a ilha. Assim, percorriam-na de lés a lés, com Jory a servir-lhes de guia.

Faziam excursões de um dia e algumas saídas de dois dias às ilhas mais próximas, às quais chegavam com o *ferry*. Foram às praias imaculadas de Pano Koufonissi, a Paros e a Mykonos. Num domingo em que a taverna estava fechada, Cressida até foi com elas. Apanharam o primeiro *ferry* para Delos, de manhã cedo, o que lhes permitiu explorar, almoçar e regressar ao fim da tarde.

— Não saía da ilha há quatro anos — disse Cressida à saída do porto. Inclinou-se sobre a amurada, com o vento a soprar-lhe nos cabelos, e teve a sensação de que soprava através dela e a fazia sentir-se jovem novamente. — Qual é o dele, Jory?

Todas olharam para os iates ancorados na baía.

— Aquele — respondeu Jory, apontando quando passaram pelo *Perséfone*. Shane não tentara contactá-la, como ela pedira, mas a mota vermelha estacionada num ou noutro sítio e o *Perséfone* na água revelavam que ele ainda estava na ilha.

— É bonito — comentou Kate. — Comparado com os outros, quero dizer. Jory, parece mesmo o que estava naquela fotografia que nos mostraste, quando nos disseste que vinhas para cá.

— Na verdade — disse Liz —, é o mesmo. — Puxou da brochura. — Vejam. O *Perséfone*.

Jory olhou para a fotografia, surpreendida, depois outra vez para o *Perséfone*. Quase se permitiu um leve sorriso ao pensar no que Shane diria se soubesse daquele momento, que agora parecia tão distante. Destino, diria ele, com aquele sorriso que nunca deixava de a derreter. E ela teria vontade de o negar, tal como negara no dia em que Liz e Kate tinham brindado ao seu destino e ela lhes dissera que não acreditava nisso.

Mas isso fora antes. Antes de Potamia e de Cressida, e da magia que partilhavam, e antes de Shane. Olhou em redor, com uma sensação de quase maravilha por ela, Liz e Kate estarem num *ferry* na Grécia, a olhar para o iate que a inspirara a vir e que acabara por se revelar como pertencente ao amor da sua vida.

Esse pensamento fê-la arquejar interiormente, e afastou-se da amurada. Se ela amava Shane? Sabia que sim. Mas ele ser o amor da sua vida? Estarem destinados a ficar juntos? Era uma ideia absurda. Ou não?

Não queria confessar às amigas, mas, ao longo das últimas semanas, tinha-se interrogado se teria feito mal. Olhava ansiosamente para o telemóvel, à espera de uma mensagem de Shane que nunca chegava. Ela tinha sido magoada e traída, mas, em algum momento nos últimos dias, dera-se conta de que nunca tinha deixado Shane contar o seu lado da história. Sim, ele tinha-lhe dito que era um *barman* e omitido os detalhes importantes acerca da sua fortuna e da sua identidade. Mas teria bons motivos para isso? Ela fora tão veemente acerca da sua desconfiança em relação a qualquer pessoa com dinheiro, por causa da família do seu pai, que não era para admirar que ele não lhe tivesse contado. Ela teria continuado a encontrar-se com ele?

Provavelmente não, respondeu a si própria com sinceridade.

Primeira regra do debate: ouvir ambos os lados. Ela nunca ouvira o dele. E se ela tivesse apresentado um *mau* argumento?

Não é considerado um argumento se a outra pessoa não tiver oportunidade de falar, replicou a parte dela que tinha saudades e ansiava por Shane.

Não, pensou Jory, olhando outra vez para o *Perséfone*. Ele sabia que ela estava a ajudar Cressida e, apesar disso, nunca dissera nem uma palavra acerca de estar a tentar comprar a propriedade.

— Provavelmente, estava a levá-la a fazer o trabalho duro, para depois lhe roubar tudo — murmurou.

— O que disseste, Jory? — perguntou Kate.

Jory não reparara que tinha falado em voz alta.

— Oh, só estava a pensar para onde ir a seguir — mentiu. — Com certeza que alguém, algures, está à espera de ser encontrado, e eu possa ajudar!

Todas responderam com um sorriso que não lhes chegou aos olhos. Pois todas sabiam, todas menos a própria Jory, que a única pessoa daquela história que faltava encontrar era ela.

*

— Então? — perguntou Cressida a Nefeli, poucos dias antes do casamento e da partida das suas amigas. — Como estamos a sair-nos?

Nefeli estava sentada à grande secretária do escritório, a imprimir o relatório de lucros e prejuízos que Cressida não saberia fazer sem ela.

— Muito bem. Os relatórios de vendas são muito mais altos do que eu esperava. Acho que conseguiremos cobrir os custos da taverna este mês, e, se o negócio continuar assim, o balancete vai ser bom.

— Para a taverna — replicou Cressida. Não era uma pergunta. — Mas não para a totalidade da propriedade.

— Acho que os lucros parecem suficientemente promissores para começares a pagar as prestações atrasadas — disse Nefeli com cautela. — Se for o que queres fazer.

Uma compreensão súbita inundou-a, e Cressida soube que o pão *vasilopita*

tinha resultado. Ela sabia a verdade, sabia simplesmente o que estava certo. Sabia o que tinha de fazer com a sua taverna.

*

Na manhã seguinte, Jory, Liz e Kate saíram para passar o dia fora, na sua última excursão juntas antes do fim das férias. E, como da outra vez, Cressida pôs um bonito vestido de verão, branco com um padrão bege e amarelo, que era um dos favoritos de Leo.

Quando saiu, Mago atirou-lhe um casaco comprido, de seda branca, de cima da varanda e disse:

— Não sei porque é que tens de usar isto, mas sei que tens. Mas não para o meu casamento. Só a noiva pode vestir branco!

— Vais de branco? — perguntou Cressida, apanhando o casaco da relva húmida e vestindo-o.

— Claro que não, o que é que te pareço, a Virgem Maria? Vou de vermelho.

— Então, porque é que eu não posso usar branco?

— São as regras — replicou Mago. Parecia nervosa.

Envolta na seda branca, Cressida meteu-se na sua carrinha e percorreu os nove quilómetros até Chora, onde se dirigiu a um pequeno escritório em que Michael a recebeu sentado à secretária. Tinha o mesmo sorriso bondoso e usava os mesmos óculos pequenos da outra vez, e algo estranho aconteceu no estômago dela ao vê-lo.

— Senhora Thermopolis.

— Michael.

Ele sorriu e fez um sinal de assentimento.

— Cressida, então. Obrigado pelo seu telefonema. Compreendo que tem andado muito ocupada desde a nossa última reunião.

Tudo pareceu tão fácil, quando ela se sentou à frente de Michael e lhe contou tudo o que tinham feito na taverna. Trouxera os relatórios de vendas num envelope, na sua mala, mas ainda não sentira a necessidade de os abrir. Falaram durante quase meia hora, sobretudo de negócios, mas também de

outras coisas. Cressida mal podia acreditar que estava a abrir-se com um homem, ainda por cima americano, cuja empresa estava a tentar comprar o seu negócio, mas ela gostava deste Michael. Era advogado, mas era bom, segundo afirmava, e o seu interesse era sempre a favor dos desfavorecidos. Estava sediado em Naxos durante parte do ano e fora lá que conhecera Shane e descobrira o interesse dele na taverna.

— Foi sempre um dos meus sítios favoritos, aquela pousada. Quando o senhor Deluca achou o mesmo, soube que ia seguir o caminho que devia. E parece que foi isso que aconteceu. — Michael acenou-lhe com a cabeça. — Ouvi dizer as melhores coisas acerca da sua comida e estou desejoso de lá ir como cliente.

Cressida corou, mas ele limitou-se a sorrir.

— Ele estará disposto a receber-me?

Michael levantou-se.

— Sim, se puder ir ao iate. Ele está à sua espera.

Michael levou-a no bote até ao bonito iate, onde Shane a ajudou a subir a bordo. Era, de facto, um homem muito bem-parecido, com o cabelo castanho encaracolado e a pele bronzeadada, e, como Jory sempre descrevera, vestindo uns calções de caqui e uma *T-shirt* branca. Sorriu-lhe como se ela nunca lhe tivesse dito as coisas horríveis que dissera, embora tivesse a mesma expressão abatida de Jory, com olheiras e um sorriso que nunca lhe chegava completamente aos olhos.

— Senhora Thermopolis — cumprimentou-a, enquanto ela procurava equilibrar-se no convés. — Bem-vinda ao *Perséfone*.

Ela deu a volta ao convés aberto.

— É uma embarcação muito bonita.

— Obrigado. A Jory falou-lhe muito dela? — perguntou ele, num tom esperançoso.

Cressida escolheu as palavras, dando-se conta de que não queria magoar o homem, que estava claramente tão destroçado como Jory.

— Não, não falou. Mas as amigas dela vieram cá ter e tiveram a sensatez de o pesquisar no Google. — Sorriu quando Shane soltou uma gargalhada, cujo som pareceu surpreendê-lo mesmo a ele. — É um veleiro turco, não é?

Muita da hesitação de Shane desapareceu enquanto ele a levava a ver todo o iate e lhe contava a história de como trabalhara nele. O seu entusiasmo transparecia nas suas palavras, o seu amor por aquilo que fazia.

— Sei que é só um barco, mas sinto-me profundamente em casa aqui. Tive a esperança...

Cressida teve a impressão de estar a falar com Jory — a maneira como ele falava, o amor que tinha pelo seu barco, a maneira como trabalhava para ajudar e não para lesar. Seria tão disponível? A sua intenção para com ela teria sido sempre ajudar e não lesar? Encheu-se de coragem e tirou da mala os relatórios e as suas fotografias.

— Senhor Deluca, tenho uma proposta para si.

Ela, Shane e Michael ficaram horas no barco, a examinar perspetivas. Ela trouxera cada relatório, cada venda, cada prejuízo, a hipoteca, todas as fotografias que Jory tirara e mostrou tudo, enquanto apresentava as suas ideias. Shane estudou os documentos e foi buscar os apontamentos com as suas próprias ideias. Puseram tudo lado a lado, comparando notas e ideias enquanto almoçavam, e deram-se conta de que não estavam a discutir, de maneira nenhuma, e sim a desfrutar da companhia uns dos outros. Juntos, talvez pudessem criar algo ainda mais mágico.

Ao fim da tarde, apertaram as mãos.

— Fez uma coisa verdadeiramente extraordinária com o restaurante, Cressida — disse Shane. — Devia estar orgulhosa.

— E estou. Mas não o fiz sozinha. Sem a Jory, não estaria aqui. Ela tem um talento especial para ajudar as pessoas a encontrar o seu caminho.

Os olhos dele semicerraram-se e suavizaram-se em simultâneo.

— Também senti isso nela.

— Shane — disse Cressida, usando o nome próprio dele pela primeira vez.

— Sei que nunca foi sua intenção magoar a Marjory. Não consigo explicar como sei isso, mas sei-o.

— Talvez tenha incorporado outro soro da verdade no seu pão e o tenha comido por acidente — brincou ele, com um sorriso.

Cressida riu.

— Não incorporei nada disso no vosso pão naquele dia, só para que saiba.

O que aconteceu foi apenas o Shane e a Jory, duas pessoas que queriam conhecer-se uma à outra. Tem de a vir ver. Explicar as coisas.

Ele encolheu os ombros.

— Não tenho a certeza de que seja o que for que eu possa dizer faça qualquer diferença. Ela terá sempre uma sombra de dúvida, porque não confia em mim. Mesmo que confiasse, não aceitaria a minha mão para entrar neste barco e partir rumo ao pôr do sol. Esta vida que eu levo não é para ela. Mas é para mim. Portanto... onde pode isto levar-nos?

— Até casa — respondeu Cressida e sorriu.

Dezoito

O casamento de Mago e Arie realizou-se no dia vinte e oito de julho, à tarde.

Começou com quarenta e nove minutos de atraso, como costuma acontecer nos casamentos. Os filhos de Mago, Jase e Zach, vieram do continente. Eles e as raparigas da taverna eram os únicos convidados, o que, como não podia deixar de ser, significou que todos os trezentos habitantes de Potamia apareceram na Vinha Diamantés.

Foi uma cerimónia simples. Mago usava um vestido e um chapéu vermelho-vivos, e Arie envergava um *smoking* preto com uma gravata do mesmo tom de vermelho do vestido dela, que Mago lhe dera meses antes, sem saber por que motivo estava a dar-lha. Arie sempre esperara que fosse para o dia em que pudesse finalmente dançar com a sua dama.

A cerimónia foi perfeita, e, às quatro e trinta e oito da tarde, o par estava casado. Era tempo de festejar. Cressida e Kate trouxeram caçarolas grandes como mesas, para terminar o tradicional *gamopilafo*, o arroz dos casamentos feito com borrego, em pratos gigantescos, como uma *paella* espanhola.

Mais tarde começou a tocar música clássica, seguida pela *sirtaki*, a célebre dança de casamento grega. Os trezentos convivas não convidados participaram com entusiasmo na dança comemorativa, com os braços à volta uns dos outros.

Só duas pessoas não se juntaram à animação. Jory esgueirou-se à volta de um grupo de foliões até junto de Cressida, que batia o pé a compasso e sorria ao grupo.

— Que belo par que nós somos — comentou, sentando-se ao lado dela.

— Duas verdadeiras almas da festa, não há dúvida — riu Cressida. — Ainda não estou pronta para dançar. Mas já não falta muito. Em breve, voltarei a dançar. — Virou-se para Jory. — E tu também.

Jory olhou para os dançarinos e sentiu uma pontada de desejo intenso de que Shane ali estivesse, a dançar com ela. Mas isso acabara, e ela tinha de seguir com a sua vida. Suspirou, pegou no cotovelo de Cressida e virou as costas à festa.

— Vamos tratar destes pratos enquanto podemos?

Cressida abanou a cabeça, mas seguiu Jory para a cozinha.

Levaram as grandes bacias para a cozinha da Vinha Diamantés e começaram a lavar os pratos. Jory serviu-lhes dois copos de vinho branco, para irem bebericando enquanto arrumavam, num silêncio confortável. A cozinha ficava mesmo atrás da sala de degustação da adega, pelo que ambas ficaram surpreendidas ao ouvir a campainha da porta, sinal de que tinha chegado alguém.

— A festa é lá fora! — bradou Cressida. — Siga o som da música e da dança.

— Na realidade, vim para falar convosco — respondeu uma voz feminina.

Cressida e Jory viraram-se e depararam com Selene, parada no limiar da porta. A rapariga, geralmente tão bem arranjada, vestia apenas umas calças simples e um *top* largo.

— Selene, não te vimos no casamento — disse Cressida.

— Eu... — Selene brincava nervosamente com as mãos. — Não me sentia à vontade para vir. Mas tenho de falar contigo, Jory.

— Sim?

— Menti-te — desabafou Selene, o alívio por revelar a verdade quase a fazê-la dar um passo em frente. — Jory, Cressida, eu menti. Acerca do Shane. Sabia que ele estava na cidade para tentar comprar o negócio da Cressida, mas não sabia da tua relação com a Cressida até tu teres aparecido com o convite para a abertura da taverna. Por isso, eu... nunca lhe disse que vocês se conheciam. Nem sequer sabia que havia qualquer ligação. E, segundo creio, ele também não. Não que eu tivesse maneira de saber. Não voltei a vê-lo desde aquele dia em que o conheceste na minha loja.

Jory engoliu em seco.

— Mesmo assim, ele mentiu acerca de quem era — observou, mas sem convicção.

— Tu não mentiras, se passasses a vida a encontrar mulheres como eu, que veem um homem com tanto dinheiro como uma oportunidade?

Jory parou de lavar os pratos:

— Mas porque é que *tu* mentiste?

Selene desviou o olhar e respirou fundo.

— Porque...

— Porque estás apaixonada por ele — concluiu Jory por ela, respirando fundo por sua vez e sentando-se.

Selene susteve o olhar de Jory por um momento, com os ombros muito direitos e a cabeça erguida.

— Lamento ter-te mentido — declarou. — Nunca quis que isto acontecesse. Ele foi sempre muito reservado acerca do seu dinheiro. Foi por isso que me mentiu acerca do seu nome, quando me conheceu. Mas eu fui demasiado esperta. — Forçou uma gargalhada, tentando evitar que os olhos se lhe enchessem de lágrimas, mas não resultou. — Tinha a esperança de me livrar desta ilha casando com um homem abastado. O Shane era tão bem-parecido como rico. Não estava à espera de vir a sentir algo mais do que isso por ele. Mas ele era encantador e simpático, e, quando olhava para mim e falava comigo, era como se eu fosse uma pessoa de valor. Nunca tinha sentido isso antes. Também não estava à espera de ter estes sentimentos de culpa por vos ter magoado aos dois. — Fez uma pausa, com os olhos muito brilhantes. — Esta culpa é insuportável.

Cressida trocou um olhar com Jory, e as duas não conseguiram impedir-se de sorrir.

— Então trata de a acolher e vai lá para fora, para a festa de casamento, e dança — disse Cressida, abrindo novamente a torneira e voltando aos pratos.

— Parece que agora também fazes parte de tudo isto.

— Parte de quê?

— Deste verão de novos começos.

*

— Esta é a nossa última manhã juntas — disse Jory a Cressida enquanto

faziam café, na manhã seguinte.

Cressida olhou para a amiga.

— Normalmente, não te levantas assim tão cedo.

— Não conseguia dormir — confessou Jory.

— O *kitron* do Arie tem esse efeito. Açúcar a mais. — Cressida fez uma pausa. — Embora me pareça que é capaz de ter tido mais que ver com estares a pensar num certo americano, que talvez seja o homem que amas.

— Não é possível uma pessoa apaixonar-se depois de dois encontros — replicou Jory.

— Quem determinou isso? — perguntou Cressida. — Eu? Eu estava apaixonada pelo Leo ao fim de uma semana. O Arie está apaixonado pela Mago desde que tinham nove anos. A Nefeli apaixonou-se pelo Nico no instante em que o conheceu. Às vezes, o amor bate com força.

Fez uma nova pausa, para tomar um gole do seu café. Depois prosseguiu:

— Sabes, gosto do teu Shane.

— Nem sequer o conheces — retrucou Jory. — E ele não é o meu Shane.

— Para mim, sempre foi o teu Shane. E podia ser. Está nas tuas mãos. O que decidiste?

Jory suspirou.

— Queres dizer, depois de ter passado a noite em branco? Decidi meter-me no avião para o continente com a Liz e a Kate e ver aonde a estrada me leva.

Cressida comprimiu os lábios.

— Posso dizer-te uma coisa, Jory? Tu segues os teus instintos e os teus dons aonde quer que te levem pelo mundo fora, tens o espírito mais ousadamente aventureiro que conheço, estás disposta a fazer seja o que for, a tentar seja o que for para ajudar outra pessoa. Mas não partes na tua própria aventura.

— Ah, ótimo! Café! — exclamou Liz, descendo as escadas nesse preciso momento.

Aliviada por aquela interrupção oportuna, Jory pôs-se em pé.

— Vou arranjar-te uma chávena. E, Liz, esqueceste-te dos óculos.

— Oh, pensava que as manhãs eram mesmo assim antes de tomar café.

Devia começar a pô-los mais cedo. — Liz sentou-se ao lado delas e aceitou, agradecida, a caneca fumegante que Jory lhe estendeu. — O que há para o pequeno-almoço?

— Arroz do casamento — bradou a voz de Kate da cozinha, segundos antes de ela aparecer transportando algumas tigelas pequenas. — Sem o borrego. Acho que tens sobras suficientes para uma semana, Cress.

Liz fez uma expressão desapontada.

— Queria um dos famosos pães ou bolos da Cressida.

— A Jory proibiu — disse Mago, descendo as escadas para o jardim.

— Mago! — gritaram todas ao mesmo tempo.

— Que tal foi a sua noite de núpcias? — perguntou Jory com um sorriso rasgado.

— Ainda está em curso, de maneira que preciso de alimento — retorquiu Mago, fazendo Liz e Kate irromperem em gargalhadas.

— Espera — disse Liz. — Porque é que a Jory proibiu o teu pão?

— Porque ela tem medo de que a Cressida a incentive a deitar o cuidado pela borda fora e a ir ter com o Shane — explicou Kate.

— Que é o que ela devia fazer — acrescentou Liz.

— Meninas, nunca é boa ideia julgar as decisões das amigas. Elas próprias o farão, quando forem velhas, e olharão para trás com remorso — declarou Mago serenamente.

— Mago! — gritou Jory. — Não está a ajudar!

— Estou a brincar contigo, querida. — Mago riu, abraçou Jory e depois envolveu-as a todas num abraço. — Se fores para a esquerda, o mundo dá-te tudo o que a esquerda tem para oferecer. Se fores para a direita, tens todas as opções que a direita oferece. Não há certo ou errado. Se seguirees o teu coração, diga ele o que disser ou quaisquer que sejam os obstáculos com que depares, encontrarás o teu caminho.

Cressida levantou o rosto para Jory, os seus olhares encontraram-se, e ambas sorriram. E assim fizeram a sua despedida, sem dizerem uma só palavra.

— Última chamada para embarque! Chora Naxos para Atenas, com partida às onze e trinta! — chamou uma voz através do altifalante do porto.

Ouviu-se o som da sirene. Impaciente, Liz agarrou nas malas e começou a levá-las para bordo. Cressida, Mago e Nefeli tinham-nas acompanhado à doca, para trocarem um adeus lacrimoso.

Kate abraçou cada uma delas por um longo momento, chorando sem pejo, numa atitude muito diferente da brusquidão de Liz, que se aproximava para um abraço breve e logo se afastava com uma mala na mão.

— Não tenhas demasiada pressa de voltar ao normal — disse Cressida a Liz, nos poucos segundos que lhe foram concedidos para a abraçar. — Esta aventura que vocês as três tiveram devia acontecer mais vezes. Prometes que vais tentar?

— Prometo — respondeu ela, apertando Cressida nos braços por mais um momento.

— Estar na tua cozinha foi uma enorme inspiração — disse Kate a Cressida. — Não quero que acabe quando deixar a Grécia, por isso inscrevi-me num curso no Instituto das Artes Culinárias em Los Angeles. Manténs o contacto comigo e dá-me dicas, enquanto me transformo numa *chef*?

— Que maravilha, Kate! Claro que sim — asseverou Cressida, dando-lhe um último abraço.

Quando Liz e Kate subiram finalmente a bordo, Mago e Nefeli começaram a encaminhar-se para o carro. Ficaram apenas Cressida e Jory, sozinhas, nos últimos momentos antes de o barco partir.

— Vou responsabilizar-te pelo resto da minha vida — disse Cressida, pegando nas mãos de Jory.

Ela sorriu.

— Igualmente, minha amiga. Prometo visitar-te em breve. Entretanto... vou ter saudades tuas, Cress.

— Vou sentir a tua falta como o fugitivo do membro — disse Cressida, puxando Jory para um abraço apertado, enquanto evitava que as lágrimas lhe caíssem dos olhos.

— Como o quê?

— Aquilo que tu e as tuas amigas dizem umas às outras. Aquela expressão

que tu inventaste.

— Oh, como um membro fugido?

Cressida anuiu.

— Sabes... essa expressão... embora eu a tenha inventado, quando a digo significa que, sem ti, irá faltar-me sempre um pedaço de mim própria — explicou Jory.

Cressida recuou de forma abrupta, limpando os olhos.

— Outra parte que te falta está aqui — disse baixinho.

Fez um aceno de cabeça por cima do ombro de Jory, e, quando esta se virou, deparou com ele.

— Shane! — exclamou, ofegante de surpresa. — O que estás aqui a fazer?

— Um passarinho contou-me que talvez te encontrasse aqui — respondeu ele, mantendo a distância.

— Quem? — inquiriu Jory.

— Eu. — Cressida dirigiu um sorriso caloroso a Shane, que o retribuiu.

Jory olhava de um para o outro.

— Não compreendo — confessou.

— Jory, permite-me que te apresente o Shane Deluca, do Resurgence Hotel Group. O meu novo sócio — explicou Cressida.

Jory olhou novamente de um para o outro.

— O teu *quê*?

— Decidi vender a propriedade ao Resurgence Hotel Group, que pertence ao Shane. Seremos sócios. Será uma ótima maneira de promover a nossa aldeia. Estou muito satisfeita com este desenvolvimento.

— Mas... tu... a tua taverna... — gaguejou Jory.

Cressida apertou-lhe a mão na sua.

— Jory. Sabes que isto está certo. Não o sentes?

— Foi *isso* que incorporaste naquele pão?

Cressida deu uma gargalhada e pousou a mão no ombro de Jory.

— Lembra-te, Marjory: «A vida que tens levado não tem de ser a única que podes levar.»

Depois deu meia-volta e afastou-se, deixando Jory sozinha no cais com Shane, que olhava para ela na expectativa.

— Lamento ter planeado ir embora sem te dizer adeus como deve ser — começou Jory.

— Sim, isso perturbou um pouco o meu plano para me explicar — disse Shane. — Sabes alguma coisa sobre aquilo que eu faço?

Jory deu um passo atrás.

— Sei, sim, embora não graças a ti. Tu nunca me disseste nada. Fugiste à verdade, mantiveste-te envolto em mistério. Como podia eu ter sabido?

— Podias ter-me pesquisado na Internet — sugeriu Shane. — Funcionou com a Liz e a Kate.

Jory não conseguiu impedir-se de rir, ainda que contra a sua vontade, e Shane sorriu ao ouvi-la.

— Mas tens toda a razão — reconheceu ele. — Sei que foi errado da minha parte ter-te mentido acerca do que fazia na vida. Só queria ter oportunidade de continuar a conhecer a mulher maravilhosa cuja presença me excitava, inspirava e fazia feliz. Pensei que não me darias hipótese de o fazer e, Jory, eu queria essa oportunidade mais do que qualquer outra coisa. *Ainda* quero essa oportunidade.

Ao ver a determinação de Jory a vacilar, Shane adiantou-se e abraçou-a, apertando-a contra si. O calor dele inundava-a, e era tão bom que ela tinha vontade de chorar.

— E já que estamos a falar disso — prosseguiu ele, com o rosto encostado ao cabelo dela —, tu também não foste assim tão franca comigo. Eu não fazia a menor ideia do que *tu* andavas a fazer. Fizeste magia nesta terra.

Os olhos de Jory começaram a encher-se de lágrimas. Sentia-se assoberbada.

— A avaliar pelo que as minhas detetives descobriram, tu também não és fraco a dar a volta aos sítios. Tenho a certeza de que vais fazer um belo trabalho com a pousada. Não vais tentar torná-la demasiado elegante, pois não? Tem de ser simples. E tens de manter a Cress na cozinha. E...

Ele pousou-lhe a mão nos lábios.

— Farei tudo com o máximo dos cuidados e de respeito por aquilo que tu e a Cressida construíram, prometo. — Passou o polegar sobre os lábios dela, pôs-lhe a mão na nuca e, por fim, puxou-a para si, para lhe dar o mais doce e

suave dos beijos. — E o mesmo farei contigo e com o que construímos entre nós, se me deixares.

A sirene do *ferry* soou muito alto, emitindo o seu último aviso.

— Quero voltar a ver-te, quero mesmo — disse Jory com desespero. — Podemos manter-nos em contacto. Talvez quando voltares para os Estados Unidos ou, se por acaso formos parar à mesma cidade, podemos encontrar-nos. Sair juntos.

— Não quero mandar-te mensagens, nem telefonar-te nem encontrar-te por acaso aqui e ali. Quero-te a ti. Quero atirar-me de cabeça, mergulhar a fundo, contigo.

— Shane, estás a pedir-me que altere o curso da minha vida para ficar aqui contigo. Isso, para mim, é assustador — respondeu ela, em voz baixa. — Faz sentido?

Do nada, ouviu-se um sonoro «NÃO!» coletivo, berrado em coro do barco. Liz, Kate e um grupo de passageiros estavam a observá-los.

Shane riu com vontade.

— Obrigado — agradeceu, acenando ao seu público. O lábio de Jory tremeu, e ela abanou a cabeça a Liz e a Kate, que se limitaram a sorrir-lhe.

— Estás a perder o teu instinto, Marjory St. James — disse Shane, fazendo com que ela focasse novamente a sua atenção nele. — Ficar? — Puxou-a para si e beijou-a mais uma vez. — Ninguém falou em ficar. Esta continua a ser uma manhã de partida, Jory, só que, desta vez, partes comigo. Desta vez e de todas as vezes. Todas as manhãs em que estivermos num porto e o ar se agitar, e nós soubermos que é tempo de partir, levantamos a âncora e partimos. E sempre que chegarmos a um porto e soubermos que é tempo de ficar, atracamos. O lar será o sítio onde estivermos, no *Perséfone*. Um lar comigo, Jory.

Ao assimilar o que Shane lhe estava a dizer, Jory deu-se conta de que aquelas palavras eram tudo o que ela queria ouvir. Sempre quisera ouvir. Lar. Onde quer que o fizessem.

Pôs-se em bicos de pés para encostar a testa à dele. Sorriram os dois, com rugas nos cantos dos olhos, os lábios quase a tocarem-se.

— Como posso recusar essa oferta — disse ela —, quando é...

— O destino? — aventou Shane, esperançoso.

— Estava a pensar mais em algo como magia — replicou Jory.

E depois beijaram-se entre os aplausos do porto em peso, enquanto o *ferry* se afastava do cais, e era tal e qual como o fim na vida real de um filme palerma de Hollywood.

De pé na proa do barco, sorrindo alegremente ao casal, Kate virou-se para Liz:

— Então, nós partimos rumo ao pôr do sol, e eles vivem felizes para sempre? — perguntou.

— É o que parece, embora isso seja o fim mais clichê que já vi na minha vida — respondeu Liz.

— Talvez — replicou Kate, pondo o braço em redor da amiga e pousando-lhe a cabeça no ombro. — Mas não deixa de ser um ótimo fim.

Num planeta com cento e noventa e cinco países e uma população de oito mil milhões de pessoas, há muitos lugares para visitar e muitas histórias para contar. Por vezes, esses lugares e as suas histórias colidem, como um belo acidente que ninguém previu. Essa colisão pode não curar o cancro nem alterar os percursos da maioria dos oito mil milhões de pessoas. Mas, ocasionalmente, altera os percursos das pessoas que estava destinada a alterar. E isso é, sem dúvida, um excelente fim.

E assim acaba a história da Pequena Taverna Grega.

Agradecimentos

Obrigada a todos na Moa Press e na Hachette New Zeland and Australia por concretizarem este sonho. A Dianne Blacklock, pela maravilhosamente completa e perspicaz edição de texto; a Dom Visini, pelo seu trabalho a conduzir este livro pelo processo de produção até à publicação! Obrigada também a Libby Turner pela sua revisão.

Acima de tudo, a Kate Stephenson, que deu uma oportunidade a este romance. Não podia ter previsto uma melhor editora, agente e defensora geral deste livro. Kate, estou-te eternamente grata.

À equipa da Grand Central Publishing, nos EUA, liderada pela dinâmica Kirsiah Depp: obrigada, Ivy Cheng, Leena Oropez, Shrey Gupta e Stacey Reid. E à equipa da Headline UK — o vosso compromisso com este livro e o seu potencial é impressionante. Mal posso esperar para vos conhecer pessoalmente!

A Andrea Phillips, o meu vento e as minhas asas desde que tínhamos doze anos. Ange, este livro não teria chegado tão longe sem a tua dedicação em torná-lo a sua melhor versão possível. Adorei todos os momentos em que trabalhámos nele juntas.

Outro sincero agradecimento a Blakeley Vaughn, que também despendeu tempo e energia para ler e fornecer informações brilhantes e detalhadas.

À minha fotógrafa Victoria Vincent no A Beautiful Photo — obrigada por uma sessão incrível e pela minha fotografia neste livro. Tens o dom inspirador, e divertido, de ajudar as mulheres a tornarem-se mais confiantes e aceitarem a sua beleza inspiradora!

Muito amor à minha família — a todos — por me darem o melhor apoio do mundo e por acreditarem sempre em mim. E, pai, mesmo que já não estejas aqui, penso em ti sempre que algo emocionante acontece e sei que

ficarias orgulhoso. Sinto a tua falta todos os dias.

E a todas as mulheres incríveis da minha vida. Por ter a sorte de estar rodeada de tantas (sabeis quem sois), a minha vida foi de tal maneira afetada que, inadvertidamente, passei a escrever sobre a amizade feminina!

Ao meu companheiro, Daniel. Obrigada por me encorajares a ver a escrita como um trabalho, por me ajudares a escrever receitas e a encontrar a terminologia correta, e pelo teu amor e apoio nos últimos catorze anos de vida em comum. Sinto-me com muita sorte por passar todos os dias com a minha pessoa favorita.

Um último agradecimento aos Mighty Moas! Esta viagem foi ora eletrizante, ora aterrorizante, avassaladora, alegre. Poder partilhar as nossas histórias foi uma honra e uma dádiva.

E obrigada a todos os meus leitores. Só posso esperar que este livro vos traga um pouco da alegria que a leitura me trouxe. Obrigada pelo vosso apoio.